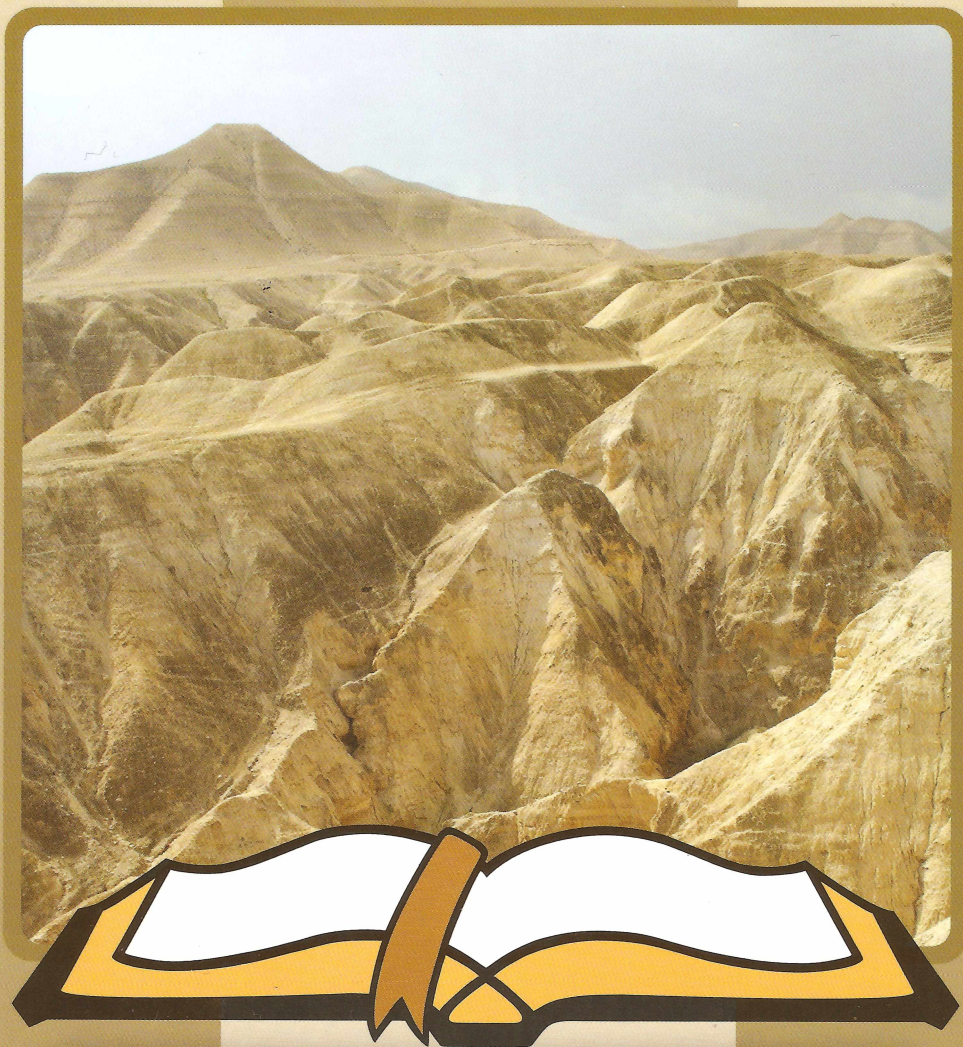
GEOGRAFIA BÍBLICA

APOIO AO ESTUDO DAS ESCRITURAS

EDUCAÇÃO GERAL

CURSO MÉDIO DE TEOLOGIA

GEOGRAFIA BÍBLICA

APOIO AO ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

GEOGRAFIA BÍBLICA

APOIO AO ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

Autoria de

CLAUDIONOR CORRÊA DE ANDRADE

Adaptado para curso pela equipe redatorial da EETAD

Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus

Campinas - SP - Brasil

Livro autodidático do Curso de Teologia da EETAD
Nível Médio

Consultor Teológico
Pastor Antonio Gilberto, M. Teol.

Equipe Editorial
Diagramação: Matheus dos Santos
Revisão de Textos: Martha Jalkauskas
Revisão Geral: Miriam Estevan

Supervisão de Produção
Márcio Matta

Coordenação Geral
Pr. Josué de Campos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Claudionor Corrêa de
Geografia Bíblica: apoio ao estudo das sagradas escrituras / autoria de Claudionor Corrêa de Andrade. – 1ª ed. – Campinas, SP: Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, 2010. 204 pp.: il.; 20,5 x 27,5 cm.

"Adaptado para curso pela equipe redatorial da EETAD.
Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87860-55-2

1. Bíblia - Comentários 2. Bíblia - Estudo e ensino 3. Bíblia - Geografia
4. Histórias bíblicas I. Título.

10-06415 CDD-220.07

Índices para catálogo sistemático:
1. Bíblia: estudo e ensino 220.07
2. Estudos bíblicos 220.07

Filiação
AETAL - Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina

editores cristãos ASEC – Associação de Editores Cristãos

Impresso no Brasil • Printed in Brazil • Impreso en Brasil

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO

Às vezes, estudamos muito e aprendemos ou retemos pouco ou nada. Isto, em parte, acontece pelo fato de estudarmos sem ordem e nem método.

Embora sucintas, as orientações a seguir lhe serão muito úteis.

1. Busque ajuda divina

Ore a Deus, dando-Lhe graças e suplicando direção e iluminação do alto. Deus pode vitalizar e capacitar nossas faculdades mentais quanto ao estudo da Sua santa Palavra, bem como assuntos afins e legítimos. Nunca execute qualquer tarefa de estudo e trabalhos desta matéria sem, primeiro, orar.

2. Tenha à mão materiais auxiliares

Além da matéria a ser estudada neste livro-texto, tenha à mão as seguintes fontes de consulta e referência:

a) Bíblia. Tenha mais de uma versão para leitura e meditação para que fundamente sua fé na Palavra de Deus (a **EETAD** utiliza a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil; na eventualidade de alguns versículos citados serem de outra versão, esta é citada entre parênteses);

b) Dicionários Bíblico e Teológico. Para a devida compreensão de termos inerentes;

c) Dicionário da Língua Portuguesa. Para a compreensão do significado de algumas palavras utilizadas esporadicamente;

d) Atlas Bíblico. Para situar os fatos bíblicos no espaço geográfico;

e) Concordância Bíblica. Para a rápida localização de referências bíblicas conforme o assunto;

f) Livros de apoio. Faça uso de bons livros de referência, publicados pelas principais editoras evangélicas. Veja, na Bibliografia Indicada, no final deste livro, os melhores títulos para lhe auxiliarem no estudo desta matéria;

g) Livro ou caderno de apontamentos individuais. Habitue-se a sempre tomar notas durante suas aulas, estudos e meditações, a partir da Bíblia, de tudo que venha a ser útil no avanço do seu conhecimento teológico e no desempenho do seu ministério.

3. Seja organizado ao estudar

a) Ao primeiro contato com a matéria, procure obter uma visão global, isto é, como um todo. Nessa fase do estudo, não sublinhe nada, não faça apontamentos, não procure referências na Bíblia. Procure, sim, descobrir o propósito da matéria, isto é, o que ela visa a comunicar-lhe;

b) Passe então ao estudo minucioso de cada Lição, observando a sequência dos textos que a compõem. Agora sim, à medida que for estudando, sublinhe palavras, frases e trechos-chaves. Faça anotações no caderno a isso destinado. Se esse caderno for desorganizado, nenhum benefício lhe prestará;

c) Ao final de cada Texto, feche o livro e procure recompor em sua memória as divisões principais. Caso tenha alguma dificuldade, volte ao livro. O aprendizado é um processo metódico e gradual. Não é algo automático como apertar o botão de uma máquina para funcionar. Pergunte aos que sabem, como foi que aprenderam;a\

d) Quando estiver seguro do seu aprendizado, passe ao respectivo questionário. As respostas deverão ser dadas sem consultar o Texto correspondente. Responda todos os exercícios que puder. Em seguida, volte ao Texto, comparando suas respostas. Tanto os exercícios que ficaram em branco como aqueles com respostas erradas só deverão ser corrigidos, após sanadas as dúvidas pelo estudo paciente e completo do respectivo Texto;

e) Ao término de cada Lição, encontram-se os exercícios da Revisão da Lição, que deverão ser respondidos com o mesmo critério adotado no passo "d";

f) Reexamine a Lição estudada, bem como todos os seus exercícios;

g) Passe para a Lição seguinte;

h) Ao final do livro, reexamine toda a matéria estudada; detenha-se nos pontos que lhe foram mais difíceis ou que falaram mais profundo ao seu coração;

Observando sempre todos estes itens você chegará a um resultado satisfatório, tanto no aprendizado quanto no crescimento espiritual.

INTRODUÇÃO

Como sugere o nome, o presente estudo contém um panorama das localidades onde os fatos relatados na Bíblia aconteceram no mundo então conhecido pelo homem e a condição em que se encontram na atualidade. Referimo-nos aqui, por exemplo, a regiões que nos tempos bíblicos recebiam uma denominação e, ao longo da história, passaram a receber outras, por razões diversas.

Não é novidade que a história do povo hebreu, muito mais do que a história de um povo, é um impressionante e singular relato dos grandiosos feitos de Deus. Semelhantemente, a Geografia de Israel é prodigiosa. A possessão de Jacó não diz respeito a um extenso território, mas a um dos países mais exíguos do mundo, que, comparado às dimensões da federação brasileira, equivale ao menor dos estados. Sua exiguidade, no entanto, não impede que seus montes e vales, planaltos e campinas, rios e lagos, estejam entre os mais conhecidos e explorados por toda sorte de conhecimento no mundo todo.

A importância da Geografia

Por sua exigente concepção espacial, o homem constantemente indaga: Onde se deu tal fato? Onde tudo começou? Onde será o fim de tudo? Por seu caráter mais literário e por limitar-se às crônicas, a Historiografia não responde a essas inquietações, razão pela qual recorremos, então, à Geografia.

Situando cada drama em seu palco, localizando cada sítio arqueológico e balizando as peregrinações de nossos ancestrais, a Geografia, como uma potente lente de aumento, oferece uma ideia ampla e clara de nosso *habitat*. Podemos trilhar o caminho de nossos antepassados e antever a senda de nossos descendentes. As afinidades entre a Geografia e a História são profundas e orgânicas. O historiador brasileiro Afrânio Peixoto diz que: "A Geografia será assim a ciência do presente, explicada pelo passado; a História, a ciência do passado, que explica o presente".

O que é a Geografia?

Durante séculos, a Geografia limitou-se a descrever a Terra. A partir do século XIX, entretanto, assumiu um caráter mais científico. Mais do que descrever, a Geografia hoje se propõe a explicar os fatos e suas diversas relações.

Em seu étimo, a palavra geografia provém de dois vocábulos gregos: geo, terra, e graphein, descrever. Por conseguinte, Geografia é a ciência que tem por objeto a descrição sistemática e ordenada da superfície da Terra e estuda seus acidentes físicos, solos, vegetação e clima. Detém-se também na análise das relações entre o meio natural e os agrupamentos humanos.

Embora seja uma ciência essencialmente descritiva, a Geografia é objeto de diversas interpretações e doutrinas, dentre as quais, destacamos: o Determinismo Geográfico, uma teoria que defende que o meio determina o modo de ser de uma sociedade, e o Possibilismo Geográfico, uma corrente que afirma que o homem é capaz de dominar o meio à medida que aperfeiçoa as técnicas e descobre como melhor aproveitar a matéria-prima e os insumos de que dispõe.

A Geografia através da História

A Geografia desenvolveu-se no transcorrer dos séculos. Egípcios, fenícios, gregos, romanos, árabes e, mais adiante, europeus, sempre procuraram descrever a área que exploravam (tanto a terra, quanto a água e o ar), deixando suas impressões, registros e descobertas, contribuindo cada um para a ampliação do conhecimento. O grego Erastótenes de Cirene (275-194 a.C.) foi quem primeiro utilizou o termo *geografia*, em sua obra GEOGRAPHICA. Minuciosos relatórios eram elaborados pelos romanos em suas conquistas territoriais; Júlio César, por exemplo, escreveu uma obra rica em informações geográficas (entre 58-52 a.C.), intitulada Comentários sobre a Guerra contra os Gauleses.

A Geografia como ciência

A estruturação dos estudos geográficos como ciência é de autoria dos sábios alemães Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), influenciados pelos filósofos, também alemães, Bernhardus Varenius (1622-1650) e Immanuel Kant (1724-1804), que compreendiam que a relação da Geografia com o espaço é equiparável à relação da História com o tempo.

Graças a esse avanço e influência, a Geografia deixou de ser um acervo de comentários e descrições usadas para propósitos militares e administrativos, para tornar-se uma ciência autônoma. Avançou de tal forma que hoje é consistente fonte de comprovação da veracidade das Sagradas Escrituras.

A importância da Geografia Bíblica

Como parte da Geografia Geral, a Geografia Bíblica tem como objetivo o conhecimento das diferentes áreas da Terra Santa relacionadas com os eventos bíblicos. Ao descrever e delimitar os relatos sagrados, a Geografia Bíblica lhes confere coerência, veracidade e autenticidade, contribuindo para a compreensão dos fatos. As informações geográficas contidas na Bíblia são de tal forma exatas, que reconstituem, com fidelidade e riqueza de detalhes, a topografia e as divisões políticas da Antiguidade.

Através do estudo da Geografia Bíblica e tendo como roteiro as Sagradas Escrituras, faremos, ao adentrarmos as próximas páginas, uma fascinante viagem que, partindo da Mesopotâmia, chegaremos à Europa, percorrendo caminhos antigos e compreendendo porque é tão atual a nossa fé, ainda que suas raízes estejam há séculos de distância.

Do Império Egípcio, atravessando os Impérios Assírio, Babilônico, Persa, Grego e Romano, chegaremos, enfim, à Israel, a Terra Santa por Excelência, descobrindo os incalculáveis tesouros em seus montes, desertos, rios, mares, estradas e capitais. Pela grandiosidade das proezas e penetração do Cristianismo, um capítulo é dedicado às viagens missionárias do apóstolo Paulo, em sua amplitude inexcedível.

Este estudo apresenta nas páginas finais um Apêndice contendo uma síntese sobre História e Geografia Bíblica que, seguramente, contribuirá para fixarmos na memória o conhecimento adquirido sobre a terra que mana leite e mel. Antes de folhearmos a próxima página rumo a esta santa viagem, dediquemos uma agradecida oração ao Senhor.

ÍNDICE

O IMPÉRIO EGÍPCIO

Napoleão Bonaparte, o grande conquistador francês do século XIX, em sua campanha pelo Oriente Médio, deixou-se extasiar de imediato pela singular grandeza da civilização egípcia. Ao contemplar as colossais pirâmides, exclamou aos seus homens: "Soldados, do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam.". Tal admiração não se limitou ao genial imperador francês. O Egito sempre exerceu indescritível fascínio sobre os historiadores.

Como não admirar a civilização egípcia? As próprias Escrituras não poupam superlativos ao se referirem à grande nação banhada pelo rio Nilo.

O Egito é uma das civilizações mais antigas. Suas origens se confundem com as do homem. Julgam alguns historiadores, por isso, ter sido o Vale do Nilo o berço de nossos protogenitores.

Segundo a Teologia Negra, que vem ganhando considerável espaço nos Estados Unidos, teria sido exatamente nessa parte da África que se localizava o Jardim do Éden. A Bíblia, no entanto, informa que o Jardim do Éden fora plantado pelo Senhor entre os rios Tigre e Eufrates, região ocupada nos dias de hoje pelo Iraque.

A presença do Egito nas Escrituras Sagradas é muito forte. Por isso precisamos conhecer melhor a história, a geografia e o povo desse misterioso país. É impossível conhecer a História Sagrada sem uma peregrinação pelo Vale do Nilo, o que faremos nas páginas desta Lição.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. História do Egito
2. A Unificação do Egito
3. A Invasão dos Hicsos
4. Geografia do Egito
5. O Egito Atual e a Sua Grandeza
6. O Egito e os Filhos de Israel

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Listar os povos que constituíram a nação egípcia;
2. Mencionar os principais eventos que ocorreram no início da História e como o Egito se formou como império;
3. Citar os principais invasores da nação e a decadência do Império Egípcio, conforme a profecia bíblica;
4. Descrever detalhes que compõem a geografia das terras egípcias e a importância da Rio Nilo para a economia;
5. Expor os principais aspectos econômicos e as formas de subsistência da nação egípcia na atualidade;
6. Enumerar os registros bíblicos que relatam o relacionamento entre Israel e Egito desde o Livro de Gênesis.

TEXTO 1

HISTÓRIA DO EGITO

Não podemos datar com precisão quando chegaram os primeiros colonizadores ao Egito. Quanto mais recuamos no tempo, mais a cronologia se torna imprecisa. Sabemos, contudo, que os primeiros habitantes dessa região eram nômades.

A Egiptologia revela que o povo egípcio é resultante da fusão de vários grupos africanos e asiáticos. Destes há que se destacar três: o primeiro era um povo semítico dolicocéfalo de estatura média; o segundo, semítico-líbio braquicéfalo e de nariz recurvado; e o terceiro, mediterrâneo, possuía nariz reto e curto. Do caldeamento desses grupos surgiu um povo de lavradores que, fixando-se no Vale do Nilo, foi absorvendo inúmeros invasores.

Após árduas e inclementes peregrinações, os primeiros egípcios começaram a organizar-se em pequenos estados. Essas diminutas e inexpressivas unidades políticas, conhecidas como *nomos**, foram agrupando-se com o passar dos séculos, até formarem dois grandes reinos: o Alto Egito, ao Sul, e o Baixo Egito, ao Norte, ambos localizados, respectivamente, no Vale e no Delta do Nilo.

Entre ambas as regiões havia um forte contraste. Seus deuses eram diferentes, como diferentes eram também seus dialetos e costumes. Até mesmo a filosofia de vida desses povos era marcada por visíveis antagonismos. Declara o egiptólogo Wilson: "Em todo o curso da história, essas duas regiões se diferenciaram e tiveram consciência da sua diferenciação. Quer nos tempos antigos, quer nos modernos, as duas regiões falam dialetos muito diferentes e vêem a vida com perspectivas também diferentes.".

Sobre essa época, escreve Idel Becker: "Nesse período predinástico, o desenvolvimento da cultura egípcia foi quase totalmente autóctone e interno. Houve apenas alguns elementos de evidente influência mesopotâmica: o selo cilíndrico, a arquitetura monumental, certos motivos artísticos e, talvez, a própria ideia da escrita. Há, nessa época, progressos básicos nas artes, ofícios e ciências. Trabalhava-se a pedra, o cobre e o ouro, transformando-os em instrumentos, armas, ornamentos e joias. Havia olarias, vidragem; sistemas de irrigação. Foi-se formando o Direito, baseado nos usos e costumes tradicionais – leis consuetudinárias.".

Quanto aos coptas hoje encontrados no Egito, estes descendem diretamente da antiga população e conseguiram, por se manterem como um grupo religioso hermético, preservar intactas suas peculiaridades. Além desses autóctones, habitam o atual Egito muitos outros grupos étnicos, em especial de origem europeia – gregos, italianos, ingleses e franceses. O restante da população é composto por árabes, armênios, judeus e sírios.

**Nomos* – do *latim nomos,i* 'distrito, comarca, governo', empréstimo grego *nomós,oû* 'parte, divisão de território, província, região; sítio para pasto, alimento'.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

1.01 Os primeiros habitantes do Egito eram
___a) primatas.
___b) bárbaros.
_X_c) nômades.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

1.02 A formação do povo egípcio consiste da fusão de vários grupos de origem
_X_a) africanos e asiáticos.
___b) americanos e africanos.
___c) europeus e asiáticos.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

1.03 As pequenas unidades políticas que se formaram deram origem aos reinos do Alto Egito e do Baixo Egito, localizados, respectivamente
_X_a) no Vale e no Delta do Rio Nilo.
___b) no Vale e no Delta do Mar Mediterrâneo.
___c) no Delta do Rio Nilo e no litoral do Mar Mediterrâneo.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 2

A UNIFICAÇÃO DO EGITO

Em consequência de suas muitas diferenças, o Alto e o Baixo Egito travaram longas e desgastantes guerras que foram enfraquecendo ambos os reinos, tornando-os vulneráveis aos ataques externos. Consciente da inutilidade desses conflitos, Menés, rei do Alto Egito, conquistou o Baixo Egito. Depois de algumas reformas administrativas, o monarca (para alguns historiadores, uma figura lendária) unificou o país, estabeleceu a primeira dinastia e fez de Tinis a capital de seu vasto império. Nessa época, o Egito conheceu um momento de glória e singular prosperidade em decorrência de suas muitas expedições à costa do Mar Vermelho e às minas de cobre e turquesa do Sinai.

A unificação do Egito ocorreu aproximadamente entre 3000 a 2780 a.C. Nesta mesma época, os egípcios começaram a fazer uso da escrita e de um calendário de 365 dias.

Unificados, o Alto e o Baixo Egito transformaram-se no mais florescente e poderoso império da Antiguidade. Seus reis destacaram-se como grandes construtores. Ergueram as formidáveis

pirâmides que, além de símbolo de grandeza, servir-lhes-iam de tumba. Por causa desses arroubos arquitetônicos, esses monarcas receberam epíteto de faraó ("casa grande").

No final do Antigo Império, que abrange o período de 2780 a 2400 a.C., o poder dos faraós começou a declinar. O fim da era de glórias é marcado por revoltas e desordens, ocasionadas pelos governadores dos *nomos*.

Uma febre de independência alastra-se por todo o reino. O poder da nobreza cresce e a influência da realeza decai perigosamente. Aproveitando-se do caos, diversas tribos africanas e asiáticas invadem o país.

No século XXII a.C., os príncipes de Tebas consolidaram sua independência e inauguraram a XI dinastia. Graças à sua intervenção, o Egito conseguiu se reorganizar, pelo menos até a agressão hicsa, que veremos no próximo texto.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

	Coluna "A"	Coluna "B"
D 1.04	Período provável da unificação dos dois reinos do Egito.	A. 2780 a 2400 a.C.
C 1.05	Reinos que juntos transformaram-se no mais poderoso império da Antiguidade.	B. Ásia e África.
A 1.06	Data provável da decadência do poder dos faraós.	C. Alto e Baixo Egito.
B 1.07	Origem das tribos que invadiram o Egito por ocasião da decadência do reinado dos faraós.	D. 3000 a 2780 a.C.

TEXTO 3

A INVASÃO DOS HICSOS

Não obstante a segurança proporcionada pelos príncipes de Tebas e pelas conquistas político-sociais do povo, o Egito não consegue repelir as incursões de um aguerrido grupo de pastores asiáticos. Nem mesmo o prestígio internacional dos faraós seria suficiente para tornar suas fronteiras defensáveis.

Esses invasores, que dominariam o Egito por 200 anos aproximadamente, são conhecidos como hicsos. Iniciaram sua dominação em 1785 a.C., sendo expulsos somente por volta de 1580 a.C.

Acerca desse conturbado período, Idel Becker fala com muito critério e balizamento: "Esta é a época mais confusa e discutida da história do antigo Egito: um período de invasões e de caos interno. Os hicsos, conglomerado de povos semitas e arianos, invadiram o Egito (através do istmo que o ligava à península do Sinai), venceram os exércitos de faraó e dominaram grande parte do país. Possuíam cavalos e carros de guerra (com rodas); e armas de bronze (ou talvez, mesmo, de ferro), mais bem acabadas e mais fáceis de manejar do que as dos egípcios. Tudo isso explica a sua superioridade bélica e os seus triunfos militares. Os hicsos talvez estivessem fugindo da pressão dos invasores indo-europeus (hititas, cassitas e mitanianos), sobre o Crescente Fértil.".

Novo Império

Com a expulsão dos hicsos, renasce o Império Egípcio de maneira singularmente pujante. A partir do rei Ahmes I, os faraós passaram a adotar um imperialismo belicoso. Tutmés III, por exemplo, conquistou a Síria e obrigou diversos povos como cananeus, fenícios, árabes e etíopes a lhe pagarem tributo.

A expansão egípcia, entretanto, esbarraria nos interesses dos poderosos hititas, senhores absolutos da Ásia Menor. Na ocasião, o célebre faraó Ramsés II fez ingentes esforços para vencê-los. Como não o conseguisse, assinou com o reino hitita um tratado de paz que vigorou por muitos anos.

Após trinta anos de paz interna, o Egito acabou por aderir às novas tendências do imperialismo, transformando-se em um estado visceralmente militar, que por cerca de 200 anos dominaria todo o mundo conhecido. Foi durante o Novo Império (1580-1200 a.C.) que os israelitas começaram a ser escravizados pelos faraós.

Decadência

Apesar da glória do Novo Império, o Egito começou a sofrer sucessivas intervenções, como, por exemplo, líbia, etíope, indo-europeia, assíria, persa, grega e romana.

Sofrendo ataques constantes por parte dos reinos helenísticos, o Egito entregou-se à proteção romana, tornando-se um reino vassalo que em nada lembrava a antiga glória. Seguem-se vários reinados dos lágidas*. Em 51 a.C., Ptolomeu Auletes foi expulso pelos egípcios. Sua filha Cleópatra

VII, para manter-se no poder, assassinou dois de seus irmãos e buscou o apoio do imperador romano Júlio César. Com a morte deste imperador, em 44 a.C., Cleópatra une-se a Marco Antônio. Em 30 a.C., é induzida a se suicidar a fim de não cair nas mãos de seus algozes.

Após a divisão do Império Romano, a cidade egípcia de Alexandria começou a ser substituída progressivamente por Constantinopla como pólo irradiador de cultura e de civilização. O Egito ficaria por quatrocentos anos sob a administração bizantina. No século VII de nossa era, o maior e mais brilhante império da Antiguidade foi subjugado à tutela dos árabes.

No ano de 1400, o Egito tornou-se possessão turca. No século XIX, ficou sob a custódia franco-britânica e, no início do século XX, tornou-se protetorado inglês até que, em 1922, conquistou a independência. A outrora grande nação egípcia não passa hoje de um apagado reflexo de sua glória primitiva. Cumpre-se, assim, o que predissera Ezequiel: *"Tornar-se-á o mais humilde dos reinos e nunca mais se exaltará sobre as nações; porque os diminuirei, para que não dominem sobre as nações"* (Ez 29.15).

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 1.08 Os hicsos invadiram e se assenhorearam dos territórios egípcios por duzentos anos.

_C_ 1.09 Expulsos os invasores, o Império Egípcio se reorganizou e edificou um imperialismo que obrigava diversos povos a lhe pagarem tributo.

_E_ 1.10 A expansão do Império Egípcio encontrou a resistência de um poderoso povo, senhor absoluto da Ásia Menor, chamado cananeu.

_C_ 1.11 O povo de Israel começou a ser escravizado pelos faraós no período de 1580-1200 a.C.

---

* Lágidas: A dinastia dos Lágidas foi fundada por Ptolomeu, filho de Lago; todos os soberanos lágidas tiveram o nome de Ptolomeu, dando origem a toda a dinastia.

O dominio dos Lágidas consistia em uma populacão indígena, possuidora de tradições multimilenares ve-se dominada por uma minoria ativa e inteligente que se imiscui por toda a parte, introduzindo inovaçôes em todos os setores, em uma palavra, tentando helenizar o vale do Nilo. É bem verdade que os contatos entre gregos e egípcios já remontavarn a alguns séculos atrás. Agora, porém, havia uma imigracão em massa e os helenos pisavam o delta como Senhores. Compreende-se quanta habilidade foi necessária aos Lágidas para equilibrarem seu poder sobre as duas nacionalidades que não se apreciavam. Com uma corte e um exército predominantemente helênicos, os soberanos procuravam captar as simpatias dos egipcios, prestigiando o culto das divindades tradicionais e o respectivo clero.

TEXTO 4

GEOGRAFIA DO EGITO

Netta Kemp de Money descreve admiravelmente o grande país do Nilo: "O Egito da Antigüidade assemelhava-se em sua forma a uma flor de loto (planta importante na literatura e na arte egípcia), no extremo de um talo sinuoso que tem à esquerda e um pouco abaixo da própria flor, um botão de flor. A flor é composta pelo Delta do Nilo, o talo sinuoso é a terra fértil que se estende ao longo do dito rio, e o botão é o lago de Faium que recebe o excedente das inundações anuais do Nilo.".

Atualmente, o Egito tem o formato quase perfeito de um quadrado. Localizado no Nordeste da África, limita-se ao norte com o Mar Mediterrâneo; a leste, com Israel (e também com o Mar Vermelho); ao sul, com o Sudão; à oeste, com a Líbia. De sua área de quase um milhão de quilômetros quadrados, 96 por cento são compostos de terras áridas. Sua população, de 64 milhões de habitantes, sobrevive com os quatro por cento de terras cultiváveis.

O Alto Egito localizava-se ao sul do atual. Esta região, chamada pelos hebreus de Patros (Jr 44.1,15), é constituída por um estreito vale ladeado por penedos de formação calcária. O Baixo Egito, por seu turno, localizava-se no Norte, e sua área mais fértil encontrava-se no Delta.

O Egito não existiria sem o Nilo, que é o segundo rio mais extenso do mundo, com 6.705 quilômetros de cumprimento. Fertiliza vastas extensões de terra, tornando possível fartas semeaduras. Heródoto, com muita razão, disse que o Egito é um presente do Nilo.

Em seu livro GEOGRAFIA DAS TERRAS SANTAS, o pastor Enéas Tognini afirma: "Sem o Nilo, o Egito seria um Saara – terrível e inabitado. O Nilo proporcionou riquezas aos faraós que puderam viver, nababescamente, construindo templos suntuosos, monumentos grandiosos, palácios de alto luxo, pirâmides gigantescas e a manutenção de exércitos bem armados que, não somente protegiam o Egito, mas tomavam, nas guerras, novas regiões. Os egípcios não tinham necessidade de observar se as nuvens trariam chuvas ou não. O Nilo lhes garantia a irrigação e as suas águas lhes davam colheitas fartas e certas. É fato que uma seca poderia trazer pobreza à terra, como aconteceu no tempo de José. Se a cheia fosse além dos limites, as águas poderiam arrasar cidades, deixando o povo desabrigado e prejudicariam as safras. Mas, tanto secas como enchentes eram raras. O Nilo era então, como é hoje, a vida do Egito e o principal fator de suas múltiplas organizações, simples algumas e sofisticadas e complexas outras.".

O Nilo teve seu papel econômico realçado pela construção da represa de Assuã, na segunda metade do século XX. Porém, o Egito não recebe apenas benesses. Entre março e junho, sopra um vento seco do deserto, o *khamsin*, trazendo tempestades de areia e poeira. Originário das correntes tropicais vindas do sul, o vento é influenciado pelas baixas pressões do Sudão.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 1.12 O Egito tem atualmente o formato de um triângulo quase perfeito por causa das pirâmides construídas pelos faraós.

___1.13 O Egito faz fronteira com as nações de Israel, Sudão e Líbia, além do Mar Mediterrâneo.

___1.14 O Rio Tigre, que banha a nação egípcia, é mais extenso do mundo.

___1.15 A importância econômica do Rio Nilo aumentou com a construção do Canal de Suez.

TEXTO 5

O EGITO ATUAL E A SUA GRANDEZA

Vejamos, a seguir, por que Heródoto estava certo ao afirmar que o Egito é um presente do Nilo. O país hoje se utiliza não somente dos vastos recursos provenientes do rio que banha suas terras, como também dos recursos que consegue extrair daquele solo, às vezes, tão ingrato. Observemos alguns aspectos:

1. A economia do Egito. O sistema fluvial do Egito moldou, desde as mais remotas eras, a base da economia do país. As inundações, ocorridas nos meses de agosto e setembro, depositavam nas áreas cobertas pelas águas uma quantidade impressionante de ricos nutrientes. Estes recursos eram amplamente explorados antes da construção das diversas represas.

2. Energia. Em 1970, o governo egípcio inaugurou a represa de Assuã, aumentando em milhares de hectares a área irrigada. A barragem viria também a ampliar consideravelmente a capacidade energética do Egito. Cerca de dois mil *megawatts* são produzidos por suas doze turbinas.

É nos campos marítimos e terrestres de Morgan, Ramadã e July, no golfo de Suez, e na área de Abu Rudays, no Sinai e no Golfo, que se encontra a maior parte das reservas de petróleo do Egito. Em 1981, foi inaugurado um grande oleoduto, ligando a refinaria de Musturud à Ras Shurq, na costa do Mar Vermelho.

Embora seja um país relativamente grande, o Egito não dispõe de muitos recursos minerais. Em Maghara, podem ser encontrados alguns depósitos de fosfato; no Deserto Oriental, há manganês; e, em Assuã, ferro.

3. Indústria. Nas últimas décadas, o governo egípcio tem promovido o desenvolvimento da indústria nacional com base na produção de suas matérias-primas. Em Alexandria, Cairo e Mahala al-Kubra, há modernas fábricas de tecidos e fios abastecidas com o algodão nacional. Outro setor que desfruta de franco desenvolvimento é a indústria siderúrgica, destacando-se os complexos industriais do Cairo e de Halwan.

A grandeza do Egito

Os egípcios deixaram um marco de indelével grandeza na História. Das pirâmides às conquistas tecnológicas de seus antigos cientistas, eles foram inigualáveis. Os arquitetos modernos continuam a contemplar, com incontida admiração, os monumentos erguidos pelos faraós.

Desta forma, Halley descreve a Grande Pirâmide de Quéops: "O mais grandioso monumento dos séculos. Ocupava 526,5 acres, 253 metros quadrados (hoje 137), 159 de altura (hoje 148). Calcula-se que se empregaram nela 2.300.000 pedras de 1 metro de espessura média e peso médio de 2,5 toneladas. Construída de camadas sucessivas de blocos de pedra calcária toscamente lavrada, a camada exterior alisada, de blocos de granito delicadamente esculpidos e ajustados. Estes blocos exteriores foram removidos e empregados no Cairo. No meio do lado norte, há uma passagem de 1m de largura por 1m 30 cm de altura, que leva a uma câmara cavada em rocha sólida, 33m abaixo do nível do solo, e exatamente 180m abaixo do vértice; há duas outras câmaras entre esta e o vértice, com pinturas e esculturas descritivas das proezas do rei.".

Os egípcios destacaram-se ainda na matemática e na astronomia. Há mais de quatro mil anos, quando a Europa revolvia-se em sua primitividade, os sábios dos faraós já lidavam com fórmulas para calcular as áreas do triângulo e do círculo e também o volume das esferas e dos cilindros.

Souto Maior fala com detalhes acerca do avanço científico dos antigos egípcios: "Apesar de não conhecerem o zero, já resolviam nessa época equações algébricas. Os seus conhecimentos astronômicos permitiram-lhes a organização de um calendário baseado nos movimentos do Sol. A divisão do ano em doze meses de trinta dias é de origem egípcia; os romanos adotaram-na e ainda hoje é conservada com pequenas modificações. A medicina egípcia também era surpreendentemente adiantada. Chegaram a fazer pequenas operações e a tratar com habilidade as fraturas ósseas. Pressentiram a importância do coração.". Os egípcios foram também grandes farmacêuticos.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

1.16 A base da economia do Egito esteve sempre moldada pela influência do sistema

___a) fluvial. ___b) de transporte.
___c) de energia nuclear. ___d) Nenhuma das alternativas está correta.

1.17 A capacidade energética do Egito foi consideravelmente ampliada a partir de 1970, com a construção

___a) do Golfo Pérsico. ___b) do Canal de Suez.
___c) da represa de Assuã. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

1.18 Os recursos minerais não são abundantes nas terras do Egito, porém, em regiões específicas são encontrados:

___a) ferro, cobre e zinco.
___b) fosfato, manganês e ferro.
___c) ouro, prata e bronze.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 6

O EGITO E OS FILHOS DE ISRAEL

O relacionamento de Israel com o Egito remonta à Era Patriarcal. Premido pela fome, Abraão desceu à terra dos faraós, onde sofreu sérios constrangimentos. O patriarca esteve prestes, inclusive, a perder a esposa, cuja beleza embeveceu o rei egípcio. Não fosse a intervenção divina, Sara não poderia ser reverenciada como uma das ilustres mães hebreias.

Em sua velhice, Abraão recebeu uma sombria revelação do Senhor:

> *"... Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas. E tu irás a teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus"* (Gn 15.13-16).

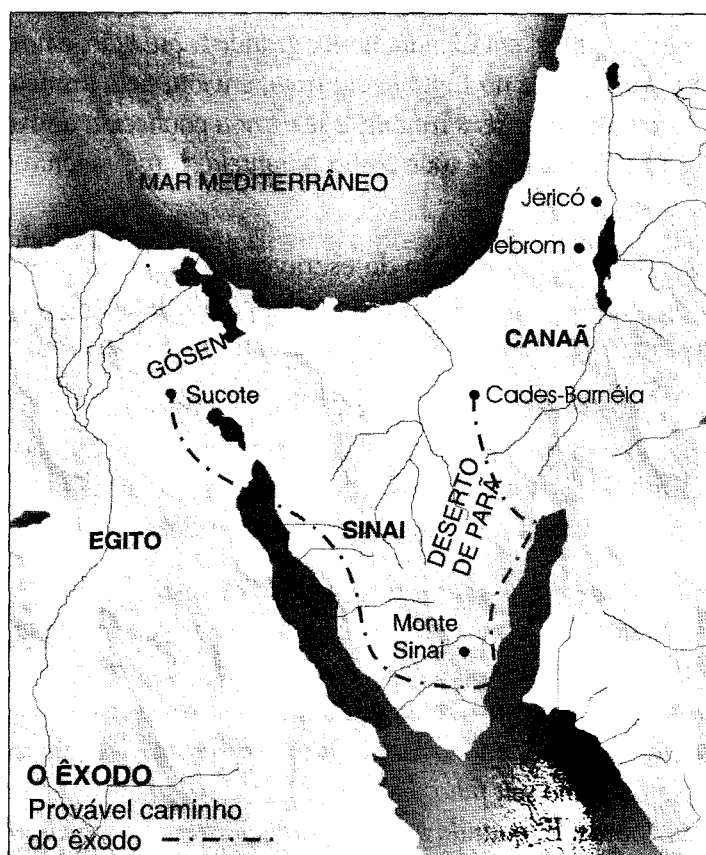
1. José, primeiro-ministro do Egito. Estêvão, sábio diácono da Igreja Primitiva, conta como José chegou a primeiro-ministro do Faraó: *"Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito; mas Deus estava com ele e livrou-o de todas as suas aflições, concedendo-lhe também graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador daquela nação e de toda a casa real. Sobreveio, porém, fome em todo o Egito; e, em Canaã, houve grande tribulação, e nossos pais não achavam mantimentos. Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou, pela primeira vez, os nossos pais. Na segunda vez, José se fez reconhecer por seus irmãos, e se tornou conhecida de Faraó a família de José. Então, José mandou chamar a Jacó, seu pai, e toda a sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas."* (At 7.9-14).

Não obstante sua humilde condição de escravo, José tornou-se governador de todo o Egito e, por seu intermédio, Deus salvou toda a descendência de Israel. Não fosse o providencial ministério exercido por esse intrépido hebreu, a progênie abraâmica se veria em grandes dificuldades.

José chegou ao Egito no século XX a.C. Nesse tempo, segundo os historiadores, os hicsos dominavam o país. Sendo também semitas, os novos senhores da terra não tiveram dificuldades em demonstrar sua magnanimidade aos hebreus. Mostrando-se liberais e generosos, ofereceram aos israelitas a região de Gósen, onde a linhagem abraâmica se desenvolveria sobremaneira.

2. Moisés. Continua Estêvão a relatar a história dos israelitas no Egito: *"Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito; até que se levantou outro rei, que não conhecia a José. Esse, usando de astúcia contra a nossa linhagem, maltratou nossos pais, ao ponto de os fazer enjeitar as suas crianças, para que não se multiplicassem. Nesse tempo, nasceu Moisés, e era mui formoso, e foi criado três meses em casa de seu pai. E, sendo enjeitado, tomou-o a filha de Faraó e o criou como seu filho. E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras. E, quando completou a idade de quarenta anos, veio-lhe ao coração*

ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel. E, vendo maltratado um deles, o defendeu e vingou o ofendido, matando o egípcio. E ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam. E, no dia seguinte, pelejando eles, foi por eles visto, e quis levá-los à paz, dizendo: Varões, sois irmãos; por que vos agravais um ao outro? E o que ofendia o seu próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós? Queres tu matar-me, como ontem mataste o egípcio? E a esta palavra fugiu Moisés, e esteve como estrangeiro na terra de Midiã, onde gerou dois filhos. E, completados quarenta anos, apareceu-lhe o anjo do Senhor, no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo de um sarçal. Então Moisés, quando viu isto, se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar, foi lhe dirigida a voz do Senhor, dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés, todo trêmulo, não ousava olhar. E disse-lhe o Senhor: Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus gemidos, e desci a livrá-los. Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito. A este Moisés, ao qual haviam negado, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz? A este enviou Deus como príncipe e libertador, pela mão do anjo que lhe aparecera no sarçal. Foi este que os conduziu para fora, fazendo prodígios e sinais na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos. Este é aquele Moisés que disse aos filhos de Israel: O Senhor, vosso Deus, vos levantará dentre vossos irmãos um profeta como eu; a ele ouvireis." (At 7.17-37 – ARC).

3. O Êxodo do povo de Israel. Israel deixou o Egito no século XV a.C. Israelitas e egípcios voltariam a se enfrentar no tempo dos reis e no chamado período interbíblico. Depois da formação do Estado de Israel, em 1948, houve pelo menos quatro guerras entre Israel e Egito: a Guerra da Independência, em 1948; a Guerra do Sinai ou Suez, em 1956; a Guerra dos Seis Dias, em 1967; e a Guerra do Yom Kippur, em 1973.

Em 1979, ambos os países assinaram um acordo de paz, em Camp David, nos Estados Unidos, possibilitando o término do estado de guerra e o estabelecimento de relações diplomáticas entre Cairo e Jerusalém.

A Bíblia garante que será de paz o futuro de ambas as nações:"*Naquele dia, haverá estrada do Egito até à Assíria, os assírios irão ao Egito, e os egípcios, à Assíria; e os egípcios adorarão com os assírios. Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra; porque o* SENHOR *dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança.*" (Is 19.23-25).

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

1.19 O relacionamento entre o povo egípcio e o povo hebreu é considerado desde
X a) a Era Patriarcal, a começar por Abraão.
___b) a Era dos Juízes, a começar por Samuel.
___c) a Era dos Reis e Profetas, a começar por Saul.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

1.20 Conforme o discurso de Estêvão, registrado em Atos 7.9-14, Israel e toda a sua descendência foi salva por Deus por intermédio do hebreu
___a) Abraão, como patriarca.
___b) Isaque, como cavador de poços.
X c) José, como primeiro-ministro do Egito.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

1.21 Históricos enfrentamentos marcam a história entre Egito e Israel. Um acordo de paz, no entanto, assinado em 1979, possibilitou às duas nações:
X a) o término do estado de guerra e o estabelecimento de relações diplomáticas.
___b) a divisão de terras e a edificação de uma grande muralha.
___c) a junção dos territórios, dando início a um novo império chamado Cairo-Jerusalém.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___1.22 A formação de dois reinos, o Alto e o Baixo Egito, ocorreu em função de diversos contrastes culturais, como os deuses, o dialeto e os costumes.

___1.23 O monarca Menés conquistou o Baixo Egito, promoveu reformas administrativas, unificou a nação e estabeleceu Tinis como a capital do império agora unificado.

___1.24 Após a expulsão dos invasores hicsos de suas terras, o Império Egípcio conquistou a Babilônia.

___1.25 Jeremias 44.1,15 diz que a região do Alto Egito era chamada pelo povo hebreu de Patros.

___1.26 A base da atividade industrial egípcia nas últimas décadas tem sido na área têxtil, abastecida pelo algodão nacional, e pela área siderúrgica, como os complexos de Cairo e Halwan.

___1.27 Foi no século X a.C. que José chegou ao Egito, então sob o domínio do povo jebuseu, que concedeu aos filhos de Israel a região de Gósen.

O IMPÉRIO ASSÍRIO

Em toda a Antiguidade, jamais houve povo, nação ou tribo tão cruel e implacável. A Assíria não administrava a misericórdia; mas espalhava o terror e a tirania. Cair em suas mãos significava uma morte lenta e dolorosa. Os filhos de Assur eram exímios torturadores.

Através da História Sagrada, observa-se que o Império Assírio sempre tratou Israel de forma desumana e impiedosa. Foi por isso que Jonas, no século VIII a.C., recusou-se a levar o ultimato divino à capital dos filhos de Assur – Nínive.

Porém não foi apenas Israel que sofreu com os assírios. Egípcios e etíopes também provaram de seu amaríssimo cálice; desalojados de suas possessões, tiveram ambas as nações de suportar um exílio de pelo menos quarenta anos, cumprindo assim a palavra do profeta Isaías (Is 20.4).

Os assírios, entretanto, não ficariam impunes. Apesar de seu poderio e aparente indestrutibilidade, seriam de todo subvertidos, conforme a Palavra do Senhor (Na 3.1-19).

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Os Assírios
2. Assírio – Novo Império
3. As Relações Entre a Assíria e Israel
4. Os Assírios Hoje

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Relatar a origem do povo assírio, bem como os detalhes da geografia das terras conquistadas pelo Império Assírio;
2. Mencionar fatos históricos que constituíram a nação assíria e sua capital, Nínive;
3. Descrever a passagem bíblica que alude o relacionamento entre Israel e o Império Assírio;
4. Identificar a promessa de Deus para o povo assírio ainda a se cumprir.

TEXTO 1

OS ASSÍRIOS

Origem

Os assírios orgulhavam-se de descender de Assur, filho de Sem e neto de Noé (Gn 10.11). Sentindo-se atraído pelas planícies de Sinear, esse patriarca se estabeleceu na orla oriental do Tigre, onde fundou uma cidade que lhe preservaria o nome. Era Assur. Uma alcunha, aliás, tão assinalada entre os assírios que até a sua principal divindade era assim designada.

Segundo a História, os primeiros habitantes da região, identificados como nômades semitas, começaram a se fixar em Assur, a partir do quarto milênio a.C. Há inúmeros vestígios comprovando a existência de um estado assírio no século XIX a.C., que mantinha estreitas relações comerciais com o império hitita.

Durante muito tempo, os assírios levaram uma vida relativamente pacífica, mas no século XIII a.C., começaram a fazer constantes incursões, visando à expansão de seu território.

A geografia da Assíria

O território assírio, no princípio, era inexpressivo. Perdia-se entre os países circundantes. Com o passar dos séculos, porém, foi se estendendo e abarcando as nações vizinhas, até transformar-se em um grande e poderoso império. Dilatando-se continuamente, suas fronteiras jamais puderam ser delimitadas com exatidão. Variavam de conformidade com as vitórias e derrotas da coroa de Assur.

Localizada ao norte da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, a Assíria chegou a ocupar, no auge de seu poder, uma área que ia do norte da atual Bagdá até as imediações dos lagos Van e Urmia. Na linha leste-oeste, ia dos montes Zagros até o vale do Rio Habur. Tendo em vista sua privilegiada posição geográfica, a Assíria era alvo de constantes invasões por nômades e nativos oriundos do norte e do nordeste.

A formação do império assírio

Durante muitos séculos, a Assíria se manteve inexpressiva no cenário do Crescente Fértil. Em 2350 a.C., contudo, Sargão deu início a profundas reformas políticas, econômicas e sociais, transformando a Assíria em um império, tendo Nínive como capital. A partir daí, a cidade fez-se partícipe das glórias do Império Assírio e cúmplice de seus crimes.

No século XII a.C., os assírios começaram a demonstrar claramente suas intenções hegemônicas. Babilônia já estava em seu poder desde o século anterior. Sob a poderosa influência do rei Tiglate-Pileser (2Rs 15.29), desencadearam várias campanhas militares, visando à formação de um império irresistível. Nessa época, lograram facilmente subjugar os sidônios.

Os assírios, contudo, não possuíam guarnições suficientes para manter suas conquistas. Enquanto marchavam em direção ao Ocidente, os vassalos orientais se rebelavam. Devido a esses

insucessos, a Assíria sofria constantes perdas territoriais. O enfraquecimento do império assírio favoreceu a consolidação do reino davídico.

Duzentos anos mais tarde, a Assíria faria novas tentativas para dominar o mundo. Salmaneser II (2Rs 17.3), primeiro soberano assírio a ser mencionado nas crônicas hebraicas, derrotou, na batalha de Carcar, na Síria, uma coligação militar formada por sírios, fenícios e israelitas.

Passados doze anos, ele voltaria a enfrentar a aliança palestínica e, à semelhança da anterior, vence-a. Rumores do Oriente, entretanto, fazem-no retornar à Assíria, frustrando suas conquistas.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

2.01 Conforme registra Gênesis 10.11, Assur, neto de Noé e filho de Sem, deu origem ao povo e, posteriormente ao Império

___a) Grego
___b) Persa.
___c) Romano.
___d) Assírio.

2.02 A nação assíria estava localizada entre os rios Eufrates e Tigre, na região denominada

___a) Canaã.
___b) Mesopotâmia.
___c) Bagdá.
___d) Iraque.

2.03 Reformas políticas, econômicas e sociais empreendidas por Sargão possibilitaram à Assíria transformar-se em império, tendo como capital

___a) Nínive.
___b) Judá.
___c) Jerusalém.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 2

ASSÍRIO – NOVO IMPÉRIO

Assur-Dan II (932-910 a.C.) é considerado o fundador do Novo Império Assírio que iria de 932 a 612 a.C. No século VIII a.C., a Assíria começou a estabelecer-se, de fato, no Ocidente.

Assur-Nasirpal II (883-859 a.C.) foi o mais violento e desumano dos reis da Assíria. Impondo sua autoridade com inusitada crueldade, foi o primeiro soberano assírio a empregar carros de guerra e unidades de cavalaria que, juntamente com uma disciplinadíssima infantaria, formavam um inexpugnável e formidável exército.

Tiglate-Pileser III estendeu as fronteiras de seu império até Israel, cujo rei, Menaém, para angariar bons ofícios, entregou a Pul, rei da Assíria como era chamado, mil talentos de prata (2Rs 15.19). De posse do tributo, deixou temporariamente as fronteiras dos filhos de Jacó.

Mais tarde, o Império Assírio ajudou Acaz, rei de Judá, a livrar-se das investidas do Reino de Israel. Oportunista, o comandante assírio tomou dez cidades israelitas e trasladou sua população para a Assíria. Como se não bastasse, desalojou as tribos de Rubem, Gade e Manassés das possessões que estas receberam de Josué, sucessor de Moisés.

A Assíria teve o seu apogeu entre 705 e 626 a.C., período este que abrange os reinados de Senaqueribe, Esar-Hadom e Assurbanipal (2Rs 19.35-37; Is 37.36-38). Que efêmera prosperidade! Apesar das advertências de Jonas no século anterior, o poderoso império mesopotâmico não tardou a voltar aos antigos pecados. Sua crueldade não conhecia limites. Esfolavam vivos os prisioneiros; cortavam-lhes as mãos, os pés, o nariz e as orelhas; vazavam-lhes os olhos e lhes arrancavam a língua. A fim de eternizar sua obra, os assírios faziam pirâmides com o crânio de sua vítima.

Na terra de Judá, o profeta Naum mostra que, apesar de toda a sua força e aparente inexpugnabilidade, os filhos de Assur seriam abatidos como todos os reinos terrenos. O dia do seu julgamento se aproximava.

Em 616 a.C., Nabopolassar, governador de Babilônia, subleva-se e declara a independência dos territórios sob a sua jurisdição. Decidido a arrasar com o já minado poderio assírio, aliou-se ao rei medo Ciaxares, que em 612 a.C., conquistou e destruiu totalmente Nínive, para onde Jonas fora enviado a proclamar os juízos de Deus. Com a queda de Nínive, a glória da Assíria desapareceu.

Nínive, capital do império assírio

Nínive era tão grande que, no tempo de Jonas, eram necessários três dias para se percorrê-la de um extremo a outro (Jn 3.4). A cidade era assim chamada em homenagem à deusa Nina. O Livro de Gênesis registra que os fundamentos de Nínive foram lançados por Ninrode, bisneto de Noé (Gn 10.8-11).

No século VIII a.C., Senaqueribe pôs-se a reconstruir a grande metrópole, transformando-a em uma das maravilhas do mundo antigo. Dispunha ela de avançados centros administrativos,

espaçosos parques, luxuosas mansões, suntuosos templos e magníficos palácios. Nínive chegou a ter uma muralha de 112 quilômetros de cumprimento, transformando-a em inexpugnável fortaleza. Sua população era de quase duzentos mil habitantes. Segundo a Arqueologia, o sítio onde se encontrava Nínive vem sendo ocupado de forma sucessiva desde os períodos pré-históricos.

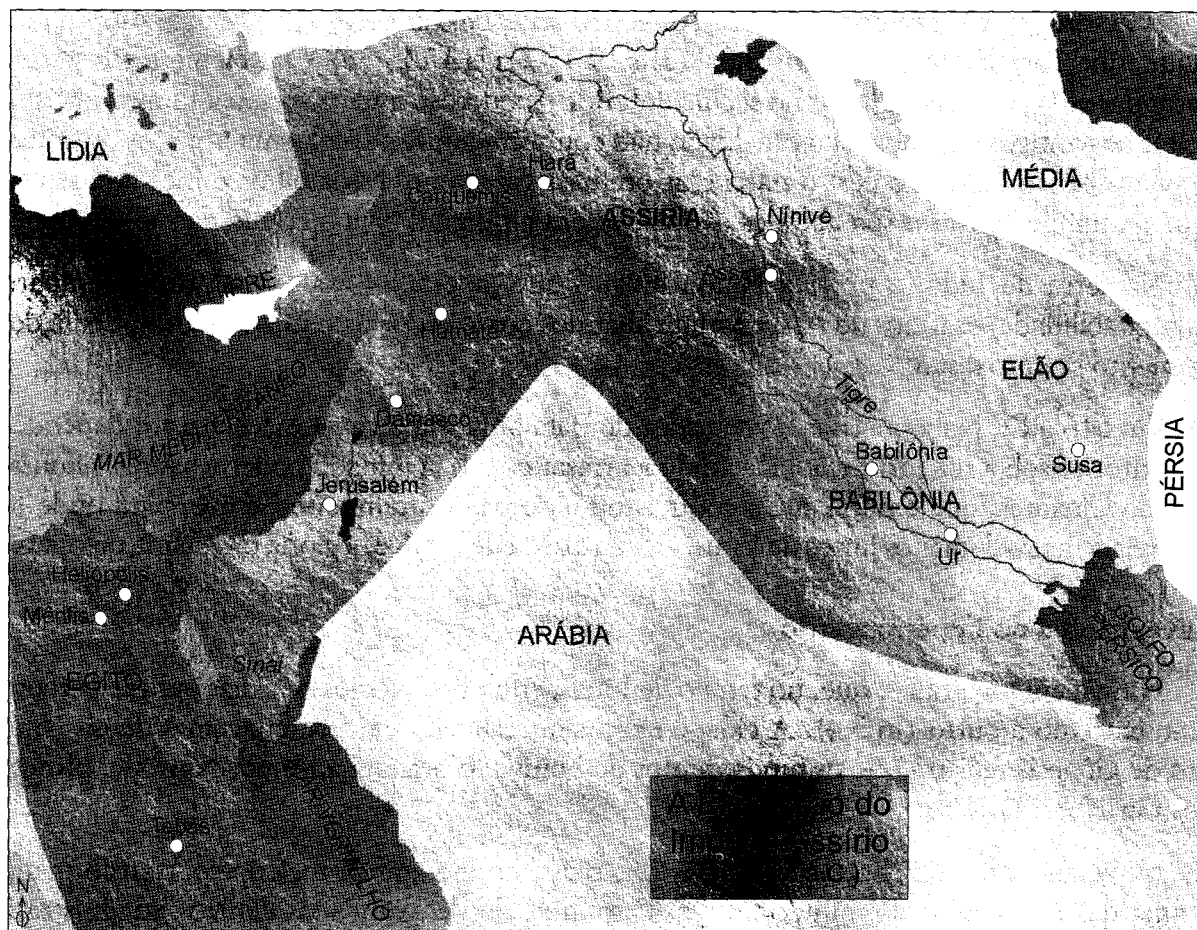
EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___2.04 Foi no século VIII a.C. que a Assíria começou a se estabelecer no mundo ocidental conhecido à época.

___2.05 O apogeu do Império Assírio ocorreu entre 705 e 626 a.C., que compreendeu o reinado de Senaqueribe, Esar-Hadom e Assurbanipal.

___2.06 Como todos os reinos terrenos, os filhos de Assur seriam também abatidos, conforme vaticinara à época o profeta Naum.

___2.07 Segundo Gênesis 10.8-11, foi Onri, bisneto de Noé, que lançou os fundamentos de Nínive.

TEXTO 3

AS RELAÇÕES ENTRE A ASSÍRIA E ISRAEL

Visando a atingir a hegemonia absoluta do Médio Oriente, a Assíria desencadeou várias crises com os seus vizinhos ocidentais: sírios, fenícios e hebreus. Esses povos separavam Assur de seu terrível e ambicioso rival – o Egito.

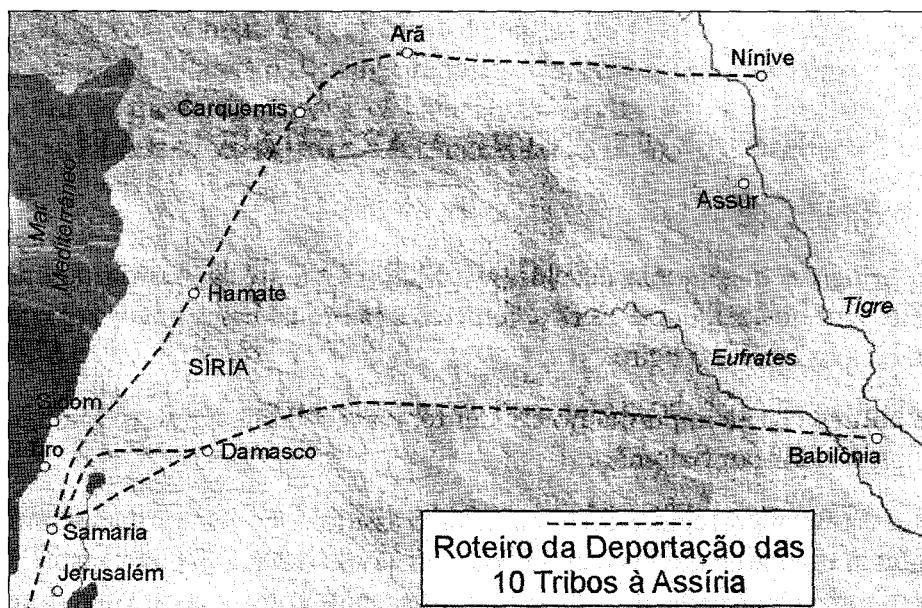
Enquanto Nínive não se impunha no Ocidente, Davi solidificava seus domínios, que seriam alargados e engrandecidos por Salomão.

Os israelitas estavam protegidos do imperialismo assírio por seus vizinhos setentrionais, cujos territórios formavam uma área defensável de grande valor estratégico. Com a queda da Síria e da Fenícia, porém, os reinos de Israel e de Judá tornaram-se mais vulneráveis. Além da ameaça assíria, os reinos hebreus achavam-se continuamente em desavença.

Em 723 a.C., a Assíria destruiu Israel e deportou as dez tribos que o compunham. Depois de uma atribulada existência de dois séculos, desaparece o Reino do Norte, o cronista sagrado narra a destruição do Reino de Israel da seguinte forma:

> *"No ano duodécimo de Acaz, rei de Judá, começou a reinar Oséias, filho de Elá; e reinou sobre Israel, em Samaria, nove anos. Fez o que era mau perante o SENHOR; contudo, não como os reis de Israel que foram antes dele. Contra ele subiu Salmaneser, rei da Assíria; Oséias ficou sendo servo dele e lhe pagava tributo. Porém o rei da Assíria achou Oséias em conspiração, porque enviara mensageiros a Sô, rei do Egito, e não pagava tributo ao rei da Assíria, como dantes fazia de ano em ano; por isso, o rei da Assíria o encerrou em grilhões, num cárcere. Porque o rei da Assíria passou por toda a terra, subiu a Samaria e a sitiou por três anos. No ano nono de Oséias, o rei da Assíria tomou a Samaria e transportou a Israel para a Assíria; e os fez habitar em Hala, junto a Habor e ao rio Gozã, e nas cidades dos medos."* (2Rs 17.1-6).

A Assíria mantinha uma política implacável em relação aos povos conquistados. Deportava as nações subjugadas para outras terras, visando o seu extermínio espiritual, moral e étnico.

No tempo do piedoso rei Ezequias, os exércitos assírios, comandados por Senaqueribe, tentaram conquistar Judá. Foram, porém, exterminados por um anjo de Deus: *"Então, saiu o Anjo do SENHOR e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e, quando se levantaram os restantes pela manhã, eis que todos estes eram cadáveres. Retirou-se, pois, Senaqueribe, rei da Assíria, e se foi; voltou e ficou em Nínive. Sucedeu que, estando ele a adorar na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram à espada e fugiram para a terra de Ararate; e Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar."* (Is 37.36-38). Leia 2 Crônicas 32.21,22.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

___2.08 Tendo em vista a hegemonia do Médio Oriente, a Assíria deflagrou várias crises com vizinhos que a separavam do Egito, seu ambicioso rival. Esses povos eram os

___2.09 De acordo com 2 Reis 17.1-6, a Assíria aniquilou o Reino do Norte, composto por

___2.10 Tentaram conquistar Judá, comandados por Senaqueribe, nos tempos do rei Ezequias.

___2.11 Segundo Isaías 37.36-38, depois que o anjo de Deus feriu os assírios, Senaqueribe foi ferido à espada por seus filhos

Coluna "B"

A. Exércitos assírios.

B. sírios, fenícios e hebreus.

C. dez tribos de Israel.

D. Adramaleque e Sarezer.

TEXTO 4

OS ASSÍRIOS HOJE

Diferentemente dos babilônios, que foram totalmente destruídos, os assírios conseguiram sobreviver. Quando o seu império foi subjugado, em 612 a.C., pela coligação liderada por Nabucodonosor, os assírios passaram a viver em peregrinações e desterros. O que fizeram no passado, colhem no presente. Atualmente, constituem um povo humilde, pacífico e grande parte é cristã.

Os assírios conservam suas tradições e ainda falam o aramaico – o mesmo idioma que o Senhor Jesus e seus discípulos usavam no dia-a-dia.

Para os assírios, o Senhor Deus tem uma linda e singular promessa: "*Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra; porque o* SENHOR *dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança.*" (Is 19.24,25).

A partir deste texto bíblico, não é difícil concluir que estamos por assistir ao renascimento da nacionalidade assíria. Embora dispersos, há ainda o seu pedaço de terra na velha e amável Mesopotâmia. À semelhança de Israel, o povo assírio um dia voltará à sua herança para reconstruir o seu país. Quem o garante é a Palavra de Deus.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 2.12 Tal como ocorrera com os babilônios, os assírios foram destruídos de vez.

___ 2.13 Isaías 19.24-25 registra a promessa que Deus reserva para o povo assírio.

___ 2.14 Segundo o vaticínio de Isaías, estamos por assistir ao renascimento da nação de Israel somente.

REVISÃO DA LIÇÃO

Assinale com "X" a alternativa correta.

2.15 A Assíria se manteve inexpressiva durante séculos no cenário do Crescente Fértil. Em 2350 a.C., contudo, foi transformada em império após profundas reformas promovidas por

___a) Assurbanipal. ___b) Assur.
___c) Senaqueribe. ___d) Sargão.

2.16 O Novo Império Assírio alcançou seu apogeu entre 705 e 626 a.C., voltando, porém, a cair em pecados, negligenciando as advertências proferidas pelo profeta

___a) Ezequiel. ___b) Jonas.
___c) Joel. ___d) Zacarias.

2.17 Em uma única ocasião, o anjo do Senhor atingiu o arraial de Senaqueribe, aniquilando

___a) 185.000 assírios. ___b) 70.000 hititas.
___c) 120.000 cananeus. ___d) 185.000 amorreus.

2.18 Segundo o texto de Isaías 19.24,25, Deus faz promessa de bênção à nação

___a) egípcia. ___b) assíria.
___c) israelense. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

ANOTAÇÕES

LIÇÃO 03

OS IMPÉRIOS BABILÔNICO E PERSA

Babilônia era sinônimo de poder e glória. Ao interpretar o sonho de Nabucodonosor, o profeta Daniel logo discerniu, no ouro da estátua vista pelo rei, a sublimidade daquela cidade que jazia incrustada ao sul da Mesopotâmia. Séculos antes, Isaías dissera que Babel (pois assim a chamam os judeus) era um cálice dourado nas mãos do Senhor. Não havia, em toda a Antiguidade, metrópole mais formosa nem mais deslumbrante.

Nabucodonosor transformou-a na capital de um império, que acabaria por destruir o Reino de Judá. Ele ainda desterra os judeus para a região de Sinear, onde Babilônia, qual preciosíssima gema, imperava sobre todos os povos. Porém o seu juízo, à semelhança de sua antecessora no comando do mundo – a Assíria – não tardaria a chegar.

Como não associar a história dos babilônios à dos hebreus? Séculos de convívio, nem sempre belicoso, ligam ambos os povos que, segundo fartos indícios, são originários de uma mesma família semita. O patriarca Abraão, a propósito, era procedente de Ur dos Caldeus.

Babilônia é exemplo do que acontece à soberba humana.

Assim como Deus usara Babilônia para tratar com os povos daquela época, inclusive Israel, Ele agora propicia o surgimento do Império Persa que, por duzentos anos, dominará o cenário mundial.

Com a ferocidade do urso e a abundância da prata, o Império Persa parecia invencível, com seus batalhões de imortais e suas vitórias sempre espetaculares. Uma máquina de guerra que de forma implacável subjugava reinos, dizimava povos e abatia as mais aguerridas tribos.

A Pérsia consistia em um poder inexpugnável. Caber-lhe-ia, agora, administrar a justiça em um mundo que só conhecia a linguagem da força.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Babilônia
2. Babilônia (Cont.)
3. Babilônia e o Povo de Judá
4. Babilônia e o Povo de Judá (Cont.)
5. O Império Persa
6. O Império Persa (Cont.)

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Explicar a origem e a geografia dos territórios babilônicos, bem como seu neo-império;
2. Mencionar as características da cultura e da sociedade babilônica;
3. Descrever o relacionamento entre o Império Babilônico e o povo de Judá, amplamente vaticinado pelos profetas bíblicos;
4. Enumerar os pormenores que levaram à decadência babilônica;
5. Relatar as particularidades do Império Persa e suas conquistas através de seu fundador Ciro;
6. Expor toda a influência que o Império Persa exerceu sobre o povo judeu, por meio de Ciro.

TEXTO 1

BABILÔNIA

Origem da Babilônia

Babilônia, no início, não passava de uma colônia comercial inserida no pujante contexto econômico da Suméria. Pouco a pouco foi crescendo em importância até se tornar na mais florescente metrópole do Crescente Fértil. Sua história é uma longa e tediosa série de lutas sangrentas. Seus reis, sempre ambiciosos, empreendiam constantes guerras pela expansão de território e poderio.

1. Primórdios. A data de fundação da Babilônia é incerta. Sua conexão com Acade e Calné (Gn 10.10) leva-nos a concluir tenha nascido por volta de 3000 a.C.

2. Os primeiros habitantes. No começo do segundo milênio antes de Cristo, diversos povos semíticos, provenientes do Ocidente, começaram a se estabelecer na Babilônia. Um desses grupos étnicos, os caldeus, devido à sua genialidade militar e administrativa, proporcionaria à Babilônia o *status* de império mundial.

3. A persistência de uma cidade. Babilônia foi sitiada inúmeras vezes, e em incontáveis ocasiões seus muros foram derribados. Aventureiros, Os mais ávidos, ora vindos do Ocidente, ora do Oriente, despojavam-na de seus fabulosos tesouros. Seus habitantes sofreram os mais inumanos ataques. Babilônia, contudo, levantava-se com mais brilho e pujança até se tornar, no tempo de Nabucodonosor, uma das sete maravilhas do mundo.

4. O domínio assírio. Durante séculos, Babilônia permaneceu sob a tutela da Assíria. Todavia, Nabopolassar, governador da Caldeia, incentivado pelos medos, levantou-se contra a hegemonia de Nínive. Em 622 a.C., foi proclamado rei em Babilônia, tendo início, assim, uma nova dinastia na Mesopotâmia. O intrépido monarca combateu, sem tréguas, os adversários do Novo Império Babilônico. Estava estabelecido um poder irresistível.

O Neo-Império Babilônico

O Novo Império Babilônico teria que se defrontar, porém, com as ambições de um velho adversário: o Egito. O faraó Neco, aproveitando-se dos insucessos da Assíria, desencadeou uma grande campanha contra a Babilônia. Seus triunfos iniciais pareciam mostrar que o império do Nilo estava prestes a ressurgir. Os fracassos, todavia, não tardaram a aparecer.

Nabopolassar também promoveu uma incursão contra a Assíria que, inconformada com a perda de sua hegemonia, fez uma última tentativa de dominar o território mesopotâmico. Vitorioso, o rei babilônio dividiu as terras conquistadas com Ciaxares, rei da Média. Em seguida, confiou a seu filho, Nabucodonosor, a tarefa de conquistar a Síria.

Os problemas com o Egito ainda não estavam completamente resolvidos. Em 606 a.C., Nabucodonosor comandou um ataque contra o faraó e o venceu em Carquemis. Enquanto celebrava a vitória, o príncipe herdeiro de Babilônia recebeu a notícia da morte de seu pai. Regressou, então,

imediatamente à capital do império onde, no ano seguinte, foi coroado rei. Imediatamente, deu início a gigantescas construções que fariam de seu reino, em tempo recorde, uma das maravilhas do mundo.

Geografia de Babilônia

No auge de seu poderio, Babilônia abrangia os territórios que iam da Bagdá de hoje até o Golfo Pérsico, compreendendo os antigos territórios de Sumer e Acade. Estabelecida em uma região fertilíssima, de chuvas constantes, a cidade conheceu um singular florescimento. Foi a partir de Babilônia que o rei Nabucodonosor começou a forjar um império que dominaria todo o mundo conhecido daquela época.

Localizada sobre o Eufrates, Babilônia desfrutava de uma posição mais do que privilegiada. Estudiosos dizem que poucas cidades foram tão galardoadas pela natureza como essa. Com justa razão, era considerada a "metrópole dourada".

Babilônia sempre despertou o interesse de estudiosos das mais diversas áreas. Em 1957, arqueólogos norte-americanos constataram a existência de uma vasta rede de canais entre Bagdá e Nippur. Este avançadíssimo sistema de irrigação fez de Babilônia uma potência agrícola. Enquanto os demais povos enfrentavam ingentes problemas de abastecimento, os babilônios desfrutavam de colheitas cada vez mais pródigas.

Além de Babilônia propriamente dita, não podemos esquecer-nos da Grande Babilônia formada pelas seguintes cidades-satélites: Sippar, Kuta, Kis, Borsippa, Nippur, Uruk e Ure Eridu.

Como as pedras eram raras nessa região, os principais edifícios dessas metrópoles eram construídos a partir da cerâmica; o emprego de tijolos era ali bastante comum.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

3.01 Quando exatamente Babilônia foi fundada não se sabe, porém a conexão estabelecida com Acade e Calné, conforme Gênesis 10.10, permite presumir que tenha sido em torno do ano

___a) 6000 a.C. ___b) 4000 a.C.
___c) 3000 a.C. ___d) Nenhuma das alternativas está correta.

3.02 Um dos povos étnicos e de origem semita que constituíram a Babilônia e a conduziram ao *status* de império mundial, graças à sua supremacia militar e administrativa:

___a) amorreus. ___b) caldeus.
___c) jebuseus. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

3.03 Não obstante as inúmeras investidas sofridas por Babilônia, veio a tornar-se uma das sete maravilhas do mundo, durante o reinado de

___a) Nabucodonosor. ___b) Nabopolassar.
___c) Assurbanipal. ___d) Nenhuma das alternativas está correta.

3.04 Governador da Caldeia, Nabopolassar insurgiu-se contra a hegemonia de Nínive, com incentivo dos

X a) medos. ___b) persas.
___c) judeus. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 2

BABILÔNIA
(CONT.)

A grandeza de Babilônia

Ao assumir o governo, Nabucodonosor deu início imediato à reconstrução de Babilônia destruída por Senaqueribe, rei da Assíria. A fim de alcançar o seu intento, o rei deflagrou uma campanha militar, visando à captura de milhares de trabalhadores, das mais diversas nações, para que, em tempo recorde, transformassem a cidade na mais formosa e estonteante das capitais.

Entre outras construções, Nabucodonosor edificou um muro em todo o perímetro de Babilônia, fazendo desta uma fortaleza inexpugnável. Nenhuma potência inimiga seria capaz de subjugar a capital de seu império. Pelo menos era o que ele pensava. Tão largos eram os muros que, sobre eles, podiam trafegar duas garbosas carruagens. De acordo com os cálculos fornecidos pelo historiador grego Heródoto, os muros de Babilônia, com 56 milhas de circunferência, compreendiam uma área de 200 milhas quadradas.

Os historiadores antigos maravilharam-se ante a imponência e a grandeza de Babilônia. Os mais exaltados diziam que somente os deuses seriam capazes de erguer tal monumento.

Buckland dá-nos mais alguns detalhes acerca das grandezas babilônias: "Nove décimas partes dessas 200 milhas quadradas estavam ocupadas com jardins, parques e campos, ao passo que o povo vivia em casas de dois, três e quatro andares. Duzentas e cinqüenta torres estavam edificadas por intervalos nos muros, que em cem lugares estavam abertos e defendidos com portões de cobre. Outros muros havia ao longo das margens do Eufrates e juntos aos seus cais. Navios de transporte atravessavam o rio entre as portas de um e de outro lado, e havia uma ponte levadiça de 30 pés de largura, ligando as duas partes da cidade. O grande palácio de Nabucodonosor estava situado numa das extremidades desta ponte, do lado oriental. Outro palácio, a admiração da humanidade, que tinha sido começado por Nabopolassar, e concluído por Nabucodonosor, ficava na parte ocidental e protegia o grande reservatório. Dentro dos muros deste palácio elevavam-se, a uma altura de 75 pés, os célebres jardins suspensos, que se achavam edificados na forma de um quadrado, com 400 pés de cada lado, estando levantados sobre arcos.".

Entre os muitos edifícios de Babilônia, destacavam-se os templos e os santuários, de beleza extrema. O principal era dedicado ao deus Marduk – a Esagila ("Casa de Teto Alto"). Ao norte deste, encontrava-se o Etemenanki ("Templo dos Alicerces do Céu e da Terra"). Este templo, todo escalonado, era visto e até reverenciado como a Torre de Babel.

O Templo de Bel era um exemplo de todo esse exagero arquitetônico. Com quatro faces, o referido santuário constituía-se em uma pirâmide de oito plataformas, sendo a mais baixa de 400 pés de cada lado. Quem descreve detalhes dessa extravagância é Buckland: "Sobre o altar estava posta uma imagem de Bei, toda de ouro, e com 40 pés de altura, sendo também do mesmo precioso metal uma grande mesa e muitos outros objetos colossais que pertenciam àquele lugar sagrado. As esquinas deste templo, como todos os outros templos caldaicos, correspondiam aos quatro pontos cardeais da esfera. Os materiais empregados na grandiosa construção constavam de tijolos feitos de limo, extraído do fosso, que cercava toda a cidade.".

A singularidade de Babilônia levou Nabucodonosor a esquecer de sua condição humana e a julgar-se o próprio Deus. Em consequência disso, foi ele punido pelo Todo-Poderoso. Só viria a reconhecer a sua exiguidade depois de passar sete tempos entre as bestas feras. Vale a pena ler as suas confissões registradas por Daniel no capítulo quatro de seu livro.

A cultura e a sociedade babilônica

Os babilônios jamais deixaram de se destacar por sua cultura. Estavam entre os povos mais adiantados da Antiguidade. Embora seus conhecimentos se estendessem a todos os ramos do saber, este povo se sobressaía particularmente na matemática, na astronomia e nas letras. Datam de 2500 a.C. as primeiras compilações da Epopeia de Gilgamesh – a obra-prima da literatura babilônica.

Formada por uma estrutura piramidal, a sociedade babilônia tinha, no topo, o seu soberano, venerado como o máximo representante da divindade. O rei era louvado e admirado por suas conquistas, riquezas e poder.

A classe dos homens livres podia escolher seu ramo de atividade na indústria, no comércio e na agricultura. Podia, inclusive, fazer parte dos conselhos da cidade, mas, caso não honrasse suas dívidas, era reduzida à escravidão. Via de regra, os escravos eram vendidos livremente no mercado, mas também provinham das guerras de conquista.

Os casamentos eram baseados em um contrato redigido pelo marido diante de testemunhas. Nesse documento, regulamentado pelo Código de Hamurabi, estavam discriminadas as obrigações e os direitos da esposa. Babilônia possuía um impressionante sistema judiciário.

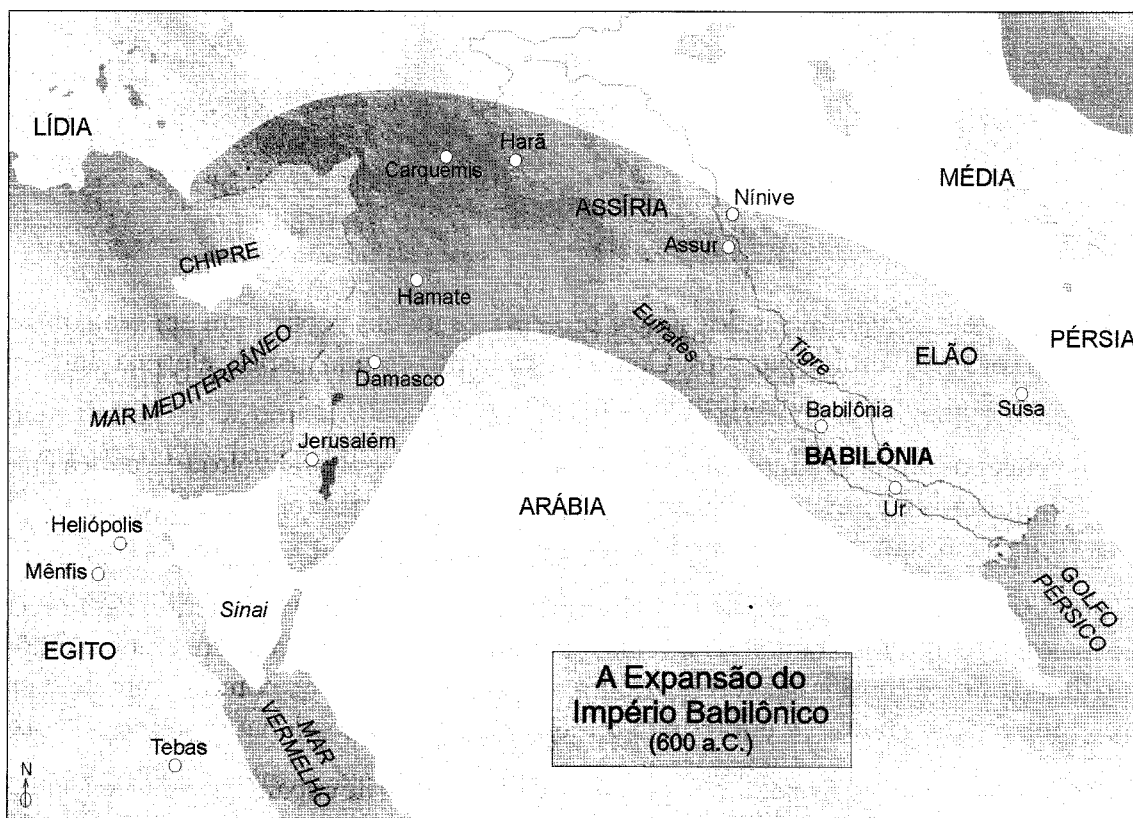
EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 3.05 Aniquilada por Senaqueribe, rei da Assíria, Babilônia passou a ser reconstruída por Nabucodonosor, assim que assumiu o trono.

___ 3.06 Maravilhados com a imponência de Babilônia, alguns historiadores antigos diziam que somente os deuses poderiam erguer tamanho monumento.

___ 3.07 Mesmo com toda a opulência, Nabucodonosor jamais esquecera sua condição humana, conforme registra Daniel 4.

___ 3.08 Embora se sobressaísse nas mais diversas áreas do saber, os babilônios eram particularmente destacados nas áreas da matemática, da astronomia e das letras.

TEXTO 3

BABILÔNIA E O POVO DE JUDÁ

A interpretação das profecias bíblicas permite dizer que Deus consentiu a ascensão de Babilônia a fim de reprimir a crueldade da Assíria e a impenitência das demais nações do Crescente Fértil. Nem mesmo Judá escaparia da ação judicial do Eterno. Vemos, dessa maneira, que o Senhor se interessa pelos negócios humanos e intervém, de acordo com a sua infalível economia, na história dos povos.

A tribo do rei Davi, que se havia convertido no Reino do Sul em virtude do cisma israelita de 931 a.C., terminaria por quebrantar a aliança mosaica, adotando como deuses os mais abjetos ídolos. Conforme denuncia o profeta Jeremias, toda a nação apostatara da revelação que o Senhor lhes havia entregue por intermédio de Abraão, Moisés e Davi:

> *"Portanto, ainda pleitearei convosco, diz o* SENHOR, *e até com os filhos de vossos filhos pleitearei. Passai às terras do mar de Chipre e vede; mandai mensageiros a Quedar, e atentai bem, e vede se jamais sucedeu coisa semelhante. Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, posto que não eram deuses? Todavia, o meu povo trocou a sua Glória por aquilo que é de nenhum proveito."* (Jr 2.9-11).

Não obstante as advertências dos santos profetas, os judeus persistiram em sua contumácia. Por isso, o Senhor Deus resolve puni-los. Como instrumento de Sua justiça, elegeu o império que, desde a Mesopotâmia, vinha aterrorizando o mundo.

Após vencer os últimos redutos da resistência assíria, Nabopolassar voltou-se para a Palestina, disposto a conquistá-la e a aumentar o seu império além das fronteiras egípcias. O que poderia fazer Judá para conter a avalanche babilônica?

Segundo profetizara Jeremias, o fim do Reino de Judá viria inexoravelmente. Para evitar uma tragédia maior, Jeremias recomenda ao monarca judaíta que se submeta ao soberano babilônio. O seu conselho, porém, é considerado crime de alta traição; todos têm-no como agente de Babilônia. Não fosse intervenção divina, os nobres não teriam hesitado em condenar o profeta à morte.

Nabopolassar, todavia, não deu consecução aos seus planos de expansão territorial, em virtude de sua morte inesperada. Semelhante tarefa caberia a seu filho. Já coroado e com o apoio de todos os súditos, Nabucodonosor deflagrou uma campanha fulminante em todo o Médio Oriente, que culminaria na conquista e destruição do Reino de Judá.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

C 3.09 Pela interpretação das profecias bíblicas, pode-se dizer que o Senhor consentiu a ascensão de Babilônia, a fim de

A 3.10 Convertida no Reino do Sul, em virtude do cisma israelita em 931 a.C., a tribo de Davi passou

B 3.11 Negligentes em relação às advertências dos profetas, os judeus continuaram

Coluna "B"

A. a adotar como deuses os mais abjetos ídolos.

B. a persistir em seus pecados contumazes.

C. reprimir a crueldade assíria e a impenitência das nações do Crescente Fértil.

TEXTO 4

BABILÔNIA E O POVO DE JUDÁ
(CONT.)

Depois de vencer as forças judaicas, Nabucodonosor faz de Jeoaquim um mero vassalo. O representante da dinastia davídica foi obrigado a enviar regularmente pesados impostos para a Babilônia. Em 603 a.C., porém, o rei de Judá resolve não mais observar os compromissos assumidos e tenta sacudir o jugo babilônico.

Irado, Nabucodonosor sitiou Judá. Ainda insatisfeito, prendeu o rei Jeoaquim, juntamente com a nobreza judaíta, e deportou-os para a Babilônia. Entre os exilados, encontravam-se Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Dn 1.1-7). Como despojo, o conquistador leva consigo os vasos sagrados da Casa do Senhor.

No ano seguinte, Zedequias assumiu o trono de Judá. Títere, propôs-se a pagar os tributos requeridos por Nabucodonosor. Durante oito anos, o sucessor de Jeoaquim se mantém fiel a Babilônia. Em 597, porém, sublevou-se, causando a destruição de Jerusalém e a deportação dos restantes filhos de Judá. Na terra desolada, ficaram apenas os pobres.

O castigo imposto por Nabucodonosor a Jerusalém foi indescritível. Seus exércitos caíram como gafanhotos sobre a Cidade Santa. Destruíram seus palácios, derribaram seus muros e deitaram por terra o Santo Templo. O mais santo dos lugares não passava, agora, de um monturo.

Doravante, andariam os judeus errantes, por 70 anos, em uma terra estrangeira e idólatra. O exílio, contudo, seria mui benéfico à progênie de Abraão. A partir de seu exílio em Sinear não mais se curvaria a falsos deuses.

O fim de Babilônia

Em 539 a.C., a gloriosa Babilônia expira como império mundial. O que parecia inexpugnável, agora se desfaz no pó e na cinza. Cumpria-se, assim, o que fora predito pelos santos profetas.

O Império Babilônico teve vida relativamente efêmera. Ainda não havia completado 70 anos e já emitia sinais de fraqueza e degenerescência. Enquanto isso, a coligação medo-persa fortalecia-se continuamente e se preparava para conquistar a dourada metrópole do Fértil Crescente.

Em 538 a.C., enquanto rei Belsazar, filho de Nabucodonosor, participava, juntamente com os seus mais graduados ministros, oficiais e concubinas, de uma desenfreada orgia, os exércitos medo-persas apossaram-se de Babilônia, transformando-a em uma mera possessão iraniana. Quão exatas são as palavras de Deus na boca de Daniel (Dn 5).

Dario, um dos mais destemidos e proeminentes generais de Ciro II, tomou Babilônia e matou o libertino Belsazar rei do caldeus. Tempos depois, reprimindo um levante na cidade, o rei Xerxes ordenou a destruição do símbolo maior da religião babilônica – a estátua de Marduk. Quão efêmero é o orgulho humano!

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

C 3.12 Vencido por Nabucodonosor, o rei Jeoaquim passou a ser obrigado a enviar regularmente uma alta carga tributária de Judá para a Babilônia.

C 3.13 Segundo Daniel 1.1-3, os nobres da sociedade judaica foram deportados e mantidos cativos pela Babilônia, incluindo o profeta Daniel, seus amigos e, como despojo, os vasos da Casa do Senhor.

E 3.14 Enquanto o Império Babilônico dava claros sinais de decadência, os gregos e os romanos se preparavam para tomar as terras de Sinear.

TEXTO 5

O IMPÉRIO PERSA

As origens

O capítulo dez de Gênesis é conhecido como o índice das nações, em virtude de registrar o nome dos principais patriarcas da humanidade. Porém, nessa importante porção das Sagradas Escrituras, não encontramos uma referência explícita ao povo persa. Julga-se, por isso, que a Pérsia só viria a ganhar foro de independência cultural e étnica após a dispersão da Torre de Babel.

No século XX, a Pérsia adotaria uma nova nomenclatura: Irã, em clara referência às suas origens culturais.

O povo persa é o resultado do caldeamento de várias tribos originárias do Planalto Iraniano: cassitas, elamitas, gutitas e lulubitas. A mais antiga comunidade iraniana conhecida é a de Sialk. Por muitos séculos, os persas estiveram envolvidos em completo anonimato. Suas alianças políticas variavam de acordo com o desenho político do Crescente Fértil. Foi assim que, aproximando-se da Média, os persas começaram a descobrir a força de sua nacionalidade.

Antes de sua ascensão como potência mundial, a Pérsia não passava de um Estado vassalo da Média. Todavia, ambas as nações mantinham uma convivência pacífica em virtude de algumas heranças comuns: eram indo-europeias e dedicavam-se à criação de cavalos. Com o passar dos tempos, no entanto, os persas firmaram de vez sua supremacia, desvencilhando-se dos tentáculos medos e impondo definitivamente sua hegemonia.

Ciro, o fundador do Império Persa

Para se entender a história de um império, é mister conhecer a biografia de seu fundador. Com o Império Persa não é diferente. Aliás, era Ciro, o Grande, a própria alma daquele império que, em seu auge, percorria os territórios da Índia até a Etiópia.

1. A história de Ciro. Ao contrário dos soberanos egípcios, assírios e babilônios, Ciro tornou-se conhecido por sua liberalidade e espírito universal. Seus vastíssimos domínios jamais lhe subiram à alma nem lhe deturparam o coração. Ciro permitia aos povos tributários o cultivo de seus valores nacionais e religiosos. Destes exigia uma única coisa: o pleno e inquestionável acatamento das leis persas.

Poucas são as informações a respeito de sua infância. Nascido no ano 590 a.C., Ciro era filho de Cambises e neto de Ciro I. De acordo com o historiador grego Heródoto, sua mãe chamava-se Mandanne, filha de Astíages, rei da Média. Nada mais se sabe sobre ele, a não ser alguns fatos lendários.

Diz-se, por exemplo, que desde a mais tenra idade, Ciro já demonstrava fortíssima vocação pelas armas. Tão invulgar inclinação era fortalecida pelo pai, que o encorajava a concretizar um antigo sonho persa: anexar a Média e transformar ambas as nações em um poderoso império. Após a morte do pai, Ciro passou a governar os territórios persas. Devido aos insistentes conselhos paternos, em 550 a. C., Ciro volta-se à Média conquistando-a. De conquista em conquista, foi ampliando o império. No mesmo ano, derrotou o rei Creso da Lídia, considerado o homem mais rico à época.

Anos mais tarde, Ciro volveu o olhar para a Babilônia. Como adentrar em tão inexpugnável fortaleza? Os dias da exuberante cidade, entretanto, já estavam contados, pesados e divididos, conforme a sentença divina interpretada pelo profeta Daniel (Dn 5).

2. A conquista de Babilônia. Em 16 de outubro de 539 a.C., os exércitos de Ciro, sob o comando de Gobrias, desviaram o curso do caudaloso Eufrates e entraram em Babilônia. O comandante persa surpreendeu Belsazar que, mergulhado na orgia e na profanação das coisas de Deus, nada pôde fazer. Naquela mesma noite, de acordo com o relato do profeta Daniel, o libertino rei babilônio foi morto e seu reino passou para as mãos dos medos e dos persas.

Alguns dias depois, Ciro entrou na cidade. Apoderou-se formalmente de suas novas possessões e, em seguida, rumou para outras conquistas. Dirigiu-se para o Extremo Oriente, deixando o império aos cuidados de Dario. Sob a nova administração, os judeus passaram a desfrutar de amplas liberdades.

Dizem alguns historiadores que, na fatídica noite da queda de Babilônia, Nabonido, pai de Belsazar, encontrava-se em viagem, realizando escavações arqueológicas em vários sítios da Mesopotâmia. Embora o primeiro no trono caldeu, o que mais o encantava não era o poder, mas era o estudo das coisas antigas. Desterrado para a Carcâmia, seria nomeado posteriormente como um dos governadores regionais do novo governo.

Designado por Ciro II para governar a Babilônia, Dario ajudou a consolidar os alicerces do poderio medo-persa. Apesar de derrotada pela Pérsia, a Média uniu-se a esta imediatamente, fundando um poderoso império binacional.

A política de Ciro

Ciro era um monarca generosamente tolerante com os vencidos; tratava-os com dignidade e consideração. Souto Maior traça o perfil do ilustre persa: "Ciro foi, é verdade, um conquistador, porém não teve o aspecto primário dos monarcas guerreiros de sua época. Sua dominação se fazia opressiva pelas obrigações econômicas exigidas, o que aliás explica as constantes revoltas. Contudo, seu imperialismo era sem dúvida superior ao primitivismo cruel dos conquistadores assírios.". Quando de sua morte, em 529 a.C., o Império Persa já dominava quase todo o mundo conhecido àquela época.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

3.15 Em tempos anteriores à ascensão como potência mundial, a Pérsia era um estado vassalo da
___a) Grécia.
___b) Mesopotâmia.
_X_c) Média.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

3.16 Sob a liderança de Ciro, a Pérsia alcançou seu apogeu em terras que se estendiam
_X_a) da Índia à Etiópia.
___b) da Grécia à Roma.
___c) da Síria à Sinear.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

3.17 Ao contrário dos povos egípcios, assírios e babilônios, o comando de Ciro caracterizava-se por
___a) truculência e soberba.
___b) opressão e domínio.
_X_c) liberalidade e espírito universal.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

3.18 No ano de 550 a.C., Ciro conquistou a Média, constituindo um poderoso império binacional. Neste mesmo ano, o rei persa derrotou homem considerado o mais rico à época, a saber:
_X_a) o rei Creso, da Lídia.
___b) o rei Astíages, da Média.
___c) o rei Belsazar, da Babilônia.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 6

O IMPÉRIO PERSA
(CONT.)

Geografia do Império Persa

Documentos encontrados nas últimas décadas do século XX revelam a existência de duas Pérsias. A Grande Pérsia, localizada no sudeste do Elã, e que corresponde à área atualmente ocupada pelo Irã, e a Pequena Pérsia, que se limitava, ao norte, com a Magna Média.

O território persa compreendia o planalto do Irã, toda a região confinada pelo Golfo Pérsico, o vale do Tigre, o mar Cáspio e os rios Oxus, Jaxartes e Indo. No tempo de Assuero, marido de Ester, as possessões persas estendiam-se da Índia à Grécia, do Danúbio ao Mar Negro e do Monte Cáucaso ao Mar Cáspio ao norte, abrangendo o deserto da Arábia e a Núbia.

O Império Persa e os judeus

Durante a dominação babilônica, os judeus não gozavam de regalias. Foi a duras penas que lograram manter a pureza de sua religião e tradições. Durante os 70 anos de exílio, os judeus eram constrangidos a se submeterem a duras provações e humilhações as mais aviltantes. Foi nesse crisol que vieram a reconhecer que não há deus além do Deus de Israel.

1. A política de Ciro em relação aos judeus. Com a ascensão do Império Persa, novos e promissores horizontes se descortinam. O Senhor usou o rei Ciro a fim de patrocinar-lhes o regresso a Sião. No primeiro ano de reinado do magnânimo soberano, os filhos de Judá foram autorizados a retornar à terra de seus antepassados, tendo à frente o governador Zorobabel que, nos anos subsequentes, seria o principal arquiteto da reconstrução do Estado Judaico.

Não fosse a liberalidade de Ciro, tratado por Deus como “meu servo”, os judeus não teriam tido condições de levar adiante a formidável tarefa de reconstruir o templo, reedificar os muros e restabelecer a autoridade judaica naqueles territórios. O diligente Zorobabel, o judicioso Neemias, o doutíssimo Esdras e o piedoso sumo sacerdote Jesua atuaram plenamente respaldados na autoridade persa.

2. O decreto de Ciro. Usado por Deus para repatriar os judeus e patrocinar a reconstrução do Santo Templo, o rei Ciro II expediu o seguinte decreto: “... *O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá. Quem dentre vós é, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do SENHOR, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém. Todo aquele que restar em alguns lugares em que habita, os homens desse lugar o ajudarão com prata, ouro, bens e gado, afora as dádivas voluntárias para a Casa de Deus, a qual está em Jerusalém.*” (Ed 1.2-4).

Flávio Josefo escreveu a respeito de Ciro: “porque tinha lido nas profecias de Isaías, escritas duzentos e dez anos antes que ele tivesse nascido e cento e quarenta anos antes da destruição do Templo, que Deus lhe tinha feito saber, que constituiria a Ciro, rei, sobre várias nações; e inspirar-lhe-ia a

resolução de fazer o povo voltar a Jerusalém, para reconstruir o Templo. Esta profecia causou-lhe tal admiração, que, desejando realizá-la, ele mandou reunir em Babilônia os principais judeus e disse-lhes que lhes permitira voltar ao seu país e reconstruir a cidade de Jerusalém e o Templo, que eles não deveriam duvidar de que Deus os auxiliaria nesse desígnio e que escreveria aos príncipes e aos governadores das suas províncias, vizinhas da Judéia, que lhes fornecessem o ouro e a prata de que iriam precisar e as vítimas para os sacrifícios.".

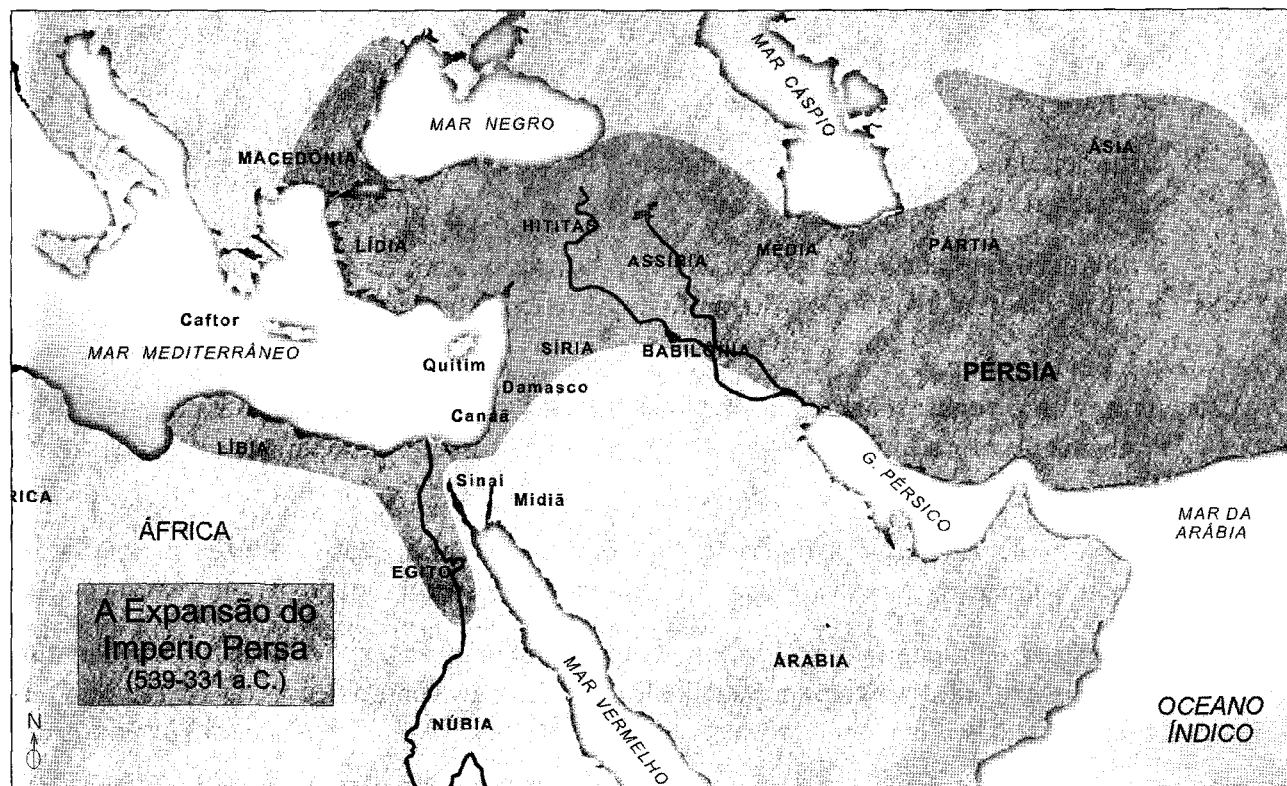
De fato, em Isaías 44.21-28, encontramos a maravilhosa profecia referente à ascensão de Ciro não apenas como rei da Pérsia, mas principalmente como o pastor de Deus que haveria de cuidar de todos os rebanhos étnicos e nacionais daquela época.

Ciro mostrou tal liberalidade em relação aos judeus que, inclusive, devolveu-lhes parte dos tesouros do Templo levados para Babilônia por Nabucodonosor. Por trás da generosidade persa, contudo, estava a potente mão de Deus!

3. A intervenção de Ester. No tempo da rainha Ester, mulher de Assuero, o Senhor usou mais uma vez o poderio persa em favor dos filhos de Israel. Não obstante as maquinações de Hamã e a força daquele decreto tão desfavorável aos judeus, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó forçou o grande monarca, através do audacioso sacrifício de Ester, a abraçar a causa dos exilados de Sião.

A intervenção de Ester foi tão oportuna e feliz que, sem ela, toda a nação judaica teria perecido. Com esta teria perecido também a família de Davi, da qual viria o Senhor Jesus Cristo. Quem pode compreender a providência de Deus?

O fim do Império Persa

Enquanto o Império Persa resplandecia no Oriente, no Ocidente, a Grécia vinha marcando forte presença no concerto das nações. O fim do imperialismo persa já se anunciava. Quão exatas mostravam-se as profecias de Daniel! Segundo predissera o profeta, a Grécia substituiria a Pérsia no comando político do mundo. Tudo já estava pronto para que um jovem conquistador derrotasse a Pérsia e mostrasse a eficiência greco-macedônica. O Império Persa durou aproximadamente 200 anos. Parecia imortal, porém estava prestes a ser sepultado.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

D 3.19 Descobertas do último século revelam a existência de duas nações persas, situadas, respectivamente, no Elã e na Magna Média.

B 3.20 Se não fosse a liberalidade do rei Ciro, da Pérsia, os judeus não teriam conseguido concretizar dois grandes projetos.

A 3.21 Levaram a cabo seus intentos nacionais, com o respaldo da autoridade persa.

C 3.22 Protagonistas da ocasião em que o poder persa seria usado por Deus mais uma vez em favor dos exilados de Sião.

Coluna "B"

A. Neemias e Esdras.

B. Reconstrução do templo e reedificação dos muros de Jerusalém.

C. Hamã e Ester.

D. Grande Pérsia e a Pequena Pérsia.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___3.23 Considerada como a "metrópole dourada", Babilônia desfrutava de uma localização privilegiada no entorno do Rio Tigre.

___3.24 A condição singular de Babilônia levou Nabucodonosor a se considerar o próprio Deus, motivo pelo qual foi punido pelo Senhor, que o fez passar sete tempos entre feras no campo.

___3.25 Assim como consentiu a ascensão babilônica para reprimir a crueldade assíria, o SENHOR também aplicaria a Judá o Seu juízo, bem como a outras nações impenitentes do Crescente Fértil.

___3.26 Dario, rei dos caldeus, foi rendido pelas tropas de Belsazar, ocasião em que a estátua de Marduk, símbolo maior da religião babilônica, foi destruída.

___3.27 Considerado o índice das nações, Gênesis 10 não faz menção ao povo persa, provavelmente porque este ganharia independência cultural e étnica somente depois do advento do Dilúvio.

___3.28 Conforme vaticinado pelo profeta Daniel, após 200 anos de domínio sobre o mundo conhecido, o Império Persa viria a ser substituído pelo comando greco-macedônico.

ANOTAÇÕES

OS IMPÉRIOS GREGO E ROMANO

Em uma de suas belíssimas epístolas, deixou-nos o romano Horácio este lapidar comentário sobre a Grécia: "A Grécia subjugada subjugou o seu feroz vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio.". Esta é uma verdade que jamais poderá ser contestada.

Conforme veremos adiante, a heróica e mítica Grécia será vencida pela rude e pragmática Roma; as letras da primeira, contudo, serão a alma da literatura da segunda; da eloquência e da poesia latinas, haverá apenas uma só inspiração: o estilo sublime e sempre elevado dos helenos; da arte romana, ático também seria o toque. Roma seria a Atenas do Tibre.

A Grécia não recolheria seus tributos apenas em Roma. Haveria de cobrar pesados impostos culturais até mesmo no Médio Oriente; aqui, todos se fariam seus tributários, infelizmente, até os filhos de Israel.

Com os helenos, os filhos de Israel teriam um de seus mais traumáticos choques culturais. No auge dessa luta, chegou-se inclusive a imaginar que, um dia, a religião hebreia seria inexoravelmente subvertida pela cultura helena. No decorrer daqueles poucos séculos, contudo, verificou-se que, ao invés de ser extinta pela cultura grega, a religião dos patriarcas e profetas se utilizaria desta para espalhar sua mensagem até os confins da terra. A tradução do AT para a língua grega e o NT escrito no belíssimo idioma da Hélade, chegaram aos mais distantes rincões deste mundo.

Roma locuta, causa finita. A frase, repetida enfaticamente por muitos oradores para mostrar a prepotência dos tiranos, é de autoria de Agostinho e foi proferida em um daqueles sermões que levavam seus ouvintes não apenas à contemplação estética, mas principalmente à reflexão espiritual. Se fôssemos traduzi-la, buscaríamos esta versão: "Roma falou; não se discute mais.". O grande doutor da igreja estava certo ao retratar assim o império que, predito por Daniel, assombrou o mundo devido à sua força, determinação e, notadamente, por causa da inflexibilidade da administração que impunha aos vencidos.

Simbolizado profeticamente pelo ferro da estátua que, em sonhos, vira o rei Nabucodonosor, o Império Romano conquistou e subjugou muitos reinos, povos e nações. Do Ocidente ao Oriente, o peso de seus punhos era conhecido e proverbial. Jamais houvera reino tão poderoso! A simples menção de seu nome era mais que suficiente para lhe expandir as fronteiras que se estendiam da Europa, passando pela África, até à Mesopotâmia.

Roma foi aquele animal feroz e indomável visto pelo profeta: *"Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres."* (Dn 7.7).

As histórias de Roma e Israel se estreitaram em Jerusalém e se descobrem na Eternidade. Afinal, foram os romanos que destruíram a amada Sião e executaram o Cristo de Deus. No julgamento das nações, é profético que Roma será tratada com severidade pelo Rei dos reis e Senhor dos senhores.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Grécia – Berço da Civilização Ocidental
2. Grécia – Berço da Civilização Ocidental (Cont.)
3. Alexandre Magno e o Fim do Império Grego
4. Os Gregos e os Judeus
5. Os Ptolomeus e os Selêucidas
6. O Império Romano
7. A Ascensão de Herodes – o Grande
8. Tito e o Fim do Império Romano

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Descrever a influência exercida pela cultura grega sobre a civilização ocidental nos mais diversos âmbitos, inclusive sobre o Cristianismo;

2. Expor os fatos proeminentes que compõem a História da Grécia (e da Macedônia), bem como os seus aspectos geográficos que influenciam o mundo ainda hoje;

3. Mencionar as circunstâncias que possibilitaram a ascensão de Alexandre Magno ao trono do Império Grego e as conquistas realizadas sob seu reinado;

4. Relatar o contato que Alexandre Magno estabeleceu com o povo judeu, segundo o historiador Flávio Josefo;

5. Citar pormenores a respeito da supremacia egípcia, sob o governo dos ptolomeus, e o apogeu sírio, sob o comando dos selêucidas;

6. Discorrer sobre o contexto histórico que propiciou a ascensão de Roma e a transformou em império mundial;

7. Listar algumas manobras que possibilitaram que Herodes, o Grande, assumisse o governo da Judeia;

8. Explicar o relacionamento do Império Romano com o Judaísmo e com o Cristianismo no tocante à tolerância, bem como sua decadência como governo mundial.

TEXTO 1

GRÉCIA – BERÇO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

"Para onde eu vá, a Grécia me fere". O desabafo de Giorgios Seferis dá uma exata dimensão da influência grega na Civilização Ocidental. Como não ver a Grécia no Ocidente? Desde Roma até a menor das nações ocidentais se encontra a presença grega no estilo dos poetas, na eloquência dos oradores, na lógica dos filósofos, no método dos cientistas, na nomenclatura dos mais diversos ramos do saber, nos modelos que nos são impostos, nas artes que repousam nos museus, praças e ruas.

Até no Cristianismo a cultura grega está presente. O idioma do NT é o grego. Grego era também o idioma dos primeiros teólogos cristãos. Se houve algum método na elaboração das dogmáticas, este foi emprestado dos gregos. As teologias sistemáticas que saem a lume todos os anos têm como base o modelo grego. Como podemos observar, até no Cristianismo temos a Grécia a ferir-nos.

Não resta a menor dúvida de que a Grécia é o berço da civilização ocidental. Sem ela, inexistiria hoje o Ocidente como o conhecemos. Nesse sentido, a Grécia foi um grande milagre, como escreveu Renan: "Pois eis que ao lado do milagre judeu vinha colocar-se, para mim, o milagre grego, uma coisa que só uma vez existiu, que não se tinha visto nunca, que não se voltará a ver mais, mas cujo efeito durará eternamente.".

A pátria da filosofia

Discorrendo sobre a contribuição dos gregos ao saber humano, Érico Veríssimo não poupa reconhecimentos: "Foram eles os primeiros a criar um vocabulário adequado ao jogo das idéias abstratas – tudo isso sem perder o gosto pelos aspectos visíveis e plásticos do mundo. Realizando uma façanha maior e mais importante que a dos navegadores do futuro, desvendadores de novos continentes, os helenos descobriram o homem e o valor do espírito, e assim legaram à posteridade a Ciência, a Filosofia, a Literatura, a Arte, a Tragédia, o Diálogo, a Democracia, em suma, o Humanismo."

Amantes da liberdade e acostumados com discussões ao ar livre, os gregos legaram as bases de nossa civilização. Eles discutiam racionalmente todos os assuntos pertinentes à *polis*. Deleitavam-se em perquirir e problematizar. Sua maior ambição era se fazerem amigos da sabedoria.

Assim nasceu a Filosofia. Sob essa atmosfera propícia ao desenvolvimento do espírito, surgiram grandes gênios como Tales, Empédocles, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e outros vultos igualmente célebres.

Os gregos ensinaram o mundo a pensar. O genial escritor francês Anatole France, ciente dessa dívida para com a gente mediterrânea, confessa: "Os gregos a quem devo tudo, a quem gostaria de dever mais, pois o que sabemos de razoável sobre o universo e o homem, vem-nos deles.".

Como surgiu, porém, esse magistral país chamado Grécia? Conheçamos um pouco de sua história.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

C 4.01 A presença da cultura grega pode ser reconhecida hoje, por exemplo, na eloquência dos oradores, no método dos cientistas, na nomenclatura dos mais diversos ramos do saber e nas artes em geral.

C 4.02 O Cristianismo recebeu também forte influência da cultura grega, a começar pelo idioma do NT.

C 4.03 Os gregos costumavam discutir todos os assuntos pertinentes à *polis*, de forma racional.

TEXTO 2

GRÉCIA – BERÇO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL (CONT.)

História da Grécia

A Grécia antiga era dividida em cidades-estados. Sem coesão político-administrativa, esses diminutos países alimentavam constantes desinteligências, como, por exemplo, as repetidas guerras entre Esparta e Atenas. Pareceriam povos completamente estranhos se não fossem a cultura, a língua e a religião. Todavia, quando o perigo ameaçava, os gregos firmavam grandes alianças. Indo-se, porém, as ameaças, iam-se também as alianças.

O século V a.C. marca o auge da Grécia, sob a era de Péricles que, ao assumir o comando político de Atenas, patrocinou generosamente os mais diversos empreendimentos culturais. Brilhante orador e possuidor de invulgar gênio administrativo, transformou a capital da Ática na mais importante cidade do mundo conhecido à época.

Em meio a tão viçosa democracia, despontaram os filósofos, surgiram os escultores, apareceram os pintores, apresentaram-se os dramaturgos, renasceram os poetas, levantaram-se os arquitetos, firmaram-se os médicos e demais homens de ciência. Jamais os helenos voltariam a presenciar tantos avanços e glórias. Não seria exagero se disséssemos que todos os progressos da humanidade foram semeados nessa época para só germinarem e frutificarem quase dois mil e quinhentos anos depois.

No século seguinte, os gregos se tornaram alvo das intenções hegemônicas de Felipe II da Macedônia e a geografia da Grécia favoreceria as incursões de adversários que também idealizavam um império universal.

A geografia da Grécia

A península grega formava um cenário perfeito para o desenvolvimento das atividades mentais e sociais. A Grécia Antiga se constituía, praticamente, de uma península localizada no sudeste da Europa. O país era banhado a leste, pelo mar Egeu; ao sul, pelo mar Mediterrâneo; e a oeste pelo mar Jônico. A Macedônia ficava ao norte. Nos primórdios, o território grego era conhecido como Acaia. A região ocupada por Atenas, nessa época, era denominada Ática.

Toda recortada por mares, a Grécia era cercada por muitas ilhas e ilhotas. A natureza que prodigalizava a Hélade com numerosas montanhas e abruptos declives, negava-lhe rios caudalosos e planícies extensas. Por causa de sua paupérrima hidrografia, os gregos só cultivavam sementes que resistiam a longos estios e temperaturas altas.

Premidos pela inclemência do clima e pela pobreza de seu solo, os gregos puseram-se a sonhar com outras terras e a vislumbrar novos horizontes. Assim, começou a sua diáspora, que duraria do século XII ao VI a.C. Fundaram colônias nas ilhas do Mar Egeu, do Mediterrâneo e do Negro; instalaram-se na Ásia Menor; colonizaram o Sul da Itália e o Norte da África; e, em Massília, território hoje ocupado pela França, estabeleceram várias aldeias. A partir do século IV a.C., a história da Grécia se entrelaça com a da Macedônia.

A geografia da Macedônia

A Macedônia limitava-se ao sul com a Grécia; ao leste, com o mar Egeu e com a Trácia; ao norte, com os montes balcânicos; e, ao oeste, com a Trácia e o Ilíaco. Atualmente, o território macedônio é ocupado pela Grécia, ex-Iugoslávia (atualmente formada por seis países independentes e duas regiões autônomas: Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro, Voivodina, Sérvia, Kosovo e Macedônia desde 2002), Bulgária, Albânia e pela parte europeia da Turquia. O país era uma vastíssima e fértil planície cercada de altas montanhas.

Na Macedônia, ficava a cidade de Filipos, onde o Evangelho seria pregado pela primeira vez em território europeu. Dessa região, a mensagem de Cristo se estenderia por toda a Europa, alcançando milhões de almas. O apóstolo dos gentios, a partir dessa base missionária, passaria a cumprir o derradeiro item da Grande Comissão – levar o Evangelho aos confins da Terra. Foi ainda da Macedônia que Alexandre Magno lançou-se para conquistar o mundo.

A ascensão da Macedônia

Limitando-se ao sul com a Grécia, estava a Macedônia destinada a dominá-la e a liderar o domínio heleno no mundo. Seus habitantes, à semelhança dos gregos, eram de origem indo-europeia. A cultura macedônia, era, contudo, bem inferior à grega. Os macedônios eram considerados até como incivilizados e bárbaros em relação aos gregos. Foi na Macedônia que nasceu Filipe II, pai de Alexandre.

Capturado por um grupo de gregos, em meados do século IV a.C., Felipe II, o irrequieto macedônio, foi levado a Tebas, onde assimilou, rapidamente, as artes bélicas da Grécia. No exílio, elaborou audaciosos planos: modernizar os exércitos da Macedônia e unir todos os gregos sob o seu comando. Sua grande obsessão era a de subjugar o Império Persa.

De volta à sua terra, expandiu suas pretensões hegemônicas. Em tempo recorde, transformou as forças armadas macedônias em uma eficaz e formidável máquina de guerra. Ato contínuo, pôs-se a dominar as cidades-estado gregas.

Entretanto, quando estava prestes a encimar suas realizações militares, Felipe II foi assassinado. O desenlace ocorreu durante as núpcias de sua filha e às vésperas de colocar seus exércitos na Ásia Menor. Recolhido tão prematuramente, deixaria a singular tarefa para seu filho, Alexandre III, o Alexandre Magno.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

4.04 Formada por cidades-estados, a Grécia antiga enfrentou guerras civis recorrentes. A iminência de perigo levava as cidades a se unirem; passado o perigo, retomavam as desavenças. Exemplos disso são

___a) Cairo e Esparta.
___b) Jônia e Atenas.
_X_c) Esparta e Atenas.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

4.05 O apogeu da Grécia se deu no século V, durante o comando de Péricles, que, entre inúmeros feitos, conseguiu

___a) edificar uma eficiente malha ferroviária.
_X_b) transformar a capital da Ática na cidade mais importante do mundo então conhecido.
___c) construir aquedutos que subsistem até os dias de hoje.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

4.06 Entre os ofícios que surgiram do desenvolvimento da democracia grega, podemos destacar

___a) filósofos, escultores e pintores.
___b) dramaturgos, poetas e arquitetos.
___c) médicos e cientistas.
_X_d) Todas as alternativas estão corretas.

4.07 As terras gregas, conhecidas nos primórdios como Acaia, eram banhadas pelo

___a) Mar Egeu, ao leste.
___b) Mar Mediterrâneo, ao sul.
___c) Mar Jônico, ao oeste.
_X_d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 3

ALEXANDRE MAGNO E O FIM DO IMPÉRIO GREGO

Nascido em 356 a.C., Alexandre Magno foi um dos maiores gênios militares de todos os tempos. Desfrutou de uma primorosa educação, tendo Aristóteles como preceptor. Aos pés do filósofo, o príncipe macedônio universalizou e passou a contemplar a humanidade como se fosse uma só família. Esta família, porém, haveria de ter um único guia – ele, Alexandre.

Conquistador inato e guerreiro audacioso, Alexandre se pôs a subjugar a Terra. No verdor de seus 20 anos, obrigou os gregos que lhe acatassem a autoridade. Com um exército de 40 mil homens, marchou em direção aos persas. Ostentando um ímpeto próprio dos grandes capitães, enfrentou Dario Codomano que, apesar de sua descomunal guarnição de 800 mil soldados, foi obrigado a reconhecer a supremacia do mandatário macedônio.

Após destruir o poderio persa, Alexandre prosseguiu, conquistando ocidentes e orientes. Ao chegar ao rio Indu, na Índia, foi convencido por seus homens a retornar à terra natal. Cansados, almejavam rever a Grécia, repisar a Macedônia e aquecer-se no próprio lar.

Percebendo que o ânimo de seu exército se encontrava comprometido, Alexandre resolveu voltar ao ponto de partida. O retorno, no entanto, foi dolorosamente penoso, sendo obrigados a suportar a escassez de água e o racionamento de pão, os desertos sem fim, as planícies que se confundiam com o horizonte e os vales desconhecidos e hostis fizeram com que nesse regresso muitos macedônios e gregos tombassem.

Ao chegar a Babilônia, Alexandre foi recebido como um deus. Tributaram-lhe inúmeras honrarias e ofereceram-lhe oferendas. Parecia não haver ninguém mais glorioso do que o príncipe macedônio. Os dias vindouros, contudo, revelariam a verdade: o filho de Filipe II não passava de um homem de carne e osso, sujeito aos caprichos da natureza e limitado pelos absolutos desígnios de Deus.

Alexandre, o Grande, morreu repentinamente em 323 a.C. na cidade de Babilônia. Consigo também morreu o sonho de se ecumenizar todo aquele pedaço de mundo. Caía o bravo príncipe em um palco onde tantos acontecimentos vultosos já haviam sido representados por assírios, caldeus, persas e, agora, por ele. O império não lhe resiste à sua morte. Conforme profetizara Daniel, as possessões alexandrinas são repartidas entre os mais ilustres militares gregos.

"Mas, no auge, o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes."
(Dn 11.4)

A Lísimaco coube a Trácia e uma parte da Ásia Menor. A Cassandro, a Macedônia e a Grécia. A Seleuco, a Síria e o Oriente. E, a Ptolomeu, o Egito. Em conformidade com a Palavra do Deus de Israel, o Império Grego fôra dividido. Desfazia-se o sonho pan-helenístico.

As realizações de Alexandre

Uma das maiores realizações de Alexandre Magno foi a difusão da cultura grega em âmbito universal. Tão magnífico empreendimento facilitaria, séculos mais tarde, a propagação do Evangelho, considerando que o apóstolo Paulo, em suas viagens missionárias, não encontrou quaisquer dificuldades em se comunicar com os gentios em virtude de o *koinê* – grego comum – haver se tornado a língua franca de todos os povos mediterrâneos. Sem saber, os helenos deram substancial contribuição ao plano de salvação elaborado por Deus e, durante aqueles séculos, posto em prática.

Além disso, Alexandre ajudou a difundir também a filosofia, a ciência, as artes e a literatura gregas. Foi com esse grande capitão que surgiu a chamada cultura helenística, definida como o conjunto das ideias e costumes da Grécia Clássica e todo o seu avanço.

Fim do Império Grego

Arruinado por disputas viscerais, chegou ao fim o glorioso Império Grego. Em seu lugar, levantou-se o terrível e assombroso animal visto por Daniel séculos antes (Dn 7.7). De acordo com a visão do profeta, o Império Romano seria diferente de todos os outros. Conquistaria a terra esmagando as nações. Sob o peso de Roma, Israel viveria tempos de angústia extrema.

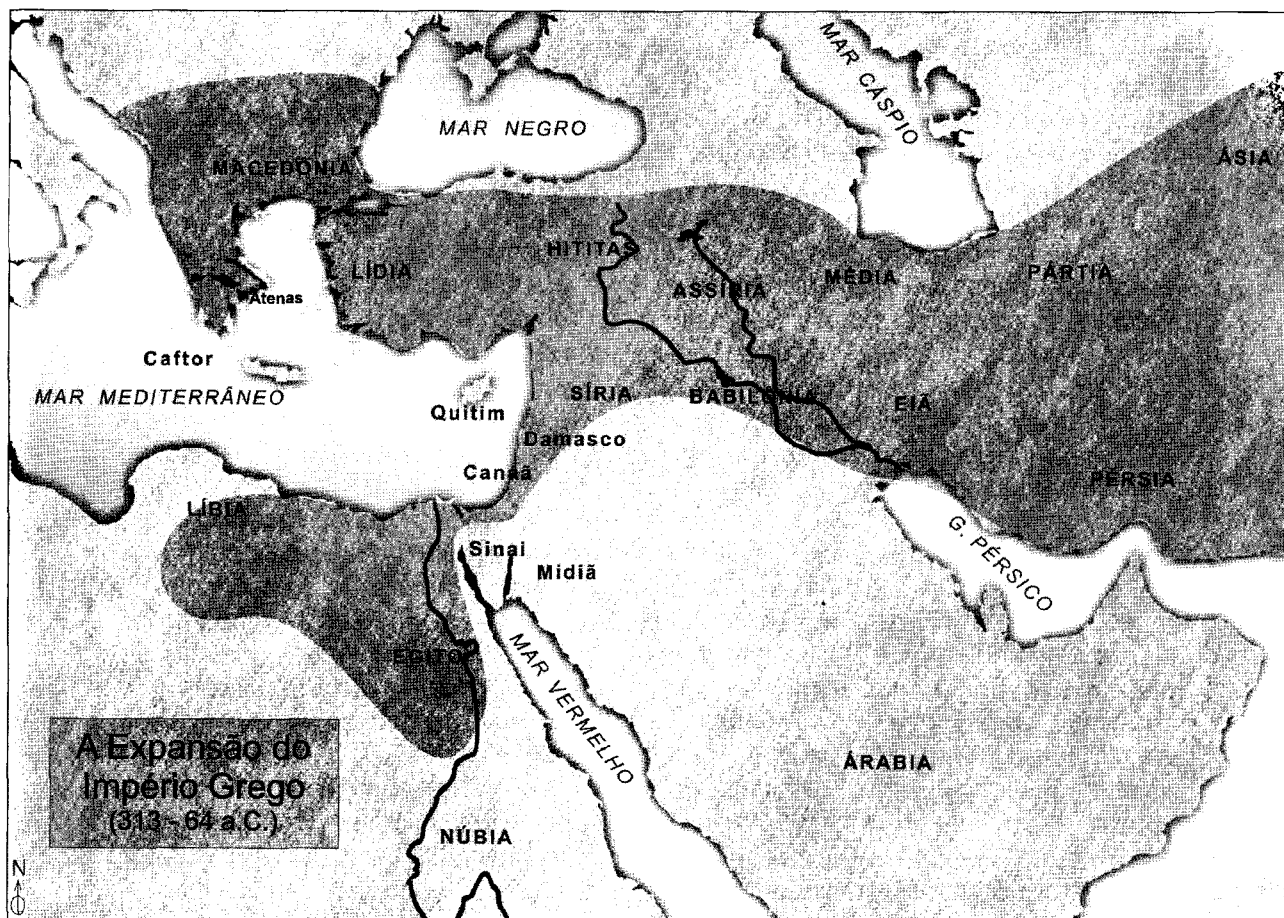
EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

E 4.08 Alexandre Magno nasceu em 256 a.C. e desfrutou de primorosa educação, tendo como preceptor o filósofo Pitágoras.

C 4.09 Aos vinte anos, Alexandre impôs aos gregos sua autoridade e, com um exército de 40 mil homens sob seu comando, enfrentou Dario, então com 800 mil soldados, ao invadir a Pérsia.

E 4.10 Em Babilônia, Alexandre Magno foi recebido com repulsiva hostilidade.

C 4.11 Apesar de todo o ímpeto alexandrino, o Império Grego não resistiu à morte de seu comandante e suas terras foram divididas, conforme registram as Escrituras em Daniel 11.4.

TEXTO 4

OS GREGOS E OS JUDEUS

De acordo com alguns historiadores, o contato de Alexandre Magno com os judeus foi rápido e emocionante. O cronista hebreu Flávio Josefo narra-nos este encontro:

> "Dario, tendo sabido da vitória obtida por Alexandre sobre seus generais, reuniu todas as forças, para marchar contra ele, antes que se tornasse Senhor de toda a Ásia; depois de ter passado o Eufrates e o monte Tauro, que está na Cilícia, resolveu dar-lhe combate. Quando Sanabaleth viu que ele se aproximava de Jerusalém, disse a Manassés que cumpriria sua promessa logo que Dario tivesse vencido Alexandre, pois ele, e todos os povos da Ásia estavam convictos de que os macedônios, sendo em tão pequeno número, não ousariam combater contra o formidável exército dos persas. *Mas os fatos mostraram o contrário. A batalha travou-se: Dario foi vencido com graves* perdas; sua mãe, sua mulher e seus filhos ficaram prisioneiros e ele foi obrigado a fugir para Pérsia. Alexandre, depois da vitória, chegou à Síria, tomou Damasco, apoderou-se de Sidom e sitiou Tiro. Durante o tempo em que ele esteve empenhado nessa

empresa, escreveu a Jaddo, Grão-Sacrificador dos judeus, pedindo-lhe três coisas: auxílio, comércio livre com seu exército e o mesmo auxílio, que ele dava a Dario, garantindo-lhe que se o fizesse, não teria de que se arrepender, por ter preferido sua amizade à dele. O Grão-Sacrificador respondeu-lhe que os judeus tinham prometido a Dario, com juramento, jamais tomar as armas contra ele e por isso não podiam fazê-lo, enquanto ele vivesse. Alexandre ficou tão irritado com esta resposta, que mandou dizer-lhes que logo que tivesse tomado Tiro, marcharia contra ele, com todo o seu exército, para ensinar-lhe, e a todos, a quem é que se devia guardar um juramento. Atacou Tiro com tanta força, que dela logo se apoderou; depois de ter regularizado todas as coisas, foi sitiar Gaza onde Bahémes governava em nome do Rei da Pérsia.

Voltemos, porém, a Sanabaleth. Enquanto Alexandre ainda estava ocupado do cerco de Tiro, ele julgou que o tempo era próprio para realizar seu intento. Assim, abandonou o partido de Dario e levou oito mil homens a Alexandre. O grande príncipe recebeu o muito bem; disse-lhe então ele que tinha um genro de nome Manassés, irmão do Grão-Sacrificador dos judeus, que vários daquela nação se tinham juntado a ele pelo afeto que ele lhes tinha e que ele desejava construir um templo perto de Samaria; que S. Majestade disso poderia tirar grande vantagem, porque assim dividiria as forças dos judeus e impediria que aquela nação pudesse se revoltar por inteiro e causar-lhe dificuldades, como seus antepassados tinham dado aos reis da Síria. Alexandre consentiu no seu pedido; mandou que se trabalhasse com incrível diligência na construção do templo e constituiu Manassés Grão-Sacrificador; Sanabaleth sentiu grande alegria por ter granjeado tão grande honra aos filhos que ele teria de sua filha. Morreu, depois de ter passado sete meses junto de Alexandre no cerco de Tiro e dois no de Gaza. Quando este ilustre conquistador tomou esta última cidade, avançou para Jerusalém e o Grão-Sacrificador Jaddo, que bem conhecia a sua cólera contra ele, vendo-se com todo o povo em tão grave perigo, recorreu a Deus, ordenou orações públicas para implorar o seu auxílio e ofereceu-lhe sacrifícios. Deus apareceu-lhe em sonhos na noite seguinte e disse-lhe para espalhar flores pela cidade, mandar abrir todas as portas e ir revestido de seus hábitos pontificais, com todos os sacrificadores, também assim revestidos e todos os demais, vestidos de branco, ao encontro de Alexandre, sem nada temer do soberano, por que ele os protegeria.

Jaddo comunicou com grande alegria a todo o povo a revelação que tivera e todos se prepararam para esperar a vinda do rei. Quando se soube que ele já estava perto, o Grão-Sacrificador, acompanhado pelos outros sacrificadores e por todo o povo, foi ao seu encontro, com essa pompa tão santa e tão diferente da das outras nações, até o lugar denominado Sapha, que, em grego, significa mirante, porque de lá se podem ver a cidade de Jerusalém e o templo. Os fenícios e os caldeus, que estavam no exército de Alexandre, não duvidaram de que na cólera em que ele se achava contra os judeus ele lhes permitiria saquear Jerusalém e daria um castigo exemplar ao Grão-Sacrificador. Mas aconteceu justamente o contrário, pois o soberano apenas viu aquela grande multidão de homens vestidos de branco, os sacrificadores revestidos com seus paramentos de linho e o Grão-Sacrificador, com seu éfode, de cor azul, adornado de ouro, e a tiara sobre a cabeça, com uma lâmina de ouro sobre a qual estava escrito o nome de Deus, aproximou-se sozinho dele, adorou aquele augusto nome e saudou o Grão-Sacrificador, ao qual ninguém ainda havia saudado. Então os judeus reuniram-se em redor de Alexandre e elevaram a voz, para desejar-lhe toda sorte de felicidade e de prosperidade. Mas os reis da Síria e os outros grandes, que o acompanhavam, ficaram surpresos, de tal espanto que julgaram que ele tinha perdido o juízo. Parmênio, que gozava de grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo o mundo, adorava o Grão-Sacrificador dos judeus. Não é a ele, respondeu Alexandre, ao Grão-

> -Sacrificador, que eu adoro, mas é a Deus de quem ele é ministro. Pois quando eu ainda estava na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, ele me apareceu em sonhos com esses mesmos hábitos e me exortou a nada temer; disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu-me que ele estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis por que, jamais tendo visto antes a ninguém revestido de trajes semelhantes aos com que ele me apareceu em sonho, não posso duvidar de que foi por ordem de Deus que empreendi esta guerra e assim vencerei a Dario, destruirei o império dos persas e todas as coisas suceder-me-ão segundo meus desejos.
>
> Alexandre, depois de ter assim respondido a Parmênio, abraçou o Grão-Sacrificador e os outros sacrificadores, caminhou depois no meio deles até Jerusalém, subiu ao templo, ofereceu sacrifícios a Deus da maneira como o Grão-Sacrificador lhe dissera que devia fazer. O soberano Pontífice mostrou-lhe em seguida o livro de Daniel no qual estava escrito que um príncipe grego destruiria o império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era ele de quem a profecia fazia menção.
>
> Alexandre ficou muito contente; no dia seguinte, mandou reunir o povo e ordenou-lhe que dissesse que favores desejava receber dele. O Grão-Sacrificador respondeu-lhe que eles lhe suplicavam permitir-lhes viver segundo suas leis, e as leis de seus antepassados e isentá-los, no sétimo ano, do tributo que lhe pagariam durante os outros. Ele concedeu-lho. Tendo-lhe, porém, eles pedido que os judeus que moravam na Babilônia e na Média, gozassem dos mesmos favores, ele o prometeu com grande bondade e disse que se alguém desejasse servir em seus exércitos ele o permitiria viver segundo sua religião e observar todos os seus costumes. Vários então alistaram-se..".

Como vimos na Lição anterior, após a morte de Alexandre Magno, o Império Grego foi repartido entre os generais Cassandro, Lísimaco, Ptolomeu e Selêuco. Ambiciosos, autocoroaram-se e trataram logo de solidificar seus reinos. Os interesses muitas vezes entrechocavam-se, ocasionando escaramuças e guerras. Tais reinos subsistiriam até a ascensão do Império Romano (Dn 11.4).

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 4.12 O contato de Alexandre Magno com os judeus foi prolongado e marcado por grande rivalidade, de acordo com alguns historiadores.

___ 4.13 O cronista Flávio Josefo relata que Alexandre Magno escreveu a Jaddo, Grão-Sacrificador judeu, para pedir-lhe auxílio, comércio livre e o mesmo favor que dava a Dario, da Pérsia, recebendo, porém, uma resposta negativa.

___ 4.14 Após a morte de Alexandre, o Império foi dividido entre os generais: Cassandro, Lísimaco, Ptolomeu e Selêuco.

TEXTO 5

OS PTOLOMEUS E OS SELÊUCIDAS

Os ptolomeus

Sob a égide dos ptolomeus, o Egito experimentou um grande progresso. Sua poderosa e ágil marinha o transformou no mais poderoso reino grego. Apesar da política agressiva da Síria, conseguiu manter sua supremacia até o século II a.C. Quando da ascensão da dinastia ptolomaica, havia na florescente Alexandria uma grande colônia judaica. Para se saber o quanto era importante a cidade, basta ler um pequeno verso de Konstantinos Kaváfis: "A cidade que é mestra, a pan-helênica cimeira, em qualquer arte ou ciência a mais sábia, a primeira.".

Os ptolomeus permitiram aos dispersos de Judá o cultivo de suas tradições e a adoração a Jeová. Filadelfo chegou a encomendar aos eruditos hebreus a tradução do AT para a língua helena. A versão, composta em primoroso e escorreito grego, é conhecida como Septuaginta. Em Alexandria os judeus foram ainda autorizados a construir um templo para magnificar o Deus de Israel.

Ventos de destruição e morte, entretanto, acabariam com aqueles remansos. Tudo aconteceu nos meados do século III a.C. com a ascensão de Ptolomeu IV. Conhecido também como Filopátor, este rei desencadeou uma campanha militar de grande envergadura contra Antíoco, o Grande, com o objetivo de reconquistar a Palestina.

Depois de haver derrotado os sírios, entrou ele triunfalmente em Jerusalém. Não satisfeito com o sucesso e com a recepção, pôs-se a urdir um sacrilégio: violar o Santo Templo. Descobrindo seu intento, os judeus postaram-se à porta da Casa do Senhor e, com incontido fervor, começaram a gritar e a protestar contra a pretendida intrusão.

Severamente pressionado, Filopátor se conteve e não adentrou o santuário. Todavia, a partir daquele momento, passou a devotar incontrolável ódio pelo povo de Israel. De volta ao Egito, começou a perseguir os judeus. A partir daí, o reino ptolomaico passou a perder a sua importância. O cenário político do Oriente Médio seria, doravante, dominado pela Síria.

Os selêucidas

A Síria experimentou invejável prosperidade sob o reinado dos selêucidas. Com um formidável exército, interpôs-se às intenções imperialistas dos ptolomeus. No período intertestamental, era a potência que desenhava e redesenhava os mapas e demarcava as fronteiras do Médio Oriente. Porém, devido à pretensão de helenizar a Judeia, sofreria grande oposição por parte dos judeus.

O império selêucida é assim chamado em homenagem a Seleuco, seu fundador. Os três primeiros monarcas selêucidas mantiveram trato amigável com os judeus. Apesar de suas intenções hegemônicas, Antíoco III foi aclamado como libertador pelos filhos de Israel. Quanto aos seus eventuais ímpetos expansionistas seriam devida e energicamente refreados por Roma.

Antíoco III é substituído por seu filho, Antíoco Epífanes que movido por um ódio que beirava a loucura, perseguiria os judeus violentamente. Qual o motivo de sua desafeição? Segundo Flávio Josefo, ele foi induzido a agir de forma insana ao ver frustrado o seu plano de helenizar a Judeia. Contumaz e já à beira do delírio, entrou, em 169 a.C., na cidade de Jerusalém, e profanou o Santo Templo. No lugar santíssimo, sacrificou uma porca. Desprezou o Deus de Israel e enalteceu os ídolos gregos.

Inconformados, os judeus, sob a liderança dos Macabeus, se rebelaram e humilharam o agressor em 167 a.C.. A revolta macabeia é uma das mais belas páginas da história da nação judaica.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

4.15 Os ptolomeus assentiram que os dispersos de Judá instalados em suas terras cultivassem suas próprias tradições e adoração a Jeová. Filadelfo chegou a encomendar aos hebreus

___a) uma cópia da Torá.
_X_b) a tradução do AT para a língua helena.
___c) uma réplica da Arca da Aliança.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

4.16 Em meados do século III a.C., um período de grandes batalhas entre ptolomeus e selêucidas se desencadeou com a finalidade de conquistar a Palestina, sob o comando de

_X_a) Ptolomeu IV, conhecido também como Filopátor.
___b) Ptolomeu I, conhecido como o Grande.
___c) Ptolomeu III, conhecido como Heleno.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

4.17 Um desmedido ódio pelo povo judeu passou a ser devotado pelo comandante ptolomeu, quando, ao entrar triunfalmente em Jerusalém, foi impedido de

_X_a) violar o Santo Templo.
___b) oferecer sacrifícios aos seus deuses.
___c) casar com uma princesa hebreia.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 6

O IMPÉRIO ROMANO

A história de Roma

Enquanto Alexandre Magno conquistava o Oriente e esmagava o até então invencível Império Persa, uma aldeia se fazia povoado e, já ganhando ares de cidade e contornos de país, passou a incomodar seus mais poderosos vizinhos. Diz a lenda que essa aldeia foi fundada por Rômulo e Remo. Segundo Virgílio, os seus habitantes descendiam dos valentes troianos que haviam enfrentado os gregos na guerra que a cobiça de Páris provocara. Com a destruição de Troia, um passado que só a poesia testemunha, Enéias decidiu andejar até o Ocidente. Já no Latiun, que serviria de berço para seus filhos, sepultou o corpo do pai, dando início à pátria dos romanos.

De humilde e desprezível começo, Roma foi ampliando suas fronteiras e estendendo sua influência. No século III a.C., já é senhora de toda a península itálica.

O povo romano é o resultado do caldeamento de vários grupos étnicos. Os indo-europeus, por exemplo, foram, em sucessivas levas, fixando-se no território, ora miscigenando-se aos etruscos, ora aparentando-se com os gregos, ora aliançando-se com os gauleses. Desse cadinho racial, ao contrário do que diz a mitologia, surgiu o homem romano que, consciente do papel que teria a desempenhar no concerto das nações, levou seu povo a se expandir além do Eufrates.

Durante a Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), os romanos venceram os cartagineses e se apossaram das ilhas sicilianas. Já fortalecidos e fazendo-se temerosos, anexaram a Córsega e a Sardenha, e derrotaram os gauleses no Vale do Pó.

Nas duas últimas guerras púnicas, Roma derrotou o brilhante general cartaginês, Aníbal, pondo termo à incômoda e até então exclusiva grandeza de Cartago. Netta Kemp de Money explica as consequências desses primeiros sucessos romanos: "Estas guerras lançaram as sementes da conquista da bacia oriental, posto que Filipe V da Macedônia havia ajudado a Aníbal; e Antíoco, o Grande, da Síria, lhe havia concedido asilo depois de sua derrota. Filipe foi vencido e os esforços de seu filho Perseu, para vingar a derrota, fracassaram. Diante desta demonstração de poder de Roma, quase todos os príncipes do Oriente optaram por reconhecer sua supremacia e aliar-se com a potência superior. Antíoco, o Grande, havia sonhado com a conquista da Grécia, porém, foi vencido pelos romanos na batalha de Magnésia, e a seu neto, Antíoco Epífanes, que se havia proposto agregar o Egito e seus domínios, bastou uma repressão de Roma para que desistisse. Houve uma ou outra escaramuça depois dos meados do século segundo antes de Cristo, porém, desde aquela época, todo o mundo teve de reconhecer a supremacia da república romana.".

A geografia de Roma

É difícil traçar os limites do Império Romano. Dilatadíssimo, mantinha incontáveis províncias na Europa, Ásia e África. Foi o mais poderoso reino da Terra. Sua presença era sentida em todas as partes do globo terrestre.

Nos tempos de sua maior extensão territorial, informa John Davis, o Império Romano media 3.000 milhas de este a oeste, e 2.000 de norte a sul, com uma população de 120 milhões de habitantes.

O legado de Roma

Os romanos foram chamados para civilizar o mundo. Desta vocação, não podiam fugir como bem o demonstrara Virgílio: "Tu, ó romano, lembra-te de reger os povos sob o teu governo. Serão estas as tuas artes: impor um regime de paz, poupar os vencidos e sujeitar os soberbos.".

Enquanto os gregos legaram a base da sociedade ocidental, os romanos deixaram toda a sua estrutura. Se os gregos ensinaram a pensar, os romanos nos forçaram a agir. Se com a Grécia fomos induzidos a contemplar o mundo, com Roma fomos constrangidos a ordenar juridicamente a sociedade, a nação e as relações entre os povos. Os romanos nos transmitiram, como herança, um colossal monumento jurídico que foi sendo esculpido através de sua experiência privada e pública.

Além da base legal para a sociedade, os romanos deixaram ainda os princípios da administração pública, a engenharia diversificada e prática, o exercício da política exterior fundada no pragmatismo, a disciplina das forças armadas e a urbanização das cidades.

A implacabilidade do gênio romano

Não obstante tão inestimáveis legados, não podemos esquecer dos crimes e barbáries praticados pelos romanos que em nada diferiam dos babilônios. Apesar do ouro que os tipificava, não passavam de um indomável leão. Em nada os romanos eram diferentes dos persas que, embora simbolizados pela prata, eram na verdade um urso faminto. Em nada eram diferentes dos gregos que, não obstante o bronze que representavam, eram aquele leopardo que, veloz e impiedosamente, estraçalhava suas presas. Roma não era diferente: tinha o orgulho de Babilônia e a voracidade da Pérsia, e exibia a avidez por conquista da Grécia. Ajunte-se tudo isso ao gênio romano, e temos um terrível e espantoso animal (Dn 7.1-7).

Não se trata de exagero. Vejamos o insuspeito testemunho de um ilustre historiador romano a respeito da truculência romana. Escreve Tácito em sua VIDA DE AGRÍCOLA: "Os romanos rapinadores da Terra, depois que devastaram tudo e não sobraram mais terras, já perscrutam o mar também; avarentos, se o inimigo é rico, arrogantes, se é pobre; nem o Oriente nem o Ocidente os terá saciado; sós entre todos os mortais, cobiçam com amor igual as riquezas e a pobreza. Arrancar, trucidar, raptar chamam, com falso nome, império, e onde fazem o deserto, paz.".

Foi com esse povo implacável que os filhos de Israel começaram a lidar a partir de 63 a.C..

Roma chega a Jerusalém

Ao entrar em Jerusalém, no ano 63 a.C., o general romano Pompeu se deparou com uma Judeia já bastante enfraquecida em consequência de disputas internas. Depois de um brilhante e glorioso começo, a família macabeia, esquecendo-se do exemplo de Judas e de Simão, passou a fazer manobras escusas para se manter no poder. Todavia, por causa de sua política que já não levava em conta o bem comum e a preservação da religião do AT, a dinastia hasmoneana, como também eram conhecidos os descendentes dos Macabeus, caiu nas garras de uma ambiciosa e malvada família idumeia, de onde viria um voraz e fero governante – Herodes, o Grande.

Pompeu encontrava-se no Oriente Médio para conter o expansionismo de Mitrídates, rei do Ponto, que, sonhando construir um grande império, tencionava conquistar a Ásia Menor e a Palestina e, assim, minar a posição romana nessa área tão estratégica. Preocupada, Roma entregou a Pompeu

a missão de conter Mitrídates, mas o que o bravo e nobre romano não sabia era que, além desta, uma tarefa bem mais árdua e significativa o esperava.

Grande estrategista, Pompeu venceu o rei Mitrídates que, para salvar o que lhe sobrara do exército, refugiou-se na Armênia, onde reorganizou e tentou tomar a Síria. Por seu turno, o general romano não se dá por rogado; mais intervém uma vez e infringe ao rei do Ponto uma derrota irrecorrível.

Satisfeita com o desempenho de seu brilhante capitão, Roma designou Pompeu para governador das províncias da Ásia. Foi nesse posto que ele recebeu Aristóbulo e Alexandre. Disputando ferrenhamente o trono da Judeia, ambos submetem-se-lhe à arbitragem de Pompeu. Porém, os judeus, porém, não querem ser governados nem por Aristóbulo nem por Alexandre. Se o primeiro era ruim, o segundo não era bom. Que decisão tomar?

Como desejasse impor aos judeus um rei títere, Pompeu optou pelo partido que se mostrava mais suscetível às manobras de Roma. A escolha recaiu sobre Hircano, cujo caráter era débil e a vontade inexistente. A decisão de Pompeu desagradou profundamente Aristóbulo, que, revoltado, passou a arquitetar planos de vingança.

Respaldado por Roma, Hircano assumiu o poder e introduziu o exército romano em Jerusalém. Aristóbulo encerrou-se no Santo Templo com 12 mil partidários, recusando sair; buscou se apoderar do maior símbolo da religião judaica. Roma, porém, não poderia tolerar semelhante insubordinação. Após examinar detidamente a questão, Pompeu decidiu tomar o santuário.

A luta estendeu-se por todo o recinto. Os mortos se multiplicavam, trazendo ignomínia à Casa de Deus. Já sem esperanças, Aristóbulo conseguiu fugir. Mas os homens de seu exército foram implacavelmente aniquilados. O general romano, então, adentrou o Templo; dominou os últimos resistentes e violou o lugar mais sagrado do Templo – o Santo dos santos. Esperava, talvez, deparar--se com segredos etéreos e célicos mistérios. Contemplou, porém, um singelo altar, cuja glória residia no nome do Santo de Israel e não naqueles símbolos já tão desgastados pelas iniquidades dos filhos de Jacó.

A partir daí, a Judeia tornou-se província romana, sendo obrigada a se sujeitar aos mais absurdos caprichos dos novos senhores, haja vista o que houve durante o primeiro triunvirato. Crasso, para exibir seus méritos militares, declarou guerra aos partos e, para financiar tão arrojada campanha, confiscou dez mil talentos de ouro dos tesouros do Santo Templo. Apesar de fabulosa soma, não é bem-sucedido. Perdeu a guerra e a vida.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

C 4.18 Roma passou a ampliar suas fronteiras e estender sua influência, não obstante o começo humilde. Em III a.C., toda a península itálica já estava sob o seu poder.

C 4.19 Contrariando a mitologia, é fato que o povo romano é o resultado de vários grupos étnicos, como os indo-europeus, etruscos, gregos e gauleses.

___ 4.20 Segundo John Davis, nos tempos de sua maior extensão territorial, o Império Romano alcançou a marca de 120 milhões de habitantes.

___ 4.21 De acordo com o Texto, com os gregos o mundo aprendeu a pensar e com os romanos, a agir; com a Grécia, induzido à contemplação e com Roma, constrangido a ordenar juridicamente a sociedade.

___ 4.22 Diferentemente do orgulho do Império Babilônico, da voracidade do Persa e da avidez por conquista do Grego, o Império Romano apresenta-se dócil e conciliador, conforme Daniel 7.1-7.

___ 4.23 O embate empreendido por Roma em Jerusalém teve como clímax a tomada do Santo Templo por Aristóbulo e 12 mil partidários, multiplicando-se os mortos e a ignomínia na Casa de Deus.

TEXTO 7

A ASCENSÃO DE HERODES – O GRANDE

De manobra em manobra, Herodes, o Grande, conseguiu dos romanos o governo e o trono da Judeia. A carreira desse idumeu teve início quando ele tinha apenas 15 anos. Cruel e sanguinário, não tolerava que sua autoridade fosse questionada; prendia, desterrava, matava.

Tão maquiavélico era Herodes que, fácil e rapidamente, ganhou a confiança dos mandatários de Roma. Nas situações mais adversas, mostrava habilidade e astúcia. Sua administração evidenciava grande competência. Quanto ao seu trono, ai de quem lhe ameaçasse! Não hesitou em assassinar os próprios filhos e já no final da vida, mandou executar sua esposa, Mariana, a última representante dos outrora nobres macabeus.

Em 37 a.C., o trono da Judeia já era todo seu! Um de seus últimos desatinos foi a matança dos inocentes de Belém. Sua intenção era destruir a vida do infante Jesus. Dizem que os historiadores da época deixaram de registrar o infanticídio de Belém, pois era pouco representativo diante dos outros crimes de Herodes.

Depois de tantas sandices, o perverso idumeu morreu em meio a atrozes sofrimentos; teve suas entranhas consumidas por vermes.

No campo administrativo, uma de suas maiores obras foi a ampliação e o embelezamento do Templo de Jerusalém. Embora os judeus jamais conseguissem esquecer de suas barbáries e selvagerias. Certa vez o imperador Augusto afirmou preferir ser o porco de Herodes a ser um de seus filhos.

O governador Pilatos

Das autoridades romanas enviadas à Judeia, destacaremos apenas duas. Uma, responsável pela morte de Jesus, e a outra, pela destruição de Jerusalém, respectivamente, Pôncio Pilatos e o general Tito (no próximo texto).

Pôncio Pilatos assumiu o governo da Judeia no ano 26 d.C. Nomeado por Tibério, sua administração foi tumultuada e cheia de agitações. O historiador e filósofo hebreu, Filo, escrevendo sobre o quinto governador romano da Judeia, taxa-o de rígido e teimosamente severo, de disposição sempre pronta a insultar os outros; era ainda excessivamente iracundo. O mesmo cronista refere-se também aos subornos, ultrajes, brutalidades e assassinatos cometidos pelo representante de Roma. Pertencente à ordem equestre, ou à classe média superior romana, Pilatos dispunha de amplos poderes na Judeia. Seu aparato militar era tão formidável quanto o seu poder tirânico: tinha autoridade para prender, matar e suspender qualquer pena capital. As vestes sacerdotais ficavam sob sua custódia e só as entregava ao sumo sacerdote por ocasião dos festivais.

Pilatos era inescrupuloso! Certa ocasião mandou trazer a Jerusalém os pendões e estandartes romanos com a figura do imperador. Não suportando tamanha afronta, os israelitas começaram a gritar e a protestar até que as imagens foram retiradas da Cidade Santa. Lento para entender os costumes judaicos. Em uma ocasião confiscou dinheiro do templo para construir um aqueduto em Jerusalém. Os protestos gerados por esse arbítrio foram também violentos, contribuindo para comprometer sua administração.

A perversidade de Pilatos, contudo, escondia um caráter fraco e uma vontade débil. Estava mais interessado em agradar o imperador do que pautar pela justiça e pela verdade. Daí a sua pergunta ao Senhor Jesus: "O que é a verdade?" Quão ambígua foi a sua atitude quando do julgamento do Filho de Deus. Buscando adular os líderes judaicos, consentiu na morte do Salvador, consciente que Jesus era inocente.

Depois de muitas desventuras e já pressionado pelo imperador Gaio, Pilatos viu-se forçado ao suicídio. Segundo uma lenda, no inferno está a lavar as mãos continuamente, mas não consegue se livrar do carmesim do sangue do Cordeiro.

O início das angústias de Israel

Ao rejeitar Cristo como o Messias de Israel, os judeus disseram: *"Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos!"* (Mt 27.25). Tão duras palavras foram pronunciadas diante de Pôncio Pilatos que, pelo menos na aparência, pretendia indultar o Senhor Jesus, aproveitando-se da anistia que era concedida por ocasião da Páscoa. Todavia, os judeus optaram pela libertação do homicida Barrabás, entregando o Senhor à morte.

Com essa escolha, os filhos de Abraão escreveriam o mais triste e trágico capítulo de sua história. O sangue do Nazareno cairia sobre eles, culminando com a destruição de Jerusalém e do Santo Templo no ano 70 de nossa era.

Nessa época, o Cristianismo já havia alcançado os mais longínquos rincões do Império Romano. A religião do Nazareno já havia conquistado considerável terreno, inclusive, na orgulhosa e sanguinária Roma.

Na Judeia, enquanto isso, os israelitas eram obrigados a suportar toda sorte de arbitrariedade dos romanos. O governador Gesius Florus, por exemplo, assumiu o poder com o espírito eivado de preconceitos contra as coisas judaicas. O carrasco, como era conhecido, quebrantou as leis mosaicas e desrespeitou, acintosa e publicamente, as mais caras tradições do povo de Israel. Para esse procurador, os hebreus não passavam de um bando de fanáticos e desequilibrados.

Em Cesareia, os gregos, vendo a forma como Florus tratava os judeus, puseram-se a persegui-los com redobrado fervor. Os israelitas não podiam sequer adorar a Deus. Em frente às sinagogas, os gregos, apesar de também estarem dispersos, promoviam tumultos, impedindo a realização dos ofícios.

Uma delegação judaica chegou a ser enviada a Gesius Florus para lhe pedir proteção. O governador romano, porém, ordenou a matança dos judeus.

A notícia da aflição dos israelitas de Cesareia chegou a Jerusalém, causando profunda comoção. Os zelotes entraram em ação, iniciando guerrilhas contra as forças romanas. A situação deteriorou-se quando Florus exigiu 17 talentos de ouro que se encontravam no Templo. A partir daí, o conflito alastrou.

O governador da Síria, Céstius Gallus, foi a Jerusalém para investigar as causas do levante. Sua presença, todavia, provocou um profundo mal-estar e acolitado pelo poderoso exército romano, foi obrigado a bater em retirada. Envergonhado, refugiou-se em território sírio.

Início da guerra dos judeus

Entusiasmados com as primeiras vitórias, os nacionalistas judeus prepararam-se para novos combates. Inicialmente, apenas os pobres compunham os quadros da resistência. Todavia, embalados por esses sucessos, os ricos e nobres passaram a atacar, com igual ímpeto, os exércitos romanos. O historiador Flávio Josefo, de origem aristocrática, encontrava-se entre os combatentes. Com o desenrolar dos combates, porém, bandeou-se para o inimigo.

O imperador Nero foi notificado do levante na Judeia quando se encontrava na Grécia assistindo aos jogos olímpicos e participando de suas irrefreadas festas. Para sufocar a rebelião, enviou à Palestina um de seus mais competentes militares – Vespasiano. Estrategista de incomparável grandeza, o general começou a assolar os revoltosos cidade após cidade. Quando se preparava para sitiar Jerusalém, foi chamado às pressas à capital do império para suceder o imperador Nero.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

4.24 Proveniente da Idumeia, Herodes, o Grande, que assenhoreou-se do trono e do governo da Judeia, iniciou sua carreira com a idade de

_X_a) 15 anos. ___b) 23 anos. ___c) 33 anos. ___d) 30 anos.

4.25 Entre inúmeros desatinos, Herodes decretou a matança dos inocentes em Belém. Seu intento era particularmente a morte de um infante, a saber:

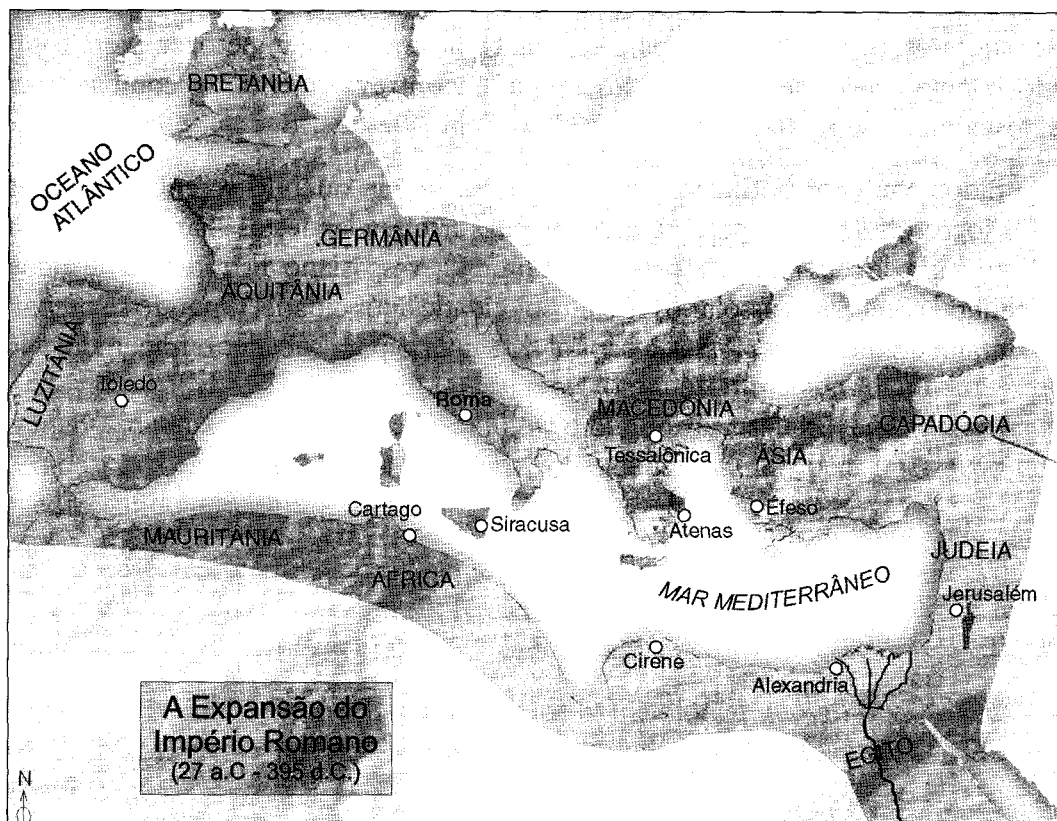
___a) seu herdeiro Herodes Antipas.
_X_b) Jesus Cristo.
___c) João Batista.
___d) Barrabás.

4.26 A marca da administração da Judeia por Herodes foi em relação ao Templo de Jerusalém, por meio de

___a) sua destruição.
___b) proibir a entrada dos judeus.
_X_c) sua ampliação e embelezamento.
___d) de seu fechamento.

4.27 Pilatos e Tito são autoridades romanas que na Judeia foram responsáveis pelos seguintes fatos, respectivamente:

_X_a) morte de Cristo e destruição de Jerusalém.
___b) morte de Cristo e reconstrução de Jerusalém.
___c) ressurreição de Cristo e destruição de Jerusalém.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

A Expansão do Império Romano (27 a.C - 395 d.C.)

TEXTO 8

TITO E O FIM DO IMPÉRIO ROMANO

Vespasiano entregou ao seu filho Tito, a tarefa de sitiar e tomar a Cidade Santa. Com a mesma determinação do pai, o general lançou-se sobre Jerusalém, no ano 70 da nossa era.

O historiador israelita Simon Dubnow narra-nos, com vivas cores, como a mais amada das cidades judaicas foi destruída:

> "A fome se alastrava cada vez mais por Jerusalém; os cereais armazenados já se haviam esgotado há muito tempo; os ricos entregavam suas propriedades e os pobres seus últimos pertences em troca de um pedaço de pão. Histórias terríveis se gravaram na memória do povo a respeito dos acontecimentos daqueles dias. Martha, a abastada viúva do sumo sacerdote Jesus Ben Gamaliel, em cuja passagem, quando se dirigia ao Templo, se estendiam, outrora, preciosos tapetes, se via agora na contingência de aliviar sua fome com restos recolhidos nas ruas; outra mulher rica, levada pela fome, degolou o próprio filhinho para comê-lo. As ruas estavam repletas de cadáveres e de gente desfalecida, e não havia tempo para enterrar os mortos. Os cadáveres espalhados por toda a parte empestavam o ar. A fome, a epidemia e as setas do inimigo provocaram a ruína nas fileiras dos defensores; mas os que ainda resistiam não perdiam as esperanças. Este heroísmo e pertinácia do povo assombrou até os heróicos romanos. Finalmente, eles dirigiram suas máquinas de assédio contra as fortificações do Templo.
>
> Quando os romanos tomaram a Torre Antônia, descobriram repentinamente espessas muralhas que circundavam o Templo, e, como fosse impossível derrubá-las, Tito ordenou que se incendiassem os portões exteriores, dos quais partia uma série de colunas que chegavam até o próprio Templo; os guerreiros judeus lutaram como leões, e cada passo para o Templo custava ao inimigo rios de sangue.
>
> De repente, um soldado romano agarrou um lenho ardente e lançou-o ao interior do Templo, através de uma janela. As portas de madeira das salas do Templo se inflamaram e logo todo o Templo se achava envolto em chamas. Tito, que se dirigiu imediatamente para o lugar atingido, proferiu aos soldados, em altas vozes, a ordem de sufocar o incêndio e salvar o esplêndido edifício. Mas devido ao estrépido ensurdecedor das construções que caíam, aos gritos desesperados dos sitiados e ao ruído das armas, tornou-se impossível perceber a voz do chefe. Os enfurecidos romanos lançaram-se sobre as câmaras não afetadas ainda pelo fogo, com o fim de roubar os tesouros ali acumulados, mas somente puderam penetrar pisando os cadáveres dos guerreiros judeus, que lhes opunham uma grande resistência no meio das labaredas. Então, os vencedores deram livre expansão à sua cólera. Velhos, mulheres e crianças foram assassinados sem compaixão; muitos hebreus encontraram a morte nas chamas, às quais se precipitaram valentemente. O Templo, orgulho da Judeia, transformou-se em um monte de escombros, sendo destruído na mesma data (nove e dez de Aw) em que fora destroçado antigamente o primeiro templo por Nabucodonosor. Dos objetos contidos no Templo, só permaneceram intactos o candelabro, a mesa sagrada e um rolo da Torá. Tito ordenou levá-los e conservá-los como lembrança de seu triunfo.

> Com a ruína de Jerusalém, desmembrou-se por completo o Estado Judeu. Esta luta tão singular na história, luta entre um Estado minúsculo e o Império mais poderoso do mundo, absorveu uma infinidade de vítimas e cerca de um milhão de judeus pereceu na guerra com os romanos (66-70) e uns cem mil foram feitos prisioneiros. Desses cativos, alguns foram mortos, outros enviados a trabalhos forçados ou vendidos como escravos nos mercados da Ásia e África; mas os mais fortes e belos ficaram para lutar com feras nos circos romanos e acompanhar Tito em sua solene entrada em Roma. Sempre que Tito celebrava o aniversário de seu pai e de seu irmão, organizava jogos militares e lutas de gladiadores, nos quais se arrojavam muitos judeus às feras do circo, para que os destroçassem, divertindo o público.".

Para comemorar a vitória de seus exércitos, o imperador Vespasiano ordenou a cunhagem de moedas especiais que estampavam uma mulher acorrentada e a seguinte expressão: "Judeia cativa, Judeia vencida.".

Poucos anos após a queda de Jerusalém, judeus e romanos voltariam a se enfrentar. O indescritível combate foi travado em Massada. Mostrando mais uma vez sua audácia e coragem, a resistência judaica preferiu se autodestruir a entregar-se ao opressor. A partir de então, os imperadores romanos começaram a lotear toda a Judeia; os terrenos não vendidos eram doados aos amigos do império.

O Império Romano e os cristãos

Em virtude de não possuir um forte caráter proselitista, o Judaísmo era tolerado em todo o Império Romano. A religião mosaica limitava-se aos seus fiéis e raros eram os seus prosélitos. Por isso, as autoridades permitiam o funcionamento de sinagogas e escolas hebraicas. Em relação ao Cristianismo, porém, não haveria a mesma tolerância devido ao seu espírito missionário. Eis por que a religião do Nazareno foi, desde o seu nascedouro, implacavelmente perseguida. O governo romano a via como gravíssima ameaça às suas instituições.

Mas o que desconhecia o Império Romano era que o campo de batalha do Evangelho achava-se no plano espiritual e não na arena política; e que, se os cristãos pregavam o Evangelho era porque haviam recebido de seu Senhor expressas ordens. Antes de sua ascensão, ordenara Jesus aos seus apóstolos: "*Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século*" (Mt 28.18-20). Nos momentos que antecederam sua ascensão, o Ressuscitado fez mais esta recomendação aos seus: "*mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra*" (At 1.8). A partir deste momento glorioso e memorável, inicia-se uma luta mortal entre o Reino de Deus e o principado das trevas.

Quantas foram as perseguições dos imperadores romanos em relação aos cristãos? Nada porém, conseguiria barrar o magnífico e sacrificial avanço da Igreja. O número de mártires aumentava dia após dia. As arenas eram juncadas de corpos dos santos; o Coliseu se ensanguentava. Nada, entretanto, detinha o Evangelho que, de glória em glória, mostrava o seu poder inexpugnável.

Hegesipo, escritor do século II, narra-nos como o perverso e sanguinário Nero tratou os cristãos, acusando-os de haverem incendiado Roma: "Alguns foram vestidos com peles de animais ferozes, e perseguidos pelos cães até serem mortos, outros foram crucificados; outros envolvidos em panos alcatroados, e depois incendiados ao pôr-do-sol, para que pudessem servir de luzes para iluminar a cidade durante a noite. Nero cedia os seus próprios jardins para essas execuções e apresentava, ao mesmo tempo, alguns jogos de circo, presenciando toda a cena vestido de carreiro, indo umas vezes a pé no meio da multidão, outras vendo o espetáculo do seu carro."

Sob o governo de Nero, que mandou incendiar a capital de seu império e, covardemente culpou os cristãos, pereceu o apóstolo Paulo. Nero foi o primeiro imperador romano a perseguir os cristãos.

Os servos de Cristo foram perseguidos pelo Império Romano por quase 300 anos. Todavia, com o próprio sangue, demonstraram a irresistível força profética da declaração que o Senhor Jesus fizera em Cesareia: As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja.

O fim do Império Romano

Depois de séculos de sanguinolência, devassidão e tirania férrea, chegou ao fim o Império Romano. A soberba e a permissividade haviam tirado do povo romano a fibra de seus antepassados e a coragem de seus patriarcas. Enquanto isso, os inimigos angariados por Roma se fortaleciam e se preparavam-se para deitá-la por terra. Em 476 d.C., os bárbaros invadiram Roma, fazendo desaparecer, assim, o mais extenso e poderoso dos reinos humanos!

No entanto, segundo profetizara Daniel, o Império Romano ressurgirá com grande poder no tempo do fim para dar suporte político e religioso à Besta e ao Falso Profeta. Sua duração, porém, será efêmera. É prerrogativa do Rei dos reis e Senhor dos senhores destruir o Império Romano definitivamente.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

4.28 Segundo o historiador israelita Simon Dubnow, "... a ruína de Jerusalém desmembrou por completo

___a) o templo de Jerusalém.".

___b) o ritual de sacrifícios ao Senhor.".

_X_c) o Estado Judeu.".

___d) Nenhuma das alternativas está correta.

4.29 O imperador romano Vespasiano mandou cunhar moedas especiais com a expressão:

___a) "Roma vem, Roma vence".

___b) "Roma ativa, Judeia cativa".

_X_c) "Judeia cativa, Judeia vencida".

___d) Nenhuma das alternativas está correta.

4.30 Alguns anos depois da invasão de Jerusalém pelo general Tito, judeus e romanos se enfrentariam novamente, desta vez em Massada, quando a resistência judaica decidiu por

___a) render-se ao opressor.
___b) autodestruir-se ao invés de se entregar.
___c) aliar-se ao inimigo.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

4.31 O governo romano interpretava o Cristianismo e tratava seus adeptos da seguinte forma:

___a) como grave ameaça às suas instituições.
___b) com total tolerância.
___c) perseguindo-a implacavelmente.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___4.32 Sob uma atmosfera propícia para o desenvolvimento do espírito, nasceu a Filosofia no Grécia, que deu ao mundo gênios como Tales, Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles.

___4.33 A história da Grécia se entrelaça com a da Macedônia a partir do século IV a.C.

___4.34 A difusão da cultura grega ao mundo por Alexandre Magno facilitou, séculos depois, a propagação do Evangelho, visto que o *koiné* se tornara a língua franca dos povos mediterrâneos.

___4.35 Por não resistir à morte de seu mandatário, Alexandre Magno, o Império Grego foi repartido entre quatro generais, conforme profetizara Daniel.

___4.36 Os primeiros monarcas selêucidas mantiveram um trato amigável com o povo judeu.

___4.37 Sob o comando do general Pompeu, Judeia tornou-se província romana, ficando sujeita a absurdos caprichos dos novos senhores, como Crasso, que confiscou dez mil talentos do Templo.

___4.38 Tanto na Judeia, pelos gregos, como em Cesareia, pelos romanos, os judeus passaram a ser ferrenhamente perseguidos de morte.

___4.39 O Cristianismo era visto pelo Império Romano da mesma forma que o Judaísmo, por não possuírem caráter proselitista, limitando-se ambas aos seus fiéis.

ISRAEL – TERRA SAGRADA POR EXCELÊNCIA

Em seu discurso à Comissão de Inquérito Anglo-Americana, em 25 de março de 1946, afirmou Golda Meir: "Nós só queremos aquilo que é dado naturalmente a todos os povos do mundo, sermos donos de nosso próprio destino, só do nosso destino, não do de outros, e em cooperação e amizade com outros.".

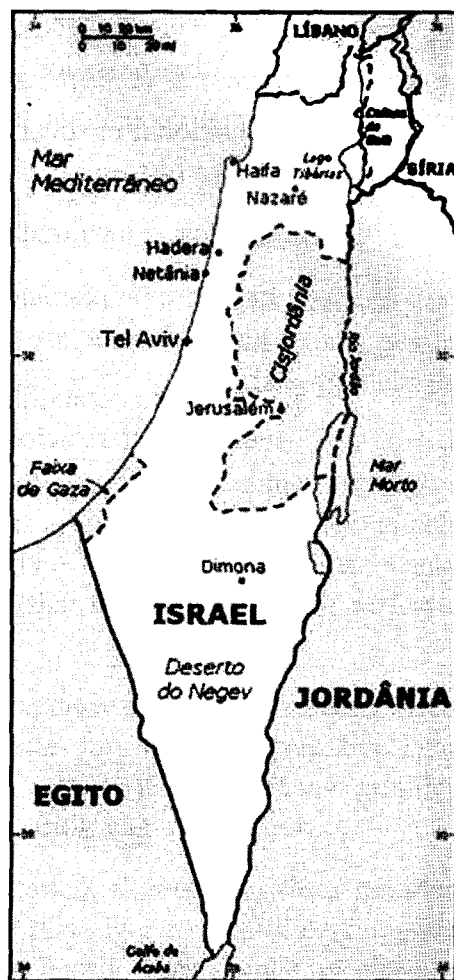
O que Meir empenhava-se em dizer era que o povo judeu, disperso há mais de dois mil anos por todos os cantos e recantos do mundo, tinha direito a uma terra. Que a Israel assiste este direito, todos o sabemos. Mas como foi difícil convencer o mundo disso! Até mesmo o holocausto de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial não foi suficiente para conscientizar a comunidade internacional de que o lugar de Israel é na terra de Israel.

Que lugar misterioso é este? Não é apenas o lar nacional dos judeus; é, acima de tudo, o palco onde se desenrolou a maior parte do drama sagrado. Talvez a Sra. Golda Meir e outros judeus, igualmente secularizados, não compartilhem dessa visão mística. Israel não é apenas um Estado; é, para todos os crentes, a Terra Santa por excelência.

Embora seja um dos menores países do mundo em extensão territorial, foi em Israel que se desenrolou a maior parte da História Sagrada. É a nação dos assinalados patriarcas, dos abnegados profetas, dos decididos juízes, dos reis da casa de Davi, dos sábios do AT e do NT e dos justos de todas as eras bíblicas. Em seus áridos regaços, Israel acolheu o Salvador da humanidade, e de seu provado solo, Ele foi assunto ao céu.

A Terra Santa sempre foi o centro das atenções da humanidade. Jamais esquecemos o seu passado; de seu futuro, todos nos ocupamos. Israel está presente em nosso espírito através daquela fé que, despertada nos antigos hebreus, foi-nos confiada por nosso Senhor Jesus Cristo.

Em virtude da criação do Estado de Israel, a Terra Santa passou a ocupar mais espaço na escatologia cristã. A figueira brotou, sinal de que o Rei está voltando.

Conheçamos a geografia das terras pisadas pelo meigo Jesus. Com os olhos da fé e com a alma em todas aquelas cercanias, palmilhemos o chão sagrado por excelência, a partir das próximas páginas.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Terra da Bíblia
2. Os Nomes de Israel
3. Localização de Israel
4. As Planícies de Israel
5. Os Vales da Terra Santa
6. Os Vales da Terra Santa (Cont.)

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Descrever a região do Crescente Fértil em seus limites geográficos e a história que se desdobra nessa localidade, com o florescimento das civilizações assíria e babilônica;
2. Mencionar os diversos nomes encontrados na Bíblia para a terra de Israel ao longo de sua história;
3. Explicar a localização de Israel, tanto nos tempos bíblicos como nos dias de hoje;
4. Enumerar as planícies que compõem a Terra de Israel e os eventos mais emblemáticos que ocorreram em cada uma;
5. Citar a importância dos vales para Israel, o nome dos principais vales e os acontecimentos a ele relacionados nas Sagradas Escrituras.

TEXTO 1

A TERRA DA BÍBLIA

No decorrer das páginas da Bíblia, deparamo-nos com centenas de lugares onde se desenvolveu a maravilhosa História da Salvação. Movidos por uma comoção irreprimível e santa, desejamos conhecer todos eles *in loco*. Isso porém nem sempre é possível. Nem todos os cristãos reúnem os recursos necessários para peregrinar pela Terra Santa.

Então, por que não visitar esses lugares espiritual e culturalmente?

Apelemos, pois, para a Geografia Bíblica. Nas asas de suas descrições, voemos para Israel. Palmilhemos as peregrinações dos patriarcas, as jornadas dos profetas e as missões dos apóstolos. Em cada mapa, divisemos o meigo Salvador. Em cada acidente geográfico, as depressões das faltas humanas e as relevâncias do amor divino.

A história de Israel começa no Crescente Fértil

Apesar de sua importância para a História Sagrada, o Crescente Fértil é, na verdade, um insignificante retângulo da Ásia Ocidental. Sua área, conquanto abranja diversos países, possui uma modesta extensão de 2.184.000 km^2, representando apenas a 234ª parte da superfície da Terra. Estende-se, semicircularmente, do Golfo Pérsico ao sul da Palestina.

Nos tempos antigos, os limites do Crescente Fértil variavam de acordo com o momento histórico; eram alargados ou diminuídos na mesma proporção das conquistas e derrotas das potências de cada época. Genericamente, porém, a Mesopotâmia abrangia o território hoje ocupado pelo Iraque, tendo ao norte a cordilheira do Taurus; ao sul, o Golfo Pérsico; ao oeste, a Assíria e ao leste, a Síria.

A história do Crescente Fértil é uma tediosa sequência de lutas entre os habitantes das serranias e as tribos nômades do deserto. Todos queriam se apossar de suas fertilíssimas terras. Seu lado oriental serviu de berço para a humanidade e de cenário para a primeira civilização. Em suas grandes depressões, ascenderam e decaíram os impérios dos amorreus, assírios, caldeus e persas.

No Crescente Fértil, conhecido também como Mesopotâmia, floresceram duas grandes civilizações: ao norte, a Assíria; ao sul, Babilônia ou Caldeia. Os rios Tigre e Eufrates cercam esse território, ocupado atualmente pelo Iraque. O Jardim do Éden, de acordo com a Bíblia, localizava-se na nascente de ambos os rios.

Foi em Ur dos Caldeus, uma das mais desenvolvidas cidades do Crescente Fértil, que teve início a história de Israel. Tudo começou com a chamada de Abraão, o pai do povo hebreu que viria herdar, conforme a promessa divina, a terra que mana leite e mel.

Vamos para Israel?

Voemos à Terra Santa. Será uma viagem muito interessante. Percorramos planícies. Visitemos aldeias e vilas. Entremos em Jerusalém, a cidade do Grande Rei. Mergulhemos no Jordão. Subamos os montes. À semelhança dos espias de Josué, façamos o reconhecimento do solo sagrado por excelência. Sigamos os passos do Mestre.

Viajemos, depois com o apóstolo Paulo através das cidades que, embora gentias, tornar-se-iam a base de grandes empreendimentos missionários.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___ 5.01 O Crescente Fértil localiza-se na Ásia Ocidental e, embora composto por diversos países, sua área territorial representa a 234ª parte da superfície da Terra.

___ 5.02 Os limites do Crescente Fértil sempre tiveram as mesmas proporções, independentemente dos acontecimentos históricos envolvendo conquistas e derrotas.

___ 5.03 O lado oriental do Crescente Fértil serviu de berço para a humanidade e de cenário para a primeira civilização, assim como suas depressões foram palco para a ascensão e queda de diversos impérios que compõem a História Sagrada.

TEXTO 2

OS NOMES DE ISRAEL

Tanto na história sagrada, quanto na secular, a Terra de Israel recebeu várias designações. Cada nome por ela recebido encerra um drama vivido e testemunhado pelo povo de Deus. De uma forma ou de outra, é a Terra de Promissões.

1. Canaã. Após a dispersão da humanidade, ocorrida quando da construção da Torre de Babel, os descendentes de Canaã, filho de Cam e neto de Noé, fixaram-se nas terras que seriam entregues a Abraão. Isso ocorreu há mais de três mil e quinhentos anos antes de Cristo. Nessas paragens, notórias por sua fertilidade e riquezas naturais, os cananeus se multiplicaram e forjaram uma vigorosa civilização.

A partir daí, aquelas terras passaram a ser conhecidas como Canaã; esta é a mais antiga designação do território israelita. No hebraico, Canaã significa *habitante de terras baixas*. Conclui-se que os cananeus apreciavam muito as planícies.

Os descendentes de Canaã chegaram a dominar grandes áreas que iam do Mediterrâneo ao Jordão. Com o transcorrer dos séculos, Canaã passou a ter uma conotação poética. Esse nome lembra aos judeus "*... uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel...*" (Êx 3.8).

2. Terra dos Amorreus. O território que Deus entregara aos judeus era conhecido também como Terra dos Amorreus. A nomenclatura é encontrada tanto no AT como nos escritos profanos. É um dos mais antigos nomes da Terra Santa (Gn 48.22).

3. Terra dos Hebreus. De conformidade com a árvore genealógica de Sem, os israelitas são descendentes de Héber. O território judaico, por esse motivo, era conhecido como a Terra dos Hebreus. Nesses rincões, os santos patriarcas lançaram os fundamentos da fé no Único e Verdadeiro Deus.

A palavra *hebreu*, segundo alguns exegetas, pode significar *o que vem do outro lado, ou do além*. Trata-se de uma referência à peregrinação abraâmica de Ur dos Caldeus, passando por Padã Harã, até Canaã.

4. Terra de Israel. Sob o comando de Josué, os israelitas tomaram Canaã, no século XV a.C. A partir de então, os territórios cananeus passaram a serem designados como Terra de Israel. Não há nomenclatura tão apropriada como esta, pois encerra as promessas feitas por Deus a Abraão. Este é o nome mais comum da Terra Santa. Encontramo-lo frequentemente no AT. Constitui-se ainda num perpétuo memorial; lembra-nos ser esse território propriedade eterna e inalienável dos filhos de Abraão. Admitam ou não os gentios, a terra que mana leite e mel pertence à progênie abraâmica.

Após o cisma israelita, a nomenclatura passou a designar apenas as terras ocupadas pelas tribos do Norte, comandadas pelo idólatra Jeroboão. Devido aos exílios e dispersões dos judeus, o seu território recebe as mais vexatórias alcunhas. Todavia, com a criação do moderno

Estado de Israel, todo o escárnio que pesava sobre os descendentes de Jacó começou a ser tirado. Hoje, quando viajamos àquelas sagradas paragens, dizemos embevecidos: "Vou à Terra de Israel.". Israel é o nome da terra.

5. Terra de Judá. Depois de haver derrotado os cananeus, Josué pôs-se a dividir a Terra da Promessa. À tribo de Judá, o comandante destinou uma herança no Sul de Canaã. Esta região ficaria conhecida como a Terra de Judá.

Depois do cisma israelita, ocorrido em 931 a.C., a designação passou a incluir também as terras habitadas pela tribo de Benjamim. Terminado o cativeiro babilônico, em 538 a.C., o povo de Judá retornou à sua herança, sob o comando de Zorobabel. Inspirados pela eficaz liderança de Neemias, pela erudição de Esdras, pelo zelo do sumo sacerdote Josué e pelo fervor dos profetas Ageu e Zacarias, os judeus se reorganizaram nacionalmente nessas terras. A partir daí, as possessões abraâmicas, de um modo geral, passaram a ser conhecidas como Terra de Judá e seus habitantes, posto que oriundos de todas as tribos, começaram a ser chamados de judeus.

6. Terra Prometida. No século XX a.C., Deus prometeu a Abraão: "*... Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Partiu, pois, Abrão, como lho ordenara o* SENHOR, *e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã*" (Gn 12.1-4).

Tendo em vista os termos desta sublimada aliança, o território que haveria de ser entregue a Israel ficou conhecido como a Terra Prometida. Poético e trágico, esse nome evoca as mais elevadas recordações na alma hebreia. Em virtude desse chão de promissões, os israelitas vêm suspirando e chorando.

7. Terra Santa. Zacarias, um dos mais escatológicos profetas do AT, vaticinou: "*Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o* SENHOR. *Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao* SENHOR *e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o* SENHOR *dos Exércitos é quem me enviou a ti. Então, o* SENHOR *herdará a Judá como sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém.*" (Zc 2.10-12 – Grifo nosso).

Não obstante as guerras e todos os embates políticos e sociais, Israel é conhecido como a Terra Santa. Os judeus a veneram como o solo de seus antepassados e o chão de sua milenar esperança. Os cristãos têm-na como o berço do Salvador e o regaço da regeneração da raça humana. Para os árabes, trata-se de um campo etéreo e permeado de interrogações.

Milhares de caravanas judaicas, cristãs e árabes rumam à Terra Santa. Nenhum outro país é tão místico quanto Israel! Visitá-lo constitui o sonho de milhões de pessoas em todo mundo.

8. Palestina. O referido nome é proveniente da palavra "Filístia" que designava a faixa de terra localizada no Sudeste de Canaã, ao largo do Mar Mediterrâneo. Os filisteus eram ferrenhos adversários dos hebreus e causaram muitas dificuldades particularmente a Saul e a Davi. No período neotestamentário, o historiador Flávio Josefo cognominou todo o território israelita de Palestina. Assim foi até a fundação do Estado de Israel em 12 de maio de 1948.

Atualmente, este é o nome pelo qual são conhecidos os territórios governados pela autoridade palestina.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

5.04 A História Sagrada, assim como a secular, designa a Terra de Israel de diversas formas, cada uma expressando o drama vivido pelo povo de Deus. Entre os nomes, encontram-se:
___a) Terra dos Amorreus.
___b) Terra dos Hebreus.
___c) Terra de Israel.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

5.05 Dos seguintes é um dos mais antigos nomes da Terra Santa, encontrado tanto no AT como nos escritos profanos.
___a) Terra dos Amorreus.
___b) Terra de Israel.
___c) Canaã.
___d) Terra que mana leite e mel.

5.06 De Ur dos Caldeus a Canaã caracteriza a peregrinação de Abraão até a terra que lhe fora prometida por Deus. Seu nome provém da descendência de Héber:
___a) Terra Santa.
___b) Terra de Israel.
___c) Terra dos Hebreus.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

5.07 Nome para designar a Terra Santa que provém da palavra Filístia, cujos habitantes eram adversários dos hebreus, particularmente nos tempos de Saul e Davi:
___a) Jerusalém.
___b) Tiro.
___c) Ur dos Caldeus.
___d) Palestina.

TEXTO 3

LOCALIZAÇÃO DE ISRAEL

Israel está localizado no continente asiático a 30º de latitude Norte. Toda a sua extensão ocidental é banhada pelo Mar Ocidental. Tendo em vista o seu posicionamento estratégico, constituiu-se, segundo Oswaldo Ronis, "num centro de gravidade para o mundo e as civilizações da antiguidade.". Acrescenta Ronis: "Do ponto de vista comercial, ficava na rota obrigatória do tráfego entre o Oriente e o Ocidente, bem como entre o Norte e o Sul; e, do ponto de vista político, igualmente passagem inevitável dos exércitos conquistadores das grandes potências ao seu redor, razão pela qual estas se interessavam por sua conquista e fortificação. Daí as devastações sofridas pela Palestina em repetidas ocasiões da sua história.".

Os limites bíblicos de Israel

Nos tempos bíblicos, Israel limitava-se ao norte com a Síria e a Fenícia. Ao leste, com partes da Síria e do deserto arábico. Ao sul, com a Arábia. Ao oeste, com o Mar Mediterrâneo.

Tais limites, entretanto, variavam de acordo com as tendências políticas e os movimentos militares de cada época. Os israelitas tinham constantemente o seu território alargado ou diminuído. No tempo de Salomão, as fronteiras de Israel se dilataram consideravelmente, indo do Rio do Egito ao Eufrates. Depois da morte deste grande rei, contudo, as possessões hebraicas foram diminuindo até serem absorvidas pelos grandes impérios.

Os limites atuais de Israel

O atual Estado de Israel limita-se ao norte com o Líbano; ao nordeste, com a Síria; ao leste e ao sudeste, com a Jordânia; e ao sudoeste, com o Egito. Ao oeste, é banhado pelo Mar Mediterrâneo. Na fronteira com a Jordânia, fica o Mar Morto. Israel tem uma área de 20.700 km^2.

As fronteiras do território israelense foram aumentadas em torno de 400 por cento em decorrência da Guerra dos Seis Dias, em 1967. Durante esse curto e memorável conflito, os israelenses anexaram a parte oriental de Jerusalém; a Judeia e a Samaria, ou Cisjordânia; as colinas de Golan; a península do Sinai e a Faixa de Gaza – áreas antes tuteladas pelos árabes.

Em 1982, contudo, a península do Sinai foi devolvida ao Egito em virtude do acordo de paz firmado entre os dois países. Em 1993, um pacto entre o Estado de Israel e a autoridade palestina propiciou o controle sobre Jericó e a Faixa de Gaza pelos palestinos.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___5.08 Depois da morte do rei Salomão, os limites de Israel diminuíram até suas terras serem absorvidas pelos grandes impérios que se levantaram, um após o outro.

___5.09 As regiões que fazem fronteira com o atual Estado de Israel são: Líbano, ao norte; Síria, ao nordeste; Jordânia, ao leste; e Egito, ao sudoeste.

___5.10 Foram extirpadas do território de Israel por ocasião da Guerra dos Seis Dias, em 1967: a parte oriental de Jerusalém, a Cisjordânia (antigas Judeia e Samaria), as colinas de Golan, a península do Sinai e a Faixa de Gaza.

TEXTO 4

AS PLANÍCIES DE ISRAEL

Planície é uma grande extensão de terra relativamente plana, de origem sedimentar e em geral de baixa altitude. Via de regra, os processos de acumulação em uma planície, superam os de destruição.

Os geógrafos dividem Israel em cinco principais planícies: Acre, Sarom, Filístia, Sefelá e Armagedom. Embora inexpressivas em quantidade se comparadas com as do Brasil, as planícies da Terra Santa serviram de cenário para acontecimentos que jamais serão esquecidos. E a poesia que elas encerram? Quem já não ouviu falar da rosa de Sarom? Muitas recordações traz esta região ao Israel do AT. Quando vislumbramos os últimos dias através da mensagem profética, vem-nos logo à mente o Armagedom, onde será travada a grande batalha do final dos tempos.

Planície do Acre

Localizada no extremo Noroeste da costa israelense, a planície do Acre se estende até o Monte Carmelo. Em toda a sua extensão, vai bordejando a baía de mesmo nome. A região, cujo nome em hebraico é *Akko*, que significa *areia quente*, compreende uma faixa de terra que cerceia as montanhas entre a Galileia, o Mediterrâneo, o Sul de Tiro até a Planície de Sarom. A irrigação dessas terras é feita pelos rios Belus e Quisom. Trata-se de um solo muito fértil, com exceção das áreas praianas, onde as areias são demasiadamente quentes.

Quando da divisão de Canaã, a Planície do Acre coube por sorte à tribo de Aser (Js 19.25-28). Os aseritas, todavia, não conseguiram desalojar os cananeus que aí habitavam.

Planície de Dotã

Localizada a 20 quilômetros ao norte de Samaria, a planície de Dotã prolonga-se entre as serras meridionais desde o sudoeste de Esdrelom. Nesta planície, achavam-se os irmãos de José, quando o venderam aos midianitas (Gn 37.17). Foi também em Dotã que Eliseu se encontrava quando os sírios vieram prendê-lo (2Rs 6.13).

Planície de Moabe

Alta e acidentada, a Planície de Moabe estende-se desde as montanhas que dominam o Mar Morto ao ocidente até a Arábia, ao oriente. Ao sul, estende-se da abertura do Arnom até Edom.

Os israelitas foram expressamente proibidos de entrar nessa região, sendo por isso obrigados a transitar ao oriente pelo deserto de Moabe (Dt 2.8,9).

Planície de Sarom

Sarom não é propriamente um nome de origem semítica. O seu significado evoca poesias e idílios: *Zona de Bosques* ou *Bosques de Terebintos*. A planície de Sarom localiza-se entre o sul do Monte Carmelo e Jope. Com uma extensão de 85 km, sua largura varia entre 15 e 22 km.

Na Antiguidade, a região era conhecidíssima em virtude de seus bosques traiçoeiros e pântanos palúdicos. O seu solo, entretanto, era coberto de lírios e flores exóticas. Ante esse selvagem esplendor, cantou a esposa dos cantares: *"Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales"*. Ao que lhe respondeu o Amado: *"Qual lírio entre os espinhos, tal é a minha amiga entre as filhas"* (Ct 2.1,2).

Os pântanos e charcos de Sarom foram drenados no século XX pelo governo israelense. Atualmente, a área se constitui em um dos mais ricos distritos agrícolas do Estado de Israel. Seus laranjais são afamados em todo o mundo. Nessa planície, são encontradas quatro flores vermelhas de grande beleza: anêmona, botão-de-ouro, tulipa e papoula.

A formosura de Sarom é comparada por Isaías à glória do Líbano (Is 35.2).

Planície da Filístia

Situada entre Jope e Gaza, no sudoeste de Israel, a Planície da Filístia tem 75 quilômetros de comprimento e 25 de largura. Nessa faixa de terra, habitavam os aguerridos filisteus, inimigos mortais do povo israelita.

A região era abundante em cereais e frutas. Seus figos, azeitonas e azeite eram muito apreciados. Localizavam-se, nessa planície, as cinco principais cidades filisteias: Gaza, Ascalom, Asdode, Gate e Ecrom. Não eram propriamente cidades, mas fortalezas quase indevassáveis. Na região ficava ainda o Porto de Jope, muito importante para os israelitas do Antigo Pacto. Quando da formação do Estado de Israel, os sionistas houveram por bem reativá-lo, tendo em vista o crescimento e o dinamismo da economia do país.

Planície de Sefelá

Situada entre a Filístia e as montanhas da Judeia, a Planície de Sefelá é caracterizada por uma série de colinas baixas. A fertilidade de seu solo é proverbial. Seus trigais, vinhedos e oliveiras são abundantes.

O significado hebraico de Sefelá – *terras baixas ou mais baixas* – realça a topografia da planície, que mais parece uma faixa de terra do que uma planície propriamente dita. Enéas Tognini classifica-a como "um altiplano rochoso que corre da costa, rumo SE, penetrando até a fronteira da tribo de Judá.". Sefelá foi o lar de Abraão e Isaque por muitos anos. Em seus longes, peregrinaram os santos patriarcas e tiveram ricas experiências com o Todo-Poderoso Deus!

Por sua localização estratégica, a planície de Sefelá foi motivo de não poucas discórdias e guerras entre israelitas e filisteus. O seu nome, todavia, só é encontrado no livro apócrifo de primeiro Macabeus 12.38. No AT, pode ser identificada como a terra dos filisteus.

Planície do Armagedom

Esta planície é conhecida também por estes nomes: Jezreel ou Esdraelom. Em virtude de sua extensão e peculiaridades, o Armagedom é considerado também um vale. A maioria dos geógrafos bíblicos, entretanto, prefere classificá-la como planície.

O Armagedom encontra-se na confluência de três vales, dos quais o mais importante é Jezreel. Localizada entre os montes da Galileia e os de Samaria, a planície (a maior de Israel) é insuperável em formosura. Suavemente, alarga-se em direção do Carmelo até repousar nos montes Líbanos.

Em sua GEOGRAFIA BÍBLICA, Oswaldo Ronis fornece-nos mais algumas informações acerca do Armagedom: "No ângulo suleste da planície, fica o local da antiga e importante cidade fortificada de Jezreel, que foi a capital do reino do Norte no tempo de Acabe e Jezabel. Para o leste desta cidade, desce o vale de Jezreel até atingir o Jordão na altura de Bete-Seã. De modo que a cidade empresta o seu nome tanto à planície que se estende para o noroeste como ao vale que toma a direção leste.".

A planície do Armagedom é uma das áreas mais estratégicas de Israel. Constitui-se em uma via de comunicação natural entre a cidade de Damasco e o Mar Mediterrâneo. Nos tempos bíblicos, serviu de palco a renhidos combates. A planície é atravessada longitudinalmente, de leste a oeste, pelo rio Kishon que desemboca no Mediterrâneo.

O Armagedom está ligado a um grande evento escatológico, citado pelo evangelista João em seu Apocalipse: "*Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom*" (Ap 16.16). Aqui, os judeus serão submetidos à sua mais acrisolada prova. O Senhor, todavia, escolheu esse lugar para reconduzir os filhos de Israel às santas alianças. Quando isso ocorrer, os israelitas se livrarão para sempre de seus algozes e reconhecerão a soberania do Deus de Abraão.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

5.11 Geógrafos costumam dividir o território de Israel em cinco planícies principais:
___a) Líbano, Síria, Jordânia, Cisjordânia e Egito.
___b) Judeia, Samaria, Cesareia, Cesareia de Filipo e Jerusalém.
___c) Belém, Jerusalém, Gaza e Palestina.
___d) Acre, Sarom, Filístia, Sefelá e Armagedom.

5.12 Segundo Josué 19.25-28, quando Canaã foi dividida entre as tribos de Israel, a planície do Acre coube à tribo de
___a) Judá.
___b) Levi.
___c) Benjamim.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

5.13 Em qual planície se achavam os irmãos de José quando o venderam aos midianitas?
___a) Planície de Sefelá.
___b) Planície da Filístia.
___c) Planície de Dotã.
___d) Planície de Moabe.

5.14 Drenados pelo governo israelense no século XX, seus antigos charqueados hoje se constituem em um dos mais férteis distritos agrícolas do Estado de Israel. Trata-se da região denominada
___a) Planície de Sarom.
___b) Deserto de Moabe.
___c) Cisjordânia.
___d) Palestina.

TEXTO 5

OS VALES DA TERRA SANTA

Vale é uma depressão alongada entre montes ou quaisquer outras superfícies. A palavra é bastante comum no AT, encontrada 188 vezes nas escrituras hebraicas. No NT, contudo, é mencionada apenas uma vez. Lendo as Sagradas Escrituras, concluímos que os vales são muito importantes para Israel.

Israel é uma terra de vales. Foi o que disse Moisés aos hebreus antes que se apropriassem de sua herança: "*Porque a terra que passais a possuir não é como a terra do Egito, donde saístes, em que semeáveis a vossa semente e, com o pé, a regáveis como a uma horta; mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberás as águas*" (Dt 11.10,11).

Foi nos vales da Terra Santa que se desenvolveu boa parte da História Sagrada. Conforme adverte Moisés, os peregrinos teriam que se firmar nas provisões divinas para se manterem em sua herança.

Se o Egito era uma dádiva do Nilo, Israel era um presente dos céus. Se estes não chovessem, como haveriam os israelitas de sobreviver? Mas, em cada vale, havia sempre uma bênção a ser colhida.

A importância dos vales em Israel

No Novo Dicionário da Bíblia, A.R. Millard assim discorre sobre a importância dos vales em Israel: "Na Palestina, onde a chuva cai somente durante certo período do ano, a paisagem é recortada por muitos vales estreitos e leitos de riachos (ou wadis), que só exibem água durante a estação chuvosa (em hebraico, *nahal*; no árabe, *wadi*). Freqüentemente, pode ser encontrada água subterrânea nesses wadis, durante os meses de estio (Cf. Gn 26.17,19). Os rios perenes atravessaram vales e planícies mais largos (no hebraico, *êmeq, bia'ã*), ou então cortam gargantas estreitas através da rocha. O vocábulo hebraico 'shephelã' denota *terreno baixo*, especialmente a planície costeira; 'gay' é termo hebraico que significa simplesmente *vale*.".

Vale do Jordão

É o maior vale da Terra Santa. Começa no sopé do Monte Hermom, no extremo norte, e se estende até o mar Morto, no extremo sul, recortando longitudinalmente o território israelita. Esse vale, importantíssimo cenário na história do povo de Israel, é, na verdade, uma grande fenda geológica.

Iniciando-se com uma largura de 100 metros, vai alargando-se até chegar a três quilômetros nas imediações do Mar da Galileia; quando chega aos limites do Mar Morto, alcança o seu ponto máximo que é 15 quilômetros. A partir daí, começa a estreitar novamente.

Através desse vale, corre o rio Jordão, onde o Senhor Jesus foi batizado. É o vale mais profundo da Terra: encontra-se a 426 metros abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. Do Hermom, onde nasce, até o Mar Morto, onde termina, o Vale do Jordão tem uma extensão de 215 quilômetros.

Netta Kemp de Money fornece-nos mais algumas informações sobre o vale do Jordão: "Seu solo, em parte argiloso e arenoso, interrompe-se por penhascos de greda gris e inumeráveis pedras de forma fantástica, que imprimem àquela paisagem um ar um tanto triste e desolador. Grande parte deste vale, todavia, é de uma fertilidade exuberante e todo suscetível de cultivo. O vale do Jordão não constituía antigamente barreira intransponível, mas dificultava a comunicação e o livre tráfego entre as tribos irmãs em ambos os lados.".

Vale de Jezreel

Não podemos confundir o Vale de Jezreel com a Planície de Jezreel. A confusão existe em decorrência da inexatidão de alguns geógrafos bíblicos.

O Vale de Jezreel começa nas nascentes do ribeiro de Jalud e termina no Vale do Jordão, nas cercanias de Bete-Seã. Nos limites deste vale, localiza-se a atual cidade de Zerim.

Vale de Acor

Este vale, centralizado no Wadi Qumram, encontra-se a 16 quilômetros de Jericó e tem uma extensão de aproximadamente sete quilômetros e meio.

Em Acor, Acã foi apedrejado em consequência de sua cobiça. Eis por que o nome deste vale, que em hebraico significa *perturbação*. Como consequência da profanação de Acã, os israelitas sofreram pesadas derrotas diante de um exército inexpressivo e que, de início, não representava nenhuma ameaça. A maldição só deixou o arraial dos israelitas depois de aplicada a justiça a Acã.

> *"Então, Josué e todo o Israel com ele tomaram a Acã, filho de Zera, e a prata, e a capa, e a barra de ouro, e seus filhos, e suas filhas, e seus bois, e seus jumentos, e suas ovelhas, e sua tenda, e a tudo quanto tinha e levaram-nos ao vale de Acor. Disse Josué: Por que nos conturbaste? O SENHOR, hoje, te conturbará. E todo o Israel o apedrejou; e, depois de apedrejá-los, queimou-os. E levantaram sobre ele um montão de pedras, que permanece até ao dia de hoje; assim, o SENHOR apagou o furor da sua ira; pelo que aquele lugar se chama o vale de Acor, até ao dia de hoje"* (Js 7.24-26 – Grifo nosso.)

Era no Vale de Acor, localizado entre as terras de Judá e Benjamim, que ficavam as fortalezas de Midim, Secacá e Nibsam. Acor é o primeiro topônimo a ser mencionado no rolo de cobre de Qumram.

Vale da Bênção

Localizado no território de Judá, o Vale da Bênção está situado entre Jerusalém e Hebrom, a 7,5 km a oeste de Tecoa e 11 km de Belém. Foi neste vale que o bom rei Josafá venceu uma coligação formada por Amom, Moabe e Edom (2Cr 20.26). É conhecido também como Beraca que, em hebraico, significa *bênção*.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"	Coluna "B"
___5.15 Maior vale de Israel e o mais profundo da Terra.	A. Vale de Acor.
___5.16 Nasce no ribeiro de Jalud e desemboca no Vale do Jordão.	B. Vale da Bênção.
___5.17 Local onde, por cobiça, Acã foi apedrejado até a morte.	C. Vale do Jordão.
___5.18 Onde o rei Josafá venceu uma coligação entre Amom, Moabe e Edom.	D. Vale do Jezreel.

TEXTO 6

OS VALES DA TERRA SANTA
(CONT.)

Vale do Cedrom

Em Joel 3.2-12, o Cedrom é identificado como o Vale de Josafá. Como Josafá em hebraico significa *Deus julgou*, Cedrom é visto, profeticamente, como o Vale do Juízo Final. É o local onde o Senhor reunirá todas as nações a fim de julgá-las quanto ao trato que dispensaram a Israel.

O Cedrom nasce junto aos sepulcros dos Juízes, ao noroeste de Jerusalém. Avançando aproximadamente 800 metros, abeira-se dos sepulcros dos reis até o sopé do Monte Scopus. Este vale separa Jerusalém do Monte das Oliveiras, de onde segue em direção ao sul, rumo ao Mar Morto.

Vale de Hinom

Este vale localiza-se no sul de Jerusalém, junto à Porta do Oleiro (Jr 19.2), e nos tempos bíblicos, o Vale de Hinom servia como fronteira para as tribos de Judá e Benjamim (Js 15.8). Infere-se ter sido Hinom o antigo proprietário deste vale, que corre de norte para sul a oeste de Jerusalém.

No Vale de Hinom, o rei Davi derrotou os filisteus duas vezes (2Sm 5.17-25; 1Cr 11; 14.9-16). Mais tarde, a região, que compreende uma área de dois quilômetros e meio, serviria de palco para sacrifício de crianças ao deus Moloque (1Rs 11.7; 2Rs 16.3; 2Cr 28.3).

Finalmente, o Hinom seria reservado para o armazenamento e incineração do lixo da cidade. Como estava sempre a arder, os judeus passaram a ver nele uma perfeita figura do castigo eterno.

Vale de Aijalom

O Vale de Aijalom foi palco de um dos maiores milagres já presenciados por qualquer ser humano. Nesta região, o sol se deteve a uma ordem de Josué, dando condições estratégicas aos israelitas de infligirem fragorosa derrota aos amorreus (Js 10.12-15). Neste mesmo vale, Judas Macabeu obteve, no século II a. C., um triunfo decisivo sobre os exércitos de Antíoco Epífanes, tirano grego da Síria (ver o Texto 5 da Lição 4).

Aijalom localiza-se nas imediações de Sefelá, a 24 quilômetros ao noroeste de Jerusalém. Com 18 quilômetros de comprimento e nove de largura, o vale abrigou, no ano 70 de nossa era, as tropas do general Tito, de onde os romanos saíram para destruir Jerusalém e o Santo Templo.

Em 638, os árabes acamparam neste vale para dar combate aos bizantinos. Por essas paragens estiveram também os cruzados que, induzidos por seus reis e por alguns clérigos, vinham reconquistar a Terra Santa. Durante a Primeira Guerra Mundial, os ingleses derrotaram as tropas turcas em Aijalom. E, quando da independência de Israel, aqui foram travadas sangrentas batalhas entre judeus e árabes. Atualmente, a área é ocupada pela cidade industrial de Yalo.

Vale de Escol

O vale de Escol, cujo nome em hebraico significa *cacho*, está localizado nas proximidades de Hebrom. Uma região fértil e abundante em vinhedos. Ainda hoje Escol é assinalado pela fertilidade de sua viticultura. Não é raro encontrar aqui cachos de uvas semelhantes àqueles que os espias levaram a Moisés (Nm 13.22-24).

John Davis fornece-nos alguns detalhes desse vale: "Celebrizou-se pela exuberância de vinhedos, produtores de dulcíssimos cachos. Ignora-se se este nome era já conhecido antes de Moisés. Como quer que seja, Hebrom relembrava aos israelitas o local onde os espias enviados por Moisés para reconhecer a terra, cortaram o famoso cacho de uvas, que dois deles trouxeram enfiado em uma vara.".

Vale de Hebrom

Durante suas constantes e árduas peregrinações, Abraão fixou-se, certa feita, no Vale de Hebrom, onde ficava Manre, um lugar muito promissor, local em que o nosso pai na fé teve ricas experiências: construiu um altar ao Senhor e dEle recebeu a promessa de que, não obstante sua idade avançada, teria um filho (Gn 18.1-15).

O vale de Hebrom também serviu de sepulcro para a família patriarcal. Na sepultura de Macpela, repousam os ossos de Sara, Abraão, Isaque, Lia e Jacó. Segundo Flávio Josefo, nesse local também repousam os doze patriarcas.

Localizado a 35 quilômetros ao sul de Jerusalém, o Vale de Hebrom está a quase mil metros acima do nível do Mediterrâneo. O seu nome primitivo era Quiriate Arba (Gn 23.2). Com os seus 30 quilômetros de comprimento, guarda muitos resquícios da era patriarcal, como o famoso Terebinto de Moré. Hebrom ainda é conhecido por este nome e encontra-se sob a tutela da autoridade palestina.

Vale de Sidim

No Vale de Sidim, localizado na extremidade meridional do Mar Morto, ficavam as impenitentes Sodoma e Gomorra. A coligação de Quedorlaomer defrontou-se aqui com os exércitos dos cinco reis. A intervenção de Abraão foi decisiva, ocasião em que o piedoso patriarca mostrou que, além de homem de fé, era também um capitão intrépido (Gn 14.1-24).

Recentemente, a arqueologia descobriu, em Sidim, vestígios de antiquíssimas cidades que, segundo as pesquisas, teriam sido destruídas por uma grande explosão alimentada pelos poços de betume mencionados no texto sagrado. Uma vez mais, a veracidade das Escrituras Sagradas é corroborada pela ciência, ainda que o Livro Santo possa desta prescindir.

Atualmente, o Vale de Sidim mostra-se aridificado e quase sem vida. Nos dias de Ló, contudo, parecia o próprio Éden. Merril F. Unger compendia estes interessantes dados: "Em algum tempo, por volta da metade do século XXI a.C., o vale de Sidim com suas cidades foi subvertido por uma grande conflagração (Gn 19.23-28). Essa região é mencionada como 'cheia de poços de betume' (Gn 14.10), e depósitos de petróleo podem ainda ser encontrados nela. Toda a região está na longa linha quebrada que formava o vale do Jordão, o mar Morto e o Arabá. Através da história, ela tem sido palco de terremotos, e embora a narrativa bíblica registre apenas os elementos miraculosos, a atividade geológica foi, sem dúvida, um fator partícipe. O sal e o enxofre nativos nessa área, que é agora uma região *queimada* de óleo e asfalto, foram misturados por um terremoto, resultando em violenta explosão. O sal e o enxofre ascenderam aos céus, tornando-o rubro com o seu calor, de forma que, literalmente, choveu fogo e enxofre sobre toda a planície (Gn 18.24,28). Em algum lugar sob as águas do lago cujo nível sobe lentamente, ao sul, nas vizinhanças desse monte, poderão ser encontradas as Cidades da planície. Nas épocas clássicas e neotestamentárias, as suas ruínas ainda eram visíveis não tendo sido cobertas pelas águas.".

O vale de Sidim é uma séria advertência à raça humana: "*... Deus não se escarnece; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará*" (Gl 6.7 – ARC).

Vale de Soreque

Distante de Jerusalém 21 quilômetros, por este vale passava uma importante via de ligação entre a Cidade Santa e o Mediterrâneo. Era a terra natal de Dalila (Jz 16.4). Dessa região, o Espírito do Senhor impelia Sansão, de quando em quando, a lutar contra os filisteus. Atualmente, o trajeto compreende uma estrada de ferro. Soreque separava as tribos de Judá e de Dã.

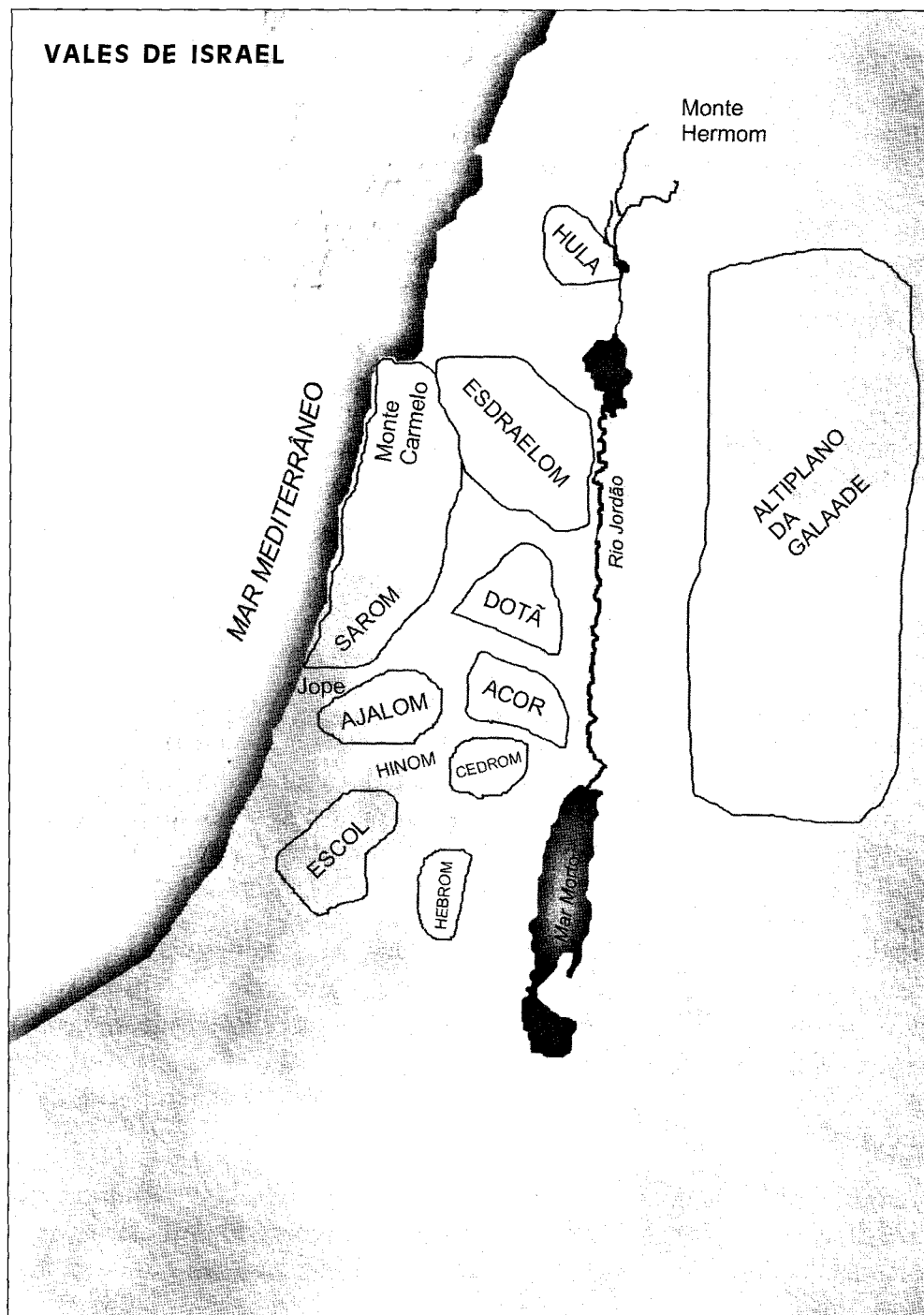
Vale de Elá

Conhecido também como o Vale de Terebintos, Elá fica a sudoeste de Jerusalém entre Azeca e Socó. A região foi testemunha de encarniçadas batalhas entre Israel e a Filístia. Foi no Vale de Elá que Davi matou o soberbo Golias. A história jamais será esquecida. O vale, todavia, quase nunca é lembrado (1Sm 17.2-19; 21.9).

Vale de Siquém

Com 12 quilômetros de comprimento, este vale, localizado entre os montes Gerizim e Ebal, bem no centro de Israel, explode em exuberâncias. Suas muitas nascentes fazem-no uma perfeita imagem dos mananciais da eternidade. O Poço de Jacó fica em Siquém.

Certa vez, durante o seu ministério terreno, Jesus sentou-se à beira do Poço de Jacó e, de forma inconfundível e serena, falou do Reino de Deus a uma pobre samaritana. Daquele inefável diálogo, surgiu um grande avivamento entre os desprezados filhos de Samaria (Jo 4).

Siquém foi o primeiro lar do patriarca Abraão. Neste lugar, cujo nome em hebraico significa *ombro*, Jacó armou a sua tenda ao voltar de Harã. Aqui, sua filha, Diná, deflorada por um imprudente e impulsivo príncipe. Por causa disso, os irmãos da jovem, Simeão e Levi, passaram a cidade toda ao fio da espada (Gn 34). Neste solo, repousam os ossos de José.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

5.19 Citado pelo profeta Joel como o Vale de Josafá, neste local o Senhor reunirá as nações para sentenciar sobre o tratamento que cada uma terá dispensado a Israel. Trata-se do

___a) Vale do Hinom.
___b) Vale do Aijalom.
___c) Vale do Cedrom.
___d) Vale de Hebrom.

5.20 Destinado ao depósito e incineração do lixo da cidade, este local era considerado pelos judeus como uma figura do castigo eterno por estar constantemente ardendo. Referimo-nos aqui ao

___a) Vale do Hinom.
___b) Vale do Aijalom.
___c) Vale do Cedrom.
___d) Vale de Hebrom.

5.21 Situado próximo de Hebrom, esta região da Terra Santa é reconhecida por sua rica viticultura. Seu nome significa *cacho* em hebraico. Trata-se de:

___a) Vale de Sidim.
___b) Vale do Hebrom.
___c) Vale do Cedrom.
___d) Vale de Escol.

5.22 Conforme Gênesis 14.1-24, foi nesta região que Abraão mostrou ao povo que, além de homem de fé, era também um destemido capitão.

___a) Vale de Siquém.
___b) Vale de Elá.
___c) Vale de Soreque.
___d) Vale de Sidim.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

5.23 Cidade do Crescente Fértil onde teve início a história de Israel, que começou com a chamada de Abraão por Deus para a terra que mana leite e mel.
___a) Jerusalém.
___b) Tiro.
___c) Ur dos Caldeus.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

5.24 Mais antiga designação do território israelita que em hebraico significa *habitante de terras baixas*.
___a) Canaã.
___b) Terra de Israel.
___c) Terra dos Amorreus.
___d) Terra Santa.

5.25 Não obstante o território israelense ter sido ampliado em 400 por cento em decorrência da Guerra dos Seis Dias, em 1967, uma região foi devolvida em 1982 a um país vizinho, graças a um acordo de paz. Trata-se
___a) da Faixa de Gaza, entregue aos árabes.
___b) das colinas de Golan, entregue aos palestinos.
___c) da península do Sinai, entregue aos egípcios.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

5.26 Com o significado em hebraico de *terras baixas* ou *mais baixas*, foi o lar de Abraão e de Isaque, onde provaram acrisoladas experiências com o Senhor. Trata-se da região denominada:
___a) Montanhas da Judeia.
___b) Planície de Sefelá.
___c) Monte Ebal.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

5.27 Mais profundo da Terra, suas águas chegam a 426m abaixo do Mar Mediterrâneo:
___a) Vale do Acor.
___b) Vale da Bênção.
___c) Vale do Jordão.
___d) Vale do Jezreel.

5.28 Região em que Diná, filha de Jacó, foi deflorada por um príncipe fora de sua linhagem, motivo que levou seus irmãos Simeão e Levi a passarem toda a cidade a fio da espada. Trata-se do Vale de
___a) Escol.
___b) Soreque.
___c) Elá.
___d) Siquém.

MONTES E DESERTOS DA TERRA SANTA

Embevecido pela geografia das terras santas, salmodiou o rei Davi: "*Os que confiam no* S*ENHOR serão como o monte Sião, que não se abala, mas permanece para sempre. Como estão os montes à roda de Jerusalém, assim o* S*ENHOR está em volta do seu povo, desde agora e para sempre*" (Sl 125.1,2 – ARC).

O que teria levado o rei de Israel a referir-se assim aos montes? Seriam, provavelmente, suas andanças, peregrinações e fugas? Somente um romeiro do Senhor poderia valorizar os relevos de sua terra, e destes tirar as mais fortes vibrações da lira.

Os montes sempre exerceram fortíssima influência sobre a alma hebreia. Nas elevações dos termos de Jacó, os israelitas vislumbravam a majestade do grande *Eu Sou*. Outras experiências espirituais tiveram nos montes que, em Israel, são bastante comuns.

Ao prometer Canaã a Abraão, o Senhor desenhou-lhe uma terra boa, ampla e pródiga. Uma terra que, conforme cantariam os poetas hebreus, manava leite e mel. Nestas plagas de promissões, contudo, há vários desertos, como, por exemplo, o Neguev. Não obstante, a terra mana leite e mel.

O deserto faz parte de Israel. Se a Terra Santa é uma síntese do mundo, desertos e ermos integram sua geografia. Se no Norte a neve aparece, a seca, no Sul, é uma constante. Assim é Israel.

Neste capítulo, veremos as principais características dos montes e desertos das terras bíblicas. Perceberemos que nem sempre o deserto em Israel tem as mesmas características que encontramos no restante do mundo.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Importância dos Montes para Israel
2. A Importância dos Montes para Israel (Cont.)
3. A Importância dos Montes para Israel (Cont.)
4. Os Desertos da Terra Santa

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Mencionar a importância dos montes para Israel e os mais notórios montes de Judá;
2. Citar fatos históricos ocorridos nos montes Ebal e Gerizim, Carmelo, Tabor, Gilboa e Hatim;
3. Descrever as características das principais elevações dos Montes Transjordanianos;
4. Citar os principais desertos mencionados na Bíblia, a localização e a importância de cada um no desdobramento da história do povo judeu.

TEXTO 1

A IMPORTÂNCIA DOS MONTES PARA ISRAEL

A palavra monte, que provém do vocábulo latino *monte* e do grego *oros*, tem o significado de *elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra.*

John Davis apresenta a seguinte definição para monte: "Elevação natural da terra. Aplica-se geralmente a uma eminência, mais ou menos saliente, menor do que a montanha, e maior do que um outeiro. Estes nomes têm valor relativo; às vezes a mesma elevação é designada, em alguns lugares, por monte e em outros por montanha.". A parte da geografia que se dedica a cuidar dos montes é a orografia – *oros*, montes+*graphein*, descrição. *Orografia*, portanto, é *a ciência que se dedica a descrever cientificamente os montes.*

O pastor Enéas Tognini, um dos primeiros geógrafos bíblicos do Brasil, assim se refere à importância da orografia israelita: "Israel passou 400 anos no Baixo Egito, cujas terras são planas, onde não chove, pois confina com o medonho deserto do Saara. Esse povo passaria, sob o comando de Moisés, para Canaã, terra de montes e vales, e onde a chuva é abundante no inverno. Os montes exerceram poderosa influência no povo que cantou em sua poesia ou prosa os cumes e as elevações. A importância dos montes na Bíblia é muito grande. As tábuas da Lei foram dadas por Deus a Moisés num monte; Arão morreu num monte; também Moisés; a bênção e a maldição foram proclamadas em montes; João Batista nasceu nas montanhas; Jesus nasceu na região montanhosa da Judeia; sua grande batalha com o diabo foi num monte; num monte foi o seu maior sermão; transfigurou-se num monte; agonizou num monte; foi crucificado num monte; e sepultado e ressurrecto num monte, e, ainda, ascendeu ao céu de um monte, e mais: voltará, colocando seus pés no monte das Oliveiras.".

Estudemos, pois, os montes de Israel. Eles foram testemunhas de grandes feitos divinos.

Montes de Judá

Localizando-se ao sul de Efraim, os montes de Judá constituem uma série de elevações entre as quais há herbosos vales, por onde correm riachos que deságuam no Mar Morto e no Mar Mediterrâneo. Eis os mais notórios montes de Judá: Sião, Moriá, Oliveiras e o da Tentação.

1. Monte Sião. Localizado na parte leste de Jerusalém, eleva-se a 800 metros em relação ao Mediterrâneo. É a mais alta montanha da Cidade Santa. O profeta Joel se refere ao Monte Sião nos seguintes termos: "*Sabereis, assim, que eu sou o SENHOR, vosso Deus, que habito em Sião, meu santo monte; e Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela*" (Jl 3.17).

Antigamente, o Monte Sião era habitado pelos jebuseus, que foram desalojados pelo rei Davi, ao assumir o governo israelita. A partir daquele momento, a singular elevação passou a ser a capital do Reino de Israel. Em virtude de sua localização privilegiada, o Monte Sião constituía-se ainda, em uma fortaleza natural, onde se refugiavam os moradores de Jerusalém em tempos de calamidade.

Mais tarde, Davi ordenou que fosse levada a arca da aliança ao Monte Sião, motivo pelo qual este local passou a ser considerado santo pelos hebreus. Décadas mais tarde, com a

remoção da sagrada urna ao Santo Templo, a área do Sião passou a designar também o sítio onde seria construído o Santo Templo e, por extensão, toda a Jerusalém.

Em Sião, encontra-se a sepultura do rei Davi. Numa de suas lombadas, acha-se um cemitério protestante, onde repousam os ossos do renomado arqueólogo Sir Flinders Petri.

Após o exílio babilônico, os judeus começaram a se identificar mais intensamente com a mística Sião. Na soberba e ímpia Babilônia, lembravam-se eles deste nome, e derramavam copiosas lágrimas, como vemos no Salmo 137. Em tempos recentes, os judeus criaram um movimento visando à criação do Estado de Israel, cujo nome é Sionismo, refletindo o amor que os israelitas de todas as tribos devotam à sua terra.

Na tipologia do NT, a morada dos santos é considerada a Sião Celestial para onde todos os redimidos pelo sangue do Cordeiro haverão de ir. Amém! Ora vem Senhor Jesus!

2. Monte Moriá. Moriá é sinônimo de abnegação, renúncia e sacrifício. Neste monte, o patriarca Abraão foi submetido à maior prova de sua vida.

Constrangido pelo Todo-Poderoso, o patriarca deixou suas tendas e foi em direção ao Monte Moriá, onde deveria oferecer seu filho, Isaque, em holocausto ao Senhor. Já tendo erguido o altar e já disposto sobre este a lenha e a vítima para consumar o sacrifício, eis que de repente ouviu a voz de Deus: "*... Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho.*" (Gn 22.11,12). Continua a narrativa: "*Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho.*" (Gn 22.13).

Localizado ao leste de Sião, o Moriá tem uma altitude média de 800 metros ao nível do Mar Mediterrâneo. De forma alongada, sua parte mais baixa era conhecida como Ofel. No tempo de Abraão, Moriá não designava propriamente um monte, mas uma região.

Mil anos após a era patriarcal, Salomão construiu neste monte o Santo Templo. A Casa do Senhor, entretanto, foi destruída por Nabucodonosor, em 586 a.C. Reconstruída no tempo de Esdras e Neemias, novamente foi destruída pelas tropas do general Tito, no ano 70 de nossa era. Encontra-se atualmente, sobre o Moriá, a Mesquita de Omar, um dos mais venerados santuários dos muçulmanos.

O que significa Moriá? O professor Zev Vilnay explica: "Os sábios de Israel perguntaram: – 'Por que este monte se chama Moriá?' – Porque vem da palavra 'Morá', que, em hebraico, significa *temor.* Desta montanha o temor de Deus percorreu a terra toda. Outra versão diz que vem de 'ora', que quer dizer *luz*, pois quando o Todo-Poderoso ordenou: 'Haja luz', foi do Moriá que pela primeira vez brilhou a luz sobre a humanidade.".

Moriá poderia ser chamado hoje de "Montanha das Lágrimas". Do Santo Templo, restou apenas uma muralha, na qual judeus de todo o mundo vêm chorar seus exílios e amarguras. O Muro das Lamentações é o último resquício da glória passada de Israel.

3. Monte das Oliveiras. Localiza-se no setor oriental de Jerusalém. O Vale do Cedrom separa-o do Moriá. Esse monte, denominado "Mons Viri Galilaei", compõe uma cordilheira sem muita expressão, com aproximadamente três quilômetros de comprimento.

Na parte ocidental do Monte das Oliveiras, encontra-se o Jardim do Getsêmani. Nos dias do AT, a sagrada elevação era coberta de oliveiras, vinhedos, figueiras e uma série de outras árvores frutíferas e ornamentais. A fertilidade da região é tão proverbial que a Festa dos Tabernáculos, logo após o retorno dos exilados de Babilônia, foi realizada com os ramos das árvores do Monte das Oliveiras.

Foi no Jardim do Getsêmani que Jesus enfrentou um dos mais dolorosos momentos de seu ministério. Envolto na sombra da noite, clamou. Pressionado por nossos pecados, chorou. Ali, foi seu corpo esmagado, qual fruto da oliveira, por causa das nossas transgressões. Mas, de seu sofrimento, saiu o óleo que nos pensa todas as feridas da alma.

4. Monte da Tentação. Logo após o seu batismo, Jesus foi levado a um monte, onde passou 40 dias. Em absoluto jejum, o nosso Redentor foi tentado pelo diabo. Depois disso, teve fome naqueles solitários longes. Por servir de claustro ao Salvador, esta elevação é conhecida como o Monte da Tentação.

Distante 20 quilômetros ao leste de Jerusalém, o monte da Tentação fica quase 1.000 metros acima do nível do mar. Sua altura, contudo, não ultrapassa a 300 metros, por encontrar-se no profundo Vale do Jordão. Caracterizado por ingrata aridez, possui inúmeras cavernas, onde os monges refugiam-se até hoje para meditar.

As Sagradas Escrituras não declinam a localização do monte onde o Senhor foi tentado. Entretanto, o monte conhecido como o da Tentação é o único que corresponde ao cenário da vitória de Cristo sobre o maligno.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

6.01 Situando-se em Efraim, integram o conjunto orográfico da região de Judá:
___a) Monte Sião.
___b) Monte Moriá.
___c) Monte das Oliveiras.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

6.02 Constitui a montanha mais alta da Cidade Santa:
___a) Monte da Tentação.
___b) Monte Sião.
___c) Monte Moriá.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

6.03 Ao retornarem do exílio babilônico, os judeus celebraram a Festa dos Tabernáculos, ornamentada com ramos das frondosas árvores do
___a) Monte das Oliveiras. ___b) Monte Sião.
___c) Monte Moriá. ___d) Monte Sinai.

6.04 Local onde Jesus Cristo passou 40 dias em jejum e oração depois de seu batismo nas águas:
___a) Monte da Tentação. ___b) Monte das Oliveiras.
___c) Monte Sião. ___d) Monte Moriá.

TEXTO 2

A IMPORTÂNCIA DOS MONTES PARA ISRAEL (CONT.)

Montes de Efraim

A região montanhosa de Efraim abrange a área ocupada pelos efraimitas, pela metade dos manassitas e por uma parcela dos benjamitas. Compreendida no Planalto Central, a área recebe também os nomes de Monte de Naftali, Monte de Israel e Monte de Samaria.

Entre os mais importantes montes de Efraim estão Ebal e Gerizim. Um evento histórico na tomada da terra de Canaã foi a leitura da Torá por Josué, ocasião em que parte do povo se posicionou no Ebal, e parte, no Gerizim, respondendo com "Amém" uma à outra, ao serem proferidas as bênçãos e as maldições reservadas pelo SENHOR aos filhos de Israel, como se todos estivessem dispostos em um anfiteatro (Js 8.32-35).

Tanto o Ebal quanto o Gerizim ocupam posição estratégica. Para se alcançar qualquer parte da Terra Santa, é necessário passar por ambos os montes.

1. Monte Ebal. Situado a 52 quilômetros ao norte de Jerusalém e 10 quilômetros ao sudoeste de Samaria, o Ebal possui um solo aridificado e pontilhado de escarpas. Tem 300 metros de altura e fica a mais de mil metros acima do Mar Mediterrâneo.

Nesse monte, foram erguidas as pedras que serviriam de memorial à entrada de Israel em Canaã, conforme Moisés ordenara (Js 8.30-32). Aqui punham-se as tribos de Rubem, Gade, Aser, Zebulom, Dan e Naftali a fim de proferirem as maldições que cairiam sobre os israelitas se viessem estes a quebrantar as leis divinas.

Também no cume do monte Ebal, Jotão proclamou seu célebre apólogo, incitando Israel a lutar contra o usurpador Alimeleque (Jz 7.9-21).

2. Monte Gerizim. Ao contrário do Ebal, o monte Gerizim é recoberto por reconfortante vegetação. Sua altura é de 230 metros e está situado a 940 metros de altitude em relação ao Mediterrâneo. Nesse monte, foram abertas muitas cisternas para captar as águas da chuva.

Após o exílio babilônico, os samaritanos, instigados por Sambalá, construíram um templo sobre o Gerizim, visando a empanar a glória do Templo reconstruído por Esdras e Neemias. Em 129 a.C., porém, o santuário dos samaritanos foi destruído por João Hircano. Vestígios desse templo

foram descobertos no século XX pelo laborioso arqueólogo Salcy que descreve o Templo da seguinte forma: um edifício rico e mui suntuoso.

O Monte Gerizim, conhecido atualmente como Jebel-et-Tor, continua a ser reverenciado pelos samaritanos. Segundo dizem, foi nesse monte que Abraão deu o dízimo a Melquisedeque. Eles acreditam também ter sido aqui o lugar em que Isaque foi levado por Abraão para ser oferecido a Jeová.

Montes de Naftali

A designação abarca todo o conjunto montanhoso do Norte de Israel. Quando da conquista de Canaã, o território foi destinado às tribos de Aser, Zebulom, Issacar e Naftali. Os naftalistas ficaram com uma área mais extensa. Por causa disso, todas essas terras passaram a ser conhecidas como Naftali. Os quatro mais importantes montes dessa região são o Carmelo, o Tabor, o Gilboa e o Hatim.

1. Monte Carmelo. Um dos mais renhidos combates entre a fé e a idolatria foi travado no Carmelo. Cheio do Espírito Santo, Elias desafiou aqui quatrocentos profetas de Baal (1Rs 18). O monte, em virtude dessa confrontação, é vislumbrado como símbolo de prova e fogo.

O Carmelo não é propriamente um monte. É apenas uma parte de uma cordilheira de 30 quilômetros de comprimento. Sua largura oscila entre cinco e 13 quilômetros a começar do mar Mediterrâneo em direção ao sudeste de Israel. O ponto mais elevado do monte não atinge 600 metros. O duelo de Elias com os falsos profetas deu-se exatamente no cume do monte Carmelo.

Pelo lado norte da cordilheira passa o rio Quisom, onde os vassalos de Baal foram exterminados. Oswaldo Ronis escreve sobre o Carmelo: "Este é o único monte que se destaca do planalto central na direção oeste, formando um promontório ao sul da planície do Acre (Accho ou Asher) e é a única parte do território da Palestina que avança mar Mediterrâneo adentro, formando, ao Norte, a baía do Acre onde se localiza a cidade de Haifa. Note-se que este monte ou serra forma uma barreira entre as planícies Esdraelom, ao norte e Sarom ao sul, apresentando em seus flancos inúmeras cavernas que, pela sua conformação interna, parece (algumas) terem sido habitadas. Uma delas é conhecida como a "Gruta de Elias", que hoje é um santuário muçulmano.".

2. Monte Tabor. Localizado na Galileia, o Tabor tem 320 metros de altura. Trata-se de um monte solitário, plantado na luxuriante Esdraelom. Visto do sul, lembra um semicírculo. Dista apenas 10 quilômetros de Nazaré e a 16 do mar da Galileia. Encontra-se a 615 metros acima do nível do Mar Mediterrâneo. De seu cume avistam-se magníficas paisagens. A alma hebreia embevecia-se com os quadros avistados e formados a partir desse monte. Por isso era o Tabor comparado ao Hermom. O Tabor é muito importante no AT. Nas suas cercanias, os exércitos de Baraque combateram as forças de Sísera (Jz 4.6). Aí Gideão colocaria em fuga os batalhões dos midianitas.

Nos dias de Oséias, foi construído um santuário pagão sobre o Tabor, contra o qual vociferou o profeta: "*Ouvi isto, ó sacerdotes; escutai, ó casa de Israel; e dai ouvidos, ó casa do rei, porque este juízo é contra vós outros, visto que fostes um laço em Mispa e rede estendida sobre o Tabor*" (Os 5.1).

Tempos mais tarde, uma cidade foi construída no topo do monte, conquistada em 218 a.C. por Antíoco, que a transformou em fortaleza. O Tabor seria cenário de vários conflitos entre

romanos e judeus. Haja vista as fortificações que o historiador e militar judeu, Flávio Josefo, mandou fazer nesse monte. Desses baluartes sobraram apenas trechos de um muro.

A partir do século III de nossa era, renomados teólogos começaram a ventilar a hipótese de que a transfiguração do Cristo se dera no Monte Tabor. Visando a perenizar o importantíssimo momento da vida terrestre de Jesus, a mãe de Constantino Magno, Helena, ordenou a construção de três santuários: um para Jesus, um para Moisés (representante da Lei) e um para Elias (representante dos profetas).

Hoje, acredita-se que a transfiguração de Nosso Senhor ocorreu nas encostas sulinas do monte Hermom. O Tabor é chamado de *Jabal al-Tur* pelos árabes, porém os israelenses continuam a tratá-lo de *Har Tãbhôr*.

3. Monte Gilboa. Com 13 quilômetros de comprimento e uma largura que varia entre cinco a oito quilômetros, o Monte Gilboa está situado no sudeste de Jezreel. De forma alongada, acha-se a 543 metros de altitude.

No Monte Gilboa, cujo nome significa *fonte borbulhante* em hebraico, morreram o rei Saul e seu filho Jônatas, quando combatiam os filisteus. A fatalidade inspirou este cântico davídico: "*Montes de Gilboa, não caia sobre vós nem orvalho, nem chuva, nem haja aí campos que produzam ofertas, pois neles foi profanado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo*" (2Sm 1.21).

As colinas do Gilboa são conhecidas hoje como Jebel Fukua.

4. Monte Hatim. Localizado nas proximidades do Mar da Galileia, o Monte Hatim compõe os chamados Cornos de Hatim. Sua altitude não ultrapassa os 180 metros. É um lugar bastante aprazível e de seu topo pode-se avistar o Mar da Galileia. Seus dois picos principais têm a aparência de chifres.

Acredita-se ter sido esse o monte de onde Cristo pronunciou o Sermão da Montanha. O Hatim é conhecido também como o Monte das Bem-Aventuranças.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

___6.05 Região de Efraim, onde foram colocadas pedras como memorial pela entrada de Israel em Canaã.

___6.06 Visando a ofuscar a glória do Templo reconstruído por Esdras e Neemias, os samaritanos edificaram um templo sobre este local, situado na região de Efraim.

___6.07 Situado nas terras de Naftali, foi testemunha de um dos mais expressivos combates da fé do profeta Elias contra a idolatria dos profetas de Baal.

___6.08 Terra de Naftali que serviu de cenário para Baraque combater as tropas de Sísera e para Gideão vencer os midianitas.

___6.09 Local em que morreram o rei Saul e seu filho Jônatas em combate contra os filisteus.

Coluna "B"

A. Monte Gerizim.

B. Monte Gilboa.

C. Monte Carmelo.

D. Monte Tabor.

E. Monte Ebal.

TEXTO 3

A IMPORTÂNCIA DOS MONTES PARA ISRAEL (CONT.)

Montes Transjordanianos

Os Montes Transjordanianos são conhecidos também como Montes do Planalto. Suas principais elevações são Gileade, Basã, Pisga e Peor.

1. Monte de Gileade. Trata-se de um conjunto montanhoso que se estende do sul do rio Iarmuque ao Mar Morto. O Gileade é dividido pelo Ribeiro de Jaboque, onde Jacó lutou com o Anjo do Senhor. Essa foi a primeira região conquistada pelos israelitas; sua posse coube à tribo de Gade. O profeta Elias é originário de Gileade. No tempo de Jesus, o território era conhecido como Pereia. O nome dessa localidade surgiu em virtude do encontro entre Jacó e Labão. O primeiro designou-a como Jegar-Saaduta. E o segundo, Galeed. Ambas as nomenclaturas significam *montão do testemunho*.

Região famosa por sua fertilidade, do solo de Gileade explodiam o trigo, a cevada, a oliveira e diversos legumes, além de seu bálsamo que era procuradíssimo. Nos tempos bíblicos, era este um provérbio mui comum: "Por acaso não há bálsamo em Gileade?". Hoje, o território está em poder da Jordânia. Para os judeus ortodoxos, entretanto, Gileade é a eterna possessão dos filhos de Israel.

2. Monte de Basã. Basã é um dilatado e fertilíssimo conjunto de montanhas. Ao norte, limita-se com o monte Hermom; ao leste, com a região desértica da Síria e da Arábia; ao oeste, com o Jordão e o Mar da Galileia; e ao sul, com o Vale do Iarmuque.

Assim Davi se refere a este monte: "*O monte de Deus é Basã, serra de elevações é o monte de Basã.*" (Sl 68.15). Em virtude de sua fertilidade, as terras do Basã são, ainda hoje, pródigos celeiros para a Síria e Israel. A região era coberta de cedros e carvalhos nos tempos bíblicos. Incontáveis rebanhos pasciam em suas vicejantes pastagens.

Nos dias de Abraão, o monte de Basã era habitado pelos temidos refains – um povo de elevada estatura. Ogue foi o último soberano desse país. Sua cama media aproximadamente quatro metros de comprimento e quase dois de largura. Moisés destinou a região à meia tribo de Manassés.

3. Monte Pisga. Do cimo deste monte, Moisés contemplou a Terra Prometida: "*Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao Monte Nebo, ao cimo de Pisga, que está defronte de Jericó; e o* SENHOR *mostrou toda a terra, desde Gileade até Dã. Assim, morreu ali Moisés, servo do* SENHOR, *na terra de Moabe, segundo a palavra do* SENHOR" (Dt 34.1,5).

Conhecido também como Nebo, o monte Pisga está localizado na planície de Moabe e dista 15 quilômetros ao leste da foz do Rio Jordão. Moisés vislumbrou o solo da promissão de uma altura de 800 metros. Alguns autores, contudo, dizem haver na região dois montes: o Pisga e o Nebo.

4. Monte Peor. O monte Peor está localizado nas imediações do Nebo. Em hebraico, *Peor* significa *abertura*. Nesse monte era adorado um imoral e abominável ídolo.

Do Peor, Balaão tentou amaldiçoar os filhos de Israel. No entanto, seus esforços foram todos baldados. Como amaldiçoar uma gente que o próprio Deus abençoou? O profeta estrangeiro resolveu, então, aconselhar Balaque a introduzir prostitutas no arraial hebreu. Estas, por sua vez, induziram os varões israelitas à idolatria e à devassidão. Não fosse a pronta e enérgica ação de Moisés, os hebreus teriam se corrompido de todo. Do lamentável episódio, falaria mais tarde o profeta: "*Os vossos olhos viram o que o* SENHOR *fez por causa de Baal-Peor; pois a todo o homem que seguiu a Baal-Peor o* SENHOR, *vosso Deus, consumiu do vosso meio.*" (Dt 4.3).

Monte Hermom

Hermom significa provavelmente *sagrado* ou *proibido*. Este monte domina toda a Terra Santa. Sua coroa de neve pode ser vista a milhares de quilômetros. Era no Hermom que ficava o santuário-mor de Baal. Por isso Israel via-o com muitas reservas, apesar de ser mencionado poeticamente por Davi: "*É como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião. Ali, ordena o* SENHOR *a sua bênção e a vida para sempre.*" (Sl 133.3).

Segundo a tradição, foi no Monte Hermom que o Senhor Jesus transfigurou-se diante de seus discípulos. Seu orvalho é de tal forma abundante que as tendas levantadas ao seu redor parecem ter estado sob forte chuva. O monte é conhecido ainda por dois outros nomes: *Siriom*, em fenício, e *Senir*, na antiga língua dos amorreus. Ambas as palavras significam *esplendor, majestade, beleza*.

Sobre o mais alto dos três cimos do Monte Hermom jazem os restos de um templo de Baal que, provavelmente, foi destruído pelos israelitas em obediência à ordem divina: "*Destruireis por completo todos os lugares onde as nações... serviram aos seus deuses, sobre as altas montanhas...*" (Dt 12.2). Do cimo do Hermom, os sacerdotes de Baal obtinham uma perfeita vista do curso do sol, a quem dirigiam as suas adorações.

Monte Sinai

O Sinai é, na verdade, uma península montanhosa, localizada entre os golfos de Sues e Acaba. Nessa região, Deus apareceu a Moisés e o comissionou a libertar Israel do jugo faraônico. Da sarça ardente, clamou o grande Jeová: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). Em frente ao monte, ficaram os israelitas acampados por quase um ano. Aqui, o Senhor entregou a Lei aos filhos de Israel (Êx 19; Nm 10).

Conhecido também como Horebe, o Monte Sinai serviu de refúgio para Elias, ao empreender fuga da perversa Jezabel.

A palavra Sinai tem duas significações possíveis: *sarça ardente* e *fendido*. Dizem alguns ser o nome uma evocação a Sin, deusa da Lua. Nas Sagradas Escrituras, o monte recebe três diferentes designações: Sinai, Horebe e Monte de Deus.

O Monte Sinai tem uma forma triangular. Seus vértices superiores repousam em dois continentes: África e Ásia. Ao oriente, é banhado pelo Golfo de Acaba; ao ocidente, pelo Golfo de Suez. A área da Península do Sinai mede 35.000 km^2. A região é composta por três zonas geológicas: cretácea, arenística e granítica.

Apesar de aridificado, o território tem os seus encantos particulares. Os montes erguem-se soberanos e altivos. As areias, queimadas pelo sol, mostram-se multicoloridas. Escassa, a vegetação do Sinai torna a sobrevivência humana praticamente impossível. Os oásis são uma raridade. Em alguns locais, todavia, vislumbram-se vales verdes em virtude da água oriunda da neve que desce dos picos montanhosos. Nessas paragens, os anacoretas encontram repouso e silêncio para a sua meditação.

O Sinai foi conquistado por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967. Devido às conversações de paz de Camp David, nos Estados Unidos, a região voltou à soberania egípcia, em 1982.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___6.10 Gileade, Basã, Pisga e Peor constituem elevações que compõem os Montes Transjordanianos.

___6.11 Davi compara o monte de Deus com Monte de Basã, em Salmo 68.15.

___6.12 Foi do Monte de Basam que Moisés contemplou a Terra Prometida, conforme Deuteronômio 34.1,5.

___6.13 De acordo com o Texto, as Sagradas Escrituras registram este monte com três designações, a saber: Monte Sinai, Monte Horebe e Monte de Deus.

TEXTO 4

OS DESERTOS DA TERRA SANTA

O que é o deserto

A palavra deserto é originária do vocábulo latino *desertus* e significa, entre outras coisas, *lugar desabitado, despovoado e ermo*. Segundo Houaiss: *zona árida, com precipitações atmosféricas irregulares ou escassas, vegetação inexistente ou rara e relevo formado pela alteração de determinadas rochas.*

Nas Sagradas Escrituras, os vocábulos traduzidos como *deserto* incluem não somente as dunas, mas designam igualmente as terras plainas, as estepes e as áreas apropriadas à criação de gado. No AT o vocábulo *deserto* pode ser encontrado 36 vezes como adjetivo e 284 como substantivo. Já no NT, a mesma palavra aparece 12 vezes como adjetivo e 36 como substantivo.

A palavra hebraica mais traduzida como deserto é *midbar* e tem vários significados: *região plana e apropriada à criação de gado; área meio fértil e meio árida; e deserto propriamente dito*. Eis mais alguns termos hebraicos traduzidos como *deserto*: yesimon – *território desértico;* orbáh – *aridez, desolação, ruína* (castigo divino); tohu – *vazio;* siyyah – *terra árida.*

Características do deserto

Segundo a ENCICLOPÉDIA MIRADOR, deserto são regiões de escassas precipitações e nas quais a cobertura vegetal é praticamente nula ou reduzida a algumas plantas isoladas: "A insuficiência das precipitações, quer sob o aspecto quantitativo, quer do ponto de vista de sua distribuição no decorrer do ano, é a característica mais importante das regiões secas. É difícil encontrar um limite numérico para especificar as regiões secas, por causa da complexidade dos fatores atuantes. Tentou-se delimitar o

Saara pelo índice de 10 mm e as regiões áridas pela de 250 mm. Mas tais cifras não possuem valor geral, porque a aridez e, principalmente, a semi-aridez se manifestam em regiões com 50 mm ou mais de precipitações, como o Nordeste brasileiro, que recebe, por vezes, quantidades superiores a 750 mm. Há uma graduação de aridez, que se estende desde os desertos quase absolutos, denominados de 'tonezrouft' no Saara, até os desertos relativos, localizados nas áreas limítrofes com as regiões úmidas. Além da deficiência das precipitações, é preciso lembrar a sua irregularidade, que se torna maior à medida que a região é mais árida. A presença de camadas de ar geralmente muito seco e sem nuvens, e o solo desnudo, cujo aquecimento aumenta a radiação (e, em conseqüência, provoca intensa evaporação), são as causas principais do *déficit* que caracteriza a aridez.". Os desertos bíblicos, porém, nem sempre apresentam as características descritas.

Desertos bíblicos

Os principais desertos mencionados nas Sagradas Escrituras localizam-se no sul e no oriente de Israel. Agrupam-se os primeiros na Península do Sinai. Os demais encontram-se nas outras regiões do país. Vejamos as características dessas áreas.

1. Deserto do Sinai. Os filhos de Israel caminharam pelo Sinai durante quarenta anos, período em que aprenderam a conviver com as agruras do deserto. Não obstante a aridez daquele solo, nada lhes faltou, porque o Senhor supriu-lhes todas as suas necessidades. Durante o dia, eram amparados pela coluna de nuvem; durante a noite, uma coluna de fogo os acompanhava. Naquelas quatro décadas, os israelitas deixaram de ser um bando de escravos e transformaram-se numa forte e robusta nação, uma das mais sólidas civilizações forjada em pleno deserto.

Foi no Sinai que Deus entregou as tábuas da Lei a Moisés. A palavra Sinai é proveniente do culto a Sin, deus da Lua, uma das mais celebradas e abomináveis divindades do Oriente Médio. O Sinai recebe ainda os nomes de Sur, Parã, Cades, Zim e Berseba.

A península do Sinai localiza-se na faixa árida que cruza o norte da África e o sudoeste da Ásia, ocupando uma área triangular de 61.000 km^2 em pleno território egípcio. Situa-se entre o golfo e o canal de Suez, ao oeste; e o golfo de Aqaba e o deserto de Neguev, ao leste. Ao norte, faz fronteira com o Mar Mediterrâneo e ao sul, com o Mar Vermelho.

O Sinai divide-se em duas regiões. A zona montanhosa no sul inclui os montes Katrinah, Umm Shaawmar e Sinai, todos com mais de dois mil metros de altitude. O planalto, no norte, ocupa cerca de dois terços da península, atingindo 900m de altitude, descendo em direção ao mar Mediterrâneo.

A aridez da região evidencia-se pela ocorrência de dunas e *uédis* (rios intermitentes) e também pela salinização. A região apresenta também depósitos aluviais e lacustres. Há grandes lençóis d'água subterrâneos; a umidade relativa do ar é alta no litoral e a vegetação, escassa. A fauna do Sinai é relativamente modesta; entre os animais se acham ouriços, gazelas, leopardos, chacais, lebres, falcões e águias.

A região é habitada desde tempos imemoriais. Em 3000 a.C., os egípcios já registravam suas expedições à região em busca de cobre. No início da era cristã, o Sinai abrigou vários monastérios. No ano 530, o imperador bizantino Justiniano I construiu, na parte inferior da encosta do Sinai, o mosteiro de Santa Catarina. Em 1517, o Sinai foi integrado ao Império Otomano. Em 1917, terminada a Primeira Guerra Mundial, o território foi anexado ao Egito. A partir de 1949, gerou

diversos confrontos entre egípcios e israelenses. Israel ocupou a península em 1967, devolvendo-a ao Egito em 1982, conforme citado no Texto 3.

A escassa população, formada por beduínos nômades, concentra-se no norte, onde há suprimento de água, e no oeste, onde há indústrias de processamento de manganês e petróleo. A economia da região é basicamente agropastoril. A irrigação, que utiliza a água dos lençóis freáticos e do rio Nilo, possibilitou a cultura de largas faixas de terra no litoral. Os principais produtos da região são trigo, azeitona, frutas, legumes e árvores para a extração de madeira.

2. Deserto da Judeia. As áreas localizadas do leste dos montes de Judá até o rio Jordão e o mar Morto formam o deserto da Judeia que se subdivide em vários desertos sem importância: Maon, Zife e En-Gedi. Nessas paragens, Davi perambulou perseguido pelo rei Saul.

Técoa e Jeruel são também desertos de Judá. Nesse território, o rei Josafá obteve estrondosa vitória sobre as forças moabitas e amonitas (2Cr 2.20). Foi aqui que o profeta Amós exerceu o seu ministério, e João Batista clamou contra seus contemporâneos.

3. Desertos de Jericó, Bete-Áven e Gabaom. O deserto de Jericó localiza-se no território benjamita. A região forma um longo desfiladeiro de aproximadamente 15 quilômetros que desce de Jerusalém a Jericó. Nessa área, há muitas cavernas, onde se escondiam malfeitores. A região serviu de cenário para a Parábola do Bom Samaritano narrada por Jesus Cristo.

Bete-Áven e Gabaom são outros importantes desertos de Jericó. Em Gabaom obteve Josué irretocável vitória sobre os primitivos habitantes de Canaã.

Israel vence os desertos

Cinquenta por cento das terras israelenses compõem o Deserto do Neguev. O atual Estado de Israel, porém, está vencendo a aridez de seu território, transformando-o em inacreditável vergel.

O pastor Abraão de Almeida sintetiza estas informações acerca do reflorescimento das áreas desérticas da Terra Santa nos seguintes termos: "Os progressos obtidos por Israel na transformação do Neguev em um jardim regado são, de fato, impressionantes. Desde o início da década de 80 vêm sendo aplicados mais de três bilhões de dólares na construção de estradas, aquedutos e linhas de comunicação, a fim de abrigar novas instalações militares e cerca de uma centena de novos povoados agrícolas. E a chave para toda essa revitalização do deserto reside no aumento das fontes hidrológicas. Há inclusive, um projeto arrojado, que objetiva conduzir mais de um bilhão de toneladas de água por ano do Mediterrâneo para o mar Morto, através de um canal cortando o Neguev. Esse grande canal levaria água fresca à indústria local e água dessalinada aos agricultores, além de resolver um sério problema: a alarmante evaporação das águas do mar Morto, que pode mesmo morrer, se providências sérias não forem tomadas.".

O florescimento de Israel é um milagre que somente a fé pode explicar.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

6.14 Durante quatro décadas a peregrinar no deserto, os filhos de Israel transformaram-se em
___a) meros habitantes acostumados a viver em terras áridas.
___b) uma nação forte e robusta, forjada no deserto.
___c) uma nação desintegrada e sem expressão.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

6.15 Além de Sinai, outros nomes designam as terras desérticas que abrigaram os israelitas:
___a) Sur e Parã.
___b) Cades.
___c) Zim e Berseba.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

6.16 Depois de 15 anos sob a posse israelense (1967-1982), a península do Sinai é hoje parte do Egito. Esta região, alvo de histórico confronto entre egípcios e israelenses, foi integrada
___a) ao Império Otomano em 1517.
___b) ao Egito após a Segunda Guerra Mundial, em 1947.
___c) ao território israelense em 1973.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

6.17 Maon, Zife e En-Gedi integram o deserto da Judeia. As Escrituras registram que perambulou por esse território:
___a) Elias, em fuga por causa da ira de Jezabel.
___b) Davi, perseguido pelo rei Saul.
___c) Sansão, tentando escapar de Dalila.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

6.18 O atual Estado de Israel tem se mostrado vitorioso no tocante à aridez de seu solo, considerando que 50% das terras israelenses
___a) compõem o Deserto do Neguev.
___b) foram assoladas pelas guerras.
___c) estão sob a possessão de outros povos.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___6.19 Foi no Jardim do Getsêmani, localizado no monte da Tentação, que Cristo enfrentou um dos mais dolorosos momentos de seu ministério, ao chorar pelas nossas transgressões.

___6.20 Segundo o Texto estudado, é provável que Cristo tenha proferido o Sermão da Montanha em terra de Naftali, no Monte Hatim.

___6.21 Conquistado por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, a península do Sinai foi reintegrada ao Egito em 1982, por meio de um acordo de paz celebrado nos Estados Unidos.

___6.22 Foi no deserto de Jericó que João Batista clamou contra seus contemporâneos.

HIDROGRAFIA E CLIMA DA TERRA SANTA

Não é preciso enfatizar ser a água de suma importância para o Estado de Israel. Além disso, 75% dos recursos hídricos têm de ser empregados na irrigação; o que sobra é destinada às indústrias e às cidades. A insuficiência hídrica, porém, não estrangula o desenvolvimento social e econômico da jovem nação hebreia.

Não fosse o eficiente sistema de irrigação israelense, os 5.000 km² de campos aráveis seriam insuficientes para o abastecimento interno. As áreas de plantio, embora comparadas ao Éden, poucos benefícios recebem das chuvas. Leve-se em conta, também, o seu elevado índice de evaporação. Na realidade, o verdadeiro potencial agrícola de Israel é composto por menos de 2.000 km² de terras intensivamente irrigadas.

A fim de compensar a má distribuição de água, já que a maior parte dos recursos hídricos está no Norte do país, o governo israelense concluiu, em 1964, o Conduto Nacional que abastece o centro e o sul de Israel. O sistema é dotado de gigantescos aquedutos, canais abertos, reservatórios, túneis, represas e estações de bombeamento.

Apesar de suas exíguas dimensões territoriais, Israel apresenta uma impressionante variedade de climas. Não exageraríamos se disséssemos ser a Terra Santa a síntese meteorológica do mundo. Se em Jerusalém temos a neve cantada nos salmos, no Neguev encontramos um deserto tão causticante quanto o Saara.

As páginas desta Lição contêm informações elementares para a compreensão do clima e da formação hidrográfica da Terra Santa, como veremos.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Mares da Terra Santa
2. Mares da Terra Santa (Cont.)
3. Mares da Terra Santa (Cont.)
4. Rios da Terra Santa
5. Rios da Terra Santa (Cont.)
6. O Clima da Terra Santa

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Definir etimologicamente a palavra hidrografia e especificar os mares que compõem a hidrografia de Israel;
2. Relatar, segundo o registro bíblico, fatos históricos ocorridos no Mar da Galileia e no Mar Vermelho;
3. Mencionar qual Mar aparece em todos mapas bíblicos por causa da sua proximidade com as terras que serviram de cenário à História Sagrada;
4. Citar as principais características dos rios que compõem a Bacia do Mediterrâneo;
5. Descrever os rios que compõem a Bacia do Jordão e a formação do Lago de Merom;
6. Relatar os principais aspectos climáticos de Israel em suas montanhas, litoral e deserto, bem como a formação dos ventos, das estações e das chuvas na região.

TEXTO 1

MARES DA TERRA SANTA

Etimologicamente, a palavra hidrografia é formada por dois vocábulos gregos: *hidro – água*; e, *graphein – descrever*. A *hidrografia*, portanto, *é a ciência que estuda todos os corpos de água que há na superfície do globo*. São objetos de seu estudo os oceanos, mares, rios, lagos e geleiras, além das propriedades físicas e químicas das águas.

A hidrografia encarrega-se, também, de cartografar as bacias fluviais, leitos de rios e lagos e fundos de mares e oceanos.

Tecnicamente, o *mar* pode ser definido, de acordo com Aurélio, como *a massa de águas salgadas do globo terrestre; cada uma das porções em que está dividido o oceano; e, grande massa de água salgada situada no interior dum continente*. Já no Dicionário de Geografia Melhoramentos, temos esta definição: *Parte dos oceanos que se caracteriza pela forma particular de suas costas, pelo tamanho e modelo do relevo*.

A hidrografia de Israel

A hidrografia de Israel é composta por três mares: Mediterrâneo, Morto e da Galileia. Este último, conforme veremos mais adiante, não é propriamente um mar.

Entre os hebreus, o "mar" compreendia qualquer grande massa de água. Eles o consideravam criação do Senhor: *"Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela contém, o mundo e os que nela habitam. Fundou-a sobre as correntes a estabeleceu"* (Sl 24.1,2). Ao patriarca Jó, falou o Todo-Poderoso: *"Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre; quando eu lhe pus as nuvens por vestidura e a escuridão por fraldas? Quando eu lhe tracei limites, e lhe pus ferrolhos e portas, e disse: até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas?"* (Jó 38.8-11).

1. Mar Mediterrâneo. Com uma extensão de 4.500 km e uma superfície de três milhões de quilômetros quadrados, o Mediterrâneo é o maior dos mares internos. Suas águas banham a Europa Meridional, a Ásia Ocidental e a África Setentrional. Famosos rios, como o Nilo, o Pó, o Ródano, o Ebro e o Danúbio, deságuam em sua histórica e milenar grandeza.

O Mediterrâneo aparece nas Sagradas Escrituras com outros nomes: Mar Grande, Mar Ocidental, Mar dos Filisteus, Mar de Jafa. Biblicamente, é tratado simplesmente de o Mar. Sua importância é incontestável. Afirma Paul Valéry: "O Mediterrâneo tem sido uma verdadeira máquina de fabricar civilização.". Também este é o pensamento de E. M. Forster: "O Mediterrâneo é a norma humana. Quando as pessoas deixam esse lago encantador, através do Bósforo ou dos Pilares de Hércules, aproximam-se do monstruoso e do extraordinário; e a saída meridional leva às mais estranhas experiências.".

Acredita-se tenham sido os fenícios, os maiores navegadores do mundo antigo, os primeiros a explorarem o Mediterrâneo. Amantes do comércio, fundaram colônias em todo o lado oriental do Grande Mar e ao longo da África do Norte.

As mais antigas civilizações do Oriente Médio e da Europa escreveram suas histórias sobre as águas do Mar Mediterrâneo: micena, grega, fenícia, romana, turca, francesa, italiana. Durante os dois séculos que antecederam a era cristã, Roma conseguiu a sua unidade política em todo o Mediterrâneo.

Atualmente, o Mediterrâneo continua a ser de vital importância para diversos povos. Suas rotas incluem portos estratégicos como, por exemplo, o de Gênova, Nápoles, Barcelona, Trieste, Salônica, Beirute, Esmirna, Porto Saide, Alexandria, Constantinopla, Haifa.

O Mar Mediterrâneo banha toda a costa ocidental de Israel. Nessas imediações, suas águas são rasas, tornando impossível a aproximação de navios de grandes calados, razão pela qual não era usado pelos judeus como via de transporte. Aliás, sentiam-se eles isolados pelo Mediterrâneo.

Jope era o único porto do Grande Mar utilizado pelos israelitas. Entretanto, por causa de seus arrecifes e bancos de areia, os navegantes não se aventuravam a procurá-lo com frequência. Compensando tais deficiências, o Mediterrâneo formava uma vastíssima área defensável à pequena nação hebreia, que, em até certa medida, ficava isolada.

Através do Mediterrâneo, Salomão recebeu os valiosos cedros do Líbano para a construção do Templo. Em suas águas Jonas foi lançado quando fugia da presença do Senhor (Jn 1.3). Ao contrário do profeta engolido pelo grande peixe, Paulo utilizou-se do Grande Mar para universalizar o Evangelho.

No século XVI, com as grandes navegações, foi aberto um novo caminho para a Ásia através do Cabo da Boa Esperança, na África do Sul. Era o apogeu da Europa Atlântica. Por causa disso, o Mediterrâneo teve sua importância reduzida até 1869, ano em que foi viabilizado o Canal de Suez.

2. Mar Morto. Chamado de Mar Salgado pelos escritores bíblicos em virtude da alta densidade de sal em suas águas, Josué assim o menciona:

> *"pararam-se as águas que vinham de cima; levantaram-se num montão, mui longe da cidade de Adã, que fica ao lado de Sartã; e as que desciam ao mar da Arabá, que é o mar Salgado, foram de todo cortadas; então, passou o povo defronte de Jericó."*
> (Js 3.16 – Grifo nosso.)

No Mar Morto, há mais de 300 partes de sal para cada mil de água, o que caracteriza a maior taxa de salinidade do mundo. É praticamente impossível mergulhar em suas águas. Alguns turistas aproveitam para se fotografarem confortavelmente boiando no Mar Morto lendo seus jornais e revistas.

O Mar Morto recebe ainda os seguintes nomes: Mar de Arabá (Dt 3.17), Mar Oriental (Ez 47.18; Jl 2.20), Mar do Sal, al-Bahr-al-Mayyit em árabe e Yam há-Melah em hebraico. Flávio Josefo cognomina-o de Lago do Asfalto devido aos fragmentos de betume que flutuam em sua superfície. Para os árabes, ele é o Mar Pestilento. No Talmude, é denominado de Mar de Sodoma.

Os povos vizinhos de Israel colocaram-lhe outros apelidos: Mar de Sodoma e Gomorra, Mar de Zegor, Mar de Ló etc.

Localizado na foz do Rio Jordão, entre os montes de Judá e Moabe, o Mar Morto constitui-se na mais profunda depressão da Terra. Encontra-se a mais de 400 metros abaixo do nível do Mediterrâneo. Com 80 quilômetros de comprimento por 17 de largura, o Mar do Sal ocupa uma área de 1.020 km^2. A bacia do lago é dividida em duas pela península de Lisan ("língua"): a maior, ao norte, abrange três quartos da superfície total e chega a 400 metros de profundidade, enquanto que a outra mal chega a quatro metros.

Na região ocupada pelo Mar Morto, provavelmente se situavam as impenitentes Sodoma e Gomorra, destruídas pelo Todo-Poderoso (Gn 19). Em suas águas salgadas, não há qualquer espécie de vida. O Mar Morto é o símbolo da consequência do pecado. Nenhum peixe consegue aproximar-se desse cemitério aquático.

Do Mar Morto, o Estado de Israel extrai formidáveis divisas em sal e minérios. Sua riqueza é avaliada em 22 trilhões de toneladas de cloreto de magnésio; 11 trilhões de toneladas de cloreto de sódio; 7 trilhões de toneladas de cloreto de cálcio; 2 trilhões de toneladas de cloreto de potássio e 1 trilhão de toneladas de brometo de magnésio. Essas cifras foram extraídas do livro *Geografia da Terra Santa* do eminente pastor Enéas Tognini.

Júlio Minhan fala sobre as fabulosas riquezas do Mar Morto: "Como estão estas riquezas? Estão em sais que as indústrias de todo o mundo procuram desesperadamente. Incluindo as inúmeras toneladas de sais e dos metais preciosos, há muitos outros, e como seria cansativa sua enumeração! Limitar-nos-emos a dizer que a fortuna que pode ser retirada do mar Morto daria para comprar todos os países de influência muçulmana da Ásia, Europa e África em contrapeso.".

Tendo em vista sua posição geográfica, o Mar Morto não tem nenhum escoadouro. A solução é a descomunal evaporação de suas águas: cerca de oito milhões de toneladas de águas são--lhe evaporadas diariamente. Na região, a temperatura pode chegar a 50° centígrados, levando o Mar Morto a parecer um gigantesco tacho em ebulição. Sua perda de umidade é compensada em parte pelas águas dos rios Jordão, Hasa, Muhib e Zarqa, e pelos lençóis freáticos.

Nas proximidades do Mar Morto, se situava a Fortaleza de Maquerus (onde João Batista foi supliciado), construída por Alexandre Janeu em 88 a.C. e arrasada pelos romanos em 56 a.C. Seria posteriormente reconstruída por Herodes, o Grande, que mandou construir ainda, na margem ocidental do Mar Salgado, a cidadela de Massada, último reduto da resistência judaica ao domínio romano. Ao norte, situam-se as ruínas da comunidade essênia, onde foram encontrados os manuscritos do Mar Morto.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

7.01 Mares que integram a composição hidrográfica da Terra Santa:
___a) Mar Mediterrâneo.
___b) Mar Morto.
___c) Mar da Galileia.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.02 Diversos são os rios que desembocam no Mar Mediterrâneo, o maior dos mares internos de Israel, como, por exemplo:
___a) Nilo e Pó.
___b) Ródano e Ebro.
___c) Danúbio.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.03 As Escrituras apresentam outros nomes para designar o Mar Mediterrâneo, como
___a) Mar Grande e Mar Ocidental.
___b) Mar dos Filisteus.
___c) Mar de Jafa.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.04 O Mar Mediterrâneo foi cenário para os seguintes acontecimentos bíblicos:
___a) Salomão recebeu os cedros do Líbano para a construção do templo.
___b) Jonas foi lançado ao mar ao tentar escapar da presença do Senhor.
___c) Paulo universalizou o Evangelho.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.05 Devido à alta densidade de sal em suas águas, o Mar Salgado é também conhecido como
___a) Mar Morto.
___b) Mar da Galileia.
___c) Grande Mar.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 2

MARES DA TERRA SANTA
(CONT.)

3. Mar da Galileia. Este não é propriamente um mar. Trata-se na verdade de um grande lago de água doce alimentado pelo Rio Jordão. No NT, recebe os seguintes nomes: Mar de Quinerete, Mar de Tiberíades e Lago de Genezaré.

Por que então os judeus o tratam de mar? Por causa de seu tamanho e das violentas borrascas que o acometem. O Mar da Galileia tem 24 quilômetros de comprimento por 14 de largura. Com uma profundidade média de 50 metros, encontra-se a quase 230 metros abaixo do nível do mar Mediterrâneo. Tendo em vista sua posição, serve de ponto de equilíbrio para as águas do Jordão.

O Mar da Galileia encontra-se a 45 quilômetros a leste do Mediterrâneo e a 100 quilômetros ao nordeste de Jerusalém. Em sua margem oriental, encontram-se altas montanhas. Já em seu lado ocidental, acham-se férteis planícies e importantes cidades como Genezaré, Betsaida, Tiberíades, Cafarnaum, Corazim e Magdala.

Nessa região, Jesus desenvolveu importantes etapas de seu ministério. Aí, ensinou, fez prodígios e maravilhas, repreendeu a fúria das águas e com intrepidez anunciou o Reino dos Céus. Sobre as águas do grande lago andou o Divino Mestre.

Ao norte do Mar da Galileia, o clima é agradável e propício ao desenvolvimento de grandes projetos agropecuários. Eis as impressões de W. J. Goldsmith: "Na Galiléia, vimos sete feições salientes: sua dependência do Líbano, abundância de água dele provenientes, fertilidade e fartura, características vulcânicas, grandes estradas atravessando a região, população densa e operosa, e a proximidade do mundo exterior. Pois bem: essas sete feições da Galiléia em geral, vemo-las concentradas no lago e suas margens. O lago da Galiléia era, efetivamente, o centro focal da província. Imaginemos aquela abundância de água, fertilidade, influência vulcânica, estradas, população numerosa, comércio, indústria e forte influência grega – imaginemos tudo isto reunido em um profundo vale, sob um calor quase tropical, e temos o cenário onde surgiu o cristianismo e onde o próprio Cristo trabalhou.".

No período neotestamentário, havia nove cidades em redor do Mar da Galileia com uma população estimada de 150 mil habitantes. Goldsmith fornece-nos outras informações: "Betsaida e Cafarnaum ficavam ao norte, atravessadas pela estrada galiléia de maior movimento, a Vila Maris, porém não podemos precisar-lhe o local. O sítio mais provável de Cafarnaum, onde Jesus morava e onde viu Mateus 'sentado na coletoria', é o que hoje se denomina Tel Hum.".

Com o seu formato oval, o Mar da Galileia é muito piscoso. Nesse lago, há 22 espécies de peixes, entre as quais: carpas, sardinhas, peixe-gato, peixe-galo e o famoso "chromis simonis", ou peixe de São Pedro. No tempo de Jesus, a pesca era uma rendosa indústria em Cafarnaum. George Adam Smith descreve o famoso e bíblico lago de Israel: "Águas doces, cheias de peixes, uma superfície de cintilante azul. O lago de Galiléia é, ao mesmo tempo, comida, bebida e ar; um descanso para os olhos, um suavizante do calor e um refúgio do ruído e da multidão.".

4. Mar Vermelho. Embora não pertença à Terra Santa, encontra-se o Mar Vermelho estreitamente ligado à história do povo israelita. Ele é conhecido nas Sagradas Escrituras como "Yam Suph", que significa *Mar de Juncos*. Nele, encontra-se, em grande quantidade, a alga conhecida como *trichodesmium erythraeum* que, ao morrer, assume uma tonalidade marrom-avermelhada, justificando assim o nome do mar.

O Mar Vermelho separa os territórios egípcio e saudita. Na parte setentrional, divide-se em dois braços pela Península do Sinai. O braço ocidental é conhecido como Golfo de Suez. O oriental, Golfo de Akaba.

Com quase dois mil quilômetros de comprimento, entre o estreito de Bab al-Mandeb e o Suez, no Egito, e cerca de 300 quilômetros de largura, somando uma área de 450.000 km^2, o Mar Vermelho banha o Sudão, o Egito e a Eritreia, ao oeste; e a Arábia Saudita e o Iêmem, ao leste. Uma pequena faixa do Golfo de Aqaba banha Israel e a Jordânia.

No Mar Vermelho, encontramos o estreito de Bab al-Mandeb, que liga o extremo sul do mar ao oceano Índico. Esta passagem, que faz do Mar Vermelho uma rota entre a Europa e a Ásia, é mantida aberta por meio de explosões e dragagens.

Sobre o Golfo de Suez, discorre Buckland: "O golfo de Suez gradualmente se tem estreitado desde a era cristã (Is 11.15 e 19.5), secando-se a língua do mar Vermelho em uma distância de 50 milhas. Por isso vai-se tornando maior a dificuldade de determinar onde atravessaram os israelitas o mar Vermelho; mas provavelmente devia ter sido perto dos atuais lagos Amargos. À entrada do Golfo de Akaba estavam os dois únicos portos do mar Vermelho, mencionados na Bíblia: – Elate e Eziam-geber. A parte mais larga do mar Vermelho, até o sítio onde se fende em dois Golfos, é de 200 milhas, e a parte mais estreita é de 100 milhas, pouco mais ou menos. A largura do golfo de Suez é, em média, de 18 milhas, sendo a do golfo de Akaba consideravelmente menor. O primeiro comunica com o mar Mediterrâneo, pelo Canal de Suez. É provável que os israelitas tivessem atravessado o mar Vermelho, num ponto que fica cerca de 30 milhas ao norte da atual entrada do golfo do Suez, isto é, na extremidade setentrional do mar Vermelho, como ele então era. Como todo o exército egípcio pereceu nas águas, devia neste lugar o mar Vermelho ter tido pelo menos a largura de 12 milhas. O livramento dos israelitas, na travessia do mar Vermelho, tornou-se, no espírito da nação judaica, o maior fato da sua história.".

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___7.06 Apesar do nome, o Mar da Galileia é, na verdade, um grande lago de água doce, alimentado pelo Rio Jordão.

___7.07 Embora se trate de um lago, os judeus referem-se a ele como Mar da Galileia por causa de sua magnitude e também das tempestades que o acometem.

___7.08 Entre outros episódios, podemos citar que sobre o Mar da Galileia Jesus Cristo repreendeu a fúria das águas e andou sobre elas.

___7.09 Apesar de integrar estreitamente a história do povo israelita, o Mar Vermelho não pertence à Israel.

TEXTO 3

MARES DA TERRA SANTA
(CONT.)

5. Mar Adriático. Em Atos 27, encontramos o apóstolo Paulo, já prisioneiro de Roma, sendo transferido à capital do império. Foi uma viagem turbulenta. Nos versículos de 9 a 26, somos inteirados das dificuldades enfrentadas pelo navio adramitino (de Adramítio, porto da Ásia Menor, próximo a Trôade). No versículo 27, vemos que o mar encontrava-se revolto: *"Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático."*.

O Mar Adriático tomou o seu nome emprestado da antiga cidade romana de Ádria, localizada na região italiana do Vêneto. No NT, a sua denominação era aplicada indistintamente a todo o mar aberto entre a Grécia e a Silícia.

Localizado entre a península italiana e a balcânica, o mar Adriático é um dos pequenos mares que formam o Mediterrâneo. Abrange uma área de aproximadamente 130.000 km², com extensão de 800 km e largura média de 180 km. Caracteriza-se pelo baixo nível de salinidade, sobretudo ao norte, onde recebe os rios Adigio, Pó e outros. Durante o Império Romano e por toda a Idade Média, o Adriático era o caminho mais curto para o Oriente. No século XVII, sua função econômica reduziu-se à cabotagem, porém, por volta de 1950, o turismo aqueceu a economia nas costas adriáticas.

6. Mar Cáspio. O Cáspio, assim chamado devido aos antigos habitantes da região (os caspis), ocupa o extremo nordeste do mundo bíblico. Possui uma rica bacia petrolífera, uma estratégica via de comunicação entre os países que o cercam e uma abundante fauna ictiológica, aumentando consideravelmente sua importância econômica.

Situado entre a Ásia e a Europa, o Mar Cáspio é limitado ao norte pela Rússia e ao sul pelos montes iranianos do Elburs. Ao leste encontramos o Cazaquistão e ao oeste, a vertente oriental da cordilheira do Cáucaso. Ocupando uma superfície de 371.000 km², estende-se no sentido norte-sul por 1.220 quilômetros e, de leste para oeste, apresenta uma largura média de 320 quilômetros.

Longitudinalmente, há uma bacia centro-meridional, originada por uma falha tectônica, que vai se estendendo em direção ao sul, onde já se aproxima dos mil metros. No Cáspio, há mais de cinquenta ilhas de dimensão insignificante.

Embora não tenha saída para outros mares e receba águas de vários rios, como o Volga e o Terek, o Mar Cáspio vem apresentando um lento, porém contínuo decréscimo de seu nível.

7. Mar Negro. O Mar Negro, ou Ponto Euxino, como era conhecido, foi palco da aventura da mitológica nau Argo. Nesta viagem, Jasão e os argonautas empenharam-se até à exaustão em busca do velo de ouro. Importante canal de comunicação entre a Europa Oriental e o Mediterrâneo, o Mar Negro estende-se, em forma ovalada, por 461.000 km². Sua largura chega a 1.200 quilômetros.

No Mar Negro, há uma zona entre 70 e 100 metros de profundidade, localizada em seu centro, e entre 150 e 250 metros nas margens, onde o oxigênio simplesmente inexiste, e onde concentra-se uma enorme quantidade de ácido sulfídrico em dissolução, o que impede o surgimento de vida. Logo acima destas camadas, porém, a água é hiperoxigenada e rica em plantas e animais marinhos.

Outro fato que ressalta a importância do Mar Negro são as cidades à sua volta: Odessa, na Ucrânia; e Istambul, antiga Constantinopla, na Turquia, que desempenhou importante papel na história do Cristianismo.

Embora não seja citado nas Escrituras Sagradas, o Mar Negro aparece em todos os mapas bíblicos devido à sua proximidade com as terras que serviram de cenário à História Sagrada.

Golfo Pérsico

Alguns estudiosos defendem a ideia de que a cidade de Ur, cujas ruínas estão a 240 km das praias setentrionais do Golfo, estava localizava nas costas deste.

Localizado ao leste da Península Arábica, o Golfo Pérsico compõe a fronteira ocidental da Pérsia, onde se encontra com os vales dos rios Tigre e Eufrates. O Golfo Pérsico é uma porção de mar do Oceano Índico, localizado entre a península arábica e o sudeste do Irã. Tem uma superfície de 239.000 km^2 e estende-se por 900 quilômetros pelo continente.

As únicas águas fluviais que recebe são provenientes dos rios Karum, Tigre e Eufrates. Considerando a rápida evaporação de suas águas, em virtude da alta temperatura da região, entende-se a razão de seu elevado nível de salinidade; algo em torno de 37 a 41 gramas de sal por litro de água.

Mais da metade das reservas mundiais de petróleo encontra-se na região do Golfo Pérsico. Embora não seja mencionado na Bíblia, o seu nome está presente nos mapas do mundo bíblico.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

7.10 O capítulo 27 de Atos apresenta o apóstolo Paulo em meio a uma grande tormenta quando se dirigia a Roma. Este episódio se deu sobre as águas do

___a) Mar Vermelho. ___b) Mar Salgado.
___c) Mar Adriático. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.11 O Mar Negro desempenhou um importante papel na história do Cristianismo por causa das cidades à sua volta. Entre elas, podemos citar:

___a) Damasco, na Síria.
___b) Istambul, na Turquia.
___c) Jerusalém, na Palestina.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.12 Apesar de não constar nas Escrituras, pode ser encontrado nos mapas que registram a História Sagrada, em função de se avizinhar das regiões do mundo bíblico. Trata-se de:
___a) Mar Cáspio. ___b) Mar Salgado.
___c) Mar do Quinerete. ___d) Mar Negro.

7.13 A rápida evaporação das águas do Golfo Pérsico em função das temperaturas elevadas justifica
___a) o motivo de não integrar a História Sagrada.
___b) não constar dos mapas do mundo bíblico.
___c) seu denso nível de salinidade.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 4

RIOS DA TERRA SANTA

Por ocasião da descoberta do Brasil, Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal: "As águas são muitas". Não exagerava o escrivão de Dom Manuel I. Na Terra Santa, porém, os recursos hídricos são escassos. Uma das maiores preocupações do governo israelense é manter estável o abastecimento de água no país.

A composição hidrográfica de Israel inclui diversos rios. Entretanto, aos olhos de um geógrafo brasileiro ou americano, somente o Jordão merece ser chamado de rio. Os demais seriam classificados como arroios ou riachos.

Veremos a seguir como se constituem os rios da Terra Santa, tanto os que compõem a Bacia do Mediterrâneo, como os que formam a Bacia do Jordão.

O que é um rio

O Dicionário Aurélio define rio como: *curso de água natural, de extensão mais ou menos considerável, que se desloca de um nível mais alto para outro mais baixo, aumentando progressivamente o seu volume até desaguar no mar, num lago, ou noutro rio, e cujas características dependem do relevo, do regime de águas, etc.*

O hebraico possui diversos vocábulos usados para descrever um rio. *Nahal* significa, segundo o Novo Dicionário da Bíblia, um *wadi* ou *vale dotado de uma corrente de água*; no verão, transforma-se num leito seco ou ravina, ainda que no inverno seja uma correnteza copiosa. O segundo termo, *nãhãr,* é a palavra regular com o sentido de *rio* na língua hebraica.

A bacia do Mediterrâneo

Os rios Belus, Quisom, Caná, Gaás, Serec e Besor compõem a bacia do Mediterrâneo.

a) Rio Belus. Correndo ao sudoeste do território asserita, o rio Belus caminha em direção ao Mediterrâneo. Nas Sagradas Escrituras, aparece com o nome de Sior-Libnate, conforme lemos em Josué 19.26: *"Alameleque, Amade e Misal; e tocava o Carmelo, para o ocidente, e Sior-Libnate."*. As águas do Belus são despejadas na baía do Acre, nas proximidades da cidade de Acco. Durante dois terços do ano, o rio permanece seco, constituindo-se num dos numerosos *wadis* da região. Hoje, o Belus é chamado de Namã por israelenses e árabes.

b) Rio Quisom. É o maior rio da bacia do Mediterrâneo e o segundo em importância de Israel. Chamam-no os árabes de *Nahr Makutts*. Nascendo em Esdraelom, recebe inúmeras vertentes durante o seu curso. Nas imediações do Tabor e do Pequeno Hermom, ele já é bem caudaloso. Nas proximidades do Quisom, ficava a cidade de Tminate, onde morava Dalila, a meretriz filisteia que induziu Sansão à desgraça. O rio deságua no Mediterrâneo, entre Jope e Ascalom. Ao contrário do Belus, o Quisom é perene; suas águas não secam nem mesmo no verão.

c) Rio Caná. Citado apenas no AT, este rio se constituía em fronteira natural entre as tribos de Efraim e Manassés. Nasce nas imediações de Siquém e atravessa a planície de Sarom. Suas águas também são despejadas no Mediterrâneo. Seu nome decorre do fato de ele correr nas proximidades da cidade de Caná de Efraim. Na Antiguidade, havia abundância de juncos em suas margens. O Rio Caná é também um *wadi*; possui água apenas nos meses chuvosos.

d) Rio Gaás. Josué, general de Israel e sucessor de Moisés, foi sepultado no monte Gaás, em cujas proximidades corre um rio também chamado Gaás. À semelhança dos outros *wadis*, só possui água em determinados períodos do ano. As águas do Rio Gaás banham a planície de Sarom e desembocam no Mediterrâneo, nas imediações de Jope. *Gaás*, em hebraico, significa *terremoto*.

e) Rio Sorec. O Sorec despeja suas águas no Grande Mar, entre Jope e Ascalom, ao norte do antigo território filisteu. Suas nascentes ficam nas montanhas de Judá, ao sudoeste de Jerusalém. No vale por onde corre esse rio morava a noiva de Sansão. Em hebraico, *Sorec* quer dizer *vinha escolhida*, em função dos vinhedos existentes nas margens desse rio.

f) Rio Besor. O Besor não é propriamente um rio, mas um ribeiro situado nas imediações de Ziclague, no Sul de Judá. É o mais caudaloso dos *wadis* que deságuam no Mediterrâneo. O atual nome desse rio é Sheriah. Nas redondezas de Besor, Davi libertou os habitantes de Ziclague das garras dos amalequitas, em um de seus maiores feitos. Besor é sinônimo de refrigério.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___7.14 A bacia do Mediterrâneo é composta pelos rios Belus, Quisom, Caná, Serec e Besor.

___7.15 Conforme o Texto estudado, o Rio Quison é o maior da bacia do Mediterrâneo e suas águas não secam nem mesmo no verão.

___7.16 Com sinônimo de refrigério, o Rio Besor é um ribeiro situado no Sul de Judá.

TEXTO 5

RIOS DA TERRA SANTA (CONT.)

A bacia do Jordão

A Bacia do Jordão é formada pelos seguintes rios: Jordão, Querite, Cedrom, Iarmuque, Jaboque e Arnom. Alguns desses afluentes são bastante pequenos, quase inexpressivos.

a) Rio Jordão. Este rio tem três fontes: Banias, Dan e Hasbani, que não nascem em território israelense, mas começam a correr a partir do monte Hermom, localizado na Síria. Em hebraico, Jordão significa *declive* ou *o que desce*, por causa de seu vertiginoso curso: do cume do Hermom à mais profunda depressão do planeta – o Mar Morto.

Apesar de sua importância histórica, o Jordão é um rio pequeno, com 252 quilômetros de extensão, levando-se em conta os seus inúmeros meandros. Oswaldo Ronis descreve o curioso curso desse rio:

> "Costuma-se dividir o curso do Jordão em três trechos para um estudo mais detalhado:
>
> – **O Primeiro Trecho**, ou seja, *a região das nascentes*, é a que acabamos de descrever nos seus aspectos mais setentrionais e que vai até o lago de Merom. Depois da junção das quatro nascentes, o Jordão atravessa uma planície pantanosa em uma extensão de 11 quilômetros e entra no lago de Merom. Neste trecho, a sua largura varia muito e a profundidade vai a 3 e 4 metros.
>
> – **O Segundo Trecho** também chamado *o Jordão superior*, compreende o rio entre o lago de Merom e o mar da Galiléia, extensão esta de cerca de 20 quilômetros. É um trecho quase reto, com um declive de 225 metros, o que forma as suas águas impetuosas e provoca um enorme trabalho de erosão. A força da impetuosidade das águas do Jordão neste trecho é tanta que quase 20 quilômetros mar da Galiléia adentro ainda se

percebe a sua correnteza. Neste trecho, o terreno é rochoso, de **vegetação** média, e a largura do rio varia entre 8 e 15 metros.

– **O Terceiro Trecho**, ou *o Jordão interior* estende-se do mar da **Galiléia** ao mar Morto numa distância de 117 quilômetros em linha reta e cerca de 340 quilômetros pelo leito sinuoso do rio, tendo uma largura que varia entre 25 e 35 metros, e 1 a 4 metros de profundidade. Este trecho sofre um declive de 200 metros pelo qual o rio desce precipitadamente, formando numerosos meandros e cascatas e alargando o vale até 15 quilômetros, como ocorre na altura de Jericó. Este vale é limitado quase em toda a sua extensão por verdadeiras muralhas de rocha calcária, o que torna muito difícil a sua travessia. Até o tempo dos romanos, não havia pontes sobre o Jordão. De modo que a sua travessia era feita em certos lugares de margens mais rasas e águas menos profundas, chamados vaus. Um desses vaus ficava defronte de Jericó, outro perto da desembocadura do rio Jaboque, e o terceiro nas proximidades de Sucot."

Havia, nos tempos bíblicos, grandes florestas às margens do Jordão. Hoje, porém, a região encontra-se desnuda e praticamente morta. As palmeiras, tamareiras e tamargueiras encontradas são apenas um pálido reflexo da exuberância de outrora.

Eis como a área do Jordão era vista nas Sagradas Escrituras: "*Levantou Ló os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada (antes de haver o SENHOR destruído Sodoma e Gomorra), como o jardim do SENHOR, como a terra do Egito, como quem vai para Zoar. Então, Ló escolheu para si toda a campina do Jordão e partiu para o Oriente; separaram-se um do outro.*" (Gn 13.10,11 – ARC).

Abraão, Isaque e Jacó tornaram-se íntimos do rio Jordão, cujas águas se abriram a fim de que o povo de Deus conquistasse Canaã. Mostrando-se perene e resistindo a todas as intempéries, o Jordão sempre esteve ligado à História Sagrada. Foi em seu leito que Naamã foi curado da lepra (2Rs 5.14). Em suas margens, João Batista batizou o Filho de Deus (Mc 1.9).

O Jordão não é um rio atraente. Do ponto de vista humano, Naamã tinha toda a razão em não querer banhar-se em suas águas escuras e barrentas. Afinal de contas, na terra natal desse corajoso general havia riachos cristalinos. Além disso, o clima nessa área é quente e sufocante.

El-Seri-Ah al-Kabirah é o nome árabe do rio Jordão, cujo significado é *o grande bebedouro*, provavelmente em virtude do grande volume de água que lança no Mar Morto: 17.280.000 metros cúbicos por dia! O Jordão não é navegável, mas era uma excelente área defensável para Israel nos tempos antigos.

b) Rio Querite. Perseguido pela indecente e diabólica Jezabel, o profeta Elias recebeu do Senhor a seguinte ordem: "*Vai-te daqui, e vira-te para o oriente, e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão. E há de ser que beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem. Foi, pois, e fez conforme a palavra do SENHOR, porque foi e habitou junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão.*" (1Rs 17.3-5 – ARC).

O Querite também não é propriamente um rio. Trata-se de mais um dos numerosos *wadis* existentes na Terra Santa. Para alguns autores, este riacho não passa de um filete de água que, na maior parte do ano, jaz completamente seco. Tendo sua nascente nos montes de Efraim, o Querite deságua no rio Jordão. Esse ribeiro fica na Transjordânia.

c) Rio Cedrom. O Monte das Oliveiras é separado do Moriá pelo rio Cedrom, cuja designação significa *escuro* em hebraico. Nascendo a dois quilômetros e meio de Jerusalém, corre para o sudoeste. Em seu curso, o rio acompanha os muros da Cidade Santa e vagueia durante 40 quilômetros antes de despejar suas águas no Mar Morto.

Pelo Cedrom passou o rei Davi quando fugia de seu demagogo e ambicioso filho: "*Toda a terra chorava em alta voz; e todo o povo e também o rei passaram o ribeiro de Cedrom, seguindo o caminho do deserto.*" (2Sm 15.23). Séculos mais tarde, Jesus, o maior descendente do rei Davi, passou por essa região: "*Tendo Jesus dito estas palavras, saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.*" (Jo 18.1).

d) Rio Iarmuque. Constituindo-se no maior afluente oriental do Jordão, este rio é formado por três braços. Quando da conquista de Canaã, serviu de fronteira entre a tribo de Manassés e a região de Basã. Após deslizar pelos montes, o rio penetra o Jordão, a 200 metros abaixo do nível do mar. Não mencionado nas Sagradas Escrituras, os gregos conheciam este rio como Ieromax e, atualmente, é chamado de Sheriat-el-Man-jur.

e) Rio Jaboque. O Jaboque nasce ao Sul da Montanha de Gileade. Tributário oriental do Jordão, o rio corre em três distintas direções: leste, norte e noroeste. Antes de desembocar no Jordão, risca uma semi-elipse entre o Mar da Galileia e o Mar Morto. O Jaboque é perene e seu curso se estende por aproximadamente 130 quilômetros. No passado, servia de fronteira entre as tribos de Rubem e Gade. Em suas imediações, o patriarca Jacó lutou com o Anjo do Senhor em um combate acirrado. No final, o piedoso hebreu recebeu inefável bênção. No Vale do Jaboque, a semente de Abraão passou a ser alcunhada de Israel. Jaboque que significa *o que derrama*, é chamado pelos árabes de Nahar ez-Zerka – *rio azul*.

f) Rio Arnom. Em 1868, o missionário alemão F. A. Klein encontrou em Dibom, nas imediações do Rio Arnom, a famosa Pedra Moabita, que trazia uma inscrição em hebraico e em fenício. A escritura bilíngue confirmaria, para espanto de muitos incrédulos, a historicidade do trecho bíblico de 2 Reis 3.4-27. A descoberta arqueológica de Klein mostra quão importante é o rio Arnom (que significa *rápido* e *tumultuoso*) para a história da Terra Santa.

O Arnom nasce nos montes de Moabe e desemboca no Mar Morto. Durante séculos, esse afluente serviu de fronteira natural entre os moabitas e amorreus. Mais tarde, com a conquista de Canaã, passou a separar os israelitas dos moabitas. Isaías e Jeremias falaram do Arnom em seus escritos(Is 16.2; Jr 48.20).

Atualmente, o Arnom é conhecido como Wadi el-Modjibe. Nas épocas de chuva, esse rio é volumoso. Entretanto, depois da primavera, começa a secar.

Lago de Merom

O vocábulo *lago* provém do latim *lacus* e significa *reservatório de água*. O termo latino, contudo, é oriundo deste vocábulo grego: *lakkos – fosso, poço*.

Geograficamente, os lagos são constituídos de grandes massas de água concentradas em depressões topográficas, cercadas de terra por todos os lados. Encontram-se com mais frequência em zonas de latitudes elevadas. No que tange a dimensão, não há uniformidade. Os lagos geralmente

são alimentados por riachos ou rios. O escoamento de suas águas é feito por meio de um ou mais emissários.

Encontramos apenas um lago na Terra Santa. Trata-se do Lago de Merom. Rigorosamente falando, até o Mar da Galileia é tido como um lago. No entanto, por causa de suas avantajadas dimensões, não é assim classificado pela geografia bíblica.

O lago de Merom é conhecido também como águas de Merom, conforme registra o Livro de Josué: "*Todos estes reis se ajuntaram, e vieram, e se acamparam junto às águas de Merom, para pelejarem contra Israel. Disse o* SENHOR *a Josué: Não temas diante deles, porque amanhã, a esta mesma hora, já os terás traspassado diante dos filhos de Israel; os seus cavalos jarretarás e queimarás os seus carros. Josué, e todos os homens de guerra com ele, veio apressadamente contra eles às águas de Merom, e os atacaram*" (Js 11.5-7).

Formado pelas águas do Jordão, o Lago de Merom tem 10 quilômetros de comprimento por seis de largura e situa-se a dois metros acima do Mediterrâneo. Sua profundidade varia entre três e quatro metros. Hoje, o lago já não possui a sua antiga forma por ter sido adaptado pela engenharia israelense às necessidades do país. Merom fica a 20 quilômetros do Mar da Galileia.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

___7.17 Em hebraico seu nome significa *declive* ou *o que desce*, e apesar de sua importância histórica, é um rio pequeno.

___7.18 Por ocasião da conquista de Canaã, servia de fronteira entre a tribo de Manassés e a região de Basã.

___7.19 Fronteira entre as tribos de Rubem e Gade, foi o local onde o patriarca Jacó enfrentou o anjo do Senhor.

___7.20 Conquistada Canaã, passou a separar moabitas e israelitas. Jeremias e Isaías o citam em seus escritos.

___7.21 Onde muitos reis se encontraram para pelejar contra Israel, conforme Josué 11.5-7.

Coluna "B"

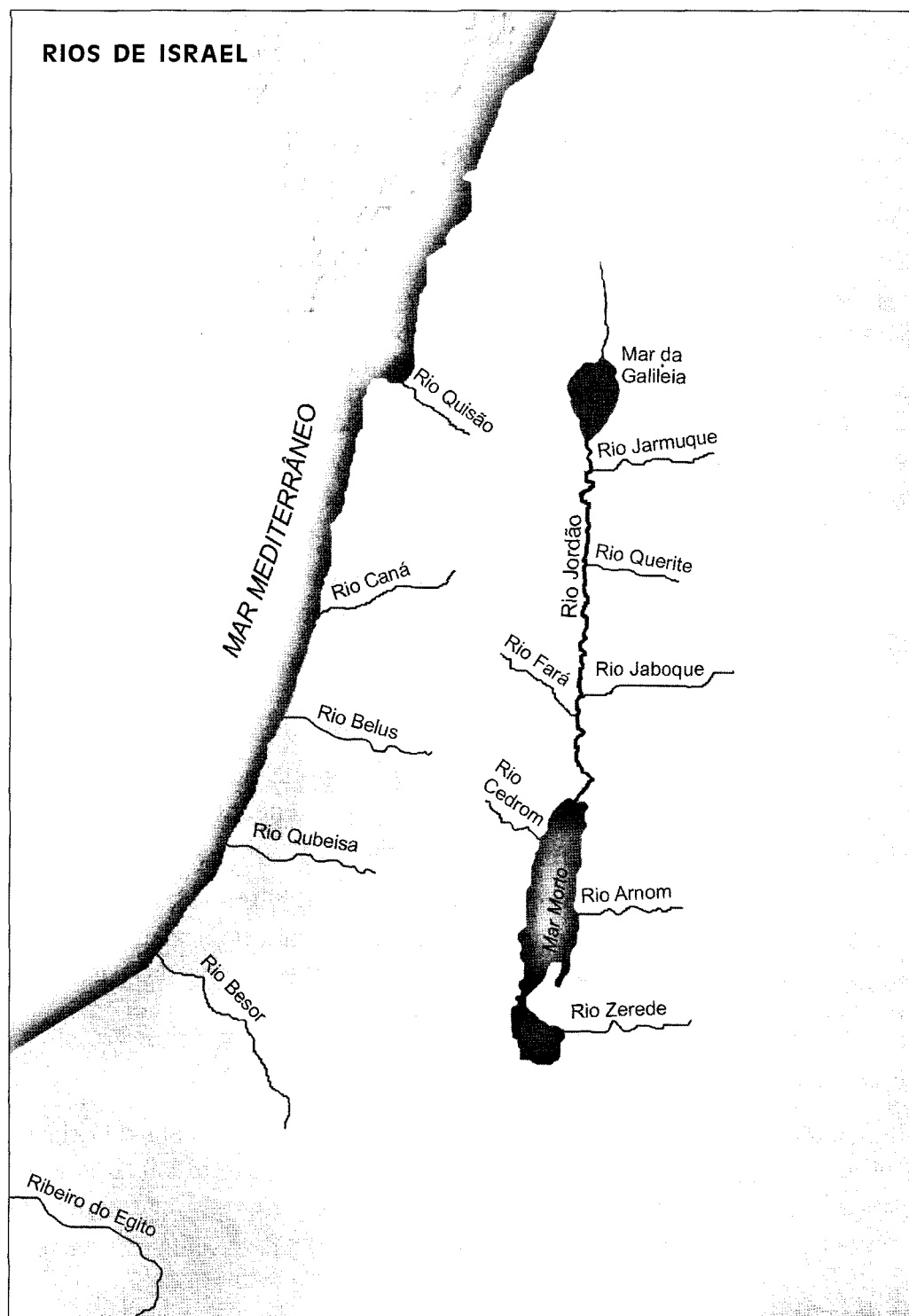
A. Rio Jordão.

B. Rio Jaboque.

C. Rio Arnom.

D. Lago de Merom.

E. Rio Iarmuque.

RIOS DE ISRAEL
MAR MEDITERRÂNEO
Mar da Galileia
Rio Quisão
Rio Jarmuque
Rio Jordão
Rio Querite
Rio Caná
Rio Fará
Rio Jaboque
Rio Belus
Rio Cedrom
Rio Qubeisa
Mar Morto
Rio Arnom
Rio Besor
Rio Zerede
Ribeiro do Egito

TEXTO 6

O CLIMA DA TERRA SANTA

O que é clima

Maximilien Sorre assim discorre: "O clima é modernamente definido como a síntese do tempo ou o ambiente atmosférico constituído pela série de estados da atmosfera acima de um lugar, em sua sucessão habitual.".

A Enciclopédia Mirador Internacional fala acerca da importância do clima na vida do planeta: "O clima está de tal forma ligado ao mundo biológico do planeta, que a atual repartição geográfica das espécies animais e vegetais não pode ser bem compreendida sem o seu estudo; intervém ainda na formação dos solos, na decomposição das rochas, na elaboração das formas do relevo, no regime dos rios e das águas subterrâneas, no aproveitamento dos recursos econômicos, na natureza e ritmo das atividades agrícolas, nos tipos de cultivo praticados, nos sistemas de transportes e na própria distribuição dos homens sobre o globo.".

O clima na Terra Santa

Israel localiza-se na faixa subtropical, o que explica a variedade de seu clima. Genericamente, contudo, apenas duas estações sobressaem na Terra Santa: a chuvosa e a seca. Ambas são acompanhadas, respectivamente, de muito frio e calor.

O clima nas montanhas da Terra Santa

Israel é um país montanhoso. Hebrom é o ponto mais elevado do território israelita, com mais de mil metros acima do nível do Mediterrâneo. Jerusalém encontra-se a 800 metros de altura em relação ao mesmo mar.

Nas montanhas, o clima é fresco e bastante ventilado. No verão, o quadro altera-se um pouco em consequência das correntes de ar quente vindas do sul e do ocidente. Na Cidade Santa, durante o inverno, a temperatura chega a seis graus negativos com nevadas e geadas frequentes. No verão, os termômetros oscilam entre 14 e 29 graus.

O clima no litoral da Terra Santa

Localizando-se ao ocidente do Mar Mediterrâneo, Israel conta com o refrigério de brisas constantes, principalmente à noite. Durante o inverno, a temperatura baixa para menos de 14 graus em Gaza e Jafa. No pico do verão, os termômetros chegam a registrar 34 graus. Em algumas localidades situadas mais ao norte, o inverno chega a ser insuportável.

O clima no deserto da Terra Santa

Nos desertos de Israel, as temperaturas oscilam, no verão, entre 43°, 47° e 50°. Nessa classificação, inclui-se o Vale do Jordão.

Ventos

As correntes de vento que varrem o Oriente Médio encarregam-se da formação do clima da Terra Santa. As correntes úmidas são provenientes do Mar Mediterrâneo; as frias, dos montes do norte; e as quentes, das regiões desérticas.

Os hebreus classificavam os ventos da seguinte forma: Safon, portador de geadas; Quadim, propício à vegetação; o do Oeste encarrega-se das chuvas; e Darom, mensageiro do calor. Há também uma corrente de ar proveniente da Arábia cognominada Sirô, tão quentes que chegam a queimar a lavoura.

Estações

De algumas passagens bíblicas inferimos que no Oriente Médio havia somente as estações inverno e verão. Diz o profeta Isaías: "*Serão deixados juntos às aves dos montes e aos animais da terra; sobre eles veranearão as aves de rapina, e todos os animais da terra passarão o inverno sobre eles.*" (Is 18.6).

O inverno começava em outubro e se estendia até o mês de março, época em que os montes se cobriam de neve. O verão tinha o seu início em abril e prosseguia até setembro. Os agricultores aproveitavam bem essa estação para colher e preparar a terra.

Chuvas

Ao contrário do Egito, as chuvas em Israel são abundantes. As primeiras chuvas começam em outubro e se traduzem em fortes aguaceiros, principalmente no litoral. Nas montanhas, as precipitações são fracas e finas.

No deserto de Israel as chuvas são raríssimas. Alguns estudiosos, porém, acreditam que, no tempo de Herodes, o Grande, as chuvas não eram tão escassas nas regiões desérticas, visto que ele construiu uma fortaleza em Massada com grandes cisternas para captar a água proveniente das chuvas.

A média das precipitações pluviais em Israel como um todo são de 1090 mm por ano. O orvalho continua a cair na Terra Santa. Quem pode esquecer o orvalho do Hermom?

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

7.22 Situada em faixa subtropical, as estações que caracterizam a Terra Santa são a chuvosa e a seca, acompanhadas, respectivamente, de

___a) frio e calor.

___b) areia e neve.

___c) neve e superaquecimento.

___d) Nenhuma das alternativas está correta.

7.23 O clima no litoral da Terra Santa caracteriza-se por brisas constantes provenientes do

___a) do Lago de Genezaré.
___b) das águas do Merom.
___c) do Mar Mediterrâneo.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

7.24 As correntes de vento no Oriente Médio, responsáveis pela formação do clima na Terra Santa, procedem, respectivamente:

___a) as úmidas, do Mar Mediterrâneo.
___b) as frias, dos montes do norte.
___c) as quentes, das regiões dos desertos.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

7.25 Segundo o Texto estudado, alguns estudiosos acreditam que as chuvas não eram escassas no deserto de Israel, pois Herodes, o Grande, providenciou

___a) que fossem construídas grandes cisternas para águas pluviais na fortaleza de Massada.
___b) um gigantesco sistema para a transposição das águas do Mar Morto.
___c) um decreto proibindo quaisquer construções.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___7.26 Flávio Josefo alcunha-o de Lago do Asfalto, devido aos fragmentos de betume que flutuam em sua superfície. No Talmude, é encontrado com o nome de Mar de Sodoma. Trata-se do Mar Salgado, assim descrito pelos escritores bíblicos, ou Mar Morto.

___7.27 O NT apresenta o Mar da Galileia também com os nomes de Mar de Quinerete, Mar de Tiberíades e Lago de Genezaré.

___7.28 O naufrágio enfrentado pelo apóstolo Paulo quando se dirigia a Roma, relatado no capítulo 27 de Atos, ocorreu em meio às águas do Mar do Quinerete.

___7.29 Foi no rio Jordão que as águas se abriram para que os filhos de Israel passassem e conquistassem Canaã, onde Naamã foi curado e onde Cristo foi batizado.

___7.30 Diferentemente dos inúmeros wadis encontrados da Terra Santa, o Rio Jaboque é um rio perene, onde Jacó enfrentou o anjo do Senhor.

___7.31 Segundo o relato do profeta Isaías (Is 18.6), o clima da Terra Santa contempla quatro estações.

GEOGRAFIAS DA TERRA SANTA

As riquezas de Israel são proverbiais. Em suas exíguas fronteiras, encontra-se uma síntese dos recursos naturais do planeta. Da fértil Galileia ao causticante Neguev, a natureza parece brotar de todas as desolações. Israel é uma terra pródiga.

Antes de relacionar algumas das formidáveis riquezas do território israelita do AT, veremos o que é a geografia econômica.

A geografia humana do Israel dos tempos bíblicos é particularmente interessante. Revela-nos como viviam os hebreus, cuja existência era orientada religiosa e civilmente pela Lei de Moisés. Em seus usos e costumes, demonstravam o apego à sua religiosidade, tradições e raízes históricas. Que outro povo soube conservar com tanto zelo suas raízes?

Não obstante as agruras, exílios e perseguições, os filhos de Abraão têm preservado sua herança cultural e espiritual. Com muita razão escreveu Lacordaire: "O povo judeu tem sido o historiador, o sábio, o poeta da humanidade.".

Não fosse esse desmedido amor às suas origens, a nação hebraica há muito já teria desaparecido da face da terra.

Ao longo da história, a geografia política de Israel passou por inúmeras alterações. É um dos países que mais sofreu mudanças em suas fronteiras. Em seus mais de 60 anos como estado soberano, Israel teve seus limites diversas vezes alterados em consequência das guerras que foi obrigado travar com seus vizinhos. Em todas as suas vicissitudes, porém, vislumbramos a mão de Deus guiando o destino e preservando a existência de Israel.

Dos dias bíblicos aos atuais, Israel é uma preservação miraculosa do Todo-Poderoso Deus.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Geografia Econômica da Terra Santa
2. Uma Terra que Mana Leite e Mel
3. Geografia Humana da Terra Santa
4. Geografia Humana da Terra Santa (Cont.)
5. Geografia Humana da Terra Santa (Cont.)
6. Geografia Política da Terra Santa
7. Geografia Política da Terra Santa (Cont.)
8. Geografia Política da Terra Santa (Cont.)

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Dizer o significado e a importância da Geografia Econômica para as nações;
2. Especificar a flora e a fauna da Terra Santa; e os termos utilizados pelos espias para descrevê-la a Josué;
3. Explicar a importância da família para os judeus e as três formas possíveis de casamento em Israel, registradas no AT;
4. Sintetizar o comprometimento do povo hebreu em relação a noivado, núpcias, divórcio e filhos, segundo a Bíblia;
5. Listar as formas como a geografia humana se constitui no que diz respeito à mulher na sociedade, às saudações, ao sepultamento e luto, e à moradia;
6. Relatar como se formou o povo hebreu, quais os povos vizinhos da Terra Santa e a divisão das terras feita por Josué;
7. Mencionar os reis que comandaram Israel enquanto constituído pelo chamado "Reino Unido", e as razões fundamentais que levaram o povo judeu aos cativeiros assírio e babilônico;
8. Citar os conflitos enfrentados por Israel desde a proclamação de sua independência, em 1948.

TEXTO 1

GEOGRAFIA ECONÔMICA DA TERRA SANTA

O que é a geografia econômica

Neste tópico, é imperioso que conceituemos alguns termos usados nas ciências econômicas, considerando que a economia acha-se estreitamente relacionada à geografia.

1. O que é a economia. A palavra economia origina-se de dois vocábulos gregos: *oikos* = *casa* + *nomos* = *governo*. Economia, portanto, detém, segundo Silvio Barreti, o significado de governo ou administração do lar, no sentido de zelar se pelos seus pertences, pelo patrimônio familiar.

2. Evolução do termo. O grego Xenofonte foi o primeiro a usar o vocábulo *economia*. Séculos mais tarde, o francês Antoine Montechretien criaria a locução *economia política*.

3. As implicações da economia na riqueza das nações. As riquezas de um país estão diretamente ligadas à produção de bens úteis com o aproveitamento da matéria-prima extraída da natureza. Explica-nos o professor Barretti: "Produção é, pois, a transformação, pelo homem, através de trabalho consciente, das coisas existentes na natureza, em bens econômicos, capazes de satisfazer às necessidades presentes e futuras das pessoas. Assim age o homem porque os bens naturais, isto é, aqueles oferecidos pela natureza, são insuficientes qualitativa e quantitativamente, além de distribuídos irregularmente na superfície da terra, para a satisfação de todas as necessidades humanas. Sendo os bens naturais insuficientes, compete ao homem adaptá-los ao consumo, aumentando-lhes as utilidades, ou seja, produzindo os bens artificiais (ou industrializados).".

4. Geografia Econômica. É o ramo da Geografia que se dedica ao estudo das atividades econômicas dos diversos países e grupamentos humanos.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___8.01 A riqueza de uma nação está relacionada ao aproveitamento da matéria-prima extraída da natureza com a finalidade de produzir bens úteis.

___8.02 De acordo com o Texto estudado, os bens extraídos da natureza são insuficientes em termos de qualidade e de quantidade, por isso a necessidade de produzir bens industrializados.

___8.03 Entende-se por Geografia Humana o ramo da Geografia que se dedica ao estudo da organização social e jurídica dos ajuntamentos humanos.

TEXTO 2

UMA TERRA QUE MANA LEITE E MEL

Assim o Senhor Deus falou sobre a riqueza da Terra Santa: "*Ele o fez cavalgar sobre os altos da terra, comer as messes do campo, chupar mel da rocha e azeite da dura pederneira, coalhada de vacas e leite de ovelhas, com a gordura dos cordeiros, dos carneiros que pastam em Basã e dos bodes, com o mais escolhido trigo; e bebeste o sangue das uvas, o mosto.*" (Dt 32.13,14).

Já às bordas da Terra Prometida, os hebreus enviaram para ali os seus espias, que retornaram com um impressionante relatório: "*... Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente mana leite e mel...*" (Nm 13.27). Realçando a veracidade de suas palavras, os agentes secretos mostraram a Moisés e ao povo um enorme cacho de uvas colhido no Vale de Escol. O tamanho e a aparência dos produtos de Canaã levaram os israelitas a uma singular admiração.

Israel era uma terra sem igual. As chuvas caíam com regularidade; as colheitas eram abundantes. A flora e a fauna eram exuberantes. Os minerais podiam ser achados por toda a parte.

A flora da Terra Santa

A flora da Terra Santa, mencionada nas Sagradas Escrituras, era singularmente pródiga. Os escritores hebreus mencionam mais de cem espécies de vegetais. Tendo como parâmetro o relato sagrado, o governo israelense envida generosos recursos a fim de recuperar o primitivo reino vegetal de seu território.

Trigo, oliva e uva eram os produtos encontrados com mais abundância no período veterotestamentário. Estes alimentos formavam a dieta básica dos israelitas, constituindo-se no trinômio repetido amiúde na Bíblia: pão, azeite e vinho. Eis mais algumas iguarias usadas pelos filhos de Israel: cevada, lentilha, mostarda, pepino, cebola, alho, romã, melão e tâmara.

As plantas silvestres dos tempos bíblicos eram o cedro, a faia, o pinheiro, a acácia, a palmeira, o carvalho e a murta. Das flores, as mais famosas eram o lírio do campo e a rosa de Sarom. W. J. Goldsmith fala acerca da flora de Israel: "Se a Palestina não é terra de florestas, é terra de pomares. O abricó, o figo, a cidra, a romã, a amora e a tâmara (está no Baixo-Jordão) são encontrados, mas a oliveira e a parreira foram sempre as duas principais árvores frutíferas da Palestina. Hoje, estendem-se os laranjais sobre largas áreas das colônias judaicas. O cultivo dos cereais era limitado aos planaltos menos elevados, aos vales mais abertos e às planícies. Os melhores trigais são os da Filistia, do Esdrelon, do Mukneh (a leste de Nabus) e do haurã. A cevada, alimento dos animais e dos camponeses mais pobres, tornava-se o alimento dos israelitas em geral quando, perseguidos, eram obrigados a abandonar as planícies. Assim, foi como um pão de cevada que o midianita viu em sonho o israelita, rodando colina abaixo e derribando sua tenda" (Jz 7.13).

Através de intensos programas de irrigação, o governo israelense vem reflorestando todo o território. Do livro ESTE É ISRAEL, extraímos este trecho para mostrar o que os judeus, com a ajuda do Todo-Poderoso, estão fazendo para tornar o seu árido solo em um jardim: "Nos tempos bíblicos, as terras de Israel eram cobertas de florestas. Nos séculos subsequentes, especialmente durante a Idade

Média, muitas florestas foram destruídas pelos nômades e suas cabras e outras pelos turcos que as usavam como combustível para seus trens militares. Grande parte do reflorestamento tem sido realizado pela comunidade judaica, sendo que a maioria das florestas que cobrem hoje o solo de Israel foram plantadas durante os últimos 50 anos. Das poucas florestas antigas sobrevivem principalmente os bosques da Galileia. Em 1948, havia 4.388.000 árvores em Israel. Quase 30 anos depois, havia 103.000.000 árvores, quase todas plantadas pelo Fundo Nacional Judaico.".

A fauna da Terra Santa

As Sagradas Escrituras mencionam quase 130 nomes de animais selvagens e domésticos. La Enciclopedia de la Bíblia cataloga 50 espécies de mamíferos, 42 de invertebrados, 46 de aves e 19 répteis, peixes e anfíbios.

Relacionaremos, a seguir, os animais encontrados com mais frequência nos tempos bíblicos:

1. Selvagens: leão, urso, leopardo, hiena, víbora, corça, lebre, chacal, lobo, raposa, camaleão;
2. Domésticos: ovelha, vaca, cabra, mula, camelo, cavalo, jumento e cão;
3. Aves: perdiz, codorniz, pombo, galinha, avestruz, cegonha, rola, corvo, pelicano;
4. Insetos: abelhas e gafanhotos de diversas espécies, formigas, mosquitos e moscas;
5. Peixes: 43 espécies, sendo o mais famoso o peixe de São Pedro.

Entre os insetos mencionados, os gafanhotos são consumidos até o dia de hoje. A estranha iguaria é bastante apreciada pelos beduínos e pobres.

O que aconteceu com a fauna hebreia? Em consequência dos muitos incêndios provocados por exércitos conquistadores, a fauna da Terra Santa sofreu enormes prejuízos.

Para reconstruir a ecologia de seu território, o governo israelense acha-se a carrear recursos para recompor o ambiente dos tempos bíblicos. Nesse programa, está gastando milhões de dólares com o reflorestamento de seu território.

Os minerais da Terra Santa

Os israelitas, de acordo com a Palavra do Senhor, herdariam uma terra, cujas pedras seriam ferro e, em cujos montes, achariam o cobre (Dt 8.9). A Terra Santa, de fato, possui gigantescas reservas minerais. Os minérios encontrados com mais frequência em Israel são o ouro, a prata, o ferro, o enxofre, o cobre, o estanho e o chumbo.

O Mar Morto, como vimos no Texto 1 da Lição 7, é uma fonte inesgotável de riquezas. Suas reservas em sais e minerais são orçadas em bilhões e bilhões de dólares.

Segundo alguns textos bíblicos, em Israel há abundância de pedras preciosas. O diamante, por exemplo, gera muitas divisas. Aliás, grande parte da produção diamantífera do mundo passa pelas oficinas de lapidação israelenses.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___8.04 Como prova relato dos espias de Israel acerca da fertilidade da Terra Prometida, apresentaram a Moisés um cesto com verduras colhidas no Vale de Escol.

___8.05 Trigo, oliva e uva eram os produtos não recomendados pelo SENHOR aos filhos de Israel, que jamais incluíam em suas refeições o pão, o azeite e o vinho.

___8.06 Graças aos muitos incêndios provocados por exércitos rivais, as terras de Israel sofreram grandes queimadas, tornando-as ainda hoje bastante férteis, sem a necessidade de investimento.

___8.07 Segundo o Texto, o Mar Morto recebe este nome porque nenhuma riqueza se extrai dele, sendo uma fonte de sais e minerais totalmente esgotada.

TEXTO 3

GEOGRAFIA HUMANA DA TERRA SANTA

A família hebraica

Para os hebreus, a família é de origem divina, como, de fato, o é. Ao criar nossos primeiros pais, o Senhor declarou:

> "*... Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo o animal que rasteja pela terra*" (Gn 1.26-28).

A importância da família para o judeu é indiscutível. Ele a considera mais importante que o próprio indivíduo. Nesse sentido, o escritor francês Honoré de Balzac parece estar de pleno

acordo com o sentimento judaico: "Por isso considero a família e não o indivíduo o verdadeiro elemento social. Sob esse ponto de vista, arriscando ser olhado como um espírito retrógrado, tomo lugar ao lado de Bossuet e de Bonald, em vez de andar com os inovadores modernos.".

Henri Daniel-Rops ressalta o valor da unidade familiar em Israel: "Quando o jovem Jacó foi procurar seu tio Labão em Harã, a fim de encontrar trabalho e uma esposa; Labão, ao reconhecê-lo como membro de sua família, exclamou: 'É meu osso e minha carne'. Este símbolo, tão típico do estilo bíblico, era muito usado pelo povo do Livro, e correspondia à realidade. A família era em Israel a base vital da sociedade, a pedra fundamental de todo o edifício. Nos primeiros tempos ela formava até mesmo uma entidade separada sob o ponto de vista da Lei, uma parte da tribo; na época de Cristo era talvez mais frágil do que nos dias dos patriarcas, quando o indivíduo não tinha valor algum em comparação, mas era ainda muitíssimo importante. Os membros da família sentiam-se realmente como sendo da mesma carne e sangue; e ter o mesmo sangue significava ter a mesma alma. A legislação tomara este princípio como base, desenvolvendo-se a partir dele. A Lei multiplicara, também, suas ordens, a fim de manter a permanência, a pureza e a autoridade da família. Enquanto os judeus desejassem permanecer fiéis à Lei (e isto era quase universal) eles jamais deixariam de admitir o lugar predominante da família na sociedade.".

Prossegue Henri Daniel-Rops: "A família não era apenas uma entidade social, mas também uma comunidade religiosa, com suas festas particulares, em que o pai era o celebrante enquanto os demais membros participavam. Algumas das importantes cerimônias exigidas na Lei tinham um forte caráter familiar – a Páscoa, por exemplo, tinha de ser celebrada em família. O elo religioso familiar era tão vigoroso que nos evangelhos e no livro de Atos vemos que os pais que aceitavam os ensinamentos de Cristo levavam com eles a família inteira.".

1. Casamento. Os israelitas do AT nem sempre alcançaram o ideal traçado pelo Senhor. A monogamia, por exemplo, não era encarada com seriedade. Homens piedosos como Abraão, Jacó e Davi eram polígamos. O que dizer de Salomão, que possuía 700 mulheres e 300 concubinas?

A poligamia, entretanto, tinha os seus limites. Um hebreu não podia tomar como esposas duas mulheres que fossem irmãs ou mãe e filha. Os infratores eram punidos com apedrejamento. A devassidão e a promiscuidade eram severamente reprimidas. O adultério não era tolerado.

Com o exílio babilônico, os israelitas foram se curando da poligamia. No NT, já não encontramos nenhum caso declarado de poligamia. O Senhor Jesus exaltou o ideal monogâmico e condenou qualquer casamento fora do padrão estabelecido no capítulo dois de Gênesis.

Devido à esterilidade das esposas legítimas, o casal optava às vezes por ter filhos por intermédio de uma concubina, como, por exemplo, no caso de Abraão e Agar, através da qual veio Ismael.

O casamento misto era condenado pela Lei de Moisés: "*Quando o SENHOR, teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o SENHOR, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações; não darás tuas filhas a seus filhos, nem tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do SENHOR se acenderia contra vós outros e depressa vos destruiria.*" (Dt 7.1-4).

Havia ainda o casamento por levirato. Quando um homem morria sem deixar descendência, seu irmão era obrigado a se casar com a viúva. Por intermédio dos filhos da nova união, a

memória do falecido era preservada. Assim prescreve a Lei: *"Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, então, a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará, e a receberá por mulher, e exercerá com ela a obrigação de cunhado. O primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o nome deste não se apague em Israel"* (Dt 25.5,6).

2. <u>Contrato de casamento</u>. O contrato de casamento em Israel era feito pelo pai do noivo, pelo irmão mais velho ou por um parente próximo. Excepcionalmente, podiam atuar também a mãe ou um amigo da família. Às vezes, o próprio rapaz se encarregava da concretização do matrimônio. No entanto, as negociações sobre o dote e outras formalidades ficavam a cargo de terceiros.

Antes da realização do matrimônio, eram feitas exaustivas consultas sobre os bens de ambos. Também eram tomados especiais cuidados quanto à segurança da noiva e ao enfraquecimento da tribo. Finalmente, o noivo pagava um dote ao pai da futura esposa, que oscilava entre 30 e 50 siclos de prata. Dessa forma, o pai da moça era recompensado pela perda da filha. O pagamento podia ser ainda em forma de trabalho, como ocorreu com Jacó.

A endogamia, ou seja, o casamento entre irmãos, era proibida pela Lei de Moisés.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

8.08 Conforme Gênesis 1.26-28, depois de criar homem e mulher Deus disse a eles:
___a) sejam férteis e multipliquem-se.
___b) encham e subjuguem a terra.
___c) dominem sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

8.09 Conforme se pode inferir do Texto, o judeu considera a família mais importante que
___a) Deus.
___b) o indivíduo.
___c) as práticas religiosas.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

8.10 Com o exílio na Babilônia, os filhos de Israel foram deixando de praticar a poligamia. Não há registro de casamento poligâmico a partir do
___a) período dos juízes e reis.
___b) Novo Testamento.
___c) dilúvio.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

8.11 Em Israel, quando um homem morria sem deixar filhos, o seu irmão, obrigatoriamente, casava-se com a cunhada. Esta prática chama-se
___a) nazireado.
___b) abstinência.
___c) levirato.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 4

GEOGRAFIA HUMANA DA TERRA SANTA (CONT.)

3. Noivado. Entre os povos ocidentais, o noivado não tem qualquer consistência. Pode ser dissolvido sem maiores traumas. Infelizmente, isso ocorre até mesmo entre os que se dizem filhos de Deus. Jocosamente declara Leon Eliachar: "O noivado é o período de desajustamento antes do casamento". Entre os hebreus, contudo, o noivado era um compromisso sério e somente a morte poderia dissolvê-lo.

O noivado começava a partir do momento em que o moço entregava à sua escolhida uma moeda com a inscrição: "Seja consagrada a mim". A cerimônia, bastante singela, era celebrada na presença de duas ou mais testemunhas. Com essa solenidade, ambos eram considerados marido e mulher. O relacionamento sexual, porém, era iniciado após as núpcias que, segundo a tradição judaica, variava de um mês a sete anos. Os rapazes, durante o noivado, ficavam desobrigados do serviço militar.

4. Núpcias. As festas nupciais eram celebradas, via de regra, durante sete dias; não raro, chegavam a durar até duas semanas, variando de acordo com o poder aquisitivo dos noivos. Segundo o NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA, as celebrações eram assinaladas por música e por brincadeiras, como o enigma apresentado por Sansão. A mesma obra esclarece-nos: "Alguns interpretam o livro de Cantares à luz de certo costume que havia entre os aldeões sírios, de chamar o noivo e a noiva de rei e rainha durante as festividades depois da cerimônia de casamento, e de louvá-los com cânticos.".

5. Divórcio. O divórcio foi introduzido na Lei Mosaica por causa da dura cerviz dos varões israelitas. Aproveitando-se da liberalidade dessa legislação, os hebreus rompiam os laços do matrimônio por quaisquer motivos. Alguns, por exemplo, repudiavam sua esposa por não achá-la mais graciosa. O Senhor, entretanto, não aprovava tal comportamento.

Com uma carta de divórcio, concretizava-se o rompimento dos laços conjugais (Dt 24.3). De posse do documento, a mulher podia contrair novas núpcias. Caso, porém, viesse a separar-se do segundo marido, não podia voltar ao primeiro, como assinala Moisés: "*Então seu primeiro marido, que a despediu não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada, pois é abominação perante o SENHOR; assim não farás pecar a terra que o Senhor teu Deus te dá por herança*" (Dt 24.4 – ARC).

Jesus, entretanto, repudiou energicamente o divórcio, exceto em caso de adultério: "... *Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério (e o que casar com a repudiada comete adultério).*" (Mt 19.8, 9).

6. Filhos. Uma herança divina. Assim os hebreus viam os filhos, principalmente os homens. Salmodiou o rei Salomão: "*Herança do* SENHOR *são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta.*" (Sl 127.3-5). Em Israel, a esterilidade era considerada opróbrio. Não poucas mulheres afligiam-se por não terem filhos. Raquel e Ana, por exemplo, rogaram a Deus que lhes concedesse o dom da maternidade. Para as hebreias, não havia privilégio tão grande como o de gerar filhos.

O direito da primogenitura era respeitadíssimo entre os israelitas. Ao filho mais velho cabia porção dobrada dos bens paternos. Com a morte do pai, assumia a responsabilidade da casa e as funções sacerdotais da família. As filhas apenas recebiam a herança paterna se não houvesse nenhum filho varão e eram sustentadas pelos irmãos que se encarregavam inclusive de seu casamento. As israelitas não podiam casar-se com jovens de outra tribo.

Cabia ao pai ainda ensinar aos filhos as primeiras letras e uma profissão. A ociosidade não era tolerada na sociedade hebreia.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

	Coluna "A"	Coluna "B"
___8.12	Ocasião em que o moço entregava à escolhida uma moeda com a inscrição "Seja consagrada a mim".	A. Esterilidade.
___8.13	Celebração que se estendia, em geral, por sete dias, ou mais, conforme as posses das famílias.	B. Núpcias.
___8.14	Prática introduzida pela Lei Mosaica, pela facilidade com que que os hebreus rompiam os laços matrimoniais.	C. Carta de divórcio.
___8.15	Considerada opróbrio, tornou-se a grande aflição, por exemplo, de Raquel e Ana.	D. Noivado.

TEXTO 5

GEOGRAFIA HUMANA DA TERRA SANTA
(CONT.)

A vida social hebraica

A vida social dos hebreus girava em torno de sua religião. Todos os acontecimentos sociais lembravam-lhes quão presente estava o Todo-Poderoso. Ao contrário de outros povos, não admitiam extravagância nem libertinagens em suas reuniões. A vida social era um apêndice da religião.

1. O lugar da mulher na sociedade hebraica. Os israelitas honravam suas mães, irmãs, esposas e filhas. Concediam-lhes direitos que os outros povos jamais sonharam conferir às suas mulheres. Se prejudicadas, podiam elas recorrer aos juízes.

Muitas vezes louvadas, chegaram a ocupar lugares de honra e de distinção. Débora, por exemplo, exerceu grande influência sobre os seus contemporâneos. Não fossem suas confortadoras palavras, Baraque não teria desbaratado os inimigos do povo de Deus. O mesmo se pode dizer de Sara, Rebeca, Raquel, Ana, Rute e Hulda? Submissas, suas principais preocupações eram domésticas, todavia, encontramo-las a pastorear, a trabalhar a terra e a exercer atividades tidas como próprias para homens. Em países orientais, entretanto, a mulher sempre foi tratada como mero objeto.

2. Saudações. Inclinando o corpo um pouco para frente, com a mão direita sobre o lado esquerdo do peito. Assim era a saudação dos hebreus dos tempos bíblicos. Por causa de tão demorados rituais, Jesus ordenou aos seus discípulos: "*... e a ninguém saudeis pelo caminho*" (Lc 10.4). Perante os magistrados e outras autoridades, era costume inclinar-se até o chão. As expressões mais usadas nas saudações hebreias eram: "Paz!", "Paz seja convosco!" e "Paz seja sobre esta casa!.".

3. Sepultamento e luto. Constatado o óbito, o corpo era rigorosamente lavado e enrolado em lençóis impregnados de perfume. Por causa do clima quente (que provocava rápida decomposição) e das exigências da lei mosaica, o sepultamento era feito no mesmo dia.

O féretro era realizado desta forma: as carpideiras iam à frente, enchendo a cidade com os seus lamentos; atrás delas, o defunto, e, logo após, os parentes do falecido, os amigos e o povo.

O túmulo dos pobres era cavado no chão; o dos ricos, nas rochas. Raramente usados, os esquifes eram quase desnecessários. O embalsamamento não constituía um hábito entre os israelitas. Jacó e José foram embalsamados no Egito por profissionais da corte faraônica. O luto entre os filhos de Israel durava sete dias.

Moradia

Na Antiguidade, havia em Israel casas simples e também imponentes habitações. Tudo dependia das posses. Em Samaria, por exemplo, algumas residências eram feitas de marfim.

1. Tendas. Em Ur dos Caldeus, Abraão habitava em uma casa confortável que, segundo estudiosos, possuía até água quente nos canos e bicas. Ao deixar sua cidade, passou a residir em tendas, a mais antiga forma de moradia no Médio Oriente. As tendas eram feitas de pele de cabra e, com o passar dos séculos, tornaram-se sofisticadas. Algumas possuíam várias dependências. Muitos eram os judeus que se dedicavam à fabricação de tendas, como por exemplo, o apóstolo Paulo.

2. Cabanas. Construídas com estacas e cobertas com folhagens, eram usadas com frequência pelos israelitas. No Monte da Transfiguração, Pedro, embevecido pela glória de Nosso Senhor, dispôs-se a construir três cabanas: uma para Jesus, outra para Moisés e a terceira para Elias.

3. Tabernáculo. Era o templo peregrino dos israelitas. Acompanhou-os durante seus 40 anos de jornada pelo deserto do Sinai. Nessa tenda, a glória do Senhor se manifestava constantemente para Moisés. Tão singelo lugar de adoração seria substituído, mais tarde, pelo Templo, construído por volta do ano 1000 a.C., pelo rei Salomão. *Tabernáculo* significa *habitação*.

4. Casas. Nos tempos bíblicos, as casas eram feitas de pedra, de tijolo e de madeira. Geralmente eram pequenas; possuíam apenas um cômodo. As residências dos ricos, entretanto, tinham vários cômodos. Nas localidades mais quentes, os telhados eram planos e podiam ser transformados em terraços. No auge do verão, serviam de dormitório. Nas regiões mais frias, os telhados, em forma de meia-água, facilitavam o deslizamento da neve. As portas das casas hebreias eram estreitas e baixas e as janelas, poucas e sem vidros.

5. Torres de vigia. Com quase três metros de altura, as torres de vigia eram construídas para proteger os pomares e as lavouras. As provisórias eram feitas de madeira; as permanentes, de pedra e serviam também de residência.

6. Palácios. Construídos com esmero, constituíam-se nas residências dos reis. O mais importante deles foi erguido pelo rei Salomão. Segundo estudiosos, a casa do sábio rei de Israel era mais suntuosa do que o Templo.

Mobília

Poucas eram as mobílias de uma casa hebreia. Além do leito, havia apenas uma mesa baixa. As cadeiras raramente eram usadas porque os hebreus, à semelhança de outros orientais, sentavam-se no chão com as pernas cruzadas. Não raro, as almofadas serviam como assentos. Nas residências dos mais abastados, o mobiliário era sofisticado.

Alimentação

A dieta alimentar dos hebreus nos tempos bíblicos era basicamente pão, azeite, vinho, legumes, frutas, leite, mel e farinha. Nas ocasiões festivas, a carne era largamente consumida. O peixe, por outro lado, era mais usado no litoral e nas imediações dos rios e do Mar da Galileia. A manteiga e o queijo eram feitos de leite de cabra. O leite de vaca raramente era usado.

Indumentária

A indumentária dos israelitas nos tempos bíblicos era confeccionada em algodão, lã, linho e seda.

1. Vestuário masculino. A principal peça do vestuário masculino constituía-se de uma túnica tecida de algodão, parecida com uma camisola sem mangas. A túnica dos ricos, porém, ostentava mangas compridas e largas. Os homens usavam ainda uma capa de algodão e o cinto de couro. O bastão e o anel-sinete serviam como ornamento. O turbante completava o vestuário masculino. O sumo sacerdote e os demais ministros do altar vestiam-se com mais esmero. Suas vestes tipificavam a glória e a santidade divina. Sob a dominação romana, os paramentos sacerdotais ficavam sob custódia do representante imperial e só eram liberados nas ocasiões solenes.

2. Vestuário feminino. As mulheres também usavam túnicas longas e ornamentadas. Quando apareciam em público, cobriam o rosto com um véu. As hebreias apreciavam pulseiras, anéis, pendentes e diademas. As mais extravagantes, pintavam-se. Os profetas, contudo, condenavam tais excessos. De uma maneira geral, as israelitas eram elogiadas por sua modéstia, simplicidade e recato.

Dinheiro da Terra Santa

A primeira moeda citada nas Sagradas Escrituras é o darico. Proveniente da Pérsia, era muito usada nos tempos de Esdras e Neemias. Mais tarde, começou a ser cunhada uma moeda inteiramente judaica conhecida como *shekel*. Aliás, no início dos anos de 1980, o governo israelense adotou-a como unidade monetária. Outras moedas mencionadas na Bíblia são a dracma, o estáter e o ceitil. A primeira é grega; a segunda e a terceira, romanas.

População do estado de Israel no século XXI

Dos mais de seis milhões de habitantes do Estado de Israel, cerca de 80% são judeus (metade nascida no país e os demais provindos de setenta países em todo o mundo), 17% são árabes (quase todos muçulmanos), o 3% restante é composto de drusos, circassianos e outras etnias não classificadas.

Como nação relativamente jovem, Israel caracteriza-se pelo engajamento social, religioso e político-ideológico. A engenhosidade econômica e a criatividade cultural dos israelenses fazem de Israel o lar de uma grande e dinâmica nação, em contínuo desenvolvimento.

Expulsos de sua terra há cerca de 2.000 anos, os judeus se espalharam pelo mundo; suas peregrinações foram mais intensas na Europa, Norte da África e Oriente Médio.

Durante essa longa jornada, fundaram renomadas comunidades e centros de cultura, experimentaram períodos de intensa prosperidade e crescimento, mas sofreram grandes perseguições, discriminação e massacre. Não obstante, alimentavam a fé de um dia voltarem à sua terra para reconstruir o lar nacional. Sua esperança não foi malograda. Em maio de 1948, o Estado de Israel foi proclamado solenemente pela Organização das Nações Unidas.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

8.16 Os acontecimentos sociais do povo hebreu sempre se deu em torno de sua
___a) liberdade pessoal.
___b) valorização como indivíduo.
___c) religião.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

8.17 Quanto ao papel da mulher na sociedade hebraica, os filhos de Israel concediam direitos às mulheres como nenhum outro povo. Honravam especialmente
___a) as mães.
___b) as esposas.
___c) as irmãs e as filhas.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

8.18 Dentre as mulheres que chegaram a ocupar postos de honra, sem deixar de lado seus domicílios, exercendo tarefas tidas como próprias para homens, temos
___a) Sara, Rebeca e Raquel.
___b) Ana e Rute.
___c) Hulda.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

8.19 Uma das formas de habitação dos hebreus eram as tendas e muitos eram judeus se dedicavam à sua fabricação, como, por exemplo:
___a) João, o Batista.
___b) Paulo, o apóstolo.
___c) José, pai do Menino Jesus.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

8.20 Entre as moedas mencionadas nas Escrituras, encontramos as seguintes moedas, sendo a primeira de origem grega e as outras duas de origem romana:
___a) dracma, estáter e ceitil.
___b) darico, dracma e talento.
___c) efa, talento e siclo.
___d) darico, siclo e ceitil.

TEXTO 6

GEOGRAFIA POLÍTICA DA TERRA SANTA

Geografia política é o ramo da geografia que estuda as relações entre as nações e regiões do globo terrestre, compreendendo o meio físico, humano e econômico.

Os primeiros habitantes da Terra Santa

Antes de Josué conquistar a Terra Prometida, habitavam-na diversos povos cananeus, enumerados por Moisés: "*Quando o* SENHOR, *teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu*" (Dt 7.1).

De origem camita, essas nações eram renomadas por sua belicosidade. Eram conhecidas também devido às suas iniquidades e pecados grosseiros. Adoravam os mais abjetos ídolos, a quem chegavam até a sacrificar seus próprios filhos. No entanto, foram todas vencidas pelos exércitos de Josué. Não resistiram ao ímpeto do povo de Deus.

A origem dos hebreus

Descendentes de Sem, os hebreus sempre se identificaram com este ilustre ancestral. Haja vista que o anti-semitismo é voltado apenas contra os judeus, apesar de os árabes serem também filhos do primogênito de Noé.

A nação hebreia começou com um caldeu chamado Abrão. Nascido por volta do ano 2000 a.C., aos 75 anos de idade, teve uma profunda experiência espiritual com Deus que dirige-lhe estas palavras: "*... Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra*" (Gn 12.1-3).

Assim nasceu a nação israelita. Nasceu nas peregrinações dos patriarcas. Nasceu no deserto e entre espinhos. Nasceu em terras estrangeiras. Hoje, floresce como a palmeira!

Os povos vizinhos da Terra Santa

Além das sete nações cananeias mencionadas, Israel foi obrigado a conviver com outros povos igualmente aguerridos, idólatras e belicistas, causadores de muitos transtornos à progênie de Abraão. De quando em quando, violavam-lhe as fronteiras e escravizavam-lhe tribos inteiras.

Os principais povos que sobreviveram às investidas dos exércitos de Josué foram: filisteus, amalequitas, midianitas, moabitas, amonitas, edomitas, fenícios e sírios. Escreve o pastor Enéas Tognini: "Estas nações e povos, que rodeavam Israel, serviam de termômetro para regular a temperatura espiritual dos filhos de Jacó: quanto mais perto de Deus andavam, mais poder tinham e seus territórios eram dilatados; afastavam-se do seu Senhor, Deus os abandonava: ficavam sem proteção: chegavam os inimigos e subjugavam o povo e, consequentemente, se apossavam de seus territórios.".

A Terra Santa no tempo de Josué e dos juízes

Moisés morreu aos 120 anos, sem haver introduzido os israelitas em Canaã. Essa incumbência seria entregue a um bravo e destemido general chamado Josué. Destacando-se sempre em todas as suas missões, era o sucessor natural do grande legislador.

Sob seu comando, os exércitos de Israel conquistaram a terra que mana leite e mel. A guerra pela posse da mais formosa das heranças durou 14 anos: de 1404 a 1390 a.C. Durante esse período, os batalhões cananeus foram caindo um após outro diante de Josué. Nenhuma força militar era capaz de conter os israelitas.

Terminado o conflito, Josué procedeu à divisão das terras conquistadas. Rubem, Gade e a meia tribo de Manassés ficaram com a Transjordânia. Os territórios ocidentais foram distribuídos para as tribos de Naftali, Aser, Zebulom, Issacar, Manassés Ocidental, Efraim, Benjamim e Dã. Judá e Simeão foram contempladas com os territórios do Sul.

Os levitas, segundo determinara o Senhor, não herdaram quaisquer possessões. Tribo sacerdotal, coube-lhes 48 cidades espalhadas entre os termos de seus irmãos.

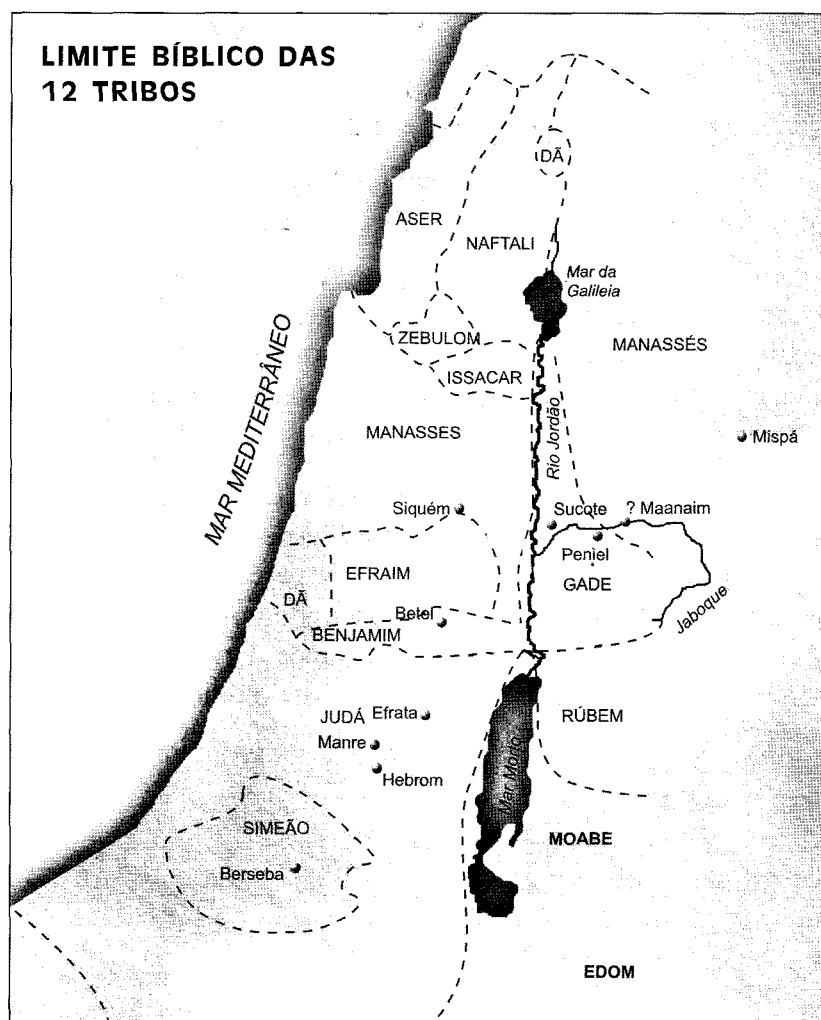
Registra a Bíblia o término da carreira de Josué: *"Depois destas coisas, sucedeu que Josué, filho de Num, servo do SENHOR, faleceu com a idade de cento e dez anos. Sepultaram-no na sua própria herança, em Timnate-Sera, que está na região montanhosa de Efraim, para o norte do monte Gaás. Serviu, pois, Israel ao SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué e que sabiam todas as obras feitas pelo SENHOR a Israel."* (Js 24.29-31).

Com a morte de Josué e de toda a sua geração, os israelitas esqueceram-se do Senhor e começaram a se curvar ante as divindades e abominações cananeias. Tamanha decadência espiritual os torna vulneráveis e, sem mais contarem com a proteção de Jeová, sofreram ataques de quase todos os seus vizinhos.

O período dos juízes é um dos mais tristes da história hebreia. Nos termos de Israel reinava grande anarquia. As tribos, por causa de suas diferenças internas, dificilmente se uniam para enfrentar um inimigo comum. Em não poucas vezes, porém, os israelitas, acossados por seus algozes, clamaram ao Senhor, que jamais os deixou de ouvir.

Infinito em Suas misericórdias, o Senhor dos Exércitos suscitava juízes para libertar Israel de seus verdugos. Morrendo, porém, o libertador, tornava o povo a cair na apostasia, sendo novamente dominado por seus adversários. Este círculo vicioso duraria até à monarquia.

No período dos juízes, que durou aproximadamente 330 anos, quatro palavras caracterizam a história do povo eleito de Deus: pecado, opressão, arrependimento e livramento.

Israel teve 13 juízes. O último deles foi Samuel. Nessa época, havia muita terra a ser conquistada. Os hebreus, todavia, não completaram a tarefa iniciada por Josué.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

___8.21 Listados em Deuteronômio 7.1, habitavam a Terra Prometida antes de ser conquistada por Josué.

___8.22 Povo de origem do patriarca Abraão, cuja descendência, por meio de quem nasceu a nação hebreia.

___8.23 Conquistaram a terra que mana leite e mel.

___8.24 Segundo a ordem do SENHOR não herdaram posses.

___8.25 Período marcado pelo ciclo de pecado, opressão, arrependimento e livramento da parte de Deus.

Coluna "B"

A. Amorreus, cananeus e jebuseus.

B. Exércitos de Israel.

C. Juízes.

D. Caldeus.

E. Levitas.

TEXTO 7

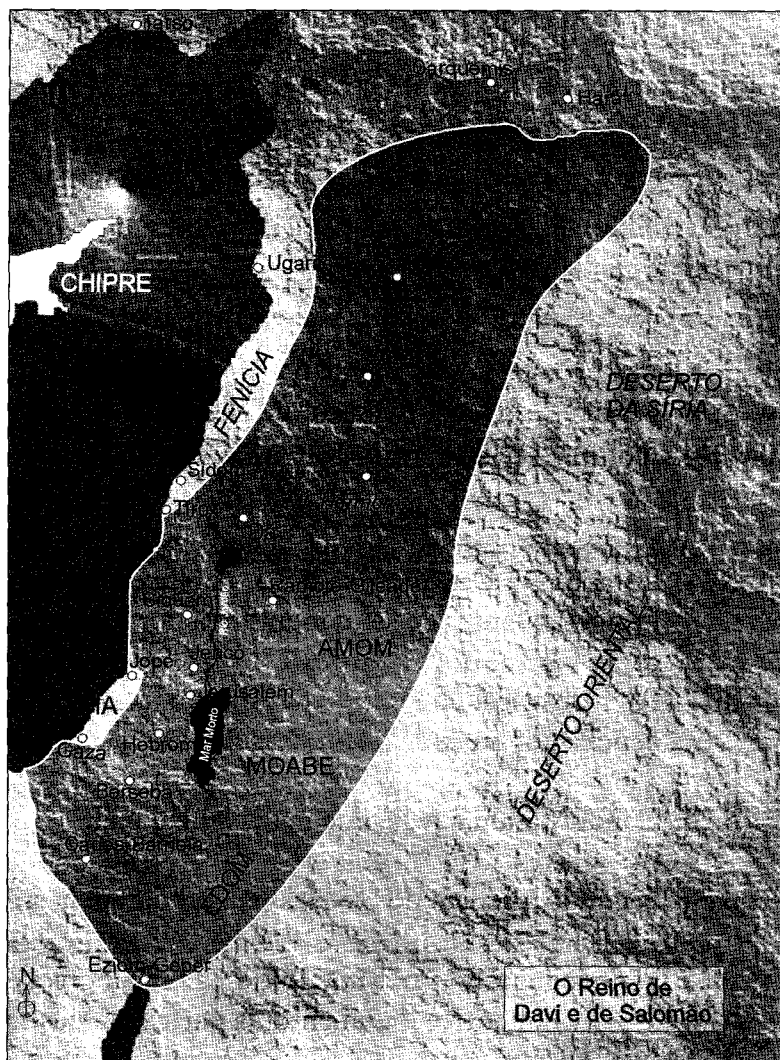
GEOGRAFIA POLÍTICA DA TERRA SANTA (CONT.)

O Reino Unido

Samuel, chamado de "o fazedor de reis", representa a transição entre a judicatura e a monarquia. Por seu intermédio, foram escolhidos os dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi. Sua influência era tão grande que, mesmo após sua morte, seus ideais continuaram a dirigir a história israelita. Samuel foi o iniciador do Reino Unido que durou 120 anos – de 1044 a 924 a.C.

1. O reino de Saul. Ungido pelo piedoso profeta, Saul unificou as doze tribos e iniciou a guerra de libertação. Seu objetivo era dilatar as fronteiras de Israel e destruir os temíveis filisteus. No princípio, obteve sucessos, contudo, por suas ambições escandalosamente seculares, começou a quebrantar os mandamentos do Senhor. Saul foi rejeitado por Deus e, em seu lugar foi ungido Davi, filho de Jessé. O humilde pastorzinho de Judá, após derrotar o gigante Golias, alcançou grande popularidade. Suas façanhas, porém, angariaram-lhe o ódio e o desafeto do rei.

2. O reino de Davi. Depois de haver Saul tombado no campo de batalha, Davi assentou-se no trono de Israel. Nos primeiros oito anos de governo, reinou somente sobre Judá. As outras tribos, já cansadas da casa dinástica de Benjamim, acabariam por se submeter ao cetro da família de Jessé. Davi ampliou as fronteiras de Israel e derrotou todos os inimigos de seu povo. Em 40 anos de reinado, dedicou-se completamente à guerra. No final da vida, intentou construir um templo ao Deus de Israel, mas foi desaconselhado pelo profeta Natã. A incumbência seria entregue ao seu sucessor.

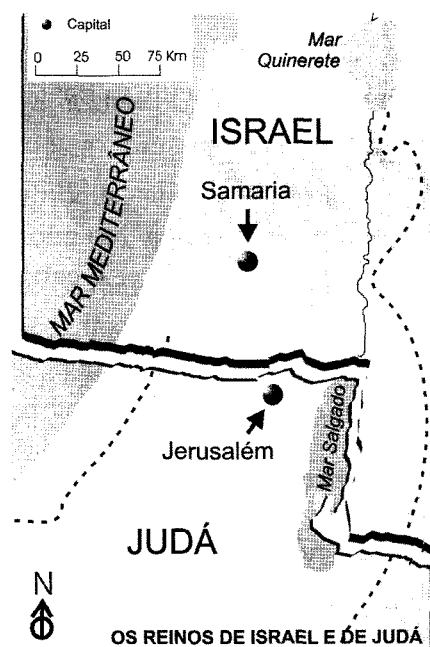
3. O reino de Salomão. O reinado de Salomão, filho de Davi, foi marcado por uma singularíssima paz. A prosperidade era a tônica de seu governo. Com proverbial e inigualável sabedoria, transformou Israel na maior potência do Oriente Médio. As nações vizinhas submeteram-se ao cetro davídico. Mas em

consequência de sua política expansionista e perdulária, o filho de Davi empobreceu a nação, principalmente as tribos setentrionais. Tanto o Templo como os palácios particulares do rei exigiam vultosos impostos de um povo que já estava enfadado com os faustos de seu rei. E o que dizer de seu harém que, segundo alguns estudiosos, possuía 30 mil mulheres? Isto porque cada uma de suas 700 mulheres e 300 concubinas podia ter até 30 damas de companhia. O final de Salomão foi lamentavelmente triste. Não obstante sua grande sabedoria e inimitável glória, desapareceu entre as brumas de sua idolatria e formidáveis excessos.

O cisma israelita

Salomão foi sucedido por seu filho Roboão. Moço folgazão e tolo, não atendeu às reivindicações do povo. Desprezou o conselho dos assessores do pai, oprimindo ainda mais a combalida e já amarga nação hebraica. Numa demente demonstração de força, não baixou os impostos nem melhorou as condições de vida de seus irmãos do Norte.

Aproveitando-se dessa situação caótica, Jeroboão assumiu a liderança das tribos descontentes e, assim, em 931 a.C., o Reino de Israel se dividiu. As tribos de Judá e Benjamim permaneceram fiéis à dinastia davídica. As do Norte, porém, encabeçadas por Efraim, formaram um novo reino.

As duas facções, a partir de então, ficaram conhecidas como Israel e Judá. Acerca do cisma israelita, escreve Antônio Neves de Mesquita: "O império, que Salomão tinha erigido com tanto gáudio, estava à beira do abismo. Não só o desprezo de Roboão às aspirações do povo constituía motivo relevante para modificação na política fiscal, mas também as sementes de discórdia interna deviam ser contornadas. A união entre as tribos fora mais fictícia que real. Havia entre o Norte e o Sul profundas desinteligências geradas pela situação favorável que os sulistas gozavam por sua proximidade com a capital política e religiosa, como também por motivo puramente geográfico. Os nortistas eram meio internacionalistas, mais frios para a religião, menos patriotas e pouco afeiçoados aos reis. Em contato direto com os fenícios, os sírios e outros povos do norte, sentiam menos as influências centralistas. Enquanto ocupava o trono um homem como Salomão, era natural que a união persistisse; depois seria difícil manter esta união e solidariedade política. Seria preciso que um grande e hábil político subisse ao poder, para manter unidos os elementos desintegralizadores. Este homem não era Roboão.".

OS REINOS DE ISRAEL E DE JUDÁ

Com grande precisão, Mesquita fala, agora, sobre as pretensões dos efraimitas: "A tribo de Efraim era a tribo líder do Norte, enquanto a de Judá era líder do Sul. Estas rivalidades, tanto tribais como geográficas, foram sopitadas, enquanto o trono foi ocupado por monarcas da envergadura de Davi e de Salomão. Depois tudo se definiu e as diferenças apareceram. Às ambições destas tribos, acrescentem-se as circunstâncias, tanto geográficas como culturais, que determinavam as diferenças entre o povo, e teremos a explicação do panorama conhecido pelos leitores da Bíblia. Dentro deste pequeno território encontravam-se quase todas as variedades de clima, flora e fauna. A população variava na proporção das diferenças climatéricas. A leste do Jordão ficava a terra dos pastores, onde continuavam a dominar os beduínos. Nos vales, a oeste do mesmo Jordão, ficavam os agricultores, enquanto que nas cidades das fronteiras do Oeste, junto às grandes estradas, havia um princípio de comércio bem desenvolvido. Enquanto isso, em volta do mar da Galiléia, alinhavam-se as vilas de pescadores. Havia, pois, todos os tipos de civilização, desde o tipo pastoril nomádico, o agricultural e o comercial, até o de pescadores. A popu-

lação era uma mistura de interesses variados, e somente a sua topografia, exposta a todos os perigos, podia realizar o milagre de sua unidade, constituindo Israel um regime centralizado e militar. Quando acontecia que uma dinastia se tornava fraca, um homem forte e valente tomava o trono. Daí ter sido a história de Israel do Norte de sangue e de rebeliões, com assassinatos, em que aventureiros, saídos tanto do exército como de outras camadas, assaltavam o trono e estabeleciam precárias dinastias. Com tal heterogeneidade, era de se esperar que uma oportunidade espreitasse a ruptura dos laços que uniam o Norte ao Sul.".

Os cativeiros assírio e babilônico

A cisão enfraqueceu ambos os reinos, principalmente o setentrional. As relações entre Israel e Judá, nem sempre amistosas, de quando em quando uniam-se para combater um inimigo comum. Na maioria das vezes, contudo, estavam em guerra entre si.

A identidade nacional e religiosa entre israelitas e judaítas tornou-se cada vez mais fraca. Seguindo a orientação do idólatra e inescrupuloso Jeroboão, os moradores do Israel setentrional já não desciam a Jerusalém para adorar ao Único e Verdadeiro Deus. O arbitrário e ímpio soberano, temendo perder os súditos para o filho de Davi, fechou as fronteiras entre Israel e Judá. A fim de lhes conquistar o respeito e a fidelidade, fundiu-lhes dois bezerros de ouro. A partir de então, ficou conhecido como "o rei que fez Israel pecar.".

Depois de Jeroboão, Israel teve mais 18 reis. Todos trilharam os caminhos da idolatria e da impiedade. Com o culto a Baal, introduzido por uma meretriz chamada Jezabel, o povo corrompeu-se por completo.

Não podendo mais suportar tanta apostasia, o Senhor entregou as tribos do Norte aos inumanos e sanguinários assírios. No ano 722 a.C., as forças de Nínive invadira Israel e levaram cativos os filhos de Jacó. Iniciou-se o cativeiro israelita, que deixaria profundas sequelas na alma hebreia.

Depois da destruição do Reino de Israel, Judá sobreviveu ainda por mais 135 anos. Na maior parte desse tempo, contudo, viu-se obrigado a pagar tributos à Assíria. Com a ascensão de Babilônia, começou a ruína do Reino do Sul.

Em 605 a.C., tropas babilônicas invadira Judá, tendo início o cativeiro babilônico que, segundo Jeremias, duraria 70 anos. O Templo foi destruído pelos exércitos de Nabucodonozor em 586 a.C. Em Babilônia, os judeus progridira, alcançando elevados postos na administração iniciada por Nabopolassar. Daniel, por exemplo, tornou-se o mais influente conselheiro da realeza caldaica.

Terminado o período de 70 anos, parte dos filhos de Judá retornou à Terra Santa. Centenas de milhares, todavia, resolveram permanecer no exílio. Vagando de nação em nação, sofrendo perseguições e preconceitos, tornaram-se errantes no Oriente e no Ocidente, peregrinos. Sua diáspora já dura 25 séculos.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___8.26 Os principais objetivos do rei Saul eram o de expandir o território de Israel e combater o maior dos rivais da nação, que eram os midianitas.

___8.27 Sob o comando de Salomão, a nação de Israel experimentou um período inusitado de paz.

___8.28 Das doze tribos, Judá e Benjamim se mantiveram fieis ao reinado de Davi, enquanto que as demais dez, lideradas por Efraim, formaram um novo reino.

___8.29 O relacionamento entre Israel, o reino do Norte, e Judá, o reino do Sul, era permanente-mente amistoso, sem jamais guerrearem entre si.

TEXTO 8

GEOGRAFIA POLÍTICA DA TERRA SANTA (CONT.)

A Restauração de Israel

O advento de Roma marca o fim da restauração nacional iniciada por Esdras, Neemias, Zorobabel e pelos profetas Ageu e Zacarias. Ao tentarem sacudir o jugo romano, os judeus foram dispersos por todas as nações do mundo, onde sofreram e ainda sofrem todos os opróbrios descritos por Moisés no capítulo 28 de Deuteronômio.

Durante a sua peregrinação, Israel viu-se obrigado a suportar os mais duros revezes. Judeus foram massacrados em todas as partes do mundo, ora pela arbitrariedade grega, ora pela selvageria romana, ora pela Inquisição, ora pela matança de seis milhões de homens, mulheres e crianças levada a efeito pelos alemães durante a ditadura de Hitler. A cultíssima e civilizada Alemanha tornou-se culpada do mais bárbaro crime da história da civilização.

Entretanto, no final da Segunda Guerra Mundial, a nação judaica começou a renascer. Somente a terra de seus ancestrais daria a necessária segurança à sobrevivência da pátria. Assim, após muitas batalhas diplomáticas, o Estado de Israel começou a existir oficialmente a partir de 14 de maio de 1948.

Cumpria-se a profecia de Isaías: "*Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, nasceu-lhe um menino. Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez? Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz seus filhos.*" (Is 66.7,8).

Desde a proclamação de sua independência, Israel vem enfrentando diversos conflitos: em 1948, a Guerra da Independência; em 1956, a Guerra de Suez; em 1967, a Guerra dos Seis Dias; em 1973, a Guerra do Yom Kippur; e, em 1982, a Guerra do Líbano. Em todas essas guerras, as forças judaicas têm obtido singulares vitórias, pois o SENHOR dos Exércitos está ao seu lado. Cumpre-se à risca o vaticínio de Amós: "*Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o SENHOR, teu Deus*" (Am 9.15).

A nação israelense, com o seu renascimento e progresso, tem um grande significado para todos nós. O pastor Abraão de Almeida, um dos maiores especialistas em assuntos judaicos, escreve: "Com o cumprimento das profecias, Deus nos está mostrando sua fidelidade a Israel, e à Igreja, fidelidade que deve induzir todos os povos a temê-lo. Por isso, o salmista registrou: 'Tema toda a terra ao Senhor, temam-no todos os moradores da Terra, porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu. O Senhor desfaz o conselho das nações, quebranta os intentos dos povos. O conselho do Senhor permanece para sempre; os intentos do seu coração de geração em geração. Bem aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo que ele escolheu para sua herança.' Notem que o Senhor desfaz o conselho das nações, quebranta o intento dos povos. Nenhuma das muitas resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas contra Israel prosperou ou prosperará, pois o Senhor frustra todas as decisões que contrariem sua Palavra. Também têm sido quebrantados os maus intentos dos inimigos de Israel, como o Egito de Nasser, a União Soviética, a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) etc.".

Prossegue o pastor Abraão de Almeida: "O retorno final de Israel, a reconstrução das suas cidades antigas e o reflorestamento do país indicam que estamos vivendo nos últimos tempos. A Bíblia diz que a Palestina seria assolada até o fim (Dn 9.26), mas que, ao término do cativeiro, os israelitas reedificariam as cidades assoladas e nelas habitariam, plantariam vinhas, beberiam o seu vinho e fariam pomares e lhes comeriam os frutos (Am 9.14).".

Portanto, estejamos vigilantes porque a volta de Cristo concretiza-se dia após dia. Que a nossa oração seja: "Paz sobre Israel!".

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

8.30 O que marcou o fim da restauração nacional iniciada por Esdras, Neemias, Zorobabel e pelos profetas Ageu e Zacarias?

___a) O Concílio de Trento.
___b) O advento de Roma.
___c) O Concílio de Jerusalém.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

8.31 Israel vem suportando duros revezes ao longo de sua história, dos quais, segundo o Texto estudado, podemos destacar,

___a) a arbitrariedade grega e a selvageria romana.
___b) a Inquisição.
___c) a ditadura de Hitler.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

8.32 Desde a proclamação da independência do Estado de Israel, a nação vem enfrentando diversos conflitos, entre os quais podemos mencionar a Guerra

___a) da Independência, em 1948, e de Suez, em 1956.
___b) dos Seis Dias, em 1967.
___c) do Yom Kippur, em 1973, e do Líbano, em 1982.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___8.33 Geografia Econômica é o ramo da geografia que se dedica à organização social e jurídica dos diversos países e grupamentos humanos.

___8.34 Trigo, oliva e uva eram os produtos que constituíam a dieta básica dos israelitas, razão pela qual as Escrituras mencionam pão, azeite e vinho com frequência.

___8.35 O Senhor Jesus condenou o casamento fora do padrão estabelecido em Gênesis 2.

___8.36 Para a mulher hebreia, não havia privilégio maior que o de se casar, ainda que não viesse a ter filhos.

___8.37 Proveniente da Pérsia e amplamente utilizada nos tempos de Esdras e Neemias, a primeira moeda citada na Bíblia é o darico.

___8.38 A nação israelita teve origem nas peregrinações dos patriarcas, em meio ao deserto e em terra estrangeira.

___8.39 Por intermédio de Samuel, os dois primeiros reis de Israel foram escolhidos para assumir o trono, a saber Saul e Davi.

___8.40 Por intermédio do profeta Amós, o SENHOR comunica aos filhos de Israel que ainda serão tirados de sua terra mais algumas vezes, até que o fim venha (Am 9.15).

GEOGRAFIAS DA TERRA SANTA (CONT.)

Em julho de 1980, o parlamento israelense (Knesset) aprovou um decreto-lei, elaborado pelo então primeiro-ministro Menachen Begin, transformando Jerusalém na capital eterna e indivisível do Estado de Israel.

Como era de se esperar, os países árabes protestaram veementemente contra a iniciativa israelense. Dias antes, a propósito, o *premier* judeu, respondendo a uma objeção do governo inglês, afirmara que antes mesmo da existência de Londres, Jerusalém já era a capital de Israel.

O aiatolá Khomeini, ferrenho inimigo dos israelitas, ao saber da anexação legal e definitiva de Jerusalém, proclamou, de imediato, uma guerra para reconquistar a Cidade Santa. Enquanto isso, diversas nações ocidentais tratavam de mudar suas embaixadas para Tel-Aviv, para não desagradar os países árabes. Somente os Estados Unidos apoiaram a medida israelense, que constitui o velho e milenar sonho judaico de reconquistar política e espiritualmente a Cidade do Grande Rei.

A independência do Estado de Israel foi proclamada em 1948. Nestes mais de 60 anos, as cidades foram-se multiplicando sobre o exíguo e aridificado território. Cumpre-se, dessa forma, a maravilhosa profecia: "*Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão. Mudarei a sorte do meu povo de Israel; reedificarão as cidades assoladas e nelas habitarão, plantarão vinhas, e beberão seu vinho, farão pomares e lhes comerão o fruto. Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o SENHOR teu Deus*" (Am 9.13-15).

Nesta Lição, porém, não falamos propriamente das metrópoles e das cidades do moderno Estado de Israel, mas das principais cidades do AT e do NT. Incluímos também neste capítulo um tópico acerca das estradas históricas da Terra Santa.

Agora, adentraremos a geografia do Livro de Apocalipse. Em primeiro lugar, veremos como era a Ilha de Patmos para onde João foi enviado como prisioneiro político. Em seguida, conheceremos as sete igrejas da Ásia Menor.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Jerusalém – A Capital Eterna e Indivisível de Israel
2. *História de Jerusalém*
3. Cidades e Estradas da Terra Santa
4. Cidades e Estradas da Terra Santa (Cont.)
5. Geografia do Apocalipse

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Citar a localização geográfica de Jerusalém e quais as religiões monoteístas cultuadas;
2. Explicar o episódio considerado o mais triste para os hebreus ao longo de sua história, ocorrido no ano de 586 a. C., sob o comando da Babilônia;
3. Relatar fatos ocorridos nas cidades que formam a Terra Santa, segundo o registro das Sagradas Escrituras;
4. Especificar a localização das estradas mencionadas no Texto 4;
5. Listar as sete cidades às quais João se dirige no Livro de Apocalipse.

TEXTO 1

JERUSALÉM – A CAPITAL ETERNA E INDIVISÍVEL DE ISRAEL

Jerusalém – um nome sempre bendito

Jerusalém significa, em hebraico, *habitação de paz*. Em Gênesis 14.18, encontramos uma referência à cidade, então com o nome de Salém, que segundo a Tradição assim era chamada a capital judaica. O nome Jerusalém é mencionado pela primeira vez nas Escrituras em Josué 10.1.

Outros nomes bíblicos para Jerusalém são: Jebus (Jz 19.10); Cidade de Davi (2Sm 5.7); Sião (Sl 87.2); Ariel ou Lareira de Deus (Is 29.1); Cidade de Justiça (Is 1.26); Cidade Santa (Mt 4.5); Cidade do Grande Rei (Mt 5.35).

A arqueologia de Jerusalém

Há provas arqueológicas suficientes para nos levar a crer que na área hoje ocupada por Jerusalém ergueram-se, em eras remotas, importantes civilizações.

A primeira menção que se tem da cidade aparece nas inscrições de Tell-Amarna, em caracteres cuneiformes. Quando o registro foi feito, o rei de Jerusalém era Abd Khida. Nesse tempo, a cidade era conhecida como *Urusalim*, um nome de origem semita que significa *fundação de Salém* ou como opinam alguns eruditos, *fundação de Deus*.

Geografia de Jerusalém

Jerusalém constitui-se na mais célebre cidade do mundo. É venerada por três religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Sua localização geográfica é privilegiada: situa-se no Sul da cordilheira central de Israel e encontra-se a 58 quilômetros do Mediterrâneo. Como símbolo de grandeza e magnitude, está a 760 metros de altitude em relação ao nível do mar. Com o passar do tempo, seus aspectos primitivos sofreram profundas e diversificadas alterações. Ninguém, contudo, jamais poderá diminuir a glória de ser a Cidade do Grande Rei.

Até o ano 70 d.C., Jerusalém estava protegida por forte muralha que, durante a Guerra dos Judeus, foi destruída pelas tropas do general Tito, de Roma.

Jerusalém – cidade de Davi

Jerusalém é uma das cidades mais antigas do mundo, é mencionada em antigos documentos egípcios que remontam a 1900-1800 a.C., época em que se encontrava o domínio dos faraós.

Antes de ser tomada por Davi, a Cidade Santa pertencia aos jebuseus. No Livro de Samuel, lemos: "*Porém Davi tomou a fortaleza de Sião; esta é a Cidade de Davi. Davi, naquele dia, mandou dizer: Todo o que está disposto a ferir os jebuseus suba pelo canal subterrâneo e fira os cegos e os coxos, a quem a alma de Davi aborrece. (Por isso, se diz: Nem cego nem coxo entrará na casa.) Assim, habitou Davi na fortaleza e lhe chamou a Cidade de Davi; foi edificando em redor, desde Milo e para dentro.*" (2Sm 5.7-9).

A cidade de Jerusalém tornou-se capital de Israel por volta de 1000 a.C., a partir de quando estaria permanentemente ligada à alma hebreia.

O apogeu de Jerusalém deu-se no reinado de Salomão, que a embelezou, aproveitando de seu singular aspecto. Procurando sanar o crônico problema de abastecimento de água, o sábio monarca construiu diversos aquedutos.

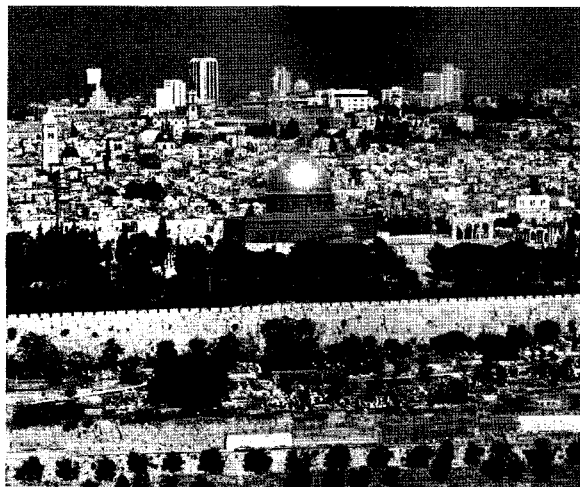
A grandeza de Jerusalém

Que Jerusalém é uma cidade singular, ninguém discute, mas qual o segredo dessa singularidade? No tempo de Salomão, era a mais bela das metrópoles. Todavia, com o passar do tempo, foi perdendo suas feições até achar-se desfigurada e destituída de graça. Basta ler as Lamentações de Jeremias para nos compenetrarmos de seu opróbrio, vergonha e humilhação, que passaram a caracterizá-la a partir da invasão de Nabucodonosor em 586 a.C.

Sobre o paradoxo da grandeza de Jerusalém, escreve Orlando Boyer: "Qual é o segredo da sua grandeza? Não tinha um porto marítimo, como Alexandria e Roma. Nem estava situada num rio, como Mênfis e Babilônia. E nem tinha a grande vantagem de uma das grandes vias comerciais entre o mar Mediterrâneo e o vale do Jordão, nem das rotas entre a Ásia Menor e o Egito. Contudo, enquanto Roma era o centro político e Atenas, o centro intelectual, Jerusalém era o centro espiritual do mundo, a cidade de maior influência sobre a esperança e o destino do gênero humano. Era a cidade escolhida do único e verdadeiro Deus, o centro de seus cultos, leis e revelação, com a missão de proclamá-lo a todo o mundo.".

Todavia, não nos esqueçamos: Jerusalém teve um passado de cobiçadíssimas glórias. A começar pelo Templo de Deus que ela abrigava em seus generosos termos.

A glória do templo de Jerusalém

O historiador judeu Flávio Josefo descreve a Casa do Senhor construída por Salomão nos seguintes termos: "O templo tinha sessenta côvados de comprimento e outro tanto de altura; a largura era de vinte côvados. Sobre esse edifício construiu-se outro do mesmo tamanho e assim a altura total do templo era de cento e vinte côvados. Estava voltado para o Oriente e seu pórtico era da mesma altura de cento e vinte côvados por vinte de comprimento e dez de largura. Havia em redor do templo trinta quartos em forma de galeria, que serviam de arcos para o sustentar. Passava-se de um para o outro e cada um tinha vinte e cinco côvados de comprimento por outros tantos de largo e vinte de altura. Havia, por cima desses quartos, dois andares com igual número de quartos, todos semelhantes. Assim, na altura de três andares juntamente, medindo sessenta côvados chegava justamente à altura da parte baixa do edifício do templo de que acabamos de falar e nada mais havia por cima. Todos estes quartos eram cobertos de madeira de cedro e tinham sua cobertura à parte, em forma de pavilhão: mas estavam unidos por traves longas e grossas, a fim de torná-las mais firmes: e, assim, juntas, eram como um único corpo. Seus tetos eram de madeira de cedro bem polido, enriquecido de folhagens douradas, talhadas na madeira. O resto era também adornado de madeira de cedro, tão bem trabalhada e tão reluzente de ouro que seu brilho ofuscava a vista. Toda a estrutura desse soberbo edifício era de pedras tão polidas e tão bem ajustadas que não se podia nem mesmo perceber-lhes as junturas, mas parecia que a natureza as tinha feito um

único bloco, sem que a arte nem os instrumentos de que se servem excelentes artífices para embelezar suas obras, para isso tivessem contribuído. Salomão mandou fazer na largura do muro do lado do Oriente, onde não haja nenhum portal grande, mas somente duas portas, um degrau em frente, de sua invenção, para se subir ao alto do templo. Havia dentro e fora dele, pranchas de cedro ligadas com grande e fortes cadeias, para garantir a sua estabilidade.".

Prossegue Josefo: "Salomão mandou também fazer dois querubins de ouro maciço, de cinco côvados de altura cada um; suas asas eram do mesmo comprimento e essas duas figuras estavam colocadas de tal modo no Santo dos Santos, que duas de suas asas estendidas se uniam e cobriam toda a Arca da Aliança e as duas outras asas tocavam, uma do lado norte e outra do lado sul, as paredes desse lugar particularmente consagrado a Deus, que, como dissemos, tinha vinte côvados de largura. Mas, dificilmente se poderia dizer, pois não se poderia nem mesmo imaginar qual a forma desses Jerusalém – a capital eterna e indivisível de Israel querubins. Todo o pavimento do templo estava coberto de lâminas de ouro e as portas da grande entrada, que tinha vinte côvados de largura e altura proporcionada, estavam também cobertas de lâminas de ouro. Enfim, numa palavra, Salomão nada deixou, nem dentro nem fora do templo, que não fosse recoberto de ouro. Mandou colocar, sobre a porta do lugar chamado o Santo do templo, um véu semelhante ao de que acabamos de falar, mas a porta do vestíbulo não o tinha.".

Complementa Flávio Josefo: "Eis com que suntuosidade e magnificência Salomão fez construir e ornar o templo e consagrou todas essas coisas à honra de Deus. Mandou fazer em seguida, em redor do templo, um muro de cem côvados de altura, chamado *gison* em hebraico, a fim de impedir a entrada aos leigos, sendo ela somente permitida aos levitas e sacrificadores. Salomão levou sete anos para realizar essas magníficas obras, o que não as tornou menos admiráveis, do que sua grandeza, sua riqueza e sua beleza; ninguém podia imaginar que seria coisa possível realizá-las e terminá-las em tão pouco tempo.".

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___9.01 De acordo com o Texto, Jerusalém, a capital de Israel, é mencionada nas Escrituras com outros nomes, entre os quais: Jebus, Sião e Cidade Santa.

___9.02 Uma forte muralha protegia Jerusalém até o ano 70 de nossa era, destruída pelo exército do general romano Tito, durante a Guerra dos Judeus.

___9.03 Jerusalém passou a ser a capital de Israel em 1948, quando sua independência foi proclamada.

___9.04 Foi durante o reinado de Salomão que Jerusalém alcançou seu apogeu; diversos aquedutos foram edificados nesse período com a finalidade de solucionar o abastecimento de água na cidade.

TEXTO 2

HISTÓRIA DE JERUSALÉM

Depois da morte de Salomão, o trono davídico foi ocupado por seu filho Roboão, que jamais deixou de lado a insensatez. No quinto ano de seu reinado, Jerusalém foi saqueada por Sisaque, rei do Egito. Mais tarde, filisteus e árabes a sitiaram, causando-lhe muitos danos.

No reinado de Amazias, os israelitas do Norte destruíram parte das muralhas da Cidade Santa, ocasião em que consideráveis riquezas foram levadas para Samaria.

A história dos grandes feitos de Deus mostra também que contra os desígnios do Senhor não há estratégia nem exércitos. Brilhantes generais fracassaram em sua ânsia por tomar Sião. Rezim, rei da Síria, foi um deles. Já no tempo de Ezequias, o soberbo Senaqueribe, da Assíria, é abatido pelo anjo do Senhor. De seu grande exército, caíram 185 mil homens.

No tempo de Manassés, a cidade foi invadida por tropas babilônicas. O mais perverso rei de Judá foi deportado para a Babilônia, onde se reconciliou com o Deus de seus pais. Alcançado pelas misericórdias divinas, o monarca judaíta foi recambiado à sua terra, onde promoveu algumas reformas religiosas.

Não há acontecimento tão funéreo e triste para os judeus como a destruição de Jerusalém. Em 586 a.C., Nabucodonosor invadiu o Reino de Judá, destruiu Jerusalém e deitou por terra o Santo Templo, terminando, assim, a fase áurea da mais amada e cobiçada das cidades.

Após setenta anos de exílio e vergonha, Jerusalém foi reconstruída por Esdras e Neemias. Ressurgiu o Santo Templo, porém é apenas uma sombra do imponente santuário erguido por Salomão.

Desde essa época, a Cidade do Grande Rei não mais conheceria momentos de paz. Em 320 a.C., Ptolomeu Soter a conquistou. No segundo século antes de nossa era, Antíoco Epífanes apoderou-se dela, profanou-lhe o Templo e massacrou milhares de judeus.

Em 66 a.C., o general romano Pompeu assenhoreou-se de Jerusalém, transformando-a em mera possessão latina. Dezesseis anos mais tarde, Herodes, o Grande, começou a reinar sobre a cidade, com o apoio de Roma. Para agradar os judeus, o ambicioso monarca reformou e embelezou o santuário de Jeová. Nesse Templo, seria apresentado o menino Jesus.

No ano 70 de nossa era, Jerusalém conheceria uma de suas mais deploráveis tragédias. O general Tito, à testa de um exército de 100 mil homens, sitiou-a durante cinco meses. Em seguida destruiu-a. O que predissera Jesus, aconteceu: não ficou pedra sobre pedra; tudo foi derribado, com exceção do Muro das Lamentações. De acordo com Tácito, historiador romano, morreram, nessa ocasião, um milhão de judeus.

O fervor nacionalista dos judeus, entretanto, não se extinguiu. Em 131 d.C., Bar Khoba apossou-se de Jerusalém. Porém, no ano seguinte, o imperador Adriano devastou-a. Séculos mais tarde, em 627, Cosroes II, rei da Pérsia, avançou sobre Jerusalém, arrasando-a uma vez mais.

Omar, sucessor de Maomé, ocupou Jerusalém em 637. Duzentos anos depois, os maometanos destruíram santuários cristãos. Em 1075, a capital espiritual do Judaísmo passou das mãos dos árabes para as dos turcos.

Sob o nome de Cristo, a Igreja Católica Romana, com suas impiedosas cruzadas, começou a atacar Jerusalém. A cidade foi sitiada e conquistada em 1099 por Godofredo, chefe da primeira cruzada. Durante a investida, milhares de judeus foram assassinados.

Saladino, em 1187, na qualidade de chefe da terceira cruzada, ocupou a cidade. Em 1229, as muralhas de Jerusalém foram destruídas. Dez anos mais tarde, Sião rendeu-se ao comandante da sexta cruzada. Os turcos, em 1547, invadiram-na e só seriam expulsos em 1831. A Turquia, entretanto, voltaria a conquistar Jerusalém, dez anos mais tarde.

Na Primeira Guerra Mundial, Jerusalém foi "libertada" pelo general britânico, Allemby. No dia 14 de maio de 1948, renasceu o Estado de Israel. A parte leste da cidade, porém, continuaria em poder dos árabes até que, em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias, a capital espiritual e histórica dos judeus é reconquistada por seus legítimos donos.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

Coluna "A"

___9.05 Jerusalém foi saqueada por Sisaque, rei do Egito.

___9.06 Ocasião em que muitos tesouros foram levados de Jerusalém para Samaria.

___9.07 Alcançado pelas misericórdias divinas, promoveu algumas reformas religiosas.

___9.08 Destruiu Jerusalém, não deixando pedra sobre pedra, como predissera Jesus.

Coluna "B"

A. Manassés – o mais perverso rei de Judá

B. No quinto ano do reinado de Roboão.

C. General Tito, no ano 70 d.C.

D. Na destruição de parte das mura lhas da cidade Santa durante o reinado de Amazias.

TEXTO 3

CIDADES E ESTRADAS DA TERRA SANTA

O que é cidade

A cidade pode ser definida como um centro populacional permanente, organizado e com funções políticas e urbanas autônomas. No Brasil, dá-se o nome de cidade a toda sede de município.

Guardadas as devidas proporções, as cidades bíblicas tinham as mesmas características das metrópoles atuais. Haja vista Jerusalém. A arqueologia mostra que a Cidade Santa era uma metrópole altamente organizada.

Jericó – cidade das palmeiras

Localizada no Vale do Jordão, no território entregue à tribo de Benjamim, Jericó se encontra a 28 quilômetros de Jerusalém. O nome da cidade significa *lugar de perfumes e fragrâncias*.

Jericó foi a primeira cidade conquistada pelos filhos de Israel. Era famosa por suas fortificações. Considerada uma das metrópoles mais antigas do mundo.

Belém – casa do pão

Encontrando-se a 10 quilômetros ao leste de Jerusalém, Belém é a cidade natal de Davi, *casa de pão* é o que significa seu nome na língua hebraica. Por sua posição geográfica, é uma fortaleza natural. Fica a quase 800 metros acima do nível do mar.

Nessa cidade, nasceu também Cristo Jesus o Salvador do mundo. Apesar de sua importância histórica, Belém foi sempre uma aldeia insignificante. Seus campos ainda hoje conservam a mesma fertilidade dos tempos bíblicos.

Betânia – casa dos figos

Na verdade, Betânia não passava de uma aldeia nos tempos de Nosso Senhor. Localizada a três quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Era Betânia a cidade de Lázaro, Marta e Maria. Foi nesse lugarejo que ocorreu a ascensão de Cristo (Lc 24.50,51).

Betel – casa de Deus

Mencionada 65 vezes nas Sagradas Escrituras, Betel se situa no centro da terra de Canaã, a 19 km ao norte de Jerusalém. Seu nome foi-lhe dado por Jacó (Gn 28.19; 35.1-15).

No tempo dos juízes, a cidade teve o privilégio de abrigar a arca da aliança, fazendo jus ao significado de seu nome, casa de Deus (Jz 20.18, 26, 31; 21.2).

Betel já era um conhecido santuário quando da divisão do Reino de Israel em 931 a.C. Infelizmente, aí estabeleceu Jeroboão um centro de culto idolátrico a fim de impedir que seus súditos fossem a Jerusalém adorar o Deus Único e Verdadeiro. Colocou na cidade um bezerro de ouro e organizou um sacerdócio para neutralizar o ministério levítico (1Rs 12.28).

Em Betel, Amós exerceu o seu ministério (Am 7.13) e, pelo o que diz o profeta, a cidade foi um importante centro comercial, onde residiam muitos ricos (Am 8.5). Infelizmente, com o tempo, Betal fez-se notória pela iniquidade de seus moradores.

Cesareia – cidade dos imperadores

Situada na costa do Mar Mediterrâneo, a 33 quilômetros ao sul do Monte Carmelo, chama-se hoje Kaisarich. Situa-se precisamente acima da linha que demarca os limites entre Samaria e Galileia, na principal rota que vai de Tiro para o Egito.

Bela e magnífica, Cesareia foi edificada por Herodes, o Grande e dedicada a César. Em honra ao imperador, um suntuoso templo foi erguido em Cesareia. Era a capital romana da Judeia, servindo de residência aos reis herodianos e aos governadores e procuradores romanos. Félix e Festo moravam nessa cidade.

Foi em Cesareia que Herodes Agripa I foi ferido pelo anjo de Deus com repugnante enfermidade (At 12.19; 23.23; 25.1,4,6,13; 12.21-23). Era também a terra do evangelista Filipe (At 8.40; 21.8). Cesareia possuía um esplêndido porto.

Emaús – cidade do inefável encontro

Emaús distava 11 quilômetros de Jerusalém. Era na verdade uma vila. Foi aí que o Senhor ressurreto mostrou-se aos dois discípulos quando, tristes, deixaram Jerusalém pensando estar Jesus ainda morto (Lc 24.13-35).

Hebrom – onde Davi foi coroado rei

O primeiro nome desta cidade era Quiriate Arba (Js 20.7). Encontra-se Hebrom a 32 quilômetros ao sul de Jerusalém e a mil metros acima do mar Mediterrâneo. Abraão morou em suas redondezas. Em Hebrom, o filho de Jessé foi ungido rei sobre Israel. E tida como a primeira cidade de Davi.

Atualmente sob a administração da autoridade palestina, Hebrom é uma cidade com mais de 40 mil habitantes, de maioria árabe. Suas principais fontes de renda são artesanatos, artefatos de cerâmica e pequenas indústrias. Sua agropecuária não tem muita expressão.

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___9.09 Entre as proeminentes cidades da Terra Santa, Jericó, cujo nome significa *"lugar de perfumes e fragrâncias"*, foi a primeira cidade conquistada pelos filhos de Israel.

___9.10 Cidade onde habitava Marta, Maria e Lázaro, seu nome significa "casa dos figos"; é também a cidade onde Cristo ascendeu aos céus.

___9.11 Fazendo jus ao nome, que significa "*casa de Deus*", Betel abrigou a arca da aliança nos tempos dos juízes de Israel.

___9.12 Edificada por Agripa I, Cesareia está a 20 quilômetros ao norte do Monte Sinai e chama-se hoje Kaisarich.

TEXTO 4

CIDADES E ESTRADAS DA TERRA SANTA (CONT.)

Jope – cidade de tradição portuária

Na distribuição de Canaã, coube Jope à tribo de Dã. Atacada várias vezes pelos filisteus, a cidade foi libertada por Davi. Mais tarde, Salomão utilizou-se de seu porto para receber os cedros do Líbano, usados na construção do Templo. Hodiernamente, Jope é um grande porto israelense.

Nazaré – cidade onde Cristo foi criado

Situada num monte a 400 metros acima do nível do mar, Nazaré encontra-se a 170 quilômetros de Jerusalém. No tempo das chuvas, as encostas da cidade ficam recobertas de flores de beleza exuberante. Nazaré significa *florescer*.

Jesus Cristo foi criado nessa cidade, razão pela qual é Ele chamado de Nazareno.

Até 1948, Nazaré era controlada por muçulmanos, mas em 16 de julho desse ano passou para o domínio dos israelenses.

Cafarnaum – cidade que recusou o Messias

Cafarnaum foi escolhida por Jesus para ser o centro de seu ministério. Seu nome significa *aldeia de Naum* e situa-se a 35km de Nazaré.

Em Cafarnaum, Jesus passou dezoito meses, realizando grandes milagres, sinais e maravilhas. Seus habitantes, entretanto, recusaram acolher o Cristo de Deus. Conforme as palavras do Senhor, Cafarnaum desceria ao inferno (Lc 10.15). Foi o que aconteceu, pois nunca mais foi edificada.

Samaria – cidade marcada pelo desprezo

Construída por Onri, pai de Acabe, Samaria se encontra a 60 quilômetros ao norte de Jerusalém. Situa-se a 400 metros acima do Mediterrâneo.

Depois do cisma israelita, Samaria passou a ser a capital do Reino de Israel. Para a cidade, foram transportados, após o cativeiro israelita, povos estranhos que, juntamente com alguns hebreus, deram origem aos samaritanos. Mais tarde, estes causaram muitos embaraços a Esdras e a Neemias. No tempo de Jesus, ainda era grande a rivalidade entre as comunidades hebreia e samaritana.

Decápolis – região das dez cidades

No grego, *Decápolis* significa *dez cidades*. Esse agregamento situava-se em espaçoso território ao leste do Mar da Galileia. As cidades foram construídas por gregos, na tentativa de helenizar a região. Sofreram, entretanto, grande oposição dos judeus, principalmente da família macabeia.

As cidades que compunham Decápolis, segundo Plínio, eram Citópolis, Damasco, Rafana, Canata, Gerasa, Diom, Filadélfia, Hipos Gadara, Pela. A confederação desempenhou relevante papel na propagação da cultura helena no Oriente. O evangelho encontrou aí fértil terreno.

Cada cidade possuía seu próprio exército que, em tempo de crise, unia-se às falanges romanas.

Estradas da terra santa

Na era patriarcal, já havia estradas cruzando a Terra Santa em todas as direções. No início, eram trilhos. Passados alguns séculos, carros de ferro já trafegavam pelo território israelita sem quaisquer dificuldades. Após a conquista dos romanos, foram construídas muitas estradas pavimentadas para o rápido deslocamento de tropas.

1. Via Maris. Ligava Damasco a Ptolemaida. Atravessava todo o território israelita, passando por Cafarnaum e Genezaré. Alguns trechos dessa estrada eram pavimentados e por isso os romanos cobravam pedágio para a sua manutenção.

2. Estrada da Costa. Também conhecida como o Caminho dos Filisteus. Ligava o Egito à Terra Santa. Com mais de 120 quilômetros de extensão, por essa estrada passaram diversos exércitos conquistadores. Jesus e, mais tarde, Paulo, também a percorreram.

3. Estrada do Leste. Era uma excelente via de comunicação entre Jerusalém e Betânia. Os judeus que moravam na Galileia e iam adorar no Templo tinham de percorrê-la. Por essa estrada, passaram, provavelmente, Saulo e seus companheiros, quando se dirigiam para Damasco a perseguir os cristãos.

4. Estrada do Centro. Ligava Jerusalém ao Sul do país. Na realidade, tratava-se de duas estradas que, ao chegar a Hebrom, bifurcavam-se, uma em direção a Gaza e a outra, a Berseba.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

9.13 Embora Jesus tenha realizado muitos milagres durante os dezoito meses em que nela permaneceu, esta cidade não acolheu o Messias.

___a) Cafarnaum. ___b) Galileia. ___c) Nazaré. ___d) Belém.

9.14 Cidade para onde foram levados diversos povos estranhos que, juntamente com alguns hebreus, deram origem aos samaritanos, que causaram dificuldades a Esdras e a Neemias:
___a) Nazaré. ___b) Samaria. ___c) Cesareia. ___d) Belém.

9.15 Com mais de 120 quilômetros de extensão, ligava o Egito à Terra Santa.
___a) Via Maris. ___b) Estrada da Costa.
___c) Estrada do Leste. ___d) Estrada do Centro.

TEXTO 5

GEOGRAFIA DO APOCALIPSE

Patmos – a ilha da revelação

Ilha rochosa localizada no Mar Egeu, ao sudoeste de Éfeso (Ap 1.9), Patmos tem cerca de 29 quilômetros de circunferência. Por causa de seus contornos tristes e desolados, serviu, durante muito tempo, como prisão para onde eram levados os prisioneiros políticos de Roma.

Para essa ilha foi enviado o apóstolo João por determinação do imperador Domiciano. Seu crime? Anunciar o Evangelho de Cristo Jesus. Em meio a toda essa desolação, porém, o discípulo do amor teve a revelação de como serão os últimos dias da história humana (Ap 1.9-20).

Éfeso

Situada na Ásia Menor, às margens do rio Caístro, Éfeso funcionava, na era apostólica, como centro da administração romana de toda essa região. Aí também viviam muitos judeus.

Em Éfeso, situava-se o templo da deusa Diana, uma das sete maravilhas do mundo. Na cidade, esteve o apóstolo Paulo em duas oportunidades durante suas viagens missionárias (At 18.19; 19.1). A evangelização de Éfeso foi coroada de êxitos. A igreja aí fundada era uma das mais bem doutrinadas do NT.

Segundo a tradição, o apóstolo João viveu em Éfeso durante os anos que precederam a sua prisão na Ilha de Patmos. À igreja de Éfeso enviou o Senhor Jesus uma carta conclamando-a a voltar ao primeiro amor (Ap 2.1)

Esmirna

Antiga cidade portuária localizada na costa ocidental da Ásia Menor. Distava 65 quilômetros ao norte de Éfeso. A igreja aí instalada sofreu muitas perseguições; jamais, porém, deixou de se notabilizar pelo amor e pela piedade (Ap 2.8-11).

Em todas as tribulações, o Senhor Jesus sempre esteve ao lado dos santos de Esmirna. Ele é fiel e verdadeiro.

Pérgamo

A mais importante cidade da Mísia é hoje chamada de Bergama. Localizada às margens do Caíco, tornou-se célebre por seu pioneirismo em trabalhar o pergaminho como material de escrita. O acervo de sua biblioteca de 200 mil volumes seria transportado para Alexandria, no Egito.

Muitos eram os palácios e templos de Pérgamo. Diz a lenda ter sido a cidade o berço de Júpiter. Por causa de sua idolatria, era considerado o estrado do trono de Satanás (Ap 2.13). Aqui ficava uma igreja que enfrentava problemas internos e externos. Se por um lado, sofria com os promotores da doutrina de Balaão, por outro, era vítima da intolerância dos pagãos (Ap 2.12-17).

Tiatira

Situada entre Lídia e Mísia, a cidade de Tiatira achava-se na província romana da Ásia Menor. Era um importante centro comercial, fundado pelos selêucidas.

Aqui ficava uma importante igreja (Ap 1.11; 2.18). Era uma cidade marcada pela idolatria. O Senhor Jesus censurou duramente esta igreja por sua atitude tolerante em relação a uma certa mulher que, embora se dissesse profetisa, induzia os servos de Cristo ao adultério (Ap 2.20,21).

O nome atual de Tiatira é Akhissar e está localizada no território da Ásia Menor, hoje ocupado pela Turquia.

Sardes

Antiga capital dos reis da Lídia, achava-se localizada às margens do Partolo, um afluente do Rio Hermo. A cidade atualmente é conhecida pelo nome de Start e não passa de uma aldeia rodeada por ruínas de um passado outrora glorioso.

Que dura censura endereçou-lhe o Senhor! Ela tinha nome que vivia, mas achava-se morta (Ap 3.1-4).

Filadélfia

Situada na Ásia Menor, Filadélfia foi arquitetada e construída pelo rei Atalo Filadelfo, de Pérgamo. Seu território hoje é ocupado pela cidade de Alasehir, um importante porto da Turquia.

Filadélfia em grego significa *amor fraternal*. Aqui ficava a sede de uma igreja que se tornou célebre por suas boas obras e pelo amor que devotava ao Senhor Jesus Cristo (Ap 3.7-13).

Laodiceia

Florescente e próspera cidade da Ásia Menor, localizada às margens do Rio Lico, nas vizinhanças de Colossos, Laodiceia servia de comunicação entre o oriente e o ocidente da Ásia. Aqui ficava uma igreja que, apesar da prosperidade material, espiritualmente era paupérrima, motivo pela qual sofreu dura reprimenda do Senhor Jesus (Ap 3.14-22).

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___9.16 Por pregar o Evangelho, João foi detido e transferido para Patmos, no Mar Egeu, de onde recebeu a revelação e escreveu o Livro de Apocalipse.

___9.17 Éfeso, uma das cidades de destino das cartas escritas por João, constituía o centro administrativo de Roma em toda aquela região, onde também viviam muitos judeus.

___9.18 Embora sofresse muitas perseguições, Esmirna tornou-se célebre como igreja pelo amor e pela piedade, conforme registrado em Apocalipse 2.8-11.

___9.19 Esmirna notabilizou-se por ser pioneira no uso do pergaminho como material de escrita.

___9.20 Tiatira é a cidade onde foi encontrada Jezabel, uma pseudoprofetisa que induzia o povo às práticas adúlteras e cujo nome referencia à inescrupulosa esposa do rei Acabe.

REVISÃO DA LIÇÃO

Assinale com "X" a alternativa correta.

9.21 Faz referência à cidade de Jerusalém a seguinte menção bíblica:
___a) Cidade de Davi (2Sm 5.7).
___b) Lareira de Deus (Is 29.1).
___c) Cidade de Justiça (Is 1.26).
___d) Todas as alternativas estão corretas.

9.22 Uma das mais deploráveis tragédias ocorridas com Jerusalém ocorreu nos anos 70 de nossa era e trata-se de
___a) sítio e invasão pelo general romano Tito, aniquilando completamente a cidade.
___b) ferrenho combate contra os selêucidas, que levou a cidade às ruínas.
___c) tomada da cidade pela Babilônia, que levou parte dos habitantes para o cativeiro.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

9.23 Qual cidade que está situada no centro da terra de Canaã e teve o nome dado por Jacó?
___a) Betânia. ___b) Jericó. ___c) Betel. ___d) Cesareia.

9.24 Conectando o Egito à Terra Santa, esta estrada era também conhecida como o Caminho dos Filisteus. Faz-se aqui referência a
___a) Via Maris. ___b) Estrada da Costa.
___c) Estrada do Leste. ___d) Todas as alternativas estão corretas.

9.25 Segundo registra Apocalipse 3.14-22, nesta cidade estava estabelecida uma igreja que, apesar da prosperidade material, era espiritualmente paupérrima. Trata-se de
___a) Sardes. ___b) Tiatira.
___c) Filadélfia. ___d) Laodiceia.

AS VIAGENS MISSIONÁRIAS DE PAULO

As páginas a seguir apresentam o que chamamos de geografia missionária. Através das viagens apostólicas de Paulo, conheceremos as cidades do mundo antigo onde se foi instalando a Igreja de Nosso Senhor.

Nesse estudo, não há como evitar a pergunta: como pôde o apóstolo, em tão pouco tempo, evangelizar os principais centros do Império Romano e, finalmente, instalar-se em Roma com a irresistível mensagem do Evangelho? Ou melhor: como pôde um único homem revolucionar toda a sua época?

A resposta não exige muita abstração. Em primeiro lugar, era Paulo um mensageiro extraordinário do Senhor, através do qual o evangelho foi universalizado. Além disso, o apóstolo utilizou a infra-estrutura do império para viajar de cidade em cidade, de província em província e de reino em reino. Providencialmente, não precisava de nenhum passaporte especial porque era um cidadão romano. Somente Deus haveria de predispor todas as coisas de tal forma que a mensagem da cruz chegasse aos confins da terra.

Vejamos, pois, as estações das primeiras viagens missionárias de Paulo.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Primeira Viagem Missionária
2. A Segunda Viagem Missionária
3. A Segunda Viagem Missionária (Cont.)
4. A Terceira Viagem Missionária
5. A Viagem a Roma

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Mencionar as cidades pelas quais o apóstolo Paulo passou em sua primeira viagem missionária;
2. Citar a importância da igreja de Antioquia na 2ª viagem missionária de Paulo.
3. Descrever a segunda viagem de Paulo, de acordo com o roteiro apresentado na Bíblia;
4. Relatar em que condição se encontrava o Cristianismo no mundo quando Paulo empreendeu sua terceira viagem em caráter de missões;
5. Citar qual era o destino da quarta viagem missionária de Paulo e os eventos climáticos que dificultaram o percurso severamente.

TEXTO 1

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Antioquia da Síria

Havia duas importantes cidades com o nome de Antioquia. Uma delas ficava na Síria e a outra, na Psídia. Depois de Jerusalém, Antioquia da Síria era a cidade que mais estreitamente achava-se ligada à história do Cristianismo primitivo.

Fundada em 300 a.C., Antioquia logo se tornou uma das primeiras cidades do mundo antigo. Seu nome era uma homenagem a Antíoco que, por ocasião da morte de Alexandre Magno, fundou uma truculenta dinastia que muitos transtornos traria aos filhos de Israel. Não obstante, os judeus que viviam em Antioquia eram governados por seu próprio chefe e desfrutavam de muitos privilégios políticos.

Os cristãos que se viram constrangidos a deixar Jerusalém depois da morte de Estêvão instalaram-se em Antioquia, onde acabaram por fundar uma vigorosa igreja. Com o tempo, esta passou a distinguir-se por uma maioria de crentes gentios. Foi aqui que, pela primeira vez, os fiéis receberam o epíteto de *cristãos* (At 11.20,21).

Em Antioquia, o apóstolo Paulo desempenhou uma importante etapa de seu ministério e de onde partiu para a sua primeira viagem missionária. Após o Concílio de Jerusalém, retornou à cidade com as resoluções tomadas pelos apóstolos e anciãos (At 15.23). Sua segunda viagem missionária também teria Antioquia como ponto de partida.

Atualmente, Antioquia não passa de uma modesta povoação. No entanto, será conhecida sempre como uma igreja missionária por excelência.

Selêucia

Situada na foz do rio Orontes, era uma das principais cidades da Síria, onde ficava um concorrido porto do Mediterrâneo. Paulo e Barnabé partiram deste porto ao encetarem sua primeira viagem missionária (At 13.4). O nome da cidade era uma homenagem a Seleuco Nicator. Selêucia distava 26 quilômetros de Antioquia. Na era apostólica, desfrutava de grande autonomia política.

Salamina

Localizada no extremo oriental de Chipre, foi nessa cidade que Paulo desembarcou por ocasião de sua primeira viagem missionária (At 13.5). Não eram poucas as sinagogas em Salamina, pois em Chipre, possuía Herodes várias minas de cobre que empregavam milhares de judeus. Com o tempo, a cidade veio a desaparecer. Suas ruínas encontram-se nas proximidades da atual Famagusta.

Pafos

Situada ao sudoeste de Chipre, Pafos abrigava um dos maiores santuários de Afrodite. Segundo a mitologia, desse local a deusa teria saído do mar. Os cultos à deusa eram marcados por irrefreável libertinagem.

Até a sua tomada pelos romanos em 58 a.C., Pafos era governada por um sacerdote de Afrodite.

Foi em Pafos que se deu o encontro de Paulo com o mágico Elimas que, repreendido pelo apóstolo, veio a experimentar o peso da mão de Deus (At 13.6). Tendo em vista o que acontecera ao ilusionista, o procônsul romano Sérgio Paulo passou a crer na mensagem do Evangelho.

A partir de Pafos, Saulo de Tarso passou a ser conhecido como Paulo – apóstolo e doutor dos gentios. A cidade atualmente chama-se Bafo.

Perge

Era a principal cidade da Panfília na Ásia Menor. Foi na cidade de Perge que o jovem João Marcos veio a separar-se de Paulo e Barnabé, retornando a Jerusalém (At 15.36-41).

Antioquia da Pisídia

Tudo o que restou de Antioquia da Pisídia foram as ruínas. Entre estas destacam-se as de um templo, de um teatro, de uma igreja e de um imponente aqueduto.

A pregação de Paulo na sinagoga desta cidade levou muitos gentios a se converterem (At 13.14-19). Os judeus, porém, enciumados, começaram a mover grande perseguição ao apóstolo, que se viu obrigado a dirigir-se a Icônio e depois a Listra. Voltando de Listra, dirigiu-se novamente a Antioquia a fim de confirmar a fé dos novos convertidos.

Paulo muito sofreu em Antioquia da Pisídia (2Tm 3.10,11).

Icônio

Capital da Licaônia, a cidade foi visitada por Paulo durante a sua primeira viagem missionária (At 13; 14; 16.2; 2Tm 3.11).

Icônio estava situada no planalto da Licaônia, bem no centro da Ásia Menor e era muito importante por estar na rota que ligava três importantes localidades: Éfeso, Antioquia e o Eufrates. Em virtude de sua localização, a cidade foi utilizada como via de transportes pelas 19 tropas romanas. Era estrategicamente missionária. A cidade hoje chama-se Kônia.

Listra

Cidade da Licaônia localizada na província romana da Galácia, onde Paulo e Barnabé foram venerados como deuses e, em seguida, apedrejados pelo mesmo povo.

Fora dos muros da cidade, encontrava-se o templo de Júpiter. Segundo a lenda, os deuses Júpiter e Mercúrio haviam, séculos antes, visitado a cidade em forma humana. Ao verem as maravilhas operadas pelos apóstolos, os cidadãos imaginaram estarem mais uma vez recebendo a visita dos deuses. Mais tarde foi fundada uma igreja na mesma povoação.

Timóteo, natural de Listra, tinha conhecimento dos sofrimentos e perseguições de Paulo naquela localidade (At 14.6-20; 2Tm 3.10). Quando o apóstolo tornou a visitar a cidade, Timóteo já havia aceitado a fé (At 16.1-3; 2Tm 3.10, 11). Listra é identificada com a moderna vila de Khatyn Serai.

Derbe

Embora em termos geográficos pertencesse à Licaônia, Derbe fazia parte da província romana da Galácia. Foi visitada por Paulo, como se lê em Atos 14.20 e 16.1, por duas vezes.

Gaio, companheiro do apóstolo, era natural de Derbe (At 20.4). O sítio onde estava Derbe é, provavelmente, o da muralha de Gudelissim, a cerca de 48 quilômetros ao sudoeste de Listra.

Listra, Icônio e Antioquia

Regressando pela mesma rota, os apóstolos Paulo e Barnabé iam, em cada uma dessas cidades, consolando e confirmando os novos crentes.

Atalia

Nesta cidade portuária da Panfília, localizada ao sul da Ásia Menor, Paulo e Barnabé regressaram a Antioquia, cuja igreja os comissionara para a grande cruzada missionária (At 14.25). Em Antioquia, Paulo e Barnabé relataram à igreja tudo o que o Senhor operara mediante eles.

EXERCÍCIOS

Assinale com "X" a alternativa correta.

10.01 Segundo o Texto, depois de Jerusalém é a cidade mais importante para o Cristianismo primitivo:
___a) Antioquia da Síria.
___b) Antioquia da Pisídia.
___c) Selêucia.
___d) Roma.

10.02 Cidade onde o governo herodiano construíra minas de cobre e empregava diversos judeus:
___a) Selêucia. ___b) Salamina.
___c) Antioquia da Pisídia. ___d) Roma.

10.03 Foi na cidade de Pafos, na primeira viagem de Paulo, que teve lugar o episódio em que o procônsul romano Sérgio Paulo passou a crer no Evangelho, depois de testemunhar
___a) o peso da mão de Deus sobre o ilusionista Elimas.
___b) o martírio de Estêvão.
___c) a conversão de Saulo de Tarso.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

10.04 Foi em Listra, cidade da Licaônia, que deu-se um grande equívoco envolvendo Paulo e Barnabé, pois seus habitantes pretenderam venerar os apóstolos, crendo que fossem
___a) os deuses Júpiter e Mercúrio.
___b) anjos do Senhor.
___c) seus ancestrais.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

TEXTO 2

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

Paulo deu continuidade a sua cruzada de evangelização. Nesta segunda empreitada, o apóstolo parte novamente de Antioquia que, a estas alturas, já se tornara notória como a mãe de todas as igrejas missionárias.

É interessante observar que, além de missionária, Antioquia era uma autêntica igreja pentecostal. Basta ler os primeiros versículos do capítulo 13 para inteirar-se de quão rica e preparada estava a igreja para fazer missões.

Neste Texto, acompanharemos o apóstolo Paulo no prosseguimento à propagação universal do Evangelho de Cristo.

Antioquia da Síria

Terminado o Concílio Apostólico de Jerusalém, Paulo retornou à Antioquia com as resoluções tomadas pelos apóstolos e anciãos acerca da postura dos gentios diante da Lei Mosaica (At 15.23).

Logo após, Paulo iniciou a segunda viagem missionária. agora com a companhia de Silas que, na igreja de Antioquia, era notável entre os profetas.

Tarso

Cidade principal da Cilícia, na Ásia Menor, Tarso era a terra natal de Paulo (At 9.11,30; 11.25; 21.39; 22.3). Era famosa por seus centros educacionais; sua universidade era tão procurada quanto à de Atenas e Alexandria.

Pompeu, Júlio César, Antônio e Augusto conferiram aos habitantes de Tarso o *status* de cidadão romano (At 22.28), inclusive ao apóstolo Paulo.

Tarso atualmente não passa de uma aldeia pobre e sem importância.

Derbe, Listra, Icônio e Antioquia

Nesta altura da viagem, une-se ao apóstolo o jovem Timóteo que, na Igreja Primitiva, tornar-se-ia notável por seu ministério e por suas afeições por Paulo (At 16.1-3).

Samotrácia

Pequena ilha situada ao noroeste do Mar Egeu, aqui ancorou o navio de Paulo durante a sua segunda viagem missionária (At 16.11).

Samotrácia acha-se localizada entre Trôade e Neápolis. Ao longo do tempo, recebeu diferentes designações: Dardânia, Leucânia e Samos. Sua principal cidade ficava na parte setentrional da ilha. Apesar de suas pequenas dimensões – 27 quilômetros de perímetro – tinha o *status* de nação livre e soberana. Seu nome atual é Samothraki.

Neápolis

Cidade portuária da Macedônia, localizada nas proximidades de Filipos (At 16.11). Este foi o primeiro lugar da Europa a ser visitado por Paulo e seus companheiros. Aqui chegou o apóstolo atendendo a um chamado especial de Deus – a visão de Trôade (At 16.8).

Filipos

Cidade da Macedônia, cujo nome foi dado em homenagem ao rei Filipe, pai de Alexandre Magno. Em 350 a.C., Filipe reedificou-a, tornando-a uma das mais aprazíveis cidade do mundo antigo. Entre Filipos e o mar havia uma cadeia de montes através dos quais passava a estrada que levava às minas do interior macedônio.

Em *Filipos*, que significa em grego *pertencente a Filipe*, o Evangelho de Cristo foi anunciado pelo apóstolo Paulo durante a sua segunda viagem missionária. Lídia e o carcereiro são as primícias do trabalho apostólico (At 16.12-40; 1Ts 2.2).

Paulo esteve em Filipos por duas vezes (At 16.12; 20.1-6). A igreja aí estabelecida foi, por muitos anos, pastoreada por Lucas, conforme se infere dos antigos documentos.

Os filipenses sempre manifestaram gratidão ao apóstolo pelo fato de ele lhes haver anunciado o Evangelho de Cristo (Fp 4.16). Quando Paulo esteve na Acaia, os filipenses mandaram-lhe uma oferta em dinheiro. Mais tarde enviar-lhe-iam, através de Epafrodito, outra oferta de amor ao saberem de sua prisão e encarceramento em Roma (Fp 2.25-30; 4.10-20).

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___10.05 Segundo Atos 15.23, Paulo esteve em Antioquia da Síria pela segunda vez, em especial, para levar as resoluções do Concílio de Jerusalém acerca da postura dos gentios face à Lei Mosaica.

___10.06 Cidade natal de Paulo, Tarso era notável por seus centros educacionais, em particular sua universidade, que era tão procurada quanto a de Atenas e a de Alexandria.

___10.07 Na cidade de Neápolis, Paulo esteve durante sua segunda viagem para atender um chamado especial de Deus, que foi a visão que tivera em Trôade, conforme Atos 16.8.

___10.08 Lídia e o carcereiro representam as primícias do trabalho apostólico desenvolvido por Paulo na região de Filipos, conforme At 16.12-40.

TEXTO 3

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA (CONT.)

Anfípolis

Cidade da Macedônia localizada não muito distante de Filipos. Aí esteve o apóstolo durante a sua segunda viagem missionária (At 17.1). A cidade era um importante centro produtor de azeite, figo e madeira.

Apolônia

Cidade da Macedônia localizada a 60 quilômetros a leste de Tessalônica (At 17.1). Por onde passaram os apóstolos Paulo e Silas quando de sua viagem para essa mesma região.

Tessalônica

Cidade da Macedônia, cujo primeiro nome era Termas, que significa *banhos quentes*, Tessalônica estava situada sobre o golfo Termaico. A cidade assim passou a ser designada quando o general macedônio Cassandro propôs-se a homenagear sua esposa, que era irmã de Alexandre Magno, e tinha esse nome.

Sob o governo romano, em 146 a.C. Tessalônica foi guindada a capital de um dos quatro distritos da Macedônia e sede do governo provincial, embora fosse uma cidade livre, administrada por politarcas (At 17.6,8). Devido à sua localização estratégica e de seu porto, que atraía muitos

comerciantes, aí residiam muitos judeus, romanos e gregos. Conhecida hoje como Salônica, é ainda uma florescente cidade comercial.

Paulo esteve em Tessalônica durante a sua segunda viagem missionária (At 17.1-13), onde durante sua permanência, recebeu dos filipenses um generoso auxílio "não somente uma vez" (Fp 4.16). Atos 17 mostra quão vigorosa foi a pregação do apóstolo nesta cidade. O elevado caráter da igreja ali estabelecida transparece nas duas epístolas que Paulo lhes enviou.

Bereia

Localizada a 80 quilômetros de Tessalônica ao Sudoeste da Macedônia, Paulo esteve em Bereia durante a sua segunda viagem missionária (At 17.10-14). Em Bereia, o apóstolo encontrou uma comunidade judaica que, ao contrário de Tessalônica, era tida como nobre, pois conferia tudo o que ele dizia com as Escrituras.

Atenas

A mais afamada das cidades gregas, por Atenas passou o apóstolo Paulo ao retornar da Macedônia, durante a sua segunda viagem missionária (At 17). Nesse tempo, Atenas era isenta de tributos, pois fazia parte da província romana da Acaia.

Localizada em uma colina rochosa chamada Acrópolis, a cidade recebeu este nome em homenagem à deusa Atenea. A cidade é atualmente a capital da Grécia.

Durante sua estada em Atenas, o apóstolo proferiu um memorável discurso no Areópago perante filósofos epicureus e estóicos. Atenas era uma cidade inquiridora, filosófica e ciosa de sua tradição cultural. Ao mesmo tempo, os atenienses eram muito religiosos e tinham um altar até mesmo para um chamado Deus Desconhecido.

Segundo a tradição, Dionísio foi um areopagita que se converteu em decorrência do discurso de Paulo. Em Atenas fundou uma igreja, sendo desta o primeiro bispo.

Corinto

Edificada sobre o istmo que liga o Peloponeso ao continente, a cidade de Corinto desfrutava do concurso de dois portos: o de Cencreia ao oriente, e o de Léquio ao ocidente. De um, recebia as ricas mercadorias da Ásia, e do outro, os produtos da Itália e dos demais países do Ocidente.

Corinto, que comportava um grande centro comercial, era conhecida como terra de grande luxo e licenciosidade devido ao culto a Vênus que se fazia acompanhar de vergonhosos ritos.

Paulo chegou em Corinto no fim de sua segunda viagem missionária, permanecendo 18 meses na cidade, onde fundou uma vigorosa igreja (At 18.1-18) e também escreveu a epístola aos Romanos, na qual faz uma detalhada descrição dos vícios pagãos (Rm 1.21-32).

A Corinto original já não existia quando Paulo ali esteve, pois a cidade fora reedificada por Júlio César para funcionar como a capital da província romana da Acaia. Paulo retornaria à cidade durante a sua terceira viagem missionária.

Atualmente, Corinto não passa de uma simples aldeia.

Éfeso

Capital da província romana da Ásia, a cidade de Éfeso estava localizada às margens do Mar Egeu. Era uma das três maiores cidades do litoral leste do Mediterrâneo. Além de ser um importante centro comercial, Éfeso tornara-se famosa por abrigar o Templo à deusa Diana. Seu teatro comportava 24 mil pessoas sentadas. Paulo aí chegou durante a sua segunda viagem missionária (At 19.20).

Cesareia

Em Cesareia desembarcou o apóstolo Paulo quando retornava de sua segunda viagem missionária (At 18.22; 21.8). Informações sobre a cidade encontram-se na Lição 9, Texto 3.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

	Coluna "A"	Coluna "B"
___10.09	Próxima de Filipos, na Macedônia, era importante centro produtor de azeite, figo e madeira.	A. Corinto.
___10.10	Duas cartas endereçadas a esta cidade dão mostra do elevado caráter da igreja aí estabelecida pelo apóstolo Paulo.	B. Anfípolis.
___10.11	Cidade onde Paulo permaneceu por 18 meses, no fim de sua segunda viagem e escreveu a Epístola aos Romanos.	C. Tessalônica.
___10.12	Tornou-se famosa por abrigar o Templo à deusa Diana.	D. Éfeso.

TEXTO 4

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Quando Paulo iniciou sua terceira viagem missionária, o Cristianismo já era conhecido em todo o Império Romano. De inícios humildes em Jerusalém, o apóstolo fez-se missionário em Antioquia, confrontou a cultura helena no Areópago e dentro em pouco tempo desafiaria Roma.

O apóstolo foi poderosamente usado por Deus para cumprir a parte mais difícil da Grande Comissão: levar o Evangelho aos confins da terra.

Neste Texto, acompanharemos o apóstolo em mais um empreendimento missionário, desta vez num percurso de aproximadamente 4.200 quilômetros.

Antioquia da Síria

Como das duas viagens anteriores, o apóstolo partiu da igreja em Antioquia da Síria para sua terceira viagem. Não é sem razão que esta igreja é conhecida como a igreja missionária por excelência. Informações acerca da cidade de Antioquia encontram-se nos Textos 1 e 2 desta Lição.

Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia

O apóstolo novamente visita estas igrejas a fim de fortalecê-las no Senhor e confirmar os novos crentes na Palavra. Informações sobre essas cidades encontram-se também nos Textos 1 e 2 desta Lição.

Éfeso

O autor de Atos dos Apóstolos dá uma atenção especial ao ministério de Paulo em Éfeso. Aqui, o apóstolo ficaria três anos pregando, ensinando e doutrinando a igreja (At 20.31). Depois de um ensinamento tão completo, vemos que, com razão, Éfeso era conhecida como a igreja das regiões celestiais (Ef 1.3).

Em Éfeso, Paulo encontrou doze varões que, embora conhecessem o batismo de João, ignoravam verdades básicas como, por exemplo, a existência do Espírito Santo (At 19.1-6). O apóstolo os doutrinou, orou por eles e todos foram cheios do Espírito Santo – falaram línguas e profetizaram.

As oposições em Éfeso foram muitas, como por exemplo, por parte dos ourives da deusa Diana. O Evangelho de Cristo, todavia, prevaleceu tanto sobre a idolatria quanto sobre a magia (At 19.19).

Macedônia

Deixando Éfeso, o apóstolo dirigiu-se à Macedônia, onde consolou as igrejas de Cristo, confirmando cada ovelha na Palavra de Deus (At 20.1).

A Macedônia estava localizada na região montanhosa da península balcânica. No ano 148 a.C., o país foi convertido em província romana. Atualmente, o território macedônio acha-se dividido entre a Grécia, a ex-Iugoslávia e a Bulgária. Você se lembra da visão que teve o apóstolo acerca da Macedônia?

Grécia

Situada no Sudeste da Europa, a Grécia é conhecida com justa razão como a pátria da filosofia. Durante a sua terceira viagem missionária, o apóstolo aqui esteve para reavivar a evangelização do país (At 20.2), trabalho bastante facilitado em virtude de ser o grego a língua franca daquela época.

Filipos

Aqui fica o apóstolo por alguns dias até embarcar para Trôade (At 20.3-5). Acerca de Filipos e do tratamento dispensado pelos filipenses ao Evangelho e ao apóstolo Paulo, ver o Texto 2 desta Lição.

Trôade

Foi em Trôade que o apóstolo Paulo, antes de seguir viagem, fez um longo discurso, durante o qual o jovem Êutico, que estava na janela, adormeceu, caiu do segundo andar, e foi dado como morto (At 20.9). Paulo, todavia, retornou com ele vivo ao cenáculo para a alegria de todos os presentes. De acordo com alguns autores, Trôade foi erguida no sítio da antiga Troia.

Mileto

Cidade jônica costeira localizada a 60 quilômetros ao sul de Éfeso, Mileto foi, durante centenas de anos um importante porto marítimo, local em que o apóstolo Paulo reuniu os anciãos de Éfeso e fez-lhes um comovente discurso. Entre outras coisas, disse-lhes que estava indo para Jerusalém, onde seria encarcerado pelos judeus. O que mais chocou os anciãos foi o fato de o apóstolo ter-lhes dito que eles nunca mais lhe veriam o rosto (At 20.17-38).

Pátara

Localizada na costa da Lícia a 64 km ao ocidente de Mirra, Pátara possuía um porto de onde o apóstolo Paulo embarcou quando se dirigia a Jerusalém no final de sua terceira viagem missionária (At 21.1,2). Nessa cidade, havia um famoso oráculo de Apolo. Atualmente, Pátara não passa de um lugar onde predominam ruínas.

Tiro

Antigo porto fenício localizado ao sul de Sidom e ao norte do Carmelo. Na Antiguidade, Tiro era um famoso centro comercial.

Quando do regresso de sua terceira viagem missionária, Paulo permaneceu com os cristãos em Tiro por sete dias (At 21.3-7). Nessa cidade, procurou reunir-se com os cristãos que aí residiam.

Ptolemaida

Cidade portuária da Palestina, onde Paulo desembarcou quando concluía a sua terceira viagem missionária (At 21.7). Atualmente, a cidade chama-se Acre.

Cesareia

Nesta cidade, ficou Paulo com a companhia do evangelista Filipe. Aí foi-lhe predito que, em Jerusalém, seria encarcerado. Resoluto, porém, declarou o apóstolo: "*... pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.*" (At 21.13).

EXERCÍCIOS

Marque "C" para certo e "E" para errado.

___10.13 Como as duas primeiras, Paulo partiu de Antioquia da Pisídia para sua terceira viagem missionária.

___10.14 A evangelização na região da Grécia foi bastante árdua porque a língua romana constituía a língua franca na época.

___10.15 Em Mileto Paulo deixou os anciãos chocados ao anunciar que não mais veriam o rosto do apóstolo, conforme Atos 20.17-38.

___10.16 Durante a terceira viagem missionária, na cidade de Cesareia, onde permaneceu em companhia de Filipe, Paulo recebeu o anúncio de que seria preso quando chegasse em Jerusalém.

TEXTO 5

A VIAGEM DE PAULO A ROMA

A maioria dos estudiosos não considera a viagem de Paulo a Roma um empreendimento missionário. Outros, porém, encaram essa peregrinação do apóstolo como a sua quarta viagem evangelizadora.

Neste Texto, veremos os principais estágios da viagem de Paulo a Roma, cujo percurso foi de 2.700 quilômetros. Embora prisioneiro, Paulo divulgou o Evangelho de Cristo entre seus companheiros de viagem nos portos onde desembarcou e, finalmente, em Roma.

Cesareia

Do porto de Cesareia, o apóstolo embarcou juntamente com outros prisioneiros com destino a Roma, onde seria julgado pela principal corte do império (At 26.32). Cidade portuária, Cesareia distava 40 quilômetros ao norte de Samaria.

Mirra

Porto localizado na cidade de Lícia, na Ásia Menor (At 27.5), onde Paulo fez uma pausa em sua viagem a Roma.

Bons Portos

Enseada na costa meridional de Creta, nas proximidades de Laseia, onde o navio que levava Paulo a Roma viu-se obrigado a ancorar. O lugar é, ainda hoje, conhecido pelo seu primitivo nome grego: Kaloi Limenes. A embarcação permaneceu nesse local por causa dos fortes ventos que vinham do noroeste (At 27.8).

Malta

Ilha do Mediterrâneo, localizada ao sul da Cicília, onde se deu o naufrágio do navio que levava o apóstolo Paulo a Roma (At 28.1). Os habitantes de Malta, por não serem romanos nem gregos, eram tidos por bárbaros; mas a sua generosidade achava-se acima de qualquer nobreza. A Baía de São Paulo, no nordeste da Ilha, é venerada como o lugar do naufrágio.

Siracusa

Localizada na costa oriental da Sicília, Siracusa foi a cidade onde Paulo permaneceu três dias em sua viagem a Roma (At 28.12). Antes do advento do Cristianismo, Siracusa era conhecida por sua magnificência e seu porto, afamadíssimo pela beleza. As guerras e as invasões dos piratas acabaram por levar a cidade a experimentar decadência sobre decadência. O seu porto, conquanto usado ainda hoje, já não passa de um singelo ancoradouro em vista de seu primitivo esplendor.

Régio

Cidade localizada no Sul da Itália, onde havia uma considerável colônia grega. No porto de Régio, o navio que levava Paulo a Roma permaneceu um dia até a chegada de ventos favoráveis (At 28.13).

Putéoli

Porto italiano localizado a nordeste da Baía de Nápoles. Aí permaneceu o apóstolo por uma semana em sua viagem para Roma (At 28.13). O nome atual do porto é Pozzuoli. Antes do advento do Cristianismo, era este muito usado pelos exércitos romanos em suas guerras e conquistas. Devido aos muitos terremotos sofridos, Putéoli hoje pouca importância tem.

Roma

Antiga rainha do mundo, acha-se Roma edificada à margem esquerda do Rio Tibre, sobre sete colinas. A cidade é mencionada em Atos, na Epístola de Paulo aos Romanos, na Segunda Epístola a Timóteo e em Apocalipse.

No tempo de Pompeu, muitos foram os judeus levados para Roma como cativos, para quem o governo reservara um território na margem direita do Tibre. Apesar de gozarem dos favores de Júlio César e Augusto, os judeus foram perseguidos por Cláudio, que resolveu expulsá-los da capital do império (At 18.2). Muitos, todavia, conseguiram permanecer em Roma, pois quando Paulo aqui chegou, como prisioneiro do Império, encontrou uma considerável colônia judaica (At 28.17).

Em Roma, o apóstolo esteve preso por dois anos, morando numa casa que alugara (At 28.16,30). Durante esse período, conforme o costume romano, Paulo esteve permanentemente algemado ao soldado que o vigiava (At 28.20; Ef 6.20; Fp 1.13). Embora preso, jamais deixou de anunciar livremente o Evangelho.

> "*Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.*" (At 28.30,31).

Em Roma, o apóstolo foi executado devido às suas atividades missionárias e evangelísticas. O seu testemunho, porém, sobrevive e sobreviverá por toda a eternidade.

EXERCÍCIOS

Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B".

	Coluna "A"	Coluna "B"
___10.17	Cidade em que Paulo seria julgado pela principal corte do Império Romano.	A. Malta.
		B. Roma.
___10.18	Lugar onde ocorreu o naufrágio do navio quando o apóstolo Paulo se dirigia para Roma.	C. Cesareia.
___10.19	Porto onde Paulo permaneceu por uma semana antes de chegar em Roma, também usado pelos exércitos romanos em suas conquistas, antes do advento do Cristianismo.	D. Putéoli.
___10.20	Onde Paulo encontrou uma considerável colônia judaica, apesar das muitas perseguições.	

REVISÃO DA LIÇÃO

Assinale com "X" a alternativa correta.

10.21 Foi o ponto de partida tanto para a primeira como para a segunda viagem missionária empreendidas pelo apóstolo Paulo:

___a) Tarso.
___b) Társis.
___c) Antioquia da Síria.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

10.22 Enviaram, pela segunda vez, uma oferta em dinheiro para Paulo, ao saber que o apóstolo estava encarcerado em Roma. Este cuidado tiveram os crentes da igreja de

___a) Filipos.
___b) Samotrácia.
___c) Tarso.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

10.23 Local onde Paulo deparou-se com um povo religioso, que mantinha altar dedicado a um DEUS DESCONHECIDO.

___a) Anfípolis.
___b) Apolônia.
___c) Atenas.
___d) Corinto.

10.24 Durante um longo discurso na cidade de Trôade, um episódio registrou o poder constituído em Paulo por Deus, conforme Atos 20.9. Trata-se de quando:

___a) Jairo clamou por auxílio porque sua filha estava morta.
___b) o jovem Êutico dormiu, caiu da janela e tido como morto, voltou com vida ao cenáculo.
___c) os anciãos ouviram, durante comovente discurso, que não veriam mais o rosto do apóstolo.
___d) Nenhuma das alternativas está correta.

10.25 Situada sobre sete colinas à margem esquerda do Rio Tibre, Roma é mencionada nas Escrituras nos seguintes livros sagrados:

___a) Epístola aos Romanos.
___b) 2 Timóteo.
___c) Atos dos Apóstolos.
___d) Todas as alternativas estão corretas.

GABARITO DAS REVISÕES DAS LIÇÕES

LIÇÃO 1

1.22 – C
1.23 – C
1.24 – E
1.25 – C
1.26 – C
1.26 – E

LIÇÃO 2

2.15 – d
2.16 – b
2.17 – a
2.18 – d

LIÇÃO 3

3.23 – E
3.24 – C
3.25 – C
3.26 – E
3.27 – E
3.28 – C

LIÇÃO 4

4.32 – C
4.33 – C
4.34 – C
4.35 – C
4.36 – C
4.37 – C
4.38 – E
4.39 – E

LIÇÃO 5

5.23 – c
5.24 – a
5.25 – c
5.26 – b
5.27 – c
5.28 – d

LIÇÃO 6

6.19 – C
6.20 – C
6.21 – C
6.22 – E

LIÇÃO 7

7.26 – C
7.27 – C
7.28 – E
7.29 – C
7.30 – C
7.31 – E

LIÇÃO 8

8.33 – E
8.34 – C
8.35 – C
8.36 – E
8.37 – C
8.38 – C
8.39 – C
8.40 – E

LIÇÃO 9

9.21 – d
9.22 – a
9.23 – c
9.24 – b
9.25 – d

LIÇÃO 10

10.21 – c
10.22 – a
10.23 – c
10.24 – b
10.25 – d

APÊNDICE

Este apêndice é uma contribuição do pastor Antonio Gilberto da Silva.

NOÇÕES DE CRONOLOGIA BÍBLICA

A cronologia bíblica é quase toda incerta, aliás, toda a cronologia antiga. As datas eram contadas tomando-se por base eventos importantes da época, dentro de cada povo. Não havia uma base geral para o cômputo do tempo.

Quanto à Bíblia, seus escritores apenas registravam os fatos; quando mencionadas as datas tinham por base eventos particulares, como construção de cidades, coroação de reis, etc.

As descobertas arqueológicas e o estudo mourejante de dedicados eruditos no assunto vêm melhorando e precisando a cronologia em geral, inclusive a bíblica.

As datas que aparecem às margens de certas edições da Bíblia não pertencem ao texto original. Foram calculadas em 1650 pelo arcebispo anglicano Ussher (1580-1656). É conhecida por *Cronologia Aceita*. A cronologia de Ussher vem enfrentando severa crítica. Há divergência quanto a muitas de suas datas, isso em face do progresso do estudo de assuntos orientais, através de contínuas pesquisas e descobertas arqueológicas. Quanto a Bíblia não se ocupar de um exato sistema de cronologia, lembremo-nos que ela é acima de tudo a revelação de Deus à humanidade, expondo o completo plano da redenção.

1. A utilidade da cronologia bíblica. Ela fornece pontos de referência na progressão da mensagem e fatos da Bíblia, situando-os no tempo.

2. Dificuldades no estudo da cronologia bíblica. Encontram-se no próprio texto bíblico. Há, especialmente na época dos Juízes, do Reino Dividido e dos Profetas, muitos períodos coincidentes em parte, reinados associados, intervalos de anarquia, arredondamento de números, etc. Para a solução dessas dificuldades, é mister um profundo exame dos textos envolvidos.

3. A era antes de Cristo (a era a.C.). A contagem do tempo que se estende de Adão a Cristo é feita no sentido regressivo, isto é, o cômputo parte de Cristo para Adão, e não ao contrário. Noutras palavras, partindo de Adão para Cristo, os anos diminuem até chegarmos a 1 a.C. Portanto, de Cristo para Adão (o normal), os anos aumentam até chegarmos ao ano 4004 a.C., tido como o da criação adâmica. É Jesus o centro de tudo. É também o marco divisório e central do tempo. (Ver Hebreus 11.3, no grego).

4. O erro existente em nosso calendário atual. O uso do calendário é tão antigo quanto a própria humanidade. Os primeiros povos a usar calendário foram os egípcios. Há calendários diversos. O leitor moderno que só tenha noções do nosso calendário precisa aperceber-se disso ao estudar assuntos antigos. Nestas nossas concisas e incompletas notas, reportamo-nos unicamente ao calendário cristão, do qual, o calendário atual é uma continuação.

Em 526 d.C., o imperador romano do Oriente, Justiniano I, decidiu organizar um calendário original, entregando essa tarefa ao abade Dionísio Exiguus, o qual em seus cálculos cometeu um erro, fixando o ano 1 d.C. (o do nascimento de Cristo) com um atraso de 5 anos. Em seus cálculos ele tomou o calendário romano (chamado "AUC") e fixou o ano 1 d.C (o início da Era Cristã) como sendo 753 AUC, quando, na realidade, era 749. Daí dizer-se que Jesus nasceu 5 anos

antes da Era Cristã, o que é um absurdo, se não for dada uma explicação. Nossos livros e tratados apenas declaram o fato do engano do abade, mas não o explicam. Portanto, as datas atuais estão atrasadas em 5 anos. Estritamente falando, são quase 5 anos. Trata-se de arredondamento.

O calendário atual chama-se Gregoriano, porque em 1582 o papa Gregório XIII alterou o calendário de Dionísio, subtraindo-lhe dez dias, a fim de corrigir a diferença advinda do acúmulo de minutos a partir de 46 a.C., quando Júlio César reformou o calendário então existente. A palavra calendário provém do latim calenda = 1º dia de cada mês entre os romanos.

As divisões do tempo

1. O dia. Entre os judeus e romanos era dividido em 12 horas, isto é, o período em que há luz. Entre os judeus, estendia-se de um pôr do sol a outro. Entre os romanos, ia de uma meia-noite a outra. As horas do dia e da noite eram contadas separadamente, isto é, de doze em doze; isto entre judeus e romanos. (Ver João 11.9 e Atos 23.23). Entre os judeus, a Hora Primeira do dia era às seis da manhã. O mesmo acorria em relação à noite, isto é, às seis da tarde.

2. A semana. Entre os hebreus, os dias da semana não tinham nome e sim números, com exceção do 6º e 7º dias, que também tinham nomes (Lc 23.54 – TR BR).

3. Os meses. Eram lunares. A lua nova marcava o início de cada mês, sendo esse dia festivo e santificado (Nm 28.11-15; 1Sm 20.5; 2Rs 4.23; 1Cr 23.31; Sl 81.3; Cl 2.16). Tinham 29 e 30 dias alternadamente. Antes do exílio babilônico, os meses eram designados por números; depois disso, passaram a ter nomes e números.

4. Os anos. Tinham 12 meses de 29 e 30 dias alternadamente, perfazendo 354 dias. Os judeus observaram dois diferentes anos: o sagrado, começando em Abibe (mais ou menos o nosso abril), e o civil, começando em Tisri (mais ou menos o nosso outubro).

5. Os séculos. Sua computação:

Século I. Compreende os anos 1 a 100 d.C.;
Século II. Compreende os anos 101 a 200 d.C.;
Século III. Anos 201 a 300, e assim por diante.

Cronologia resumida dos principais fatos e eventos bíblicos

FATO	DURAÇÃO	PERÍODO
O mundo antediluviano	1600 anos	4004 – 2400 a.C.
Do Dilúvio a Abraão	400 anos	2400 – 2000 a.C.
Os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó	200 anos	2000 – 1800 a.C.
Israel no Egito	400 anos	1800 – 1400 a.C
Período dos Juízes	300 anos	1400 – 1100 a.C.
A monarquia israelita (Saul, Davi, Salomão)	120 anos	1053 – 933 a.C
O Reino Dividido	350 anos	933 – 586 a.C.
Queda do Reino do Norte (Samaria)	–	721 a.C.
O exílio babilônico (Judá)	70 anos	606 – 536 a.C.
Restauração da nação israelita	100 anos	536 – 432 a.C.
Ministério dos profetas literários[1]	400 anos	800 – 400 a.C.
Nascimento de Jesus	–	± 5 a.C.
Ministério de João Batista	–	29 d.C.
Ministério de Jesus	3 anos	30 – 33 d.C.
Conversão de Paulo	–	35 d.C.
Fundação das igrejas da Ásia Menor e Europa, por Paulo	15 anos	50 – 65 d.C.
Início da revolta dos judeus contra os romanos	–	66 d.C.
Destruição do templo de Jerusalém[2]	–	70 d.C.
Escrito o Apocalipse – o último livro da Bíblia, por João, o Apóstolo	–	96 d.C.
Morte de João, o Apóstolo	–	*100 d.C.*

Notas do Quadro

[1] Profeta literário é o que deixou escritos seus.
[2] Ao ser destruído o templo, tinha apenas seis anos de terminada sua construção (64 d.C.).

Cronologia dos impérios mundiais

Isto é, a fase em que exerceram supremacia sobre o mundo conhecido.

FATO	DURAÇÃO
Egito	1600 – 1200 a.C
Assíria	900 – 607 a.C.
Babilônia (o neo-império)	606 – 536 a.C.
Pérsia	536 – 331 a.C
Grécia	331 – 146 a.C.
Roma	146 a.C. – 476 d.C

NOÇÕES DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA BÍBLICA

Geografia Bíblica é a parte da Geografia Geral que estuda as terras e os povos bíblicos, bem como a matéria de natureza geográfica contida no texto bíblico, que é de fato, abundante.

A importância da geografia bíblica

É de muita importância o estudo da geografia bíblica como meio auxiliar no estudo e compreensão da Bíblia. Mensagens e fatos descritos na Bíblia, tidos como obscuros tornam-se claros quando estudados à luz da geografia bíblica. Deus permitiu a inserção de grande volume dessa matéria na Bíblia. Um exame, mesmo superficial, mostra que, a cada passo, a Bíblia menciona terras, povos, montes, cidades, vales, rios, mares e fenômenos físicos da natureza.

O porquê dessa importância:

1. A Geografia é o palco terreno e humano da revelação divina. É ela que juntamente com a cronologia situa a mensagem no tempo e no espaço.

2. A Geografia dá cor ao relato sagrado ao localizar, situar, fixar e documentar os fatos. Através dela, os acontecimentos históricos tornam-se vívidos e as profecias, mais expressivas. O ensino da Bíblia torna-se objetivo e de fácil comunicação quando podemos apontar, mostrar e descrever os locais onde os fatos se desenrolaram. Exemplos: Lucas 10.30 ("*descia* um homem de Jerusalém *para* Jericó"); Deuteronômio 1.17 apresenta uma profunda aula de geografia da Terra Prometida.

3. O estudo da geografia bíblica da Palestina e nações circunvizinhas esclarece muitos fatos e ensinos constantes das Escrituras.

4. As nações provêm de Deus, logo, o estudo deste assunto à luz da Bíblia é profícuo sob todos os pontos de vista. (Ler Deuteronômio 32.8; Atos 17.26).

Fontes de estudo da Geografia Bíblica

1. A Bíblia. É a fonte principal. Faz menção de inúmeros lugares, fatos, acidentes geográficos, povos, nações, cidades. É evidente que isto merece um cuidadoso estudo. A Bíblia contém capítulos inteiros dedicados ao assunto. Exemplo: Gênesis 10; Números 33,34; Josué 15-21; Ezequiel 45-47. Somente da Palestina Ocidental a Bíblia registra acerca de 600 cidades. Não registradas, há inúmeras outras, como a prova a Arqueologia.

Um problema com que se defronta o estudante nesse assunto é o fato de que grande número de países, cidades, regiões inteiras e outros elementos geográficos têm atualmente outros nomes. Exemplos: a antiga Pérsia é hoje o Irã; a Assíria é parte do atual Iraque; a Ásia do NT é hoje a Turquia; a Dalmácia do tempo de Paulo (2Tm 4.10) é hoje a Bósnia e assim por diante.

2. A Arqueologia Bíblica. Esta tem prestado enorme contribuição para a elucidação de dificuldades bíblicas e trazido à tona a história de povos do passado, considerados como lendários, como o caso dos hititas, mitânicos e hicsos. A Arqueologia Bíblica teve seu começo em 1811 com

as atividades do cônsul inglês Claude James Rich quando se encontrava na Mesopotâmia cuidando de interesses ingleses.

3. A História Geral. Aqui é preciso cautela. Muitos manuais hoje em uso no estudo secular estão eivados de erros, por seus autores desconhecerem a Bíblia. Vários são os casos documentados.

4. A Cartografia. Trata-se da ciência dos mapas. Editoras especializadas editam atlas e mapas bíblicos, apropriados ao estudo da Geografia Bíblica.

Por ordem divina, o profeta Ezequiel traçou a cidade de Jerusalém em um tijolo (Ez 4.1). Temos aqui uma noção de mapa bíblico. Os mapas mais importantes do mundo bíblico são os quatro seguintes:

O Mundo Bíblico do AT;
O Mundo Bíblico do NT;
A Palestina do AT;
A Palestina do NT.

5. A Fotografia. Este é outro elemento de grande valor para o estudo da geografia bíblica.

A extensão do mundo bíblico

O mundo bíblico situa-se no atual Oriente Médio e terras no entorno do mar Mediterrâneo. É ele o berço da raça humana. Mais precisamente a Mesopotâmia, nas planícies entre os rios Tigre e Eufrates. Foi daqui que partiram as primeiras civilizações. Na dispersão das raças após o Dilúvio (Gênesis 10 e 11), Sem povoou o sudoeste da Ásia; Cam povoou a África e a península arábica; e Jafé povoou a Europa e parte da Ásia.

Limites do mundo bíblico:

a) Ao norte: da Espanha ao mar Cáspio;
b) Ao leste: do mar Cáspio ao mar Arábico (Oceano Índico).
c) Ao sul: do mar Arábico à Líbia.
d) Ao Oeste: da Líbia à Espanha.

Regiões, áreas e países do mundo bíblico – acidentes naturais

Citamos apenas alguns casos, dado o limitado espaço que temos para isso.

1. Mesopotâmia (Gn 24.10; Dt 23.4; At 2.9). Berço da humanidade. Não é verdade o que muitos manuais de História Geral declaram: ser o Egito o berço da humanidade. A verdade está na Bíblia. Aqui existiu o Éden adâmico. Na Mesopotâmia destacam-se dois países:

a) Babilônia, de capital do mesmo nome. Outros nomes antigos: Caldeia (Ez 11.24); Sinear (Gn 14.1); Sumer. É o sul da Mesopotâmia.

b) Assíria (Gn 2.14; 10.11). É o norte da Mesopotâmia. É hoje parte do Iraque. Capital: Nínive, destruída em 607 a.C. Ao oeste ficava o reino de Mari. Os mitânios habitavam em volta de Harã, ao norte da Assíria.

2. Arábia. A capital recebe o nome de Petra, em grego, e de Sela, em hebraico. Estende-se da foz do rio Nilo ao Golfo Pérsico. Aí, Israel peregrinou em demanda de Canaã. A região de Ofir, fornecedora de ouro, ficava possivelmente aí (1Rs 9.28). A península do Sinai era parte da chamada Arábia Pétrea, onde a Lei foi dada e o tabernáculo, erigido pela primeira vez.

3. Pérsia. Hoje é parte do Irã. Teve as seguintes capitais, pela ordem: Ecbátana, Pasárgada, Susã, Persópolos. Foi cenário do livro de Ester e parte do de Daniel. Aí, primeiramente floresceram os *medos*. Depois os *persas* assumiram a liderança. (Ver At 2.9). A Média, quando na supremacia, tinha por capital Hamadã (entre os gregos *Ecbátana)*.

4. Elão. Hoje incorporada ao Irã. Capital: Susã (Gn 14.1; At 2.9).

5. Armênia ou Ararate – Capítulo 8 de Gênesis.

6. Síria. Mesmo que Arã.(Não confundir com Harã) Capital: Damasco (Is 7.8). Seu território não é o mesmo da Síria atual (At 11.26). Nos dias da Jesus, tornou-se sede da província romana, da qual fazia parte a Palestina (Lc 2.2). A capital dessa província era Antioquia. A Síria era na época governada por um legado romano.

7. Fenícia. Hoje: Líbano, em parte. Cidades principais: Tiro e Sidom. Região de navegantes famosos e primitivos exploradores. Fundaram Cartago, na África do Norte (hoje Túnis). Nosso alfabeto provém dos fenícios, cerca de 1500 a.C. (ver 1 Reis 9.26-28; Mateus 11.22; 15.21).

8. Filístia. Povo oriundo do primitivo Egito e Creta (Gn 10.14; 1Cr 1 12; Am 9.7; Dt 2.23; Jr 47.4). O termo *Filístia* (Êx 15.14) deu origem ao termo *Palestina.*

9. Egito. É o país mais citado na Bíblia depois da Palestina. Em hebraico seu nome é *Mizraim* (Gn 10.6). Teve várias capitais nos tempos bíblicos. Parte do seu futuro, profeticamente falando, está em Ezequiel 29.15. Fica no norte da África.

10. Etiópia. Situa-se ao sul do Egito. Segundo Gênesis 2.13, existia outra Etiópia na região norte da Mesopotâmia – a chamada *Terra de Cush* (hebraico). A profecia de Salmo 68.31 a respeito da Etiópia teve seu cumprimento a partir de Atos 8.26-39, quando a fé cristã foi ali introduzida. É país de princípios cristãos até hoje. A Etiópia de Atos compreende hoje a Abissínia e a Somália.

11. Líbia. Extensa região da África do Norte. Simão, que ajudou Jesus a levar a cruz, era natural de Cirene – cidade da Líbia (Mt 27.32). No dia de Pentecostes havia cireneus em Jerusalém (At 2.10).

12. Ásia. A Ásia dos tempos bíblicos nada tinha com o atual continente asiático. Era uma província romana situada na parte ocidental da chamada Ásia Menor ou Anatólia. (Ler Atos 6.9; 19.22; 27.2; 1 Pedro 1.1; Apocalipse 1.4,11). Capital dessa província: Éfeso. Toda a região dessa antiga Ásia Menor compreende hoje o território da Turquia.

13. Grécia ou Hélade (At 20.2). No AT, em hebraico, é Javã ou Iônia (Gn 10.4,5). A maior parte da Grécia Antiga era conhecida pelo nome de Acaia (At 18.12), nome esse derivado dos Aqueaus – povo que a habitou. Na época do NT, a Grécia era constituída de estados isolados sob os romanos. Nesse tempo, sua capital política era Corinto, não Atenas. Em Corinto residia o procônsul romano.

14. Macedônia (At 19.21). Ficava ao Norte da Grécia. A antiga Macedônia é hoje parte do território de vários países, a saber: norte da Grécia, sul da Bulgária, Bósnia e parte da Turquia. O ministério do apóstolo Paulo ocorreu na Ásia Menor, Grécia e Macedônia, principalmente. A capital da Macedônia era Pella.

15. Ilírico (Rm 15.19). Região europeia onde Paulo ministrou a Palavra de Deus. É hoje a Albânia e parte da Bósnia. A parte principal da Bósnia é a antiga Dalmácia de 2 Timóteo 4.10.

16. Itália (At 27.1; Hb 13.24). País banhado pelo Mediterrâneo, situado no sul da Europa. Em Roma, sua capital, foi fundado um diminuto reino em 753 a.C., que mais tarde viria a ser senhor absoluto do mudo conhecido – o Império Romano. Para a Itália Paulo viajou e pregou o Evangelho, na condição de prisioneiro.

17. Espanha (Rm 15.24,28). Paulo manifestou o propósito de viajar para a Espanha. Segundo os estudiosos da Bíblia, a cidade de Társis (Jn 1.3; 4.2) ficava ao sul da Espanha, sendo no tempo de Jonas o extremo do mundo conhecido do povo comum. A Espanha foi grande perseguidora dos cristãos durante a Idade Média, especialmente através dos tribunais da sinistra Inquisição.

18. Palestina ou Canaã. Deixamos a Palestina por último porque nela nos deteremos mais demoradamente. É a mais importante terra bíblica por várias razões.

I. Alguns fatos sobre a Palestina:

a) Foi prometida por Deus aos hebreus (Gn 15.18; Êx 23.31);
b) É, sob o ponto de vista divino, o centro geográfico da terra (Ez 5.5; 38.12b);
c) Melhor terra do mundo (Jr 3.19; Ez 20.6,15; Am 6.1). Se atualmente isto parece contraditório, a palavra profética assegura a sua restauração e esplendor no futuro;
d) Os judeus seriam um povo destacado dos demais (Lv 20.24; Nm 23.9; Dt 33.28; Jr 49.31; Mq 7.14).

Deus chamou e elegeu a nação israelita (Gn 3.15; Êx 19.6; Dt 7.6; Rm 3.2; 9.4,5), em essência, para: trazer o Messias ao mundo; produzir e preservar as Escrituras; ser um povo sacerdotal; e difundir o conhecimento do Senhor entre as nações.

II. Nomes pelos quais é conhecida a Palestina: Canaã (Gn 13.12); Terra dos Hebreus (Gn 40.15); Terra do Senhor (Os 9.3); Terra de Israel (1Sm 13.19; 2Rs 5.2; Mt 2.20); Terra de Judá, Judeia (Ne 5.14; Is 26.1; Jo 3.22; At 10.39); Terra Formosa (Dn 8.9); Terra Gloriosa (Dn 11.41); Terra da Promessa (Hb 11.9); Terra Santa (Zc 2.12; Sl 78-54 – ARA); Israel (modernamente).

Não há atualmente nenhum país chamado Palestina. O antigo país com este nome está dividido entre Jordânia e o atual Israel.

III. Limites da Palestina:

1. Limite sul: Cades-Barneia e o ribeiro el-Arish, no Egito. EL-Arish é o "rio do Egito" mencionado em Gênesis 15.18, que não se trata do rio Nilo;
2. Limite norte: Síria e Fenícia;
3. Limite oeste: mar Mediterrâneo. É chamado na Bíblia *mar Grande* (Dn 7.2);
4. Limite leste: Síria e Arábia.

IV. Superfície da Palestina. Mais ou menos como a do nosso Estado de Alagoas. Comprimento: cerca de 250km, de Dã a Berseba. Hoje 416 km. Largura: 88 km (a maior). Hoje: 100 km. Essa extensão variou com as épocas e situações de sua história. Por exemplo: na época das 12 tribos – 26.400 km^2. A extensão atual é de cerca de 20.770 km^2.

V. Clima. O tipo de relevo do solo da Palestina resulta em uma superfície muito variada, com muitas regiões elevadas e baixas, originando por isso toda espécie de climas, desde o tropical, no Jordão, até o de intenso frio no Hermom, a 2.815 metros de altitude. A faixa litorânea tem uma temperatura média de 21°C. No vale do Jordão, a temperatura atinge 40 graus. A temperatura média de Jerusalém é de 22 graus. Janeiro é a época mais fria do ano, quando o termômetro chega a 4 graus. É por essa variedade de climas que a Palestina serve para toda espécie de cultura. As chuvas em Israel ocorrem principalmente de novembro a fevereiro.

VI. Divisão política da Palestina. No AT a foi Palestina dividida entre as 12 tribos de Israel. Três tribos ficaram ao leste do Jordão: Manassés (parcialmente), Gade e Rúben. Cinco ficaram na área litorânea: Aser, Manassés (em parte), Efraim, Dã (em parte), Judá. Quatro se estabeleceram na região central: Naftali, Zebulom, Issacar e Benjamim. Duas ficaram nas extremidades: Dã (norte), Simeão (sul).

A divisão política da Palestina mudou com o decorrer dos tempos e dos governos. À época do NT, a divisão política constava de cinco regiões: Judeia, Samaria, Galileia, Itureia, Pereia. O estudante deve ver isso no respectivo mapa. Durante o ministério de Jesus, seus governantes eram:

– Judeia e Samaria: Pôncio Pilatos (26-36 d.C.). Pilatos era procurador romano. Sua capital política era Cesareia, à beira-mar, e a capital religiosa, Jerusalém.

– Galileia e Pereia: Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.). Era filho de Herodes, o Grande. Jesus passou a maior parte de sua vida no território sob a jurisdição desse Herodes. Às vezes, todo o leste do Jordão era chamado Pereia (Mt 4.25; Mc 3.8). O vocábulo *Pereia* significa literalmente *região além*, isto é, *além do Jordão* (Mt 4.15; 19.1; Jo 10.40).

– Itureia e outros distritos menores: Herodes Felipe II (4 a.C. a 34 d.C.). O atual território de Golã, em parte ocupado por Israel, integrava essa jurisdição (a antiga Gaulanites – Dt 4.43; Js 20.8). É mencionada apenas uma vez no NT, em Lucas 3.1.

– A Idumeia, no extremo sul do país, integrava a jurisdição da Judeia. É mencionada apenas uma vez no NT (Mc 3.8).

VII. Mares

– Mar Mediterrâneo. É chamado na Bíblia de mar Grande (Nm 34.7; Dn 7.2). Outros nomes: mar Ocidental (Dt 11.24; Jl 2.20) e mar dos Filisteus (Êx 23.31).

– Mar da Galileia (Mt 4.18; Mc 7.31). Outros nomes: mar de Quinerete (Nm 34.11), palavra essa que originou Genezaré, outro nome desse mar (Lc 5.1). Também mar de Tiberíades (Jo 6.1). É mar interior, de água doce.

– Mar Morto (Ez 47.8 – ARA). Aparece com vários nomes no AT: mar Salgado (Gn 14.3); mar do Arabá (Dt 3.17); mar da Planície (2Rs 14.25); mar Oriental (Ez 47.18; Zc 14.8); mar

da Campina (Js 12.3). Fica situado a 395 metros abaixo do nível do mar, com evaporação média diária de 8 milhões de metros cúbicos de água. É 25% mais salgado que qualquer outro mar.

VIII. Rios. Todos os cursos d'água da Palestina (com exceção do Jordão) são de pouca expressão.

– Jordão. Corre no sentido norte-sul. Nasce no monte Hermom e deságua no mar Morto.

– Querite. Desemboca no Jordão, margem oriental, defronte a Samaria. É um uádi, rio temporão.

– Cedrom. Corre a leste de Jerusalém. É também uádi.

– Jaboque (Gn 32.22; Js 12.2). Afluente do Jordão, margem oriental.

– Iarmuque. Afluente do Jordão, margem oriental. Não mencionado no Bíblia, Deságua 6 k ao sul do mar da Galileia.

– Arnom (Nm 21.13; Js 12.2). É hoje o Mojib. Deságua no mar Morto, margem oriental. Era o limite sul da Palestina, na frente oriental.

– Quisom. (1Rs 18.40). Deságua no mar Mediterrâneo, monte Carmelo.

IX. Montes. São de muita importância na Bíblia (Js 11.21).

– Tabor (Jz 4.6; 8.18). Fica na Galileia. Altitude: 615 metros. Crê-se que aí ocorreu a transfiguração de Jesus (Mt 17.1,2).

– Gilboa (1Sm 31.8; 2Sm 21.12). Fica em Samaria. Altitude: 543 metros.

– Carmelo (1Rs 18.20). Fica em Samaria. Ponto culminante: 575 metros. Fica no prolongamento que forma a baía de Acre, onde se localiza a moderna cidade de Haifa.

– Ebal e Gerizim (Dt 11.29; 27.1-13). Dois montes de Samaria.

– Moriá (Gn 22.2; 2Cr 3.1). Aí Abraão ia sacrificar Isaque. Nele Salomão construiu o templo de Deus.

– Sião. Em Jerusalém. Altitude. Cerca de 800 metros. O local e o termo Sião são usados de modo diverso na Bíblia. No Salmo 133.3 é Jerusalém. Em Hebreus 12.22 e Apocalipse 14.1 é uma referência ao céu.

– Monte das Oliveiras. Em Jerusalém (Zc 14.4; Mt 24.3; At 1.12). Aí Jesus orou sob grande agonia na noite em que foi traído. Sobre esse monte Jesus descerá quando vier em glória para julgar as nações.

– Calvário. Pequena elevação fora dos muros de Jerusalém. Fica ao norte, perto da Porta de Damasco. (Ver Lucas 23.33). *Calvário* vem do latim *calvária* = crânio. Em aramaico é *Gólgota* – crânio, caveira (Mt 27.33; Jo 19.17). Neste local, em 1885, o general inglês Charles George Gordon descobriu um túmulo, cujas pesquisas revelaram nunca ter sido o mesmo ocupado continuamente. Passou a ser tido como o de Cristo.

X. A capital da Palestina. Teve várias capitais, a saber:

– Gilgal. No tempo de Josué (Js 10.15).
– Siló. No tempo dos juízes (1Sm 1.24).
– Gibeá. No tempo do rei Saul (1 Sm 15.34; 22.6).
– Jerusalém. Da época de Davi em diante (2Sm 5.6-9). Seu primitivo nome foi Salém (Gn 14.18), depois Jebus (Js 18.28) e por fim Jerusalém (Jz 19.10). Nos dias do NT a capital política de Judeia era Cesareia, e não Jerusalém, como já mostramos.
– Mispá (Jr. 40.8). Por pouco tempo foi capital da Palestina, durante o cativeiro babilônico.
– Tiberíades. Foi outra capital da Palestina, isso, após a revolta de Bar-Cócheba, em 135 d.C.

Detalhes complementares sobre Jerusalém como capital da Palestina

Fundada pelos hititas (Nm 1.29; Ez 16.3), Jerusalém fica a 21km ao oeste do mar Morto e a 51 ao leste do mar Mediterrâneo. Nos tempos bíblicos tinham cinco zonas ou bairros: Ofel, ao sudeste; Moriá, ao leste; Bezeta, ao norte; Acra, ao noroeste; Sião, ao sudoeste. Na distribuição da terra de Canaã, Jerusalém ficou situada no território de Benjamim (Js 18.28). Foi conquistada em parte por Judá, mas pertencia de fato a Benjamim (Jz 1.8,21). Tinha povo de Judá e Benjamim (Js 15.63). Não ficava no território de Judá (Js 15.8). É chamada *Santa Cidade* (Ne 11.1; Mt 4.5).

Saindo do jugo romano, a cidade de Jerusalém caiu em poder dos árabes em 637 d.C. e, salvo uns 100 anos durante as Cruzadas, foi sempre cidade muçulmana. Em 1518, os turcos conquistaram-na. Em 1917, os britânicos assumiram o controle, ficando a Palestina depois sob seu mandato por delegação da então Liga das Nações. A partir de 1948, passou a ser cidade soberana (isto é, o setor novo), porém, na Guerra dos Seis Dias em 1967, foi reconquistada pelos árabes, os quais dela tinham se assenhoreado na guerra de 1948.

Reedificada sempre sobre suas próprias ruínas, Jerusalém (não Roma) permanece a Cidade Eterna do mundo, símbolo da Nova Jerusalém que se há de estabelecer na consumação dos séculos. Jerusalém será então metrópole mundial. Isso, durante o Milênio, quando estará vestida do seu prometido esplendor (Is 2.3; Jr 31.38; Zc 8.22). Nesse tempo Israel estará à testa das nações.

Na Jerusalém de hoje nada pode ver-se da Jerusalém de Davi, de Salomão, de Ezequias, de Neemias e de Herodes. Tudo se acha sepultado sob os escombros de muitos séculos, sob metros e metros de entulho.

XI. Outras cidades da Palestina. Outras cidades importantes: Jericó, Hebrom, Jope, Siquém, Samaria, Nazaré, Cesareia de Filipe, Tiberíades e Cafarnaum.

XII. Cidades visitadas por Jesus: Nazaré (Lc 4.16); Betânia (Jo 1.28; 11.1); Caná (Jo 2.1); Sicar (Jo 4.5); Naim (Lc 7.11); Cafarnaum (Jo 6.59); Betsaida (Jo 12.21); Corazim (Mt 11.21); Tiro e Sidom (Mt 15.21); Cesareia de Filipe (Mt 16.13); Jericó (Lc 19.1); Emaús (Lc 24.13,14).

Resumo histórico da Palestina até o tempo presente

– Conquistada pelos israelitas sob Josué; 1451-1445 a.C.

– Governada por juízes: 1445-1110 a.C.

– Monarquia: 1053-933 a.C.

– Reinos divididos de Judá e Israel: 933-606 a.C

– Sob os babilônios: 606-536 a.C.

– Sob os gregos: 331-167 a.C.

– Independente sob os Macabeus: 167-63 a.C.

– Sob os romanos: 63 a.C. a 634 a.C.

– Sob os árabes: 634-1517 d.C.

– Período das Cruzadas: 1095-1187. As Cruzadas foram tentativas do Cristianismo para libertar a Palestina das mãos dos muçulmanos árabes.

– Sob os turcos (Império Otomano): 1517-1914. Os turcos são também muçulmanos, apenas com mais influência oriental.

– Sob os ingleses, como protetorado, por delegação da Liga das Nações: 1922-1948.

– Como nação soberana: a partir de 14-5-1948. Nessa data foi proclamado o Estado de Israel, com a estrutura de república democrática. O primeiro governo autônomo em mais de 2.000 anos! De agora em diante cumprir-se-á Amós 9.14,15.

BIBLIOGRAFIA INDICADA

AHARONI, Yohanan; AVI-YONAH, Michael; RAINEY, Anson F.; SAFRAI, Zeev. ***Atlas Bíblico***. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1997.

ANDRADE, Claudionor de. ***Dicionário Teológico***. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2005.

COLEMAN, William L. ***Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos***. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1991.

DOCKERY, D. S. (Ed. Geral). ***Manual Bíblico Vida Nova.*** São Paulo, SP: Vida Nova, 2001.

DOWLEY, Tim. ***Atlas Vida Nova da Bíblia e da História do Cristianismo.*** São Paulo, SP: Vida Nova, 1997.

____________. ***Pequeno Atlas Bíblico***. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2005.

HENRY, Matthew. ***Comentário Bíblico de Matthew Henry***. Rio de Janeiro, SP: CPAD, 2002.

HOUSE, H. Wayne. ***O Novo Testamento em Quadros***. São Paulo, SP: Editora Vida, 1999.

MEARS, Henrietta C. ***Estudo Panorâmico da Bíblia***. São Paulo, SP: Editora Vida, 1982.

PACKER, J. I; TENNEY, M. C.; WHITE JR., W. ***O Mundo do Novo Testamento.*** São Paulo, SP: Editora Vida, 1988.

TOGNINI, Enéias. ***Geografia da Terra Santa Vol. 1.*** São Paulo, SP: Louvores do Coração, 1983.

YOUNGBLOOD, Ronald. ***Dicionário Ilustrado da Bíblia.*** São Paulo, SP: Vida Nova, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Idel. ***Manual de Xadrez***. São Paulo: Nobel, 1983.

BUCKLAND, A.R. ***Dicionário Bíblico Universal***. São Paulo: Vida, 1994.

DAVIS, John D. ***Dicionário da Bíblia***. Rio de Janeiro: Editora JUERP, 2002.

DUBNOW, Simon. ***História Judaica***. São Paulo: Editorial S. Sigal, 1953.

GOLDSMITH, W. J. **Biblos – *Periódico Trimestral de Cultura Bíblica***. São Paulo:Biblos, 1959.

JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

KEMP de Money, Netta. ***Geografia Histórica do Mundo Bíblico***. São Paulo: Vida, 1977.

MINHAN, Júlio. ***Convite à Ciência – Astronomia e Geologia (V.1)***. São Paulo: Logos, 1961.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. ***Cartas Persas***. São Paulo: Pauliceia, 1991.

RENAN, Ernest. ***Vida de Jesus – Origens do Cristianismo***. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004, Coleção A Obra-Prima de Cada Autor, 2004.

RONIS, Oswaldo. ***Geografia Bíblica***. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1967.

SEFERIS, Giorgios. ***Poemas***. Rio de Janeiro: Delta, 1969.

SOUTO Maior, Armando. ***História Universal, 1968***. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1968.

TOGNINI, Enéas. ***Geografia da Terra Santa e dasTerras Bíblicas***. Rio de Janeiro: Hagnos, 1987.

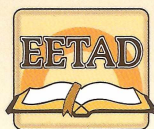
UNGER, Merril F. ***Arqueologia do Velho Testamento***. São Paulo: Batista Regular, 1998.

CURRÍCULO DO CURSO DE TEOLOGIA – NÍVEL MÉDIO

CURRÍCULO DO CURSO DE TEOLOGIA — NÍVEL MÉDIO (CONT.)

Este livro é de grande importância para o estudo das Sagradas Escrituras, pois através dele pode-se localizar os lugares onde os principais eventos aconteceram e virão a acontecer.

Assuntos como os grandes impérios mundiais antigos, a geografia da terra santa, a importância de Jerusalém, a fauna e a flora de Israel são destacados neste livro.

No decorrer do estudo, o aluno é levado a palmilhar pelo mundo bíblico e a entender porque Deus escolheu a Israel como o cenário principal da história sagrada.

Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus

Caixa Postal 1031 • Campinas - SP • 13012-970
www.eetad.com.br

ISBN 85 87860 55 2

9 788587 860552

Printed in Brazil